



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCAS SANTOS CAFÉ

## **Dos simpaticíssimos aos incivilizados**

**A formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)**

Orientador: Prof. Dr. Milton Araújo Moura

Salvador, 2013

LUCAS SANTOS CAFÉ

## **Dos simpaticísimos aos incivilizados**

**A formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Milton Araújo Moura

Salvador, 2013

---

Café, Lucas Santos  
C129 Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918) / Lucas Santos Café. – Salvador, 2013.  
172f. : il.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Milton Araújo Moura.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

1. Futebol – Brasil - História – 1895 - 1918. 2. Esportes – Elites – Salvador (BA). 3. Esportes – Aspectos sociais – Salvador (BA) – Séc. XIX-XX.  
I. Maura, Milton Araújo. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 796.334

---

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Milton Araújo Moura (orientador)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Prof. Dr. Dilton Oliveira de Araújo  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Prof. Dr. Raphael Vieira Filho  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO		MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Lucas Santos Café		211115560	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO			
Dos Simpaticíssimos aos Incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)			
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF	
Milton Araújo Moura (UFBA) - Orientador		112.732.755-00	
Raphael Rodrigues Vieira Filho (UNEB)		038.225.688-30	
Dilton Oliveira de Araújo (UFBA)		163.550.245-49	

ATA

Aos dezenove dias do mês de julho do ano de dois mil e treze, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Lucas Santos Café, Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, o Professor Milton Araújo Moura, Orientador e Presidente da Banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao Autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da Banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a Banca, reunida em separado, decidiu pela APROVAÇÃO do Aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A Dissertação apresenta uma boa discussão teórico-metodológica e familiaridade invulgar com a temática. Mostra um crescimento nitido com relação ao material apresentado por ocasião do Exame de Qualificação. Pode-se perceber com clareza a reconstituição do processo de estabelecimento do futebol como esporte prestigiado entre as elites e as camadas populares. Por esse motivo, a Dissertação tem plenas condições de ser aprovada, constituindo-se como contribuição rica e original no âmbito da história social de Salvador na virada e no início do século XX. Em diversas passagens, entretanto, há uma simbiose indesejável entre a narrativa do Autor e as referências colhidas nas fontes. Seria necessário distinguir claramente o que é de uma e de outra origem. Além disso, a utilização excessiva de alguns termos torna o texto cansativo em diversas passagens, o que aponta necessidade de um enxugamento da redação. Isto se coloca tão mais necessário quando se observa que o texto da Dissertação, no geral, é bem escrito e prende o interesse do leitor.

Salvador, 19/07/2013: Assinatura do Aluno:

Salvador, 19/07/2013: Assinatura do Orientador:

Para

Selma, minha mãe, e meu pai Jasson "Cafezal"

À "Família UFRB"

À memória de todos os *sportmen* baianos,

que, de alguma maneira, fazem parte desta partida

## AGRADECIMENTOS

Não é um clichê afirmar que a parte reservada aos agradecimentos pode ser a mais difícil de uma partida como esta. Inúmeros foram os jogadores, técnicos e torcedores que sempre se fizeram presentes para que este trabalho alcançasse êxito. Não seria justo economizar palavras neste momento para agradecer às pessoas que passaram a bola para mim, sendo que alguns não mediram dificuldades para me colocar na frente do gol. Os grandes *players*, até mesmos os mais habilidosos e individualistas, devem reconhecer que, sem o trabalho realizado por toda equipe, não é possível conquistar um campeonato.

Se, no futebol moderno, a solidariedade em campo e a obediência tática são os principais caminhos para obtenção do sucesso, devo começar agradecendo em primeiro lugar ao meu *coach*. Sem as contribuições, conselhos, conversas, troca de passes e bate-bolas com Milton Araújo Moura, meu técnico e orientador, nenhuma das linhas dessa história poderia ter sido construída, ou no mínimo, não teriam a mesma qualidade. Ao Professor Milton, como me acostumei a chamá-lo, agradeço pela serenidade, paciência e cordialidade que sempre o acompanhavam quando se debatia comigo os rumos desse trabalho. Além de técnico, professor Milton foi também um "olheiro", pois apostou suas fichas neste trabalho, quando era apenas um simples projeto de pesquisa de um desconhecido que ingressava no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, recém chegado da primeira turma de História da UFRB. Agradeço a este grande artilheiro das palavras pelas detidas leituras e análises zelosas que fez deste jogo. Agradeço também por todo incentivo, por sempre se mostrar esperançoso e por toda a tranquilidade fornecida durante o período da confecção destas páginas.

Agradeço também aos professores Dilton Oliveira de Araújo e Raphael Vieira Filho, que compuseram a banca do Exame de Qualificação. As críticas, as sugestões, os conselhos e os elogios realizados por estes dois grandes mestres foram de suma importância na reta final desta partida. As observações da banca contribuíram para o aperfeiçoamento do esquema tático, permitindo que os jogadores que participaram deste trabalho se encaixassem perfeitamente dentro de campo, jogando com a sincronia necessária para a conclusão desta etapa.

Na UFBA, se há uma pessoa a que devo agradecimentos, esta se chama Antônio Fernando Guerreiro Moreira de Freitas. Como calouro, cursei uma disciplina sensacional com o valente Guerreiro, que me ensinou logo no primeiro instante que um bom projeto é aquele que nos instiga a responder questões, que faz aguçar nossa curiosidade, que nos faz ficar cheio de dúvidas, pois são elas que vão fornecer o gás necessário para mover qualquer pesquisa. Se um projeto ingressa com certezas e verdades absolutas, como se fosse uma partida na qual o resultado já se conhece, a pesquisa será sempre limitada. Guerreiro ajudou no amadurecimento do senso crítico, discutindo questões importantes sobre o exercício desta pesquisa. O carisma e o caráter humano do professor devem ser citados. Guerreiro sempre estava alegre e era compreensivo diante das minhas dificuldades. Acolheu e incentivou, fazendo-me sentir capaz, sempre motivando a olhar adiante.

Agradeço também às Professoras Maria de Fátima Novaes Pires e Lígia Bellini, e ao Professor Iraneidson Costa, todos regentes de disciplinas que se mostraram essenciais para o amadurecimento teórico e metodológico deste trabalho. Por vocês, tenho muita gratidão e carinho. Sempre estiveram presentes e dispostos a ajudar, debatendo minhas dúvidas e acreditando no meu trabalho. Agradeço também ao Professor Marco Antônio Nunes da Silva, que sempre acreditou no meu trabalho, incentivando e fazendo cobranças necessárias para o andamento da pesquisa. Sempre estive disposto a ler com denodo meus rascunhos, projetos e capítulos, se tornando mais do que um incentivador, mas um culpado direto por esta produção.

Agora é preciso voltar um pouco no tempo para agradecer ao meu primeiro técnico, o inesquecível orientador de Iniciação Científica dos tempo de UFRB, André Luís Mota Itaparica. Este profissional e amigo foi o grande responsável pelo meu ingresso no mundo das pesquisas acadêmicas. Além de ter me ensinado os fundamentos básicos utilizados nesta trajetória, "Itapa" acreditou em mim quando eu não sabia diferenciar as escritas do "porque" junto e do "por que" separado. Por isso, tenho com este homem uma dívida impagável. Ainda pelos tempo de UFRB, devo agradecimentos à Professora Rita Almico. Sempre crítica, profissional de reconhecida qualidade, foi a primeira pessoa a me incentivar a usar o futebol enquanto objeto de pesquisa. Além disso, quando eu ainda era um aluno do 5º semestre, abriu as portas do seu curso de Brasil República, para que eu ministrasse uma aula abordando o esporte enquanto movimento e espaço de disputas sociais e econômicas. Creio que aquele foi o pontapé inicial de toda esta labuta.



Paulo César Oliveira de Jesus, Nuno Gonçalves Pereira, Luiz Fernando Saraiva, Fábio Duarte Joly e Leandro Almeida são mestres que fizeram parte de várias etapas. Ao "Paulinho", devo o ingresso no Mestrado, pois sem suas orientações no período da edificação do projeto, sem sua preocupação e cobranças para a preparação das provas de seleção, nada seria possível. Ao Nuno, ao Luiz, ao Joly e ao Leandro, devo todo incentivo, amizade verdadeira, conversas, palestras, leituras e releituras dos meus rabiscos e esboços mais elementares. Outros professores da graduação também merecem ser citados. Pessoas como Antonio Liberac, Maria Regina, Anderson Oliva, Luiz Antonio Araújo, Claudio Orlando, Lucileide Cardoso, Camila Santiago e Sérgio Guerra Filho foram também, cada uma na sua medida, responsáveis pela confecção desta obra.

Quando se joga uma partida como essa, parecem impagáveis as dívidas que se acumulam. E realmente não sei como pagar os débitos que tenho com o brilhante professor Marcelo Souza Oliveira, vulgo "Marcelo de Jesus" ou "Marcelo Boca-de-Profeta". A este irmão, amigo, companheiro, professor, orientador e técnico, devo agradecer por tudo.

Deixei para o final os agradecimentos relacionados a laços familiares e afetivos, que sem dúvida foram importante ao passo que garantiam forças quando as pernas pareciam titubear. Agradeço a Marcos Monteiro (Marcone), Rudá Cintra (Pato), Tomas Campos (Tom Tom), Caio Dimitri, Juliana Rosas, Ícaro Santos, amigos desde a adolescência e dos tempos do colégio, que sempre acreditaram em meu potencial quando ninguém acreditava.

Uma tarefa difícil é agradecer aos meus familiares dos tempos de UFRB. Principalmente quando muitos deles merecem agradecimentos destacados. Começo agradecendo ao meu filho Robson Matos (Binho), que, entre todos os amigos, foi aquele que mais fichas apostou no meu trabalho. Algumas pessoas passam da condição de colegas e se transformam em irmãos. Neste sentido, agradeço com todo carinho do mundo aos familiares Thiago Alberto Alves, Sérgio Augusto Martins Mascarenhas (Serjão Homi), Renata Maria de Oliveira e Silva, José Luís Sacramento (Zeca), Maurício Quadros, Wlamir dos Santos Junior e Leonardo Guimarães Leite. A estas pessoas citadas acima, consideradas por mim como "Família UFRB", não faço apenas os agradecimentos, como dedico também esta Dissertação. Colegas como Rogério Barreto, Daniel Lemos, Vitor R. Brito, Edvaldo Silva, "BAS", Maíra Castanheiro, Raquel Pinto, Bruno Sacramento, Zevaldo Luz, Alan Félix, Rodrigo Valverde, Jurandir Rita, Wilson Badaró e todas as "Luluzinhas" também merecem agradecimentos especiais.

Agradeço também a todos os colegas/amigos que conviveram comigo durante o Mestrado, especialmente Cleyton Jones, Elisa Moura, Edy Alagoinhas, Caio Barbosa, Carlos "Boquim", Rômulo Martins, Luciana Onety, Daniel Rebouças, Fábio Abelha, Lucas Porto, Cândido Domingues, Lucas Ribeiro Campos, Danilo Pepe e ao grande amigo e irmão Augusto Fagundes.

Pela hospedagem, companhia e amizade nos momentos em que vivi na capital baiana, não tenho palavras para agradecer a Nadilton Couceiros de Matos, a Jaciene Café dos Santos e a Bartira Sena, pessoas que Deus colocou para me ajudar nesta jornada.

Durante os dias de isolamento, vivendo sozinho em Salvador, algumas pessoas foram importantes para que eu não desistisse. As amigadas de Vivi Cunha, Débora Quelli, Neila Andrade, Cristiane Dambrós e especialmente Deisimar Silva, foram de suma importância para que eu pudesse resistir aos sofrimentos. Quando a solidão era a única companheira inseparável, essas foram responsáveis pela minha não desistência.

Agradeço também a todos os profissionais dos arquivos onde passei parte do tempo dedicado à produção deste trabalho. Agradecimentos especiais ao pessoal do setor de jornais raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, aos funcionários da Fundação Clemente Mariani, da Fundação Gregório de Matos, do Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, da Federação Baiana de Futebol e do Arquivo Público do Estado da Bahia.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida logo no primeiro mês de ingresso no Mestrado. Só quem é estudante, professor e pesquisador pode entender as dificuldades encontradas por um profissional que se lança na vida acadêmica em um país como o Brasil. Apesar dos valores defasados, as bolsas de estudos concedidas pelo CNPq continuam sendo muito úteis ao garantir certa segurança aos estudantes/pesquisadores que se debruçam em empreitadas como esta. Por isto, deixo aqui, todo meu agradecimento.

Agradeço com louvor aos meus pais. Ninguém nunca acreditou tanto em mim como eles. Se foi possível confeccionar este trabalho, tenham certeza de que os principais responsáveis chamam-se Selma Regina da Paixão Santos (mãinha) e Jasson Santos Café (Cafezal). À minha mãe, agradeço pela preocupação, pelo carinho, pelo dengo, pelo amor e pelo incentivo incondicional. A meu pai pelo apoio, superestimação e pela confiança acima de tudo.

Finalmente, agradeço a DEUS por tudo que ele tem permitido em minha vida.

Vamos amigo, lute!  
Vamos amigo, lute!  
Vamos amigo, lute! Uou!  
Vamos amigo, ajude!  
Senão,  
A gente acaba perdendo o que já conquistou...

Vamos levante e lute!  
Vamos levante e ajude!  
Vamos levante e grite!  
Vamos levante agora!

Que a vida não parou  
A vida não para aqui  
A luta não acabou  
E nem acabará  
Só quando a liberdade raiar... yeah!  
Só quando a liberdade raiar...

Liberdade!  
Liberdade!  
Teu povo clama.. Li Li... Dona Li Li...

Edson Gomes

## **RESUMO**

O objetivo desta Dissertação é investigar como se formou o cenário futebolístico da cidade do Salvador entre os anos de 1895 e 1918. A pesquisa buscou entender como, em seus momentos elementares, o esporte foi pensado, discutido, praticado e utilizado pelas elites, que imaginavam e idealizavam um processo de modernização e civilização dos costumes para a cidade de Salvador no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Neste contexto, estudamos os primeiros anos do futebol da capital baiana, buscando problematizar não só seu sentido elitista, como também seus significados para as camadas populares que se apropriaram do esporte, realizando-o de maneiras múltiplas e diversas, sendo estes os principais responsáveis pela popularização do esporte em Salvador. Com isso, buscamos mostrar como existiu na sociedade soteropolitana um contexto favorável ao desenvolvimento do esporte, principalmente quando este estava associado às elites. A discussão principal se concentra em perceber como se estabeleceu na formação do cenário futebolístico de Salvador, uma relação conflituosa entre as camadas populares e as elites, principalmente no interior dos espaços considerados oficiais e elitistas. Veremos como o projeto pedagógico e elitista baseado no uso do esporte foi se arruinando devido à pressão exercida pelos populares, que transformaram a cara do futebol baiano, escrevendo novas páginas em sua história.

**PALAVRAS-CHAVE** - Futebol; Esportes; Salvador.

## **ABSTRACT**

The objective of this research is to investigate how it was formed the soccer scene in the city of Salvador between 1895 and 1918. The research sought to understand how, in their elemental moments, the sport was thought, discussed, practiced and used by the elites, who imagined and idealized a process of modernization and civilization of the customs for the city of Salvador in the late XIX<sup>th</sup> and early XX<sup>th</sup> centuries. In this context, we studied the first years of the football in the Bahian capital, seeking to confront its elitist meaning, as well as their significance for the popular classes who appropriated the sport, making it from multiple and diverse ways, which are primarily responsible for popularizing the sport in Salvador. With this, we seek to show how in Bahian society we have got a favorable context for the development of the mentioned sport, specially when it was associated with the elites. The main discussion focuses on the way it was established the soccer scene in Salvador, a conflictive relationship between the popular classes and elites, primarily within the spaces considered official and elitist. It was possible to understand how the project based on the use of the sport was ruining itself due to pressure from the common population, which transformed the face of football in Bahia, writing new pages in its history.

**KEYWORDS** – Football; Sports; Salvador.

## **ABREVIATURAS**

**AMS** - Arquivo Histórico Municipal de Salvador

**APB** - Arquivo Público do Estado da Bahia

**BPEBa** - Biblioteca Pública do Estado da Bahia

**FAMEB** - Faculdade de Medicina da Bahia

**GSB** - Grêmio Sportivo Bahiano

**LBDT** - Liga Brasileira de Desportos Terrestres

**LBRST** - Liga Brasileira dos Sports Terrestres

**LBST** - Liga Bahiana de Sports Terrestres

**LIST** - Liga Itapagipana de Sports Terrestres

**LSN** - Liga Sportiva Nacional

**PSRV** - Parque Sportivo do Rio Vermelho

**UFRB** - Universidade Federal do Recôncavo Baiano

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	Retrato de Charles Muller	41
<b>FIGURA 2</b>	Time do Vitória de 1908	96
<b>FIGURA 3</b>	Caricatura de E. Malta e J. J. Seabra	102
<b>FIGURA 4</b>	Vitória X São Salvador	111
<b>FIGURA 5</b>	Recorte de Jornal	124

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b>	4
<b>Resumo</b>	9
<b>Abstract</b>	10
<b>Abreviaturas usadas</b>	11
<b>Lista de Figuras</b>	12
<b>1 Introdução</b>	15
<b>2 O SENTIDO ELITISTA DO FUTEBOL E O SENTIDO DO FUTEBOL ELITISTA</b>	
Os primeiros toques de bola na cidade do Salvador (1895 e 1905)	33
<b>Pré-jogo</b>	33
<b>Preleção: diálogos necessários</b>	35
<b>Pontapé inicial: os memorialistas e a origem do futebol no Brasil e na Bahia</b>	38
<b>O jogo pensado: os esportes enquanto ferramentas de transformação</b>	48
<b>O início da "mania"</b>	65
<b>O jogo jogado: a imprensa e os primeiros anos do futebol em Salvador</b>	68
<b>3 IMUNDOS E VICIOSOS NO CAMPOS DOS MARTYRES</b>	
As elites, o povo e a popularização do futebol na capital baiana	80
<b>A fundação de um espaço oficial</b>	80
<b>Imundos e viciosos invadem o Campo dos Martyres</b>	89
<b>Medidas de distinção: o fermento do futebol popular</b>	104
<b>Crise de uns, sucesso de outros!</b>	109
<b>O último suspiro...</b>	125



<b>4</b>	<b>O APITO DO RICO É SURDO</b>	
	Populares tomam as rédeas do futebol na capital da Bahia (1912 - 1917)	132
	<b>O futebol morreu?</b>	132
	<b>Os novos mandantes do <i>foot-ball</i></b>	136
	<b>O <i>foot-ball</i> não morreu: surgem "os mais queridos"</b>	144
	<b>De volta ao jogo?</b>	149
	<b>Vítimas da civilização</b>	155
	<b>5 CONCLUSÃO DO JOGO - Os primeiros passos para uma nova era...</b>	161
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	165

## INTRODUÇÃO

É recente o interesse no meio acadêmico brasileiro sobre o futebol e suas imbricações, relações e consequências em nossa sociedade. Apesar do imenso apelo popular obtido pelo esporte de origem bretã em terras tupiniquins, esta prática esportiva não era bem vista e recebida pelos estudiosos, intelectuais e pesquisadores, que não conseguiam enxergar as complexidades e a importância dos elementos culturais para o entendimento das ações humanas. Partindo de uma visão determinista e ortodoxa, boa parte das vezes influenciada por um marxismo vulgar, os pensadores acadêmicos logo o associavam aos mecanismos de dominação e exploração da sociedade burguesa. Sendo assim, o futebol não passaria de uma forma de alienar as massas, esvaziar sindicatos e entreter o povo, ao mesmo que tempo o desviava dos assuntos políticos e da luta de classes<sup>1</sup>. Aqueles que assim pensavam não conseguiam perceber a importância dos valores simbólicos e o significado das práticas culturais para compreender a sociabilidade humana.

O preconceito e o receio de pesquisar o futebol não eram uma exclusividade da cena acadêmica brasileira, sendo comum também em outros países da América Latina. Como aponta Pablo Alabarces em **A pesquisa argentina: um mapa, uma agenda**<sup>2</sup>, apesar de todo apelo e da capacidade de mobilização de vidas, aspectos que demonstram a importância do jogo de bola na vida cotidiana, econômica, política e cultural das sociedades latino-americanas, só nos últimos anos se fundou um campo de estudo para o tema<sup>3</sup>. "El deporte permaneció obturado hasta fechas muy recientes como una posibilidad de discurso académico latinoamericano"<sup>4</sup>. Em contrapartida, ganhou espaço e se tornou um campo especialmente fértil para a narrativa ficcional, os trabalhos de memórias e costumes e o jornalismo esportivo. Os motivos para o bloqueio à investigação são múltiplos, apontando o autor problemas epistemológicos e acadêmicos. Com as mudanças e os avanços ocorridos na academia, entendeu-se que a associação direta da cultura do futebol e de outras manifestações ao populismo argentino não passava de um mito, um preconceito que precisou ser dissolvido para que o tema ganhasse espaço no meio intelectual.

---

<sup>1</sup> HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001, p. 4.

<sup>2</sup> ALABARES, Pablo. "A pesquisa argentina: um mapa, uma agenda". In. RIBEIRO, Luiz. **Futebol e Globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

<sup>3</sup> *Idem*, 163.

<sup>4</sup> *Idem*, 164.

Creemos que, com as transformações epistemológicas ocorridas nas últimas décadas e a valorização dos estudos culturais, não existam mais dúvidas sobre a importância do futebol para o estudo de várias questões das sociedades latino americanas. Apesar de o número de trabalhos produzidos sobre o esporte ainda ser pequeno em relação ao que se observa na Europa, o campo de pesquisa tem crescido e está avançando para várias áreas. A criação de um campo de pesquisa é de suma importância, pois talvez aqui o futebol tenha mais significados e seja vivido de forma muito mais intensa que em outros lugares. O pesquisador da Universidade Livre de Berlim, Stéfan Rinke, propondo uma problematização da temática, afirma que:

El Fútbol desata en Latinoamérica aún todavía más euforia que por otras partes nórdicas. En partes lejanas de Latinoamérica el fútbol juega un papel muy importante no solamente en la vida cultural. Fútbol es mucho más que un juego lo cual se practica, mucho más que un producto, lo cual se consume. Fútbol es también un espectáculo del cual aún se piensa mucho y el gran tema del cual se habla. A esto se añade que el fútbol en esa región del mundo muchas veces interpretada como "continente de catástrofes" es uno de los pocos artículos positivos de exportación. Fútbol es con ello en grand escala algo como en Europa un recurso de identidad a un nivel regional, nacional y continental así como una inspiración para la producción artística y literaria<sup>5</sup>.

Tentando chamar a atenção da importância do estudo do tema para compreender diversas situações do mundo latino americano, o autor cita alguns casos nos quais podemos perceber a dimensão e os rumos que o esporte tomou. Revela, por exemplo, que há muito tempo este teria aparecido como um elemento importante da propaganda política de diversos governos latino-americanos, ressaltando os casos populistas do Peru, Chile, Brasil e Argentina. Perón, guiado pelo objetivo de mobilizar as massas, utilizou-o *por ejemplo para la higiene del pueblo* e proclamou o dia da primeira vitória contra a seleção inglesa em 1953 como o dia "nacional do futebolista"<sup>6</sup>.

No Brasil, aconteceu algo semelhante, pois foi a partir de 1930, com a vitória do movimento liderado por Getúlio Vargas, que o futebol ganhou importância junto ao governo federal. O próprio presidente Vargas sabia da força e do apelo que o esporte exercia perante as camadas populares; sendo assim, não hesitou em usá-lo ao seu favor. Acreditava que o esporte seria um espaço privilegiado ou ferramenta eficaz para consolidar seus ideais políticos, quando buscou ou apoiou uma nova definição para a cultura nacional.

Analisando o cenário acadêmico brasileiro, compreendemos que os estudos sobre o futebol começaram a se difundir a partir da década de 1980, principalmente com trabalhos

---

<sup>5</sup> ALABARES, Pablo. "A pesquisa argentina: um mapa, uma agenda". In. RIBEIRO, Luiz. **Futebol e Globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 196.

ligados às ciências sociais. Antes, os trabalhos sobre o esporte eram quase inexistentes, surgindo geralmente como fruto dos esforços de memorialistas, cronistas e escritores que simpatizavam com o esporte.

Em 1982, lançado **Universo do Futebol**<sup>7</sup>, do antropólogo Roberto DaMatta, abrindo as portas para a difusão de novos trabalhos acadêmicos sobre o tema. Esta obra se constituiu como uma crítica à visão tradicional presente nas ciências sociais e humanas de modo geral, que começava a sofrer ataques, devido à influência de movimentos e mudanças que ocorreram na Europa e começaram a se difundir no Brasil desde fins da década de 1970, ganhando consistência na década de 1980.

Concebendo o futebol como um ritual recheado de significados, DaMatta buscou enfatizar o aspecto da dramatização, entendendo-o como fundamental para entender o desenvolvimento do esporte no Brasil. Sem o drama, não pode existir o rito, sendo a dramatização uma forma utilizada por determinadas comunidades para comunicar-se com o mundo e, de certa maneira, um modo para construir, viver, contar e atribuir significado a sua própria história. “*O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir*”<sup>8</sup>.

Ao romper com os preconceitos da academia, criticar a ortodoxia e as tradições existentes nas ciências sociais, colocando o futebol como um tema importante e necessário para se entender o Brasil, DaMatta abriu uma nova era para o estudo do esporte nas academias brasileiras e latino americanas. Em entrevista concedida ao site **Ludopédio**, ao ser perguntado sobre os principais desafios que encontrou quando iniciou as pesquisas sobre o tema, respondeu:

O principal era colocar o "esporte" como um objeto digno de estudo sociológico. A sociologia não foi inventada nem na natureza nem no céu, mas na Europa de Descartes que reduziu tudo a uma questão de medidas e método. Como, a partir do paradigma das ciências naturais e físicas, entender o mundo humano do capitalismo e da indústria, sem ser crítico ou moralista? Lembro que um dos pontos principais do meu trabalho foi desmontar a tese super-moralista (de origem supostamente marxista, mas no fundo ultra-reducionista) que dizia que o futebol era o ópio do povo. Lembro igualmente que quando escrevi um capítulo e organizei como editor o livro *Universo do Futebol*, no ano de 1982, o assunto e o livro sequer foram noticiados como alguma novidade. Foi provavelmente uma das primeiras tentativas de dentro da academia de compreender o elo entre o futebol e o Brasil. Foram precisas algumas décadas para que esses grilhões ideológicos fossem rompidos<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> DAMATTA, R. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 21.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/478>. Acesso em 15/03/2012 às 21h23.

Foi necessário um espaço de tempo de mais de uma década para que fossem produzidas as primeiras dissertações e teses de que o futebol fosse o principal protagonista. Somente na década de 1990 podemos observar a produção desse tipo de trabalho, e a partir dos anos 2000 identificamos a formação de um campo de pesquisa, com a criação de grupos de pesquisas e trabalhos e o surgimento de disciplinas em alguns cursos de pós-graduação. O primeiro evento nacional que reuniu os estudos sobre o futebol só aconteceu em 2010, em um esforço conjunto de alguns estudiosos do tema, que conseguiram montar e levar em frente um simpósio realizado em parceria com USP e o Museu do Futebol, no Estádio do Pacaembu.

Nos anos anteriores a 1980, foram produzidos alguns trabalhos jornalísticos e literários que buscaram discutir o futebol de forma diferenciada, abordando aspectos importantes para a compreensão da sociedade brasileira, como a identidade nacional, a etnicidade, o racismo e a cultura nacional a partir de uma perspectiva histórica. Essas obras se tornaram referências riquíssimas para as pesquisas sobre o tema, a exemplo do clássico do jornalista pernambucano Mário Filho, **O negro no futebol brasileiro**<sup>10</sup>, durante muito tempo a principal referência no tema, servindo de ponto de partida para a quase totalidade das pesquisas realizadas sobre este objeto. Pode ser tomado como um grande ensaio sobre a formação do futebol no Brasil, mais precisamente o carioca, buscando principalmente focar a popularização do esporte no Brasil a partir da figura do negro. Mário Filho utilizou como principais fontes os periódicos e os cadernos esportivos da época, as crônicas relacionadas ao futebol e muito de sua própria memória adquirida pelo contato que mantinha com o meio esportivo. Seu livro é uma compilação de uma série de crônicas que produziu durante toda sua carreira como jornalista esportivo no Rio de Janeiro. Não deixou de utilizar os estatutos, relatórios e regulamentos das ligas e dos clubes da época, mas sua atenção foi dirigida principalmente às fontes discursivas para a construção de sua empreitada. Isso se relaciona muito mais ao objetivo do autor, a construção de uma narrativa mais próxima de uma obra literária do que de uma obra histórica.

Nos últimos anos, seu trabalho vem recebendo muitas críticas, principalmente por traçar uma história mítica, ao criar uma visão idealizada e romântica sobre o ingresso e a consolidação da presença do negro no futebol brasileiro e sua influência na formação do esporte e da sociedade. O caráter romântico do livro está diretamente ligado ao momento histórico em que foi produzido, a década de 1950, quando estava se consolidando uma sociologia brasileira, produzindo-se vários ensaios que buscavam uma explicação geral para o Brasil. A obra recebeu forte influência das ideias de Gilberto Freyre, principalmente quando aborda questões ligadas

---

<sup>10</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

à democracia racial, à identidade nacional e a influência do negro na formação cultural do país. A proximidade entre na visão de Mário Filho e Gilberto Freyre era tão grande que Freyre se responsabilizou pelo prefácio do **O negro no futebol Brasileiro**, reforçando as ideias de democracia racial aí presentes.

Entre os autores que realizaram críticas à obra de Mário Filho, destacamos Antonio Jorge Soares. Em sua tese de doutorado<sup>11</sup> realizou uma análise sobre a obra de Mário Filho, buscando desmistificá-la, apontando os equívocos e mitos criados, trazendo principalmente uma nova interpretação sobre o racismo no futebol do Brasil, interpretação esta bastante criticada por outros pesquisadores. Soares enfatizou a importância do livro para os futuros trabalhos históricos sobre o esporte no país, principalmente se pensarmos sua utilização como fonte primária. Sua grande preocupação na verdade, era com o uso inadequado e acrítico que muitos estudiosos faziam da obra de Mário Filho, utilizando-a como a "palavra final" da história do futebol brasileiro, como a "verdade absoluta" sobre o futebol no Brasil, reproduzindo os mitos criados pelo jornalista<sup>12</sup>.

Segundo Leonardo Afonso de Miranda Pereira, alguns intelectuais contribuíram para relacionar o futebol à construção de uma identidade nacional, não sendo uma tarefa exclusiva de Mário Filho. José Lins do Rego e o próprio Gilberto Freyre também utilizaram o futebol para disseminar a miscigenação como um fator positivo da sociedade brasileira. Por isso, para Antonio Jorge Soares, o pensamento de Mário Filho é fruto de um tempo, os anos 30 e 40, quando era forte uma mentalidade nacionalista e havia a esperança da conciliação racial. Soares explica:

A visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como estaríamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito. Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos nossa própria história, identidade e futuro<sup>13</sup>.

O populismo de Vargas buscou se aproximar e utilizar o pensamento desses intelectuais para justificar suas ações políticas, principalmente quando os intelectuais defendiam que a democracia racial existente no Brasil poderia ser vista a partir do futebol, sendo este um dos

---

<sup>11</sup> SOARES, A. J. G.. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em Educação Física)- Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>13</sup> SOARES, A. J. G.. "*História e a invenção de tradições no futebol brasileiro*". In. HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001, pp. 15-16.

fatores do nosso sucesso em campo. As ideias de democracia racial e união da população através do futebol nas crônicas de Mário Filho e de outros autores enchiam os olhos do presidente, que passou a apoiar de forma irrestrita o jogo da bola. Percebemos o ápice deste apoio durante a Copa do Mundo de 1938, quando a madrinha da seleção brasileira era a própria filha de Vargas.

Cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo após a implantação do Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na disseminação do projeto político que planejava implementar - intensificando e dando um sentido mais claro ao interesse que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo<sup>14</sup>.

Para Mauricio Drumond, a miscigenação da Seleção Brasileira de Futebol era vista no país como a imagem de nossa democracia racial, servindo assim de forma perfeita aos ideais de ufanismo nacional e harmonia social propagandeados pelo Estado Novo<sup>15</sup>.

Apesar de toda crítica que possa ser feita à obra de Mário Filho, acreditamos que esta deve ser entendida como um clássico sobre a história do futebol no Brasil. Assim como a obra de DaMatta se tornou importante por abrir o caminho para o surgimento de diversas pesquisas acadêmicas sobre o tema, **O negro no futebol brasileiro** serviu de inspiração para inúmeros trabalhos literários, biográficos, jornalísticos e posteriormente acadêmicos.

Os estudos históricos sobre o futebol no Brasil não acompanharam o mesmo ritmo de outras disciplinas das ciências humanas, devido ao já citado preconceito existente na academia, que parecia ser ainda mais intenso entre os historiadores. Apesar do avanço em outras áreas, durante a década de 1980, não havia sido publicada uma dissertação ou tese sequer nos programas de pós-graduação sobre o esporte, observando-se no máximo a publicação esporádica de artigos.

Com a difusão das teorias da História Social inglesa, que criticavam as análises marxistas ortodoxas reducionistas para o entendimento da sociedade e buscavam valorizar os aspectos culturais e as manifestações dos diversos grupos sociais, observou-se uma flexibilização em relação ao pensar o futebol na História. Além da História Social inglesa, a História Cultural francesa foi muito importante para uma nova relação entre o esporte e os historiadores. Com ampliação dos temas e das abordagens no âmbito das pesquisas históricas

---

<sup>14</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 335.

<sup>15</sup> COSTA, Maurício da Silva Drumond. "*Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945)*". In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006, p.112.

proporcionada por esta corrente, alguns historiadores brasileiros começaram a se dedicar aos estudos do tema.

Deve-se salientar também que as renovações e mudanças ocorridas no campo da História Política e o necessário diálogo com outras áreas da História permitiram que o futebol emergisse como um tema privilegiado para discutir eventos políticos importantes em todo mundo. Nos dias atuais, contamos com inúmeros trabalhos que se dedicam a estudar a relação do futebol com guerras e conflitos em vários locais do mundo. Obras que abordam como o esporte foi utilizado como propaganda política por diversos governos militares e civis também são abundantes. Não são raros os trabalhos que buscam analisar o chamado "futebol moderno", tentando entender as transformações que ocorreram nas últimas décadas, bem como as proporções que o esporte tomou na contemporaneidade, principalmente sua estreita relação com a economia mundial.

Apesar de todas as transformações ocorridas na historiografia, os trabalhos sobre o futebol nos Programas de Pós-Graduação do Brasil ainda são escassos. Não é difícil constatar que, nas outras disciplinas das humanas, como também em outras áreas do conhecimento, o esporte vem ganhando muito mais atenção e espaço que na História. Esperamos que este trabalho contribua para uma mudança gradativa desta realidade. Entre as poucas produções históricas nesta área temática, uma merece nosso destaque, pois, apesar de recente, já desponta como um clássico da historiografia brasileira sobre o futebol, o livro **Footballmania** - uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938<sup>16</sup>, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, pode ser considerada a mais expressiva obra histórica sobre o esporte no Brasil. Revela o empirismo do autor, que utilizou diversos tipos de fontes de variados arquivos do país, numa busca de entender como se desenvolveu e popularizou o futebol no Rio de Janeiro. Seu olhar se voltou principalmente para as relações sociais, culturais e raciais que permearam o processo de formação do esporte no Rio de Janeiro e, posteriormente, como o governo de Vargas buscou utilizá-lo na construção de uma identidade nacional.

Pereira buscou analisar o próprio significado do futebol na configuração de uma identidade nacional brasileira, e como o mesmo foi se transformando de acordo com as especificidades do país. Os comportamentos dos diversos grupos sociais, a importância do esporte para a construção das identidades e os discursos criados contra e a favor deste esporte também foram preocupações do autor. Quando realizou sua história social sobre o futebol no Rio de Janeiro, Pereira seguiu um caminho alternativo àquele de Mário Filho. Buscou delimitar

---

<sup>16</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



tempo e espaço para sua pesquisa, fugindo das grandes generalizações. Compreendendo que a história do futebol no Rio de Janeiro não pode ser entendida como a história do esporte no Brasil, analisou as especificidades do futebol no Rio de Janeiro e como esse se relacionava com as questões nacionais. Baseando-se nas teorias e nas concepções metodológicas da História Social inglesa e da História Cultural francesa, legou um clássico à historiografia brasileira.

Analisando o cenário atual das produções, José Miguel Wisnik identifica nos últimos anos um avanço significativo em relação aos estudos sobre o tema. O campo de problematização do futebol cresceu consideravelmente, e isto não aconteceu de forma aleatória<sup>17</sup>. É impossível negar a importância do esporte na sociedade moderna, pois este se tornou uma espécie de língua geral que coloca em contato populações de todos os continentes. Essas pessoas não são apenas consumidores do produto gerado da capitalização do esporte, mas também praticantes, tendo experiências coletivas com o mesmo. Citando Terry Eagleton, Wisnik afirma que:

O fenômeno geral tem sido objeto de uma bibliografia crescente, que não deixa de proliferar também na forma das inumeráveis "culturas" que Eagleton acusa: as situações raciais, de gênero, os interesses econômicos localizados, as implicações políticas, o *hooliganismo*, o futebol multirracial da França, o futebol como o único lugar em que a União Européia se realiza, o futebol feminino, o africano, o asiático, o futebol e a violência, o sexo, a propaganda, a moda, a espetacularização generalizada etc. Nesse conjunto, a participação brasileira é ainda magra, e comparece mais com estudos sociológicos, históricos e biográficos do que ensaios culturais interpretativos e literários, mais freqüentes, por exemplo, em língua espanhola<sup>18</sup>.

A citação de Wisnik revela algo sintomático, que é a baixa produção brasileira sobre o tema na atualidade. Enquanto em outros países o futebol já alcança uma grande produção bibliográfica, a produção nacional ainda é incipiente, reservando-se à literatura e às ciências humanas. Entretanto, não podemos confundir uma "fraca" produção com "nenhuma"; nosso país desponta hoje como referência mundial na medicina esportiva. Para que se chegasse a este nível de desenvolvimento e reconhecimento mundial, foi necessário a criação de campo específico para a realização de pesquisas científicas, abrindo caminho para a criação de grupos de pesquisas que, associados aos investimentos de capitais públicos e principalmente privados, contribuíram para tornar o futebol um tema de importância científica. Esta configuração da medicina esportiva brasileira contribuiu consideravelmente para um aumento considerável das pesquisas sobre o esporte nos cursos de graduação e pós-graduação ligados à Educação Física, Fisioterapia e Psicologia.

<sup>17</sup> WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 16.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 18.

Francisco Carlos Teixeira da Silva e Ricardo Pinto dos Santos também apontam o desenvolvimento de um campo de estudos sobre o futebol nos últimos tempos. Para esses autores, o futebol se tornou o principal esporte do século XX, e sendo assim, gerou implicações nos campos econômicos e sociais ao longo da história. Apesar disso, a importância do esporte não era percebida pelos intelectuais brasileiros, sendo necessário trazer à tona a relevância do estudo do tema, e transformá-lo em um objeto central de pesquisa, que possibilitasse um novo entendimento para a sociedade<sup>19</sup>. Para esses pensadores

Transformar o esporte em um objeto central de pesquisa se fez necessário e se mostrou de grande relevância para os estudos acadêmicos, no sentido de trazer uma nova compreensão da sociedade a partir de um novo foco de pesquisa.<sup>20</sup>

Acreditamos que, na atualidade, ninguém no meio acadêmico (ou fora dele) ousa negar a importância do futebol para compreender as complexidades de nossa sociedade. Apesar de ser muito jogado e insuficiente pensado no Brasil, o tema vem adquirindo relevância acadêmica e se mostrando um caminho para se entender as transformações ocorridas ao longo da história em nossa sociedade. Através desse esporte, podemos entender diversos processos culturais, políticos e sociais, sejam de fundo religioso, sejam gerados por questões éticas, econômicas, territoriais ou históricas.

Diversos estudiosos da atualidade concordam que o futebol se tornou um espaço apropriado para discutir as transformações que ocorreram no mundo durante o século XX. Devemos frisar também que, desde o século XIX, o esporte vem mantendo uma relação densa com a política e a economia, perpassando questões socioculturais em vários locais do mundo. Segundo Hilário Franco Júnior<sup>21</sup>, sua história e as proporções que alcançou nos dias atuais têm relação direta com a história econômica e política da Europa, principalmente da Inglaterra.

Para Hilário Franco Junior, o futebol era apenas um dos vários esportes praticados na Inglaterra, com ancestrais em vários outros locais no mundo. A partir da segunda metade do século XIX, o esporte apareceu como um parceiro das elites inglesas no processo de controle das camadas mais pobres. A pedagogia elitista inglesa do século XIX passou a utilizá-lo como um espaço de divulgação de seus ideais, de suas regras, com o objetivo de educar os futuros dirigentes do país, e principalmente, controlar as camadas trabalhadoras. O espaço era ideal para se divulgar ideias de coletividade, bom senso, moralidade, disciplina e produção. Além

---

<sup>19</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006, p. 9.

<sup>20</sup> Ibid, p. 9.

<sup>21</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

disso, ao mesmo tempo em que servia como uma distração para as camadas trabalhadoras, o esporte também era um dos caminhos para "educar" os "ingleses"<sup>22</sup>. Isso revela a importância do esporte desde o momento de sua fundação.

A importância do esporte se tornou ainda maior em virtude dos problemas que acabou criando para a própria elite, pois o povo se apropriou do futebol de muitas formas e maneiras, que geralmente fugiam das pretensões das elites inglesas; estas, então, passavam a criticar a sua prática entre os populares. O esporte apareceu como um espaço de sociabilidade entre as camadas mais pobres, que tinham interesses e práticas próprias, reinventando regras e atribuindo novos sentidos ao esporte. As elites viam esta situação com maus olhos, pois o interesse maior era controle das práticas populares, pregando principalmente a disciplina, tão importante na produção no interior das fábricas e na manutenção da ordem social. Entretanto, diferentemente do que imaginavam as elites, o jogo se tornou uma arma para os trabalhadores, sendo um ambiente que poderia ser utilizado para a organização de reivindicações populares e propício a disseminação de valores que poderiam questionar a ordem nas últimas décadas do século XIX.

Da Inglaterra, o esporte se popularizou pelo resto da Europa e se espalhou por quase todo o mundo, tornando-se uma paixão entre as camadas populares e uma opção de lazer e disciplina escolar entre as elites. Através de sua política imperialista, a Inglaterra acabava levando seus costumes aos países com que mantinha contato, inclusive o Brasil. Sua posição no cenário mundial no início do século XX certamente influenciava sua escolha como "civilização modelo" para as demais nações do Ocidente.

O futebol passou a ser praticado em vários locais do mundo. No Brasil, os primeiros praticantes foram membros de famílias ricas, que apresentavam uma prática esportiva com uma série de diferenças em relação às práticas populares. Eram apoiados pela alta sociedade e pelas autoridades que enxergavam seus potenciais pedagógicos. Estimulavam o espírito coletivo, a disciplina e o respeito à ordem estabelecida com uma série de regras escritas. Essas regras exploravam desde a disciplina na ocupação de espaços ao respeito dos *sportmen* em relação aos seus adversários. Esportes coletivos e de contato como o futebol deveriam ser rigorosamente disciplinados, pois só assim poderiam cumprir o papel desejado. Também eram importantes para a preservação do físico e conservação da saúde física e mental, em uma sociedade bastante

---

<sup>22</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 18.

preocupada com os "vícios" das camadas populares, que acabavam "contaminando" os filhos das elites.

Alguns anos atrás, quando buscávamos um tema para o Trabalho de Conclusão da graduação em História na Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB, procuramos algumas produções sobre o processo de popularização do futebol no Brasil, encontrando alguns trabalhos versando sobre como isto se deu, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, como também algumas sinalizações para Porto Alegre, Belo Horizonte, Goiânia, São Luís e algumas cidades do interior de São Paulo. Infelizmente, na época, não encontramos coisa alguma de concreto sobre este assunto na Bahia; apenas uma pesquisa de Mestrado em andamento, concluída em fevereiro de 2012 por Henrique Sena dos Santos, na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS<sup>23</sup>.

A inexistência de produções acadêmicas sobre a temática na Bahia chamou nossa atenção principalmente porque, nas últimas duas décadas, foram realizados mais de uma centena de trabalhos históricos, entre dissertações e teses, que discutiram os mais diversos temas culturais e sociais, inclusive alguns de certa forma próximos ao futebol, como o carnaval, a capoeira, as festas de largo e outras práticas populares. Esta situação nos estimulou a desbravar este caminho, com o objetivo de entender as especificidades da história do futebol baiano.

O desejo aumentou quando analisamos o cenário da produção nacional e observamos que, durante muito tempo, havia apenas trabalhos que explicavam a popularização do esporte no Brasil a partir da história paulista. Constatamos que, quando se queria explicar como se deu esse processo, tomava-se a explicação da popularização do futebol em São Paulo, generalizando-a para todo o país. Logo depois, contrapondo-se à visão paulista, alguns pesquisadores resolveram estudar como aconteceu a popularização do futebol no Rio de Janeiro, mostrando que esta se deu diferentemente do ocorrido em São Paulo. Enquanto em São Paulo o interesse era observar o esporte nas várzeas através dos operários das fábricas, os cariocas buscaram dar atenção à participação do negro dentro do processo.

A partir de então, surgiram obras que buscaram analisar esse processo em diferentes cidades brasileiras, procurando encontrar outras explicações que não fossem a paulista e a carioca. A ausência de versões baianas, bem como o contato com este tipo de discussão acompanhado dessa nova leva de produções, estimulou o desejo de entender como aconteceu a

---

<sup>23</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. “**Pugnas Renhidas**”: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, UEFS, 2012.

popularização do esporte aqui na Bahia. Sendo assim, torná-lo tema de pesquisa histórica, no sentido de entender os sentidos, os significados, as relações e os conflitos estabelecidos entre grupos sociais distintos em um determinado período e espaço, se constitui como principal interesse desta pesquisa.

Para além de um desejo pessoal, cremos que esta e outras pesquisas que surgirem sobre a temática do futebol na Bahia são necessárias. Não podemos continuar acreditando que a história do esporte baiano pode ser contada a partir de generalizações de outros casos. Defendemos que, em cada local, o esporte se desenvolveu de forma diferente, seguindo um contexto próprio que ora limitava, ora beneficiava seu desenvolvimento. Mesmo nas cidades de um mesmo estado, ou bairros de uma determinada cidade, não podemos afirmar que o jogo da bola se processou da mesma maneira. Sendo assim, investir numa pesquisa sobre a história do futebol na cidade de Salvador é oferecer mais uma versão para a história do esporte no Brasil, criando um contraponto as histórias tidas como verdadeiras e absolutas. Indo além, acreditamos que uma pesquisa como esta pode enriquecer e valorizar as produções históricas baianas e as produções sobre a história da Bahia, no âmbito dos jogos de poder em torno do conhecimento e da "verdade" existentes na academia. A existência de uma versão baiana, realizada na Bahia, é um contraponto às tradições criadas pela historiografia carioca e paulista.

Ao longo de sua história, o futebol vem se relacionando com várias questões relevantes em diversos lugares do mundo. Isto não foi diferente na Bahia. Antes mesmo de sua prática chegar por aqui, já era pensada por parte da elite baiana que buscava caminhos para transformar a sociedade. Sendo assim, estudar a formação do futebol em nossa terra não é estudar apenas a história de uma prática esportiva; significa estudar a história da própria Bahia a partir de um outro viés. Aqui como em outros lugares, o esporte se relacionou com questões políticas, econômicas, culturais e sociais, e foi pensado e praticado de forma diferente por diversos grupos, que atribuíam sentidos e significados próprios para a sua prática. Através do futebol, podemos entender principalmente como as elites e as camadas populares, cada uma de uma maneira, pensavam, viviam e planejavam estratégias próprias visando mudanças e transformações, assim como continuidades nos padrões da sociedade em que se encontravam inseridas.

Pesquisar o futebol na Bahia em fins do século XIX e início do século XX significa buscar entender como se davam as relações sociais, raciais e de nacionalidade entre os diversos grupos que conflitavam e negociavam numa sociedade que já passava por algumas transformações, mas ansiava por outras. Se nosso desejo é compreender o processo de implantação e formação do cenário futebolístico de Salvador, estaremos atentos principalmente

às relações sociais envolvidas no processo. São as ações, os pensamentos, os comportamentos, os anseios e práticas das pessoas e dos grupos sociais que nos interessam. Acreditamos que o futebol se constituiu como um espaço privilegiado para discutir estas questões que emergiam e borbulhavam naquela sociedade.

Neste trabalho, seguimos os caminhos traçados pela História Social inglesa, principalmente aquela realizada por Thompson, para tentar entender os papéis ocupados por cada grupo social no processo de formação do futebol em Salvador. Os estudos desse autor sobre costumes e cultura popular nos ajudaram a entender que o futebol, apesar de inicialmente se configurar como um espaço elitista, não era exclusivo desse grupo social. Pudemos ver que, desde o início desse esporte em Salvador, as elites tiveram que lidar com a presença dos grupos populares adentrando seus espaços e conferindo novos significados às suas práticas.

As fontes com que trabalhamos nos aportaram indicações no sentido de que os pessoas de origem subalterna tiveram um papel ativo dentro do jogo de tensões que originou o cenário futebolístico da capital baiana. Um processo complexo, recheado de apropriações e resistências de forma mútua entre as elites e as camadas populares. Thompson nos ajudou a entender as relações sociais existentes entre os diversos grupos em um determinado espaço e também a enxergar as relações intersociais de forma mais ampla. As discussões propostas pelo autor foram essenciais para compreender o futebol como um espaço de disputa entre as elites dominantes e as camadas populares. Com isso, foi possível perceber de maneira mais autônoma as ações dos grupos populares, e entender os significados e os sentidos de seus atos ao se apropriarem de uma prática elitista.

Quando afirmamos que buscamos observar as relações e os conflitos sociais que se desenvolveram em torno do futebol da capital baiana, surge a necessidade de fazer uma discussão sobre o uso de alguns conceitos. Um dos que permeia as páginas desta dissertação, carecendo de uma atenção especial, é o conceito de elite. Se formos à luz do dicionário, encontraremos alguns significados que para este trabalho podem ter sentidos diferentes. Por exemplo, quando nos referimos à elite enquanto grupo social, não entendemos que seja homogênea e composta por uma minoria que controla o resto da sociedade. Neste sentido, optamos por utilizar o termo no plural, pois percebemos que existiam “elites”, que podiam agir e pensar de formas diferentes, mas que tinham em comum o fato de se considerarem a nata, o escol, a fina flor da sociedade baiana, e por estarem em uma situação privilegiada, desejavam impor seus padrões para o restante da sociedade.

A discussão sobre as elites nos remete diretamente a pensar quem estaria do outro lado da moeda, ou seja, pensar os grupos que não faziam parte da nata. Neste sentido, é interessante

discutir o uso do conceito subalterno. Assim como o conceito de elite, o conceito de subalterno deve ser pensado de uma forma plural. Ser subalterno neste trabalho não significa ser dominado ou estar às ordens de outrem. Podemos até pensar que as elites até desejavam dominar, ter poder, mas isso não significa que obtiveram êxito em seus planos. Neste sentido, entendemos os subalternos como aqueles que ocupavam uma condição de subalternização social em relação às elites, mas que não eram controlados e dominados por elas. Quando nos referimos especificamente ao futebol, veremos que as camadas subalternas não apenas só resistiram e reagiram à imposição do elitismo, mas eram verdadeiros agentes do esporte, chegando à posição de protagonistas.

Dessa maneira, seria adequado aproximar o significado do termo subalterno para popular, ou seja, ser subalterno é ser referente ao povo, ou dele proveniente. Esta aproximação é necessária, para evitar confusões, pois um clube de origem subalterna, ou seja, oriundo do povo, poderia em um dado momento fazer parte da “elite” do futebol baiano. Neste caso, o significado de elite difere do anterior, pois não estamos falando de um grupo de pessoas que se consideram diferenciadas em uma sociedade, mas de um clube que representava o que havia de melhor no esporte de Salvador.

Ter a História Social inglesa como suporte teórico não impediu a realização de diálogos com outros autores para a construção desta pesquisa. Roger Chartier nos forneceu interpretações interessantes para pensar a formação do cenário futebolístico baiano. Sua compreensão de cultura e de como se estabelece a relação entre a cultura de elite e a cultura popular foi importante para entender o processo. Sua concepção de uma cultura que se recria a cada contato e que tem seus significados próprios nas individualidades e especificidades foi atentamente observada nesta pesquisa. Os conceitos de apropriação e representação foram utilizados para entender a própria formação do esporte na capital baiana; a partir desses conceitos, foi possível detectarmos como as camadas populares se apropriaram de uma prática recém importada pelas elites e lhe atribuíram novos sentidos e significados diversos, criando e recriando novos espaços para a prática da mesma.

Outro autor que nos ajudou a pensar o desenvolvimento do futebol em Salvador foi Norbert Elias, que tentou observar como o esporte foi utilizado pelas elites europeias, principalmente na Inglaterra, como uma ferramenta de civilização. Os passatempos, divertimentos, jogos e brincadeiras de tempos passados, que são chamados de esportes, foram uma das formas como a Inglaterra buscou resolver o problema do risco de tumultos e desordens que passaram a ser socialmente intoleráveis, garantindo aos indivíduos e aos grupos sociais,

mesmo numa sociedade cada vez mais regulamentada, os meios suficientes de excitação agradável em experiências compartilhadas. Segundo Elias:

O desporto – qualquer que seja – é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas.<sup>24</sup>

Elias é enfático ao afirmar que o “mal estar”, que essa renúncia à liberdade e ao prazer precisa ser canalizado em alguma direção, e as elites escolheram os esportes. Estes seriam a forma altamente civilizadora de fomentar/instituir o autocontrole, visto que tal processo é realizado a longo prazo e tende à racionalização e a um controle dos afetos ou, como afirma o próprio autor, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica.<sup>25</sup>

Esta visão de Elias sobre o esporte diz respeito ao contexto europeu, em um momento próximo àquele em que o Brasil se apropriou dessa cultura europeia. As elites brasileiras, ao se apropriarem dos esportes, buscam seguir os padrões de comportamento europeu, mas ao mesmo tempo criam e recriam novos sentidos para o esporte no Brasil. Com essa reflexão acerca do conceito de esporte, Elias nos ajuda a diferenciar os sentidos que o futebol tinha para as elites e as camadas populares brasileiras.

Uma inspiração para esta pesquisa foi a obra **Footballmania**, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira<sup>26</sup>. Metodologicamente, tentamos realizar em certa medida, para a Bahia, o que Pereira realizou para o Rio de Janeiro. Buscamos desenvolver nosso trabalho a partir da análise de fontes primárias, como os documentos dos clubes e das ligas, estatutos, regimentos, relatórios, petições à prefeitura, jornais, cadernos de esporte da época e as teses produzidas na Faculdade de Medicina da Bahia.

O método da seriação e da quantificação de fontes, principalmente dos periódicos, foi essencial nessa pesquisa, principalmente para a obtenção de uma visão mais abrangente sobre o esporte na cidade de Salvador. Porém, a simples quantificação das fontes não foi a responsável pelos resultados aqui alcançados, sendo imprescindível a realização da análise qualitativa de

<sup>24</sup> ELIAS, Norbert. *"Ensaio sobre o desporto e a violência"*. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Lda, 1992, p. 230.

<sup>25</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 193.

<sup>26</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



todos os documentos, observando não só aquilo que estava evidente nas fontes, mas as questões que a estas poderiam ser relacionadas. Tentamos observar omissões e buscar as revelações que as fontes não pretendiam mostrar.

A leitura de obras que ajudaram a compreender o contexto social da capital baiana permitiu perceber algumas especificidades na formação do futebol em Salvador em relação a outras regiões do Brasil, justamente pelas diferenças sociais e raciais que a cidade apresentava. Então, os conflitos sociais emergentes no esporte só puderam ser entendidos com o conhecimento do contexto social, político, econômico e racial da cidade. Neste sentido, um dos autores que mais nos ajudou a pensar estas questões referentes a cidade de Salvador foi Walter Fraga Filho. Em **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. As ruas se configuravam como um espaço de desdém, indiferença, protesto e resistência, e os moleques que aí viviam eram vistos com desprezo e tratados com hostilidade. O autor revelou como se dava a relação entre o mundo juvenil presente nas ruas e o mundo adulto da sociedade em geral, mostrado como os moleques e vadios resistiam ao mundo da moralização e do trabalho, ridicularizando os valores da sociedade adulta através de injúrias e brincadeiras. As ações dos jovens que rompiam com os costumes tradicionais eram toleradas no mundo adulto, que os perseguia, criando medidas para repreender e civilizar os vadios<sup>27</sup>.

Segundo Fraga Filho, as ruas apareciam como um grande atrativo para esses jovens, e nelas se organizava e criava um mundo próprio com sentidos próprios. Seu trabalho nos ajudou a enxergar a partir de outros olhares as ações dos dominados e a interpretar os sentidos que estes atribuíam aos seus atos.<sup>28</sup> Sua visão nos remete a pensar espaços alternativos para a construção de laços de sociabilidade, solidariedade e resistência ao mundo elitista. Este traço apontando por Fraga dialogou diretamente com nossa pesquisa, pois as ruas e outros lugares considerados inapropriados foram espaços utilizados por populares para a prática do futebol, desafiando a moral e a ordem pública. O jogo realizado nas ruas era perseguido pelas elites, que não aceitavam que um esporte nobre pudesse ser escandalizado por moleques e vadios. É dessa relação entre elites e populares que se formou o cenário futebolístico sotero-politano.

Algumas outras obras não citadas no decorrer da obra ajudaram a remontar o contexto social da cidade de Salvador no período estudado neste trabalho. **O jogo da Dissimulação**<sup>29</sup>,

---

<sup>27</sup> FRAGA FILHO, Walter. "Meninos vadios, moleques e peraltas", In: **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Hucitec, SP, Edufba, Salvador-BA, 1996. pp. 111-143.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O jogo da Dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

de Wlamyra de Albuquerque; **Encruzilhadas da liberdade**<sup>30</sup>, de Walter Fraga Filho; **E a Bahia civiliza-se...**<sup>31</sup>, de Rinaldo César Leite; e **Esporte e Modernidade**<sup>32</sup>, de Coriolano P. da Rocha Junior, foram importantes para o andamento desta pesquisa, pois, além de abordar dimensões como a raça, a modernidade e os conflitos sociais na cidade do Salvador, forneceram elementos importantes para a compreensão do contexto histórico da Bahia na República Velha.

Nossa dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, estudamos como os esportes, e em especial o *foot-ball*, foram pensados, discutidos, praticados e utilizados pelas elites, que idealizavam um processo de modernização e civilização dos costumes para a cidade de Salvador no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Tentamos mostrar como principiou o cenário futebolístico soteropolitano, direcionando nosso olhar especialmente para o sentido que este fazia diante das elites da capital, responsáveis pelo ingresso do esporte na Bahia. Entre os vários sentidos, imperou o pedagógico: médicos, professores, jornalistas, estudantes e praticantes do esporte acreditavam no futebol enquanto ferramenta de transformação, símbolo da modernidade. Reconstruímos o contexto que permitiu verificar que o futebol era algo tolerado e incentivado na capital baiana, existindo um cenário favorável ao desenvolvimento do mesmo, principalmente entre as elites.

No segundo, mostramos os passos da popularização do esporte na capital baiana, tentando observar a necessidade elitista de fundar espaços para a prática do futebol que funcionassem como mecanismos de distinção social. Do mesmo modo, observamos como os espaços elitistas acabaram sofrendo a interferência das camadas populares, que, além de interferir nos ambientes distintos, criaram seus próprios espaços destinados à prática do esporte. Foi possível perceber que a via elitista não foi a principal responsável pela popularização do esporte na cidade, mostrando que até os sentidos e princípios que regiam as instituições elitistas foram abandonados à medida que os populares ingressavam em seus espaços. Buscamos revelar também que as sucessivas crises por que passaram as instituições esportivas das elites após a mudança da realização dos jogos do Campo dos Martyres para o Rio Vermelho nunca ameaçaram o futuro do esporte na cidade, pois este já era uma "mania" entre os populares, que o praticavam em diversos locais espalhados pela capital.

---

<sup>30</sup> FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**. História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

<sup>31</sup> LEITE, Rinaldo César. **E a Bahia civiliza-se...** Ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912/1916. Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 1996.

<sup>32</sup> ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva do Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, UFRJ, 2011.

No terceiro, mostramos como o futebol se desenvolveu em um período esquecido pela maioria dos memorialistas, escritores e historiadores do futebol baiano. Muitos consideram o período situado entre 1913 e 1918 como aquele em que o esporte quase desapareceu na cidade de Salvador. Foi possível identificar uma mudança no cenário do futebol soteropolitano, com a presença e a hegemonia das camadas populares nas principais instituições esportivas da cidade de Salvador. Em outras palavras, mostramos que o esporte não acabou durante este espaço de tempo, mantendo-se forte e crescente, não entre as elites, e sim entre os populares, que não tinham o mesmo espaço na mídia soteropolitana. O afastamento das agremiações elitistas do cenário futebolístico da capital baiana durante este período fez com que muitos acreditassem que o esporte vivia uma profunda crise. Vimos que a crise se estabeleceu apenas nos espaços elitistas; entre os populares e sob a administração deles, o futebol prosseguiu firme e vigoroso.

Com estas colocações iniciais, acreditamos ter construído um caminho para passear em uma porção da história do futebol baiano. Vale lembrar que, neste caminho cheio de idas e vindas, encontramos pedras pesadas e obstáculos que às vezes pareciam intransponíveis. Enfrentados estes problemas, conseguimos chegar até o gramado, no qual todos os atores já estão à nossa espera. E ela, a redonda, já está na marca central esperando apenas que alguém a chute. O árbitro já autorizou e não podemos perder a oportunidade de participar desta peleja.

O Professor Paulo César Oliveira de Jesus nos alertou que, em uma partida de futebol, existe apenas uma bola, porém, são vinte e dois jogadores que vão tratá-la de forma diferente. Neste sentido, afirmamos que a forma com que jogaremos essa partida não é a única possível ou a única maneira certa de se jogar. Foi esta que nos pareceu melhor. Desta forma, convido a todos a participar desta labuta, não apenas como espectadores, mas como torcedores e praticantes, para que esta peleja integre um campeonato sem fim, no qual o único vencedor seja a história do futebol baiano.

## 2 - O SENTIDO ELITISTA DO FUTEBOL E O SENTIDO DO FUTEBOL ELITISTA

Os primeiros toques de bola na cidade do Salvador (1895 e 1905)

### Pré-jogo

Sempre que líamos algum trabalho que discutisse ou abordasse a questão da civilização dos costumes e da modernização em cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador na virada do século XIX para o XX, independentemente do posicionamento teórico ou da abordagem realizada por cada autor, algo nos chamava a atenção.<sup>33</sup> Ao analisar o processo de modernização e civilização com nosso olhar contemporâneo, não conseguíamos entender o que acreditamos serem algumas contradições inerentes ao mesmo. Por exemplo, uma interrogação se colocava à medida que pensávamos a seguinte questão: se o objetivo das elites que se preocupavam com a formação de uma nova sociedade recaía em educar, moralizar e civilizar os costumes dos brasileiros, para nós não fazia sentido excluir de alguns espaços ditos modernizantes aquelas pessoas que, no entender das próprias elites, mais precisavam ser civilizadas.

Em seu trabalho sobre o carnaval no Rio de Janeiro, Cristiana Pereira revelou os conflitos culturais existentes na sociedade carioca de fins do século XIX, decorrentes dos esforços civilizatórios, colocando em evidência a questão do controle sobre o outro e as ações e resistências dele decorrentes. Para a autora, o carnaval se constitui como um espaço de disputas e lutas sociais, onde cada grupo busca sentidos diversos e tem objetivos diferentes na sociedade.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Entre os trabalhos lidos estão: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Cia da Letras, 1996; CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001; LEAL, Geraldo da Costa. **Perfis Urbanos da Bahia**: os bondes a demolição da Sé, o futebol e os gallegos. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002; LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia Civiliza-se...**: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912- 1916. Salvador: Dissertação Mestrado em História, UFBA, 1996; SEVCENKO, Nicolau. "Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: (org) SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada do Brasil 3. República**: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Schwarcz, 1998; SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>34</sup> PEREIRA, Cristiana. "Os carnavais dos senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas, fins do século XIX", In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Ceclut, 2002, pp. 311-339

Assim como no carnaval carioca, os esforços civilizatórios foram presentes no futebol, que aparece neste momento como um aliado das elites no processo de civilização e modernização do país. Além de possibilitar um espaço de socialização entre as elites, mais tarde o futebol influenciaria o processo de urbanização das principais cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo. A influência do futebol no processo de urbanização e no projeto modernizador estava para além da construção de campos, praças e estádios destinados à prática do esporte, sendo que os próprios clubes desempenharam um papel importante neste processo, que era o de estabelecer um distanciamento entre as elites e as camadas populares.<sup>35</sup> A própria ideia da prática de esportes estava diretamente ligada à educação e ao desenvolvimento do "Phísico" e do "Mental".<sup>36</sup>

Para parte das elites, o sentido do jogo da bola e de outros esportes era estritamente pedagógico. Victor Andrade de Melo revela que este papel atribuído aos esportes nasce justamente quando surge a necessidade de civilizar o país.<sup>37</sup> Sendo assim, eles se configurariam como um mecanismo para modernização da nação. Fixados no sentido pedagógico, perseguiram e desvalorizavam qualquer outro sentido para a prática futebolística. Não aceitavam que o futebol fosse praticado nas ruas, sem regras, ou espaços indignos que o associasse com práticas condenáveis, como apostas, jogatinas, violência e lucro.<sup>38</sup>

Ao estudar o futebol das elites, ou elitista, não queremos negar a existência de outros tipos, ou dizer que ele era o mais importante, pois no decorrer da Dissertação, será nossa tarefa mostrar que, apesar de todo o esforço para a elitização do futebol, outros sentidos, próprios de ambientes populares, acabaram vingando. Indo mais além, acreditamos que, assim como aconteceu com o carnaval carioca, que buscou a afirmação de um caráter civilizatório, sendo que na prática ocorreu um fracasso dos objetivos idealizadores e civilizadores, no futebol oficial de Salvador ocorreu um fracasso do projeto elitista, devido às resistências, às ações populares e a outros obstáculos que se colocaram diante do processo. Os conflitos que aconteceram entre as elites e as camadas populares passaram a acontecer de fato, alguns anos após o início da prática entre as elites. Sendo assim, serão abordados a partir do segundo capítulo, pois antes se faz necessário estudar o processo de introdução da prática do futebol na cidade, tarefa desempenhada apenas pelas elites.

---

<sup>35</sup> Ver melhor em SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/4-14.pdf> Acesso em 30/04/2010 – 11h27.

<sup>36</sup> Essa visão sobre os esportes pode ser observada nas teses defendidas por estudiosos e médicos da Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1895 e 1904.

<sup>37</sup> MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará - Faperj, 2001, p. 14.

<sup>38</sup> Ver melhor em PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Assim sendo, neste primeiro capítulo, buscaremos analisar apenas como os esportes, e em especial o *foot-ball*, foram pensados, discutidos, praticados e utilizados por essas elites, que imaginavam e idealizavam um processo de modernização e civilização dos costumes para a cidade de Salvador no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Neste primeiro momento, acompanharemos os primeiros anos do futebol da capital baiana, buscando entender não só seu sentido elitista, como também seus significados para as elites soteropolitanas.

Deste modo, é intrigante pensar que as elites buscaram desenvolver um projeto civilizador no qual o futebol era uma prática que se configurava como uma importante ferramenta pedagógica, sendo que os populares que geralmente eram os alvos das principais críticas, devidos aos seus costumes ditos atrasados, eram excluídos do processo. A pergunta se coloca novamente: por que excluir quem precisaria ser civilizado? Esta é uma questão que ainda necessita de respostas.

Podemos começar a responder esta questão afirmando que, no caso do futebol, uma das causas dessa exclusão era a necessidade de marcar a distinção social entre as diversas camadas e grupos sociais. E naquele momento as elites se deparam com um grande dilema. Como mudar o Brasil, se para mudá-lo era preciso inserir uma nova cultura e, por outro lado, o acesso a esta pelos populares era amplamente restrito devido à manutenção das tradições de distinção social entre as classes e os grupos sociais? É nesse mar revolto, num vendaval de conflitos de ideias e ações, que nasce o futebol soteropolitano.

Falar dos sentidos que uma prática esportiva como o futebol tinha para as elites em um dado momento não significa dizer que, mesmo entre elas, tais sentidos não pudessem variar, modificar-se, ganhando assim novos significados de acordo com as condições e com as necessidades apresentadas. Com isso, queremos dizer que, mesmo entre as elites, os sentidos para a prática do jogo da bola eram diversos, mas em comum tinham o fato de serem guiados pelos princípios da civilidade e modernidade.

### **Preleção: diálogos necessários**

Em recente trabalho, Henrique Sena dos Santos, ao falar sobre o desenvolvimento do futebol na cidade de Salvador, afirma que

[...] a História que sempre é contada quando se fala dos primeiros anos do futebol em Salvador prevaleceu, pois se tornou comum afirmar que a sua chegada e, principalmente, seu desenvolvimento no país se deu exclusivamente pela vontade cosmopolita em vivenciar novas sociabilidades advindas da Europa. De certo modo, esta associação não está totalmente equivocada. Contudo, vamos investir em outra

proposta de análise dos primeiros anos do futebol, ao menos em Salvador, de modo que considere que o envolvimento das elites juntamente com as suas representações sobre o esporte foi apenas uma das formas de introdução do jogo na cidade. Com isso, pretendemos nos afastar da perspectiva que segue a usual lógica na qual a prática primeiro surge entre as elites para depois irradiar-se para outros grupos sociais. Nossa intenção é pensar que os primeiros anos do seu desenvolvimento em Salvador ocorreram de múltiplas formas e as elites não foram necessariamente o centro deste processo.<sup>39</sup>

A passagem é bastante reveladora, suscitando algumas discussões. Concordamos com o autor no sentido de que a história do futebol, principalmente do seu processo de popularização, não só em Salvador, mas em quase todo Brasil, sempre foi erradamente atribuída somente à via elitista.<sup>40</sup> As elites tiveram grande importância nesse processo, mas não foram os únicos atores dessa cena. Porém, discordamos de Santos quando afirma que as práticas elitistas não foram as únicas responsáveis pela introdução do jogo na cidade; somando-se a isso, sua discordância à ideia de que a prática primeiro surgiu entre as elites, para depois se irradiar entre os populares. Creemos que não se pode confundir introdução com popularização, pois são momentos diferentes de um mesmo processo.

A introdução do futebol na cidade de Salvador se deu através das elites, e posteriormente as camadas populares se apropriaram dessa prática, contribuindo de forma decisiva para o sucesso do esporte em terras baianas. Para pensar que ocorreram em Salvador múltiplas formas de se praticar, viver e idealizar o esporte no período do seu desenvolvimento, não é preciso negar que foram as elites as responsáveis pela introdução do futebol na sociedade. Como também, para valorizar a participação dos populares na história do futebol baiano, colocando-os não só como reagentes, mas também como agentes, não é necessário atribuir a estes tarefas que não realizaram.

Para nós, as elites não apenas foram as primeiras a introduzir o futebol na cidade de Salvador, mas foram também quem primeiro pensaram, idealizaram e atribuíram sentidos à prática esportiva. Coube às camadas populares apropriar-se da prática esportiva quando ela já estava introduzida, atribuindo-lhe novos rumos e novos caminhos. E na prática desse esporte, vale lembrar que as camadas populares não foram as únicas a se apropriarem de uma outra cultura, pois, ao nosso olhar, as elites soteropolitanas também realizaram uma apropriação no

---

<sup>39</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. “**Pugnas Renhidas**”: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, UEFS, 2012, p. 30.

<sup>40</sup> Vários trabalhos consultados questionaram e criticaram a via elitista, entre eles: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001; FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2007, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2006.

momento em que buscaram na Europa tanto a prática como as ideias legitimadoras. Aqui, as elites tiveram que reinventar o futebol, dando novos sentidos e significados, pois era impossível praticá-lo e desenvolvê-lo da forma que acontecia no velho continente.

Outra questão precisa ser colocada. Não cremos que em seus primeiros anos o futebol se resumia a uma prática de lazer ou uma diversão cotidiana, pois para nós, sendo um esporte encarado e vivido como tal, sua importância e seu papel estavam para além das práticas lúdicas. Acreditamos que o *foot-ball*, antes de ser pensado como uma atividade de lazer, era pensado como a uma atividade que deveria desenvolver a disciplina, sendo atribuído a ele um papel pedagógico, um sentido educativo que não se limitava apenas ao corpo físico, mas ao trabalho da mente e do espírito.

Santos defende a ideia de que os primeiros praticantes do futebol na Bahia encaravam o esporte apenas como uma forma de lazer, uma diversão cotidiana ou entretenimento, sendo que cabia à imprensa o papel qualificador.<sup>41</sup> Após citar uma passagem do **Diário de Notícias**, analisa a relação dos primeiros jovens das elites que praticavam o jogo na cidade de Salvador, concluindo que "[...] Talvez a preocupação daqueles jovens estivesse voltada para uma diversão cotidiana em que pudessem interagir mais frequentemente com os amigos e com o espaço público".<sup>42</sup> Discordamos desta visão, pois lembramos que os primeiros jovens praticantes do esporte na cidade de Salvador tiveram contato com esta atividade nas universidades e escolas da Inglaterra ou talvez nos próprios colégios da cidade de Salvador, já que existem indícios de que ele era praticado em tais ambientes. Esses jovens aprendiam desde cedo que o *foot-ball* não era apenas uma brincadeira, mas um espaço carregado de valores, ideais e responsabilidades. Com isso, não queremos negar que os jovens também pensassem o jogo da bola como uma atividade de lazer. O que queremos dizer é que este não era o único e principal sentido. Mesmo quando praticavam o futebol por lazer, os princípios que estavam sendo enraizados guiavam sua prática.

O futebol ensinado, incentivado e praticado nas escolas, universidades e clubes não tinha o objetivo de ser apenas mais uma atividade de lazer, mas, também e principalmente, uma atividade física com fins disciplinares e pedagógicos. Apesar de os jovens atribuírem outros significados ao futebol, principalmente quando o estavam praticando nas horas livres com seus amigos e familiares, não podemos concluir que neste momento encaravam o esporte apenas como uma forma de lazer, até porque não poderiam se livrar totalmente das influências e das

---

<sup>41</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, *op. cit.*, p.39.

<sup>42</sup> *Idem*, p. 36.



raízes do esporte pedagógico e disciplinador, em cujo ambiente conviveram e continuavam a conviver diariamente. A formação por esses jovens de equipes, clubes e ligas visando a criação de competições e eventos que envolviam o comércio, a imprensa e as autoridades locais, logo nos primeiros momentos do futebol na capital baiana, reforçam nossa defesa de que o futebol de fato não era apenas uma brincadeira ou um passatempo.

Podemos ainda supor que havia uma diferença na forma de conceber o *foot-ball* entre as elites e as camadas populares. Talvez para os últimos, o esporte se configurou com mais intensidade como uma atividade de lazer, principalmente nos primeiros momentos de contato com o esporte oficial, quando eram apenas expectadores, pouco tempo depois vindo a tornar-se torcedores. Passado esse curto período de tempo, defendemos que nem entre eles o futebol se configurou como apenas uma atividade de lazer, pois, à medida que o tempo passava, complexificavam-se as relações das pessoas com o esporte, principalmente no espaço oficial.

### **Pontapé inicial: os memorialistas e a origem do futebol no Brasil e na Bahia**

As histórias dos primeiros passos ou tropeços do *foot-ball* em campos improvisados nas terras brasílicas é repleta de controvérsias, contradições e informações imprecisas, ou que carecem de cuidadoso exame de fontes para uma melhor legitimação e fundamentação. Não é fácil e não é nosso objetivo explicar ou buscar as verdadeiras origens do esporte no Brasil, por consideramos necessário abordar algumas questões importantes, que se relacionam e se cruzam diretamente com a história do futebol na Bahia e a que foi construída e aceita durante muito tempo sobre o mesmo.

Não é a busca por uma verdadeira origem que nos interessa, até porque a busca por um princípio ou por uma data fundadora há muito tempo não é prioridade do historiador. Marc Bloch questionou um fato comum até então entre os historiadores, que era a obsessão em buscar as origens.<sup>43</sup> Anos antes, no século XIX, Friedrich Nietzsche já afirmava que a história não deveria servir para buscar as origens, mas para buscar e problematizar os momentos de erupções de cada tema na história.<sup>44</sup> Justamente para problematizar os primeiros anos da história do futebol na Bahia é que se faz necessário discutir algumas tradições e desconstruir alguns mitos, pois só assim podemos entender os diferentes sentidos que o esporte tinha para os diferentes grupos sociais.

<sup>43</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1997, p. 56.

<sup>44</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 18-19.

Esse problema na historiografia e na memória do esporte brasileiro foi percebido por Hilário Franco Junior, que afirmou que as origens do futebol no Brasil fazem parte de uma história oficial pontilhada de características quase míticas.<sup>45</sup> Sempre se privilegiou a busca por grandes personagens e heróis que quase sempre faziam parte das camadas abastadas da sociedade. Segundo o autor, este tipo de abordagem é oriunda de uma tradição, no âmbito da historiografia nacional, de privilegiar as elites e seus feitos para contar a história do Brasil, deixando de lado, ou pelo menos à margem, o papel realizados pelos populares.<sup>46</sup>

Começaremos nossa empreitada a partir de **História do futebol no Brasil**,<sup>47</sup> de Thomaz Mazzoni, onde se afirma que não é fácil fazer a história do nosso futebol. O jornalista está se referindo sobretudo à escassez de fontes e arquivos organizados para a realização de pesquisas históricas sobre o tema. Para Mazzoni, à medida que o tempo passava, crescia não apenas a história do futebol no país, mas também as dificuldades de estudá-la, principalmente quando se tratava dos seus momentos elementares.

Mazzoni era um italiano que imigrou ainda criança para o Brasil junto com seus pais no início do século XX. Jornalista de profissão, escreveu mais de 20 livros sobre o esporte, sendo um dos primeiros profissionais que se preocuparam em arquivar e trabalhar com a história do futebol. Escrevia para alguns jornais em São Paulo, quando em 1927 lançou o primeiro de seus 22 almanaques esportivos.<sup>48</sup> Era conhecido como *Olimpicus*, devido ao seu conhecimento sobre diversas modalidades esportivas, sendo o futebol sua grande paixão. Destacou-se como um dos principais defensores da tradição e da versão oficial, que sustenta que o futebol foi introduzido em nosso país por um filho de britânicos que teriam migrado para trabalhar em uma companhia de trem instalada na cidade de São Paulo.<sup>49</sup> Nascido em terras tupiniquins, Charles Muller, ao completar nove anos, viajou para a Inglaterra, mais precisamente para a cidade de Southampton, onde terminaria seus estudos.<sup>50</sup> Mazzoni inicia seu trabalho sobre a história do futebol no Brasil afirmando que

Todos os historiadores do nosso futebol são concordes em assinalar o ano de 1894 como sendo o ano da introdução do futebol "*association*" no Brasil, e seu introdutor Charles Miller.

<sup>45</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 60.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894–1950)**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

<sup>48</sup> <http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/04/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo.html> Acesso em 21/04/2012 às 19h13.

<sup>49</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894–1950)**. *op. cit.*, p. 17.

<sup>50</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 22.

Não existe a mínima discordância a respeito entre os mesmos em suas obras publicadas.<sup>51</sup>

Apesar de apontar outros possíveis momentos para a introdução do futebol no país, o autor acredita que os indícios e os vestígios não foram suficientes para a sustentação de uma tese diferente da oficial. As informações não confirmadas levaram o pesquisador a crer que a "[...] data da introdução do 'association' no Brasil é de 1894. Todos os cronistas do nosso futebol, em suas obras, não deixam dúvida alguma a este respeito. E o seu 'pai' foi Charles Muller".<sup>52</sup>

Como Muller foi estudar na Inglaterra em um momento em que o futebol já era bastante disseminado em toda Grã-Bretanha, praticado tanto pelas camadas populares como pelas elites nas escolas e nas universidades, seu contato com o esporte teria sido quase imediato. Na Europa, teria aprendido todos os benefícios físicos e morais possibilitados pelo esporte. Ao retornar ao seu país natal em 1894, o jovem já era um "perito" no *association*, merecendo todo o respeito e admiração dos brasileiros, por ter tido contato com o esporte em terras estrangeiras. Trazendo duas bolas em suas malas, estava dessa forma introduzido o futebol no Brasil.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894 – 1950)**. *op. cit.*, p. 17.

<sup>52</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894 – 1950)**. *op. cit.*, p. 18.

<sup>53</sup> Idem.



**FIGURA 1** - Retrato de Charles Muller. Fonte: MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894–1950)**. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 4.

Para Mazzoni, além de introdutor, Muller teria sido o grande propagador e incentivador do esporte no Brasil. O sucesso do futebol, por aqui, teria sido fruto direto dos esforços seus e de seus amigos, todos jovens da elite da capital paulista. Nesse tipo de abordagem, percebemos que não é só atribuída às elites a introdução do futebol no país, mas também é colocada como

a responsável direta pelo seu desenvolvimento, e posteriormente pelo sucesso alcançado nessa nação.

A busca pelas origens do futebol no Rio de Janeiro acompanhou o mesmo roteiro, mudando apenas alguns aspectos do enredo. Segundo a historiografia tradicional, o introdutor e maior incentivador do esporte teria sido o jovem Oscar Cox, que, assim como Muller, teria sido enviando à Europa para completar os estudos. Nesse caso, ao invés das terras inglesas, o contato com o futebol se deu na Suíça, onde recebera a educação esportiva e toda a motivação para disseminar o esporte no seu retorno ao país de origem.<sup>54</sup>

Em **O negro no futebol brasileiro**, ao fazer uma crítica ao elitismo e ao racismo presente no futebol carioca em seus momentos elementares, Mário Filho segue a mesma lógica da historiografia tradicional, que ajudou construir e popularizar. Falando especificamente das diferenças existentes entre o futebol realizado nas primeiras décadas e o futebol realizado a partir de meados dos anos 20, o autor afirma que

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção.<sup>55</sup>

A citação acima revela que, para Mário Filho, a introdução e o desenvolvimento do futebol na capital carioca foi uma tarefa realizada apenas pelas elites, compostas por pessoas endinheiradas de pele branca. Mesmo se propondo a fazer uma crítica ao elitismo e ao racismo, o autor acaba reforçando a ideia de que coube às elites o papel de popularizar o esporte em nossas terras. Indo além, cria um cenário para a introdução do futebol no Rio de Janeiro, muito parecido com aquele descrito para São Paulo. Mais uma vez o papel de protagonista coube a um jovem endinheirado que foi estudar na Europa, retornando com os materiais, a disposição e o espírito necessários para iniciar uma nova empreitada. Em sua narrativa romântica, o autor afirma que

Oscar Cox trouxera uma bola da Europa, aqui ninguém sabia de nada a respeito do futebol. Tinha sido um custo, quatro anos para organizar um time. À procura de ingleses, todo o inglês tinha obrigação de saber alguma coisa de futebol, à procura de brasileiro que tivesse voltado da Europa, como ele. Ele não estudara na Inglaterra, estudara na Suíça.

<sup>54</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894–1950)**. *op. cit.*, p. 32.

<sup>55</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Maud, 2003, p. 29.

Fora lá em Lausane, no Colégio de La Ville, que ele aprendera futebol. Muito brasileiro estudava na Europa. Era só juntar onze brasileiros que tinham estudado na Europa, formava-se um time.

Pois Oscar Cox levou quatro anos, de 1897 a 1901, para formar um time, cinco anos para fundar um clube. O clube estava ali, era o Fluminense.

Fora difícil formar um time, fundado o clube, transplantar o futebol da Inglaterra para o Brasil. Formado o time, fundado o clube, o futebol estava pegando.<sup>56</sup>

Para Mário Filho, se não fosse os empenhos de Oscar Cox, dificilmente o futebol teria dado certo no Rio de Janeiro, ou pelo menos teria seu desenvolvimento retardado, pois, para que o esporte "pegasse" entre os cariocas, foram necessários anos de muito esforço e perseverança do jovem citado. As etapas que se sucederam, necessárias para o desenvolvimento do esporte, foram todas realizadas por pessoas do mesmo círculo social de Cox, sendo que, quando as camadas populares resolveram participar da brincadeira, tudo já estava feito, tudo já estava criado.

O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. O grande clube sendo uma espécie de universidade. Tudo quanto era professor de futebol ia para lá. Ingleses, brasileiros que tinham estudado na Europa, todos com o seu curso de futebol. Foram eles que trouxeram o futebol para o Brasil, que o passaram adiante, formando clubes. Quem começou antes levando vantagem acentuada. O caso Fluminense.<sup>57</sup>

Mário Filho não só desconsidera uma suposta participação dos negros para o desenvolvimento do esporte, como também valoriza apenas o futebol oficial para construção de sua tese. Quando afirma que, quando os negros resolveram praticar o futebol, os brancos já estavam formados e por isso estavam na frente, desconsidera as outras formas de se praticar o esporte, justamente aquelas desenvolvidas pelas camadas populares. Certamente, antes de pleitear espaço entre as ligas e os campeonatos oficiais elitistas, os populares praticavam o jogo de bola em outros espaços, atribuindo a ele sentidos totalmente diversos dos das elites. Não podemos acreditar que os negros e outros populares só aprenderam a jogar futebol no momento em que entraram para os clubes, ligas e campeonatos oficiais. Acreditamos que a forma na qual os populares praticavam o esporte não era valorizada e reconhecida pelas camadas abastadas da sociedade, que disseminavam a ideia de que eram os únicos responsáveis pelo desenvolvimento do mesmo.

A partir das ideias apresentadas acima, deduzimos que, para a historiografia tradicional e oficial, a história do futebol no Brasil só pode ser entendida a partir da iniciativa de jovens como Charles Muller e Oscar Cox, que, junto com seus parceiros, amigos e familiares,

---

<sup>56</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. *op. cit.*, pp. 37-38.

<sup>57</sup> *Idem*, p. 73.

realizaram os esforços que transformaram o esporte no sucesso e no fenômeno que ele se tornou. Não resta dúvida de que esta visão apresentada acaba omitindo os feitos de outros atores sociais que talvez tenham contribuído até mais para o desenvolvimento do esporte. Leonardo Pereira afirma que:

Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Muller e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original: vindo nos seus primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo o reflexo de uma história mais ampla criada para os primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente.<sup>58</sup>

Sobre esta versão da história do futebol no Brasil, Francisco Carlos Teixeira da Silva<sup>59</sup> também tomou um posicionamento crítico, afirmando que é preciso mediar esses tipos de abordagens com outras narrativas, dando espaço para o surgimento de novas visões e novas possibilidades. Segundo ele;

Tal história do futebol, várias vezes contada e que fez de personagens históricos como Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro - todos com suas origens europeias e embebidos das boas normas britânicas -, os heróis fundadores do futebol brasileiro, deve, contudo, ser mediada com outras narrativas. Talvez menos glamorosas, e menos aristocráticas, outras narrativas sobre as origens do futebol no Brasil apontam para a diversidade das "origens" do esporte no país.<sup>60</sup>

Este trabalho busca seguir a linha apresentada acima, que é a da mediação, pois defendemos que, na formação do futebol oficial da cidade de Salvador, tanto as elites como as camadas populares realizaram um papel ativo, não existindo um único motor nessa história. Concordamos com a visão dos autores acima, pois não negam que o futebol teria sido introduzido no Brasil pelas elites. O que defendemos é que não apenas as elites fizeram parte do processo de desenvolvimento e popularização do mesmo. É a partir dessa premissa que decidimos analisar como se deu esse processo na capital baiana.

"A introdução do futebol na Bahia é quase idêntica (sic) a de S. Paulo".<sup>61</sup> É com esta afirmação que Haroldo Maia começa a contar a história do futebol em terras baianas em sua obra intitulada **Almanaque Esportivo da Bahia**. Fica evidente o esforço do autor de encontrar similaridades na origem do futebol nos dois estados. Acreditamos que essa preocupação surge da necessidade de buscar e enfatizar uma origem "nobre" e "elitista" para a história do futebol

---

<sup>58</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 23.

<sup>59</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. "Futebol: uma paixão coletiva". In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

<sup>60</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>61</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944.

baiano, acompanhando assim, uma tradição do eixo Rio - São Paulo de se contar a história do futebol no Brasil.

Se em São Paulo e no Rio de Janeiro os primeiros heróis do futebol foram respectivamente Charles Muller e Oscar Cox, na Bahia, o escolhido para protagonista foi o jovem José Ferreira Júnior, filho de funcionário do alto escalão de um banco inglês filiado em Salvador. A trajetória sobre a introdução do esporte na Bahia contada por Haroldo Maia é, como ele mesmo afirma, quase igual à de São Paulo. Em narrativa que tem muito de literário, o autor relata que o garoto Zuza teria sido enviado por seus pais para a Europa devido ao seu mau comportamento; lá, então, receberia educação adequada, entrando "nos eixos".<sup>62</sup>

O costume de enviar os filhos para estudar na Europa não era novo entre as famílias abastadas brasileiras. Desde a época colonial, na falta de "bons" colégios e universidades no país, os jovens das elites viajavam para o Velho Mundo, com o objetivo de retornar ao Brasil com um diploma de "doutor" dentro de suas malas. Mesmo nas últimas décadas do século XIX, quando o país já contava com *gynasios* e algumas poucas faculdades, esta lógica permaneceu; além dos estudos, os jovens viajavam para aprender novos costumes, viver em um ambiente moderno e civilizado e, no retorno, compartilhar suas experiências com os que aqui ficaram.

E assim foi. Passaram-se 4 ou 5 anos.

Em 1901, saudoso, o velho Ferreira resolve ir buscar o "filhinho do papá". E partiu... No dia 25 de Outubro, uma 5ª feira, que alegria! Vagaroso, singrava as águas calmas da Bahia de Todos os Santos, o CLYDE da Mala Real e nele, na amurada do convês, apreciando as belezas do nosso presepio, lá estavam de regresso o velho Ferreira e o Zuza, já crescido, com ares de homem, falando grosso e fino e com um sotaque estrangeirado.<sup>63</sup>

O garoto Zuza foi apenas um dos muitos que foram estudar no exterior, o que nos permite supor que ele não tenha sido o primeiro, ou pelos menos o único baiano a ter contato com o esporte até 1901, pois tal atividade já era bastante difundida e utilizada como ferramenta pedagógica no Velho Mundo, sendo a Inglaterra a pioneira nesse processo.<sup>64</sup> Para nós, não importa saber se de fato ele foi mesmo o introdutor do futebol na Bahia. Estamos preocupados em problematizar as versões que tentaram abarcar o processo de introdução e desenvolvimento em nosso estado, com a finalidade de propor outra interpretação para o processo. Se objetivo maior deste trabalho é entender a formação do futebol oficial de Salvador, essas versões da

<sup>62</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944, p. 3.

<sup>63</sup> *Idem*, p. 4.

<sup>64</sup> Ver melhor sobre a trajetória do futebol na Inglaterra em: FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



história não podem ser desprezadas, pois foi justamente sobre este tipo de futebol que elas se debruçaram.

Voltando à narrativa de Haroldo Maia, chama a atenção as semelhanças em relação àquelas criadas para o Rio de Janeiro e São Paulo. Ao nosso ver, o autor carregava a necessidade de encontrar um "Charles Muller" ou um "Oscar Cox" para tornar importante ou atribuir importância aos primeiros chutes de bola em nosso estado. Essa necessidade é tão grande que o autor chega a narrar o desembarque de Zuza na cidade de Salvador, e depois se preocupa em criar um cenário que abarque os primeiros atos do jovem em terras baianas. A ideia que ele nos passa é que Zuza, ao chegar a Salvador, já tinha em mente seu principal objetivo: disseminar o esporte entre os outros jovens baianos. Ao reunir alguns amigos, segue para o Campo da Pólvora com uma bola à mão, e uma série de moleques curiosos o acompanha.

No Campo da Polvora, o ZUZA parou. Formou o grupo no meio do campo. Deu algumas instruções. Todos pegaram na Bola. Que prazer! Corre ZUZA atrás de duas pedras. Acha-as. Coloca-as a uma distância uma da outra, 10 metros, pouco mais ou menos. Estava feito o goal. Em seguida volta ao meio do campo. Divide a rapaziada. Um keeper, dois backs e cinco forwards. Isso feito, dá um lindo shot, verdadeiro foguete. Estava introduzido o futebol na Bahia - 28 de Outubro de 1901.<sup>65</sup>

Haroldo Maia não foi o único a se preocupar com a história do esporte baiano. Mais de vinte anos antes da publicação de seu almanaque, Mario Gama, no artigo **Como os "sports" se iniciaram e progrediram na Bahia**, escrito para compor a edição especial do **Diário Oficial**, que comemorava o primeiro centenário da independência do Estado, revelava um grande interesse pelos *sports* e principalmente pelos benefícios que eles traziam para toda sociedade. Conferindo destaque especial ao futebol, que considera como aquele que mais se desenvolveu entre os baianos, tomando o lugar que pertencia ao *cricket*, o autor revela que

[...] a introdução, entre nós, em 1903, do *foot-ball*, que logo grangeou as sympathias geraes do nosso povo, passou a encara-lo como um como um passa-tempo agradável. Foi o antigo Campo da Polvora, o cenário do primeiro jogo de *foot-ball* (association), levado a effeito por esforços e iniciativa de Arthur Moraes, Alvaro e Juvenal Tarquinio, Gleig, May, e tantos outros amadores de tão lindo ramo de *sport*.<sup>66</sup>

Gama não cita Zuza como o introdutor do futebol na Bahia, nem 1901 como a data referencial. Atribui essa tarefa a outros jovens das elites baianas, como revelou Henrique Santos, que buscou traçar um breve perfil socioeconômico desses e de outros jovens, sempre citados pelos memorialistas como os responsáveis pelo desenvolvimento do esporte em terras

<sup>65</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 4.

<sup>66</sup> GAMA, M. "Como os "sports" se iniciaram e progrediram na Bahia". In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: s.e, 1923, p. 319.

baianas.<sup>67</sup> No avançar das linhas, Gama revela ainda mais forte a sua opção elitista, pois encara o período em que a principal liga da cidade vivia um momento de transformação – devido, entre outros motivos, à saída de alguns clubes da elite e à introdução de clubes menos elitistas e populares – como de decadência e quase extinção. Gama só volta a ver progresso e sucesso no esporte no momento em que os clubes das elites retornam à liga e voltam a disputar os campeonatos.<sup>68</sup>

No ano de 1930, em nota especial criada para comemorar mais um aniversário do jornal **E.T.C.**, o redator realiza uma abordagem sobre a breve história do futebol no Brasil e na Bahia. Após fazer uma descrição dos primeiros anos do futebol no sudeste, lê-se:

[...] anos depois, isto é, em 1903, graças aos esforços de Arthur de Moraes, Zuza Ferreira, Alvaro e Juvenal Tarquínio, Gleig, May e muitos outros, foi elle introduzido triumphalmente na Bahia.  
Os bahianos, que, até então, apreciavam o *cricket*, abandonaram esse esporte pelo *foot-ball*, que passou a ser praticado com raro entusiasmo.<sup>69</sup>

Se olharmos de forma despreziosa esta citação, podemos supor que o jornal apenas reproduziu a história contada anos antes por Mário Gama. De fato, as semelhanças entre as informações prestadas pelo periódico e aquelas presentes no artigo de Gama são de proporções consideráveis, levando a supor que os jornais reforçavam a versão de que provinham das elites os grandes protagonistas responsáveis pelo sucesso do esporte. Entretanto, além de colocar Zuza Ferreira entre os esforçados jovens que "triumfalmente" introduziram o futebol na Bahia, o autor aponta que "muitos outros" fizeram parte desse processo. Ao falar em "muitos outros", poderíamos acreditar que o jornal estaria falando de indivíduos oriundos das camadas populares, sendo que não seria necessário citar seus nomes. Por outro lado, continuando a leitura, temos a importante revelação de que os primeiros jogadores eram "[...] distintos moços da nossa melhor sociedade"<sup>70</sup>. É claro que negros e pobres não estavam incluídos no grupo de participantes delimitado pelo jornal.

Sem informar quais foram as fontes utilizadas para a construção de tais afirmações, memorialistas como Haroldo Maia, Mário Gama e inúmeros outros que escreveram em revistas e em jornais acabaram criando uma história semelhante àquelas produzidas no eixo Rio/São Paulo; estórias que estavam sempre na busca dos grandes personagens e atribuindo somente às elites o desenvolvimento do futebol em nosso país.

<sup>67</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. *op. cit.*, pp. 45-46.

<sup>68</sup> GAMA, M. *“Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia”*. *op. cit.*, p. 320.

<sup>69</sup> Jornal **E.T.C.** 9 de julho de 1930, p. 27.

<sup>70</sup> Jornal **E.T.C.** 9 de julho de 1930, p. 27.

Ora, se a versão oficial sobre a introdução do esporte no Brasil buscou eleger heróis e atribuir aos jovens de famílias ricas o papel pela disseminação do esporte, na Bahia, a história não poderia ser contada de outra forma. Para que realizassem uma história de valor e de importância comparada às sulinas, os primeiros "historiadores" do futebol na Bahia também atribuíram às elites o sucesso deste esporte em nosso Estado e quase sempre procuraram eleger e venerar seus heróis.

A posição desses memorialistas de sempre associar o jogo da bola às elites nos faz pensar a importância do esporte para aquela sociedade que almejava por modernidade e novos costumes. O futebol foi associado às elites porque era entendido como algo nobre e que tinha um sentido relevante e distintivo numa sociedade que ansiava por mudanças. Sendo assim, não podemos acreditar que o futebol era uma simples atividade de lazer, já que temos indícios de que sua função era muito mais complexa.

Indo de encontro aos memorialistas, defendemos que o desenvolvimento do *foot-ball* na capital baiana não deve ser atribuído apenas aos esforços de alguns jovens que, lutando contra todas as condições adversas, perseveraram bravamente nessa labuta. Pelo contrário, reunimos elementos para afirmar que havia em Salvador um ambiente propício para o desenvolvimento desse e outros esportes, pois, se existiam dificuldades materiais que impossibilitavam a realização da prática tal qual era realizada na Europa, não faltava criatividade aos *sportmen*, como também pessoas dispostas a elogiar, apoiar, incentivar e propagar a empreitada, desde que esse futebol significasse modernidade e mudança.

### **O jogo pensado: os esportes enquanto ferramentas de transformação**

A preocupação com a modernidade e o uso dos esportes a fim de contribuir para o progresso do país não era uma exclusividade baiana, sendo preocupação do próprio governo federal. Com a preocupação de formar jovens disciplinados e educados nos bons costumes, o presidente Prudente de Moraes, no decreto 2.857, de 30 de Março de 1898<sup>71</sup>, aprova o regulamento para o *Gymnasio Nacional* e ensino *secundário* nos Estados. No dia 13 de abril de 1898, o jornal baiano **Correio de Notícias** publica o título II do decreto, que diz respeito às obrigações dos alunos. No capítulo II, que trata da disciplina escolar, fica evidente a importância que os esportes deveriam ter na disciplina dos alunos. O artigo 37 delimita que

---

<sup>71</sup> **Decreto nº 2.857, de 30 de Março de 1898.** <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2857-30-marco-1898-506934-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 26/09/2011 às 22h20.

São permitidos como jogos escolares: a barra, a amarella, o foot-ball, a peteca, o jogo da bola, o cricket, o lawn-tennis, o croquet, corridas, saltos e outros, que, a juízo do director, concorram para desenvolver a força e destreza dos alumnos, sem pôr em risco a sua saúde<sup>72</sup>.

Vários destes esportes já eram praticados na cidade de Salvador, sendo bem provável que em algum colégio de elite de Salvador o futebol já tivesse sendo praticado antes da chegada de Zuza Ferreira. Se não havia a prática, havia pelo menos a indicação e o conhecimento sobre o futebol e seus benefícios.

É possível perceber que havia um sentido pedagógico para a prática de esportes entre as elites na cidade de Salvador. Com isso, mostraremos que o sucesso e a popularização desse esporte não se deu devido aos esforços individuais e garra de jovens apaixonados como Zuza Ferreira; um contexto favorecia seu desenvolvimento, desde a prática elitista às apropriações realizadas pelas camadas populares.

Governo, autoridades locais, imprensa, empresários, comerciantes, médicos, professores e estudantes, todos eles contribuíram de forma significativa para o sucesso do esporte desde os primeiros anos, sendo que alguns destes já pregavam seus benefícios na cidade de Salvador, antes mesmo do retorno de Zuza Ferreira. Estes grupos apoiavam o esporte enxergando aí uma ferramenta de transformação da sociedade. Pouco tempo depois, se somariam a estes os grupos dos populares, que, com formas de jogar próprias, tiveram relevante importância para a consolidação do esporte.

O apoio concedido às práticas esportivas devido à busca por modernidade não era exclusividade da sociedade soteropolitana. Em seus estudos sobre os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro, Victor Andrade de Melo afirma que já desde a chegada da Família Real, em 1808, e principalmente depois da independência, iniciou-se no Brasil um processo de "[...] busca de consonância e identificação com países da Europa".<sup>73</sup> Observa-se então uma necessidade de civilizar o país, na tentativa de torná-lo semelhante aos países europeus. Como capital, o Rio de Janeiro seria a primeira cidade a realizar essas mudanças, constituindo-se logo cedo em um cenário fértil para o desenvolvimento das práticas esportivas, que entre outras, eram consideradas civilizadoras.

Dentro do grupo dos que acreditavam que o futebol e os esportes deveriam desenvolver uma função especial e importante na sociedade baiana, destacamos os médicos e doutores da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Os doutores da FAMEB se dedicaram a analisar e

---

<sup>72</sup> BPEBa, **Correio de Notícias**, 13 de abril de 1898, p. 1.

<sup>73</sup> MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001, p. 14.

discutir a prática de atividades físicas e esportes, com o objetivo de mapear quais benefícios poderiam fornecer para a Bahia e para o Brasil. Segundo Lilia M. Schwarcz, os médicos da FAMEB estavam entre os

[...] obscuros "homens de ciência" que em finais do século XIX, e no interior dos estabelecimentos em que trabalhavam, tomaram para si a quixotesca tarefa de abrigar uma ciência positivista e determinista, e, utilizando-se dela, liderar e dar saídas para o destino desta nação.<sup>74</sup>

Com a difícil tarefa de traçar o destino da nação, alguns médicos baianos enxergaram na prática de esportes e atividades físicas, entre elas a prática do futebol, um caminho viável para solucionar os problemas detectados na sociedade brasileira. Estes profissionais viviam o dilema de aceitar as teorias deterministas estrangeiras que já condenavam a sociedade brasileira por estar miscigenada, ou promover uma apropriação dessas ideias, adaptando-as à realidade local, a fim de descobrir caminhos viáveis para o futuro do país.

Mary Del Priore revelou que, antes da chegada do esporte, algumas atividades físicas já eram alvo dos olhares médicos, que quase sempre buscavam um sentido medicinal ou pedagógico para as mesmas.<sup>75</sup>

A equitação, por exemplo, que começou como uma atividade associada ao trabalho e ao transporte, passou a ser utilizada como atividade de lazer, tornando-se comum entre as elites cariocas. Estava sempre sob o olhar das autoridades pedagógicas, que trabalhavam para mudar não apenas a paisagem e o espaço, mas também os costumes.<sup>76</sup> Com efeito, pode-se observar, pelas gravuras do século XIX, que os nobres e ricos montavam de forma que os distinguissem daqueles que usavam dos animais para o trabalho e o transporte.

A cidade de Salvador deu início a um processo de civilização e modernização inspirado no movimento que acontecia na capital brasileira. O movimento soteropolitano não foi uniforme e linear, sendo mais perceptível através de algumas erupções históricas. Nas últimas décadas do XIX e nas primeiras do XX é que este processo vai se intensificar. Neste contexto, na Bahia, os esportes e as atividades físicas institucionalizadas foram chegando de forma semelhante àquela que se verificou no Rio de Janeiro, com importações dos modismos e dos costumes europeus. Aqui, estas práticas foram apropriadas, passando por um processo de transformação e ressignificação, cujos sentidos variavam de acordo com os grupos sociais envolvidos.

---

<sup>74</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 18.

<sup>75</sup> DEL PRIORE, Mary. "Jogos de cavalheiros": as atividades físicas antes da chegada dos esportes. In. (orgs) DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 31.

<sup>76</sup> Idem.

Se a prática de atividades físicas e esportes não era algo comum na vida dos jovens das elites soteropolitanas na última década do século XIX, no mínimo já se fazia presente na vida de muitos deles. As atividades físicas não eram praticadas apenas como uma forma de culto ao corpo, ou apareciam como mais uma alternativa de lazer para as elites. Eram observadas em escolas, colégios e clubes específicos, tendo seus significados complexos e um objetivo evidente: contribuir para a formação de pessoas civilizadas e sadias. Se, devido ao acontecimento de surtos de epidemias que dizimaram milhares de pessoas na Bahia durante a segunda metade do século XIX, os médicos baianos passaram a se preocupar cada vez mais com a "higiene social" e a saúde física e mental da população, os estudos destas práticas importadas eram de muita importância, pois acreditavam que elas poderiam ser a solução para uma sociedade limpa, sadia e moralizada.

A saúde pública e o desenvolvimento do homem e da mulher baiana era algo central entre as preocupações dos médicos baianos. Segundo Schwarcz, que estudou os periódicos da **Gazeta Médica da Bahia**, o assunto ou tema principal estudado pelos médicos baianos era a "higiene publica", que compreendia, além da epidemiologia, temas como o saneamento, higienização, demografia e meteorologia.<sup>77</sup> Neste contexto, os médicos acreditavam que os esporte ingleses, recheados de normas e regras, poderiam se constituir em uma chave para a prevenção de moléstias, auxiliando no controle da saúde coletiva e no desenvolvimento de um corpo mais forte.

De modo geral, a prática de esportes era motivo de reflexão e tinha um papel social estabelecido naquela sociedade, e o futebol não estava fora disso. As elites estavam preocupadas em civilizar e modernizar a capital da Bahia. Isto significava repudiar alguns costumes tidos como atrasados e buscar novas práticas que eram consideradas nobres e educativas. João Reis mostra que as autoridades públicas e parte das famílias ricas de Salvador já se preocupavam com ideais de civilização e criticavam alguns costumes tidos como atrasados desde as primeiras décadas do século XIX.<sup>78</sup>

A Europa sempre serviu de espelho para as elites brasileiras na busca de ideais de civilização e modernização. Na última década do século XIX, a recém-criada República brasileira tomou como umas das tarefas modernizar o país, com o objetivo de jogar para o passado tudo que lembrasse o Império, assim como as origens portuguesas, indígenas e africanas. As transformações começaram pela capital, cartão de visitas para os estrangeiros,

---

<sup>77</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 204.

<sup>78</sup> REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

realizando a vaidade das elites que prosperavam com o café, a pecuária, o comércio e a indústria incipiente. As autoridades públicas iniciaram um processo de urbanização da cidade aos moldes daquele realizado na cidade de Paris, apropriando-se então de uma série de costumes importados.

A *Belle Époque* carioca acabou sendo generalizada para diversos outros centros do país. Entretanto, no caso baiano, enxergamos este processo de modernização como múltiplo, diverso e complexo, pois vários países, inclusive não europeus, serviram de espelho para a forjamento de uma Bahia civilizada. Em algumas ocasiões, a França parecia não ser tão agradável, por exemplo, aos olhos de alguns intelectuais baianos que de alguma forma tinham ligações com a FAMEB. A edição de julho de 1899 da **Gazeta Medica da Bahia** publicou uma matéria sobre os problemas físicos e morais criados pelo álcool em alguns países da Europa. Após analisar alguns trabalhos realizados em um congresso, o autor afirma:

A impressão que se tira dos trabalhos que accuparam a atenção do congresso é que a França caminha em terrível senda de degradação physica e moral e acabará por chegar no ultimo termo da miseria, se uma propaganda poderosa não conseguir a tempo conjurar o perigo, que de geração em geração se vai agravando.<sup>79</sup>

Talvez esta representação sobre a França estivesse influenciada pela posição de inferioridade política e econômica em relação a outros países europeus. Entretanto, independentemente de estar experimentando ou não um período de degradação física e moral, o que importa aos efeitos desta reflexão é que, para alguns intelectuais baianos que buscavam ideais de civilização para a Bahia, não poderia servir de exemplo para a educação dos jovens abastados.

Sendo assim, buscaram na Inglaterra as práticas adequadas e os ideais de civilização necessários para as desejadas mudanças nos costumes. Segundo Hilário Franco Junior, quando os ingleses derrotaram as tropas de Napoleão em 1815, teve início um século de predomínio político, econômico e cultural britânico.<sup>80</sup> Através de sua política imperialista, a Inglaterra acabava difundindo seus costumes pelos países com quem mantinha contato, inclusive o Brasil. Sua posição no cenário mundial no século XX certamente influenciava a sua escolha como "civilização modelo" para as demais nações do mundo ocidental.

Os esportes ingleses que passaram a ser praticados na Bahia pelos membros das famílias ricas apresentavam uma série de diferenças em relação as demais práticas populares. Eram apoiados pela alta sociedade e pelas autoridades que apreciavam seus potenciais pedagógicos.

<sup>79</sup> **Gazeta Medica da Bahia**, n° 1, ano 31, julho de 1899, p. 29.

<sup>80</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 27.

Estimulavam o espírito coletivo, a disciplina e o respeito à ordem estabelecida, pois reuniam uma série de regras escritas que deveriam ser seguidas. Estas regras exploravam desde a disciplina na ocupação de espaços, ao respeito dos *sportmen* em relação aos seus adversários. Esportes coletivos e de contato como o futebol deveriam ser rigorosamente disciplinados, pois só assim poderiam cumprir o papel desejado. Também eram importantes para a preservação do físico e conservação da saúde física e mental.

Neste cenário, em 1900, Carlos Antonio Pitombo defendeu uma tese na Faculdade de Medicina da Bahia intitulada **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância prophylactica**<sup>81</sup>, na qual buscava analisar os exercícios em função de seus benefícios para a saúde física e mental, e principalmente seu papel na prevenção de doenças e a propagação de moléstias que se colocavam como um grande obstáculo para o progresso da sociedade.

Segundo Henrique Sena dos Santos, na Bahia, mesmo que timidamente, "[...] algumas atividades esportivas existiam desde o segundo quartel do século XIX a exemplo do turfe e do críquete praticado por ingleses residentes na capital baiana".<sup>82</sup> Citando alguns memorialistas da cidade, Santos afirma que os ingleses, além de pioneiros na prática de esportes, também foram os primeiros a fundar clubes e associações esportivas que acabavam atraindo as atenções das elites, sobretudo dos jovens abastados. Muitos desses mancebos tornar-se-iam estudantes da FAMEB, o que pode ajudar a explicar a estreita relação mantida pelos médicos com o universo esportivo. Vale lembrar que alguns membros da FAMEB não apenas estudaram o tema, como também eram praticantes de esportes e atividades físicas, vindo a representar um dos grupos responsáveis pelo desenvolvimento do futebol na cidade de Salvador.<sup>83</sup> Considerando a importância dessas fontes no desenvolvimento da nossa pesquisa, estendemos as considerações sobre as teses da FAMEB por várias páginas seguintes, para então retomarmos nossa problemática central.

Em um ambiente caracterizado pela busca por civilização e modernidade, com a necessidade evidente de controlar o que já se conceituava como a saúde pública, os estudos sobre as atividades físicas estavam relacionados aos temas da *Cadeira de Hygiene*, mais precisamente incluídos no grande tema da *Hygiene Social* ou *Hygiene Pública*. Entre as teses que estudamos, a primeira que abre espaço para uma discussão mais aprofundada da temática

---

<sup>81</sup> PITOMBO, Carlos Antonio. **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância prophylactica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900.

<sup>82</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. *op. cit.*, p. 29.

<sup>83</sup> *Idem*, p. 33.



é a intitulada **Hygiene Escholar**, defendida por Francisco Lobo no ano de 1895, a fim de receber o título de Doutor em Medicina. Ao justificar um trabalho médico-social sobre a aplicação da higiene das escolas, Lobo afirma que

[...] a aplicação da hygiene á eschola, assumpto importantissimo, do qual depende a resolução do mais difficil problema social, qual o de preparar a geração que surge para com o patriotismo corrigir os erros do presente, que não são poucos, e elevar a patria à altura que ella merece no quadro das nações civilizadas.<sup>84</sup>

Sua preocupação recaía sobre a necessidade de defender a importância dos estudos sobre a organização escolar segundo preceitos higiênicos. Todo país civilizado deveria se preocupar com esta questão. Sendo assim, era necessário este tipo de discussão no Brasil, pois nas escolas estavam sendo formados os futuros administradores dessa sociedade. Além de proteger o desenvolvimento da criança, esse tipo de estudo visava fornecer instrução e educação suficientes, para que no futuro pudessem desempenhar o papel que lhes seria destinado naquela sociedade.

Ao fazer esse tipo de análise, os médicos baianos não repetiam ou copiavam as teorias estrangeiras, pois a maioria delas já tinha condenado o futuro do Brasil em decorrência da visão alimentada acerca da miscigenação.<sup>85</sup> Não concordando com esse tipo de posicionamento, alguns médicos baianos buscaram a todo custo solucionar os problemas que se colocavam como obstáculos para o desenvolvimento da nação.

Entre os assuntos higiênicos que deveriam ser trabalhados em sala de aula, a educação física e a prática de exercícios físicos se destacavam entre os que interessavam aos estudiosos da FAMEB. Para eles, um país civilizado cuidava do corpo e da mente dos seus filhos. Sendo assim, não poupavam o governo de críticas, pois não dava a atenção merecida a esta questão. Segundo os médicos, se o Brasil vivia uma ânsia por modernidade, desejando se tornar civilizado como algumas nações europeias, era necessário primeiramente investir na prática de exercícios físicos, pois eles seriam capazes de transformar a sociedade. Acreditavam que estas práticas tinham a capacidade de agir em várias áreas, como a social, a física, a mental e a moral.

Lobo denuncia o descaso das autoridades brasileiras com a educação física, afirmando que ela tem sido por aqui "[...] completamente descuidada, porque acreditam que instrução é suficiente, quando, se é verdade que por esta se esclarece o entendimento, só pela educação forma-se o caracter do indivíduo".<sup>86</sup> Seria impossível separar as íntimas relações entre a organização física, moral e intelectual, e o desprezo de uma certamente acaba afetando o

---

<sup>84</sup> LOBO, Francisco. **Hygiene Escholar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895, p. 11.

<sup>85</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 62.

<sup>86</sup> LOBO, Francisco. **Hygiene Escholar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895, p. 2.

desempenho da outra. Assim, os brasileiros deviam seguir o exemplo dos países europeus, que valorizavam as atividades físicas, buscando a perfeição.

Sobre os médicos baianos que escreviam na **Gazeta Médica da Bahia**, com destaque para Nina Rodrigues, Lilia Schwarcz afirmou que "[...] utilizando modelos social-darwinistas, esses cientistas farão uma leitura original da realidade nacional ao apontar o cruzamento como o nosso maior mal, ao condenar a hibridação das raças e sua conseqüente degeneração".<sup>87</sup> É verdade que muitos médicos condenaram a hibridação e enxergaram nela o fim das esperanças para o progresso da nação. Nem todos, contudo, compartilhavam e acreditavam nessas ideias, sendo que muito antes de Nina Rodrigues condenar o futuro do povo brasileiro devido à miscigenação, alguns médicos trabalharam em seus gabinetes e laboratórios para apontar possíveis futuros menos pessimistas e fatalistas para a nação.

Algo comum entre os trabalhos que estudavam as atividades físicas e os esportes era apresentar um panorama histórico dessas práticas, mostrando como, desde a Antiguidade, tanto homens civilizados como bárbaros perceberam sua importância para o desenvolvimento de uma sociedade forte. Seja com o ensino da ginástica na busca por corpos atléticos, seja no ensino de exercícios militares para a obtenção de guerreiros, defendiam que as atividades físicas sempre foram aliadas das nações e dos impérios que se destacaram ao longo da história.

Com esta forma de pensar, os médicos acreditavam que, para além dos fatores genéticos, os fatores culturais influenciavam na formação de uma raça. Nesse sentido, levando em consideração e ao mesmo fazendo adaptações da teoria da evolução de Darwin, todas as raças estariam em processo de evolução, transformação e formação. Essas possibilidades teóricas e hipóteses estimulavam os médicos baianos a acreditar na viabilidade de uma nação miscigenada. Se o Brasil desejasse ser grande como os países europeus, seria preciso mudar a cultura, a forma de pensar a educação, investindo nos estudos relacionados a educação física que estimulariam o desenvolvimento do corpo e da raça.

O pessimismo dos médicos baianos não estava relacionado ao fatalismo e à inviabilidade do desenvolvimento do Brasil presentes nas teorias europeias. O pessimismo desses cientistas recaía sobre a falta de interesse do governo e do poder público de aplicar na sociedade as medidas urgentes necessárias à transformação da sociedade.

Segundo Lobo,<sup>88</sup> a decadência orgânica e moral de sua geração acontecia devido à falta de exercícios físicos como a ginástica, concebida como a base da educação física, não sendo um problema genético ou de inferioridade racial. A ausência de outras atividades auxiliares,

---

<sup>87</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 208.

<sup>88</sup> LOBO, Francisco. **Higiene Escholar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895.

como o passeio, a carreira, o salto, a natação e os exercícios militares, tornavam a situação ainda mais complicada. Para o autor, enquanto os países civilizados buscaram corrigir essa situação de degradação, as autoridades brasileiras ainda não conseguiam enxergar os benefícios e utilidades dessas atividades para as próximas gerações, comprometendo o futuro da nação. Indo além, Lobo afirma que

[...] não é só a falta da educação physica que temos a notar em nossas escholās; n'ellas tudo falta e podemos affirmar sem receio de sermos contestados que longe estão de preencher os fins a que são destinadas. Desde o edificio até os programmas tudo está em opposição n (sic) anifesta aos preceitos scientificos.<sup>89</sup>

Quando estudou os médicos da FAMEB, Lilia Schwarcz chamou a atenção para visões pessimistas que estes tinham sobre a sociedade brasileira, devido a miscigenação e a presença dos africanos. A autora afirma que

Tão radicais quanto o pessimismo das premissas eram, porém, as saídas alardeadas pelos médicos baianos em meados dos anos 20. Se existia uma parte da população que poderia ser "saneada e regenerada", outra se encontrava irremediavelmente enferma e era em nome dela que as medidas mais extremas eram propostas.<sup>90</sup>

Fica claro que os médicos baianos eram pessimistas em relação ao futuro da nação devido ao grau de degeneração racial que se encontrava o povo. Sem aprofundar muito, Schwarcz cita um artigo que, segundo a autora, trazia uma novidade, pois "[...] concentrava-se não na reafirmação de nossa 'situação racial decaída', mas no alento à 'regeneração'".<sup>91</sup> Ao nosso ver, o artigo publicado em 1923 não trazia novidade, pois quase 30 anos antes, alguns médicos baianos defendiam o mesmo ponto de vista em teses defendidas na FAMEB. Nessas teses, a educação física e a prática de esportes não constavam como umas entre outras soluções, mas a solução que se apresentava para a regeneração do povo, sendo indispensáveis para o sucesso da nação.

Sobre o artigo citado acima, Schwarcz não o entendeu apenas como uma novidade, mas como o propulsor de uma nova forma de pensar, pois afirma que "a partir desse trabalho, outras propostas eugenistas são apresentadas. As soluções eram muitas e bizarras. Em 1923, um artigo defendia a introdução da educação física como forma de obter a perfeição humana: '*mens sana in corpore sano*' (GMB:39)".<sup>92</sup> Concordamos com a autora quando afirma que enxergar a educação física como forma de obter o melhoramento do povo e da raça é algo bizarro, se

<sup>89</sup> LOBO, Francisco. **Hygiene Escholar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895, p. 3.

<sup>90</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 216.

<sup>91</sup> *Idem*, p. 215.

<sup>92</sup> *Idem*.

levamos em consideração que vivemos em um outro tempo. Porém discordamos quando afirma que essas teses só surgiram em 1923 a partir das discussões sobre eugenia. Talvez essa conclusão equivocada por parte da autora tenha sido ocasionada pelas fontes que utilizou. Ao trabalhar com o periódico da FAMEB e não com as teses que eram produzidas na instituição, Schwarcz teve acesso limitado às informações, chegando a conclusões errôneas e equivocadas.

Desde o fim do século XIX, os médicos baianos já enxergavam uma solução para o povo brasileiro através da educação física e da prática de esportes. Francisco Lobo não foi o único portador dessas ideias. Outro intelectual que dedicou suas atenções ao estudo da aplicação da higiene nas escolas e buscou investigar a importância dos exercícios físicos e da prática de esportes nesse contexto foi José Lopes Patury, médico alagoano residente na Bahia. Em sua tese **Hygiene Escholar**,<sup>93</sup> afirma que estudar essas questões é também preocupar-se com o bem estar social, o futuro da nação e o engrandecimento de um povo.

Patury não acreditava que o Brasil estivesse condenado ao fracasso devido à miscigenação e hibridação. Influenciado pelo determinismo social, mas fazendo uma leitura própria do mesmo, o médico acreditava que a escola deveria constituir-se como um meio eficaz para o aprendizado da educação física, moral e intelectual, preparando a criança para "[...] uma vida completa, como membro da família, da pátria e da humanidade".<sup>94</sup> Seu objetivo era criar um manual apoiado em um método claro e racional, que auxiliasse no desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais das crianças, tornando-as fortes, dóceis e instruídas, assegurando para a pátria a civilização e o progresso: "[...] Um povo mal educado não pode constituir uma pátria feliz, forte e instruída".<sup>95</sup> Para que a educação fosse correta e o futuro da nação estivesse garantido, fazia-se necessário incentivar a prática de esportes e atividades físicas. Sem o desenvolvimento dessas faculdades, jamais poderíamos chegar ao patamar dos países civilizados.

Para Patury, a necessidade da realização metódica e compulsória de atividades físicas e esportes era maior em uma nação como a brasileira, marcada pela miscigenação. Segundo ele, o Brasil estava atrás dos países europeus devido à inferioridade racial. Sendo assim, instruir intelectualmente as pessoas não bastava para mudar a realidade social do país; seria necessário investir em outras atividades e práticas que garantiriam o melhoramento da raça, garantindo o

---

<sup>93</sup> PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898.

<sup>94</sup> PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898, p. 4.

<sup>95</sup> PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898, p. 4.

futuro da nação. Nesse sentido, fomentar a realização de atividades físicas entre as crianças no ambiente escolar era algo essencial para gerar o progresso brasileiro. O autor afirma:

Não basta, portanto, instruir o povo, é necessario ainda conservar, augmentar e melhorar a raça. E, pois, sobre as leis physiologicas e moraes da cultura das raças que deve repousar a educação, criando heranças uteis, physica e moralmente; assegurando assim o desenvolvimento da raça e, conseguintemente, o da nacionalidade, o da patria.<sup>96</sup>

O que nos chama a atenção na sua tese é que, mesmo reconhecendo que os brasileiros fazem parte de uma raça inferior, o autor não acredita que esse fato seja culmine no fracasso do país enquanto uma nação civilizada. O Brasil ainda tinha solução, e essa se localizava no fomento à prática esportiva, como o futebol. Patury não acreditava no progresso do país e no desenvolvimento da sociedade sem uma mudança drástica nos costumes físicos e morais.

Se o Brasil, na corrida pela civilização, já largava atrás dos países europeus em virtude do aspecto racial, não bastava apenas educar o povo, mas desenvolver também o seu corpo, o que para alguns médicos significava melhorar a raça e garantir um futuro melhor. Patury defendia que só com o corpo desenvolvido o homem seria capaz de desenvolver todas as faculdades do cérebro; do contrário, aconteceria um processo de regressão.

Ao defender essas ideias, os médicos baianos mostram que não eram meros copiadores e reprodutores das teorias europeias. Eram homens de ciência, que atribuíam ao futebol e a outras práticas esportivas papéis importantes a serem desempenhados no processo de civilização e evolução nacional. Esse ambiente nos ajuda a pensar o futebol não apenas como uma simples atividades de lazer. Cremos que em seus primeiros anos, pelos menos para parte da elite soteropolitana, o futebol e outros esportes eram entendidos como caso de saúde pública e higiene coletiva, pois o futuro da nação estava diretamente ligado ao sucesso dos mesmos.

Além de analisar e pesquisar o futebol, os médicos e estudantes de medicina foram um dos primeiros grupos a se interessar pela prática do esporte na capital baiana. Não é obra do acaso o fato de o primeiro clube criado e destinado à prática do jogo da bola contar entre seus membros estudantes da Faculdade de Medicina. Além de pioneiros na prática esportiva, foram também os primeiros a criticar as formas populares de se jogar o *foot-ball*, pois segundo eles, essas práticas populares em nada acrescentavam para a saúde do corpo e a civilização dos costumes.

Para os intelectuais da FAMEB, era necessário uma transformação de todo o ensino público no país, o que estaria relacionado a uma mudança na própria forma de pensar e agir dos

---

<sup>96</sup> PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898, p. 5.

governantes. Defendiam a construção de colégios e *gynasios* que reservassem espaços para a prática de atividades físicas, dotados de todos os aparelhos e móveis que auxiliassem no processo. Segundo Patury, o acúmulo de ideias abstratas ou a educação puramente intelectual que recebiam as crianças brasileiras eram altamente prejudiciais para a sociedade. Na fase de desenvolvimento da criança e no processo de formação do homem adulto, era necessária a prática de atividades físicas, para evitar o enfraquecimento das faculdades individuais e, como consequência direta da lei da seleção natural, o depauperamento e o aniquilamento da raça.

Baseado nas ideias de Alfred Fouillée, que defendia que o equilíbrio físico era a base do equilíbrio mental, Patury afirma que "[...] a força mental e moral aumenta na razão directa do desenvolvimento geral do organismo. É preciso, pois, que excitemos esse desenvolvimento por meio da educação *physica*".<sup>97</sup>

Patury defendia para o Brasil o "forçamento" de uma nova seleção natural, com o forjamento de um homem desenvolvido por completo. Eles seriam os responsáveis pelo progresso, pela civilização dos costumes e pela prosperidade. Como as gerações herdavam as fraquezas dos antepassados, era preciso iniciar uma nova seleção promovida pelo desenvolvimento físico e mental, no qual só os fortes sobreviveriam. Esse melhoramento racial seria a única forma de mudar a realidade brasileira.

Médicos como Patury acreditavam que o brasileiro era fruto de uma raça em transformação. Em outras palavras, para eles era possível desenvolver os brasileiros, tornando-os tão superiores como ingleses e arianos. Esses intelectuais recusavam os modelos prontos produzidos na Europa, como o de E. Renan, que condenava o progresso brasileiro devido à miscigenação. Schwarcz afirma que

Para E. Renan (1823-92) existiram três grandes raças - branca, negra e amarela - específicas em sua origem e desenvolvimento. Segundo esse autor, os grupos negros, amarelos e miscigenados "seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso" (Renan, 1872/1961). Utilizando a noção de "raças não perfectíveis", Renan apoiava o argumento poligenista, tendo como pano de fundo a crítica ao ideal humanista da unidade e ao conceito de "perfectibilidade" em Rousseau. A radicalidade dessa concepção chegava à própria negação do darwinismo, na medida em que duvidava não só de uma origem comum dos homens, como da possibilidade de se prever um destino conciliável.<sup>98</sup>

Ao analisar as teses da FAMEB, percebemos que alguns médicos baianos eram "homens de ciência" que pensavam e projetavam um futuro para a sociedade baiana. No que diz respeito

<sup>97</sup> PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898, p. 6.

<sup>98</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 62.

a esta constatação, compartilhamos do pensamento de Schwarcz, que defende a originalidade da produção dos médicos brasileiros, não os considerando meros repetidores das teorias europeias. Nesse sentido, a autora afirma que mais interessante é "[...] refletir sobre a originalidade do pensamento racial brasileiro, que, em seu esforço de adaptação, atualizou o que combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial país".<sup>99</sup> Condenar o país ao fracasso devido à questão da miscigenação e da hibridação era algo muito doloroso para esses profissionais. Sendo assim, não pouparam esforços para solucionar o problema brasileiro. E entre as soluções pensadas, estavam a prática do futebol e de outros esportes ingleses que estimulassem o corpo, a mente e o espírito.

Dois anos depois da publicação de Patury, o baiano da cidade de Caravelas Carlos Antonio Pitombo defendeu a tese **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importancia prophylactica**. Esse trabalho nasceu da ideia de que a humanidade deveria se preocupar mais em evitar as moléstias do que em aprender a curá-las. Pitombo critica principalmente a falta de higiene nos estabelecimentos de educação e instrução da Bahia e o desprezo pela educação física no Brasil, sendo que, para o nosso progresso, essas questões mereciam total atenção das autoridades em caráter de urgência. A situação deplorável em que se encontravam os internatos devia-se, entre outros motivos, aos maus hábitos enraizados na sociedade. Segundo o médico, "[...] em vez de receberem os alumnos educação physica, moral e intellectual, afim de serem uteis a si mesmos e á sociedade, tornam-se depauperados ou doentes, inuteis e prejudiciaes á sociedade".<sup>100</sup>

Após realizar uma espécie de história dos exercícios físicos e da prática de esportes, tentando alertar para a importância da realização desse tipo de atividade para o futuro do Brasil, Pitombo afirma que por garantir em força e resistência ao organismo, os exercícios físicos são assunto de primeira ordem nos países civilizados como medida higiênica e terapêutica. Seriam indicados para salvar a humanidade do estado decadente que se encontrava, justamente pelo desprezo dado ao trabalho muscular. Propunha trabalhar regularmente todos os órgãos, para que não houvesse um desequilíbrio funcional. Enfim, tornava-se essencial para o desenvolvimento do homem e da raça a prática de exercícios físicos.<sup>101</sup>

Assim como Patury, Pitombo acreditava que o problema da sociedade brasileira também era racial e, para resolvê-lo, seria preciso melhorar a raça através do desenvolvimento físico. O

<sup>99</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. *op. cit.*, p. 21.

<sup>100</sup> PITOMBO, Carlos Antonio. **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importancia prophylactica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900, p. II.

<sup>101</sup> PITOMBO, Carlos Antonio. **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importancia prophylactica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900, p. 10.

brasileiro era doente e inferior, entre outros motivos, por não ter desenvolvido o hábito de praticar exercícios físicos. O médico defende que "[...] o gosto dos Anglo-Saxões pelos exercícios *physicos* é indubitavelmente uma das principais causas da superioridade da sua raça: sendo que os moços ingleses attendem primeiro ao desenvolvimento do corpo",<sup>102</sup> para depois se preocupar com o desenvolvimento do espírito. Nesse sentido, seria necessário praticar no Brasil esportes como o futebol, o cricket, a ginástica, que, entre outros que faziam parte da cultura inglesa, seriam decisivos para a superioridade dos mesmos.

Em 1904, o baiano Álvaro Borges dos Reis defendeu a tese intitulada **Educação *physica***,<sup>103</sup> na qual defende a importância da educação física para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Apoiado nas ideias de Herbert Spencer, mas realizando uma apropriação e leitura própria da mesma, Reis afirma que o desenvolvimento do homem só é completo quando a educação moral e intelectual acontece posteriormente ou em comunhão com a educação física. Os países que perceberam a importância dos exercícios para o desenvolvimento da nação conseguiram evoluir em todos os aspectos, sendo visível por exemplo a superioridade dos ingleses sobre as demais raças no mundo. Com isso Reis desejava chamar a atenção da sociedade brasileira para os costumes ingleses, entre eles a prática de esportes. O autor afirma ser

[...] facto incontestavel hoje a predominancia em tudo dos anglo-saxões sobre os latinos e mais povos, não só na bôa constituição e fortaleza *physica*, na optima cultura e desenvolvimento intellectual como também na excellencia moral, nas virtudes civicas, no bom senso pratico, na coragem, altivez e impassibilidade relativa com que luctam pela vida.<sup>104</sup>

Segundo o autor, o exercício físico é a higiene ativa que dirige, equilibra e aperfeiçoa progressivamente a organização de nossas forças corpóreas. O atraso da sociedade brasileira devia-se à falta desse tipo de atividade. Se a principal causa da superioridade anglo-saxônica era a introdução da educação física na mocidade, o fator que determinava a inferioridade do brasileiro era o descaso com as mesmas e a prática de esportes. O caso agravava-se na Bahia, principalmente pelo fato de suas mulheres serem praticamente sedentárias. Para Reis, o futuro da família e da nação dependia da boa saúde física e moral da mulher, sendo preciso acontecer uma mudança drástica nos costumes, nas práticas e nos hábitos das jovens, e de todos os outros brasileiros.

<sup>102</sup> PITOMBO, Carlos Antonio. **Apreciações acerca dos exercícios *physicos* nos internatos e sua importancia *prophylactica***. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900, pp. 12-13.

<sup>103</sup> REIS, Álvaro Borges dos. **Educação *physica***. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904.

<sup>104</sup> REIS, Álvaro Borges dos. **Educação *physica***. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 25.



Entre os médicos estudados, Álvaro Borges Reis se destaca pelo radicalismo de suas crenças nos benefícios dos esportes para a sociedade baiana. Em sua tese, o médico realiza uma retrospectiva histórica, mostrando como todas as "grandes civilizações" ou "grandes sociedades" só alcançaram êxito devido a prática de exercícios físicos. Afirma que

Quando as sociedades se organizaram, a força e a habilidade, fizeram sempre oppressão á fraqueza, de modo que as sociedades visinhas mais fracas eram dominadas pelas que dispunham daquelles dous preponderantes elementos. Todo o valor e todo o prestígio do homem baseavam-se portanto na força muscular e os proprios antigos assim o demonstraram como dentre elles, o austero Lycurgo, que em suas leis exigia até que as mulheres se submettessem aos mesmos exercicios que os homens, no pensamento de que mulheres robustas não poderiam ter senão filhos bem constituídos.<sup>105</sup>

Nesse sentido, Reis defendia o desenvolvimento e a execução de um plano específico para as mulheres baianas e brasileiras, pois do interior de suas mães nasceria o futuro da nação. Se essas mulheres fossem dotadas de força e habilidades físicas, suas crias já nasceriam fortes e evoluídas, acontecendo assim o tão desejado melhoramento da raça, necessário ao desenvolvimento da nação. Reis era um crítico ferrenho da prática de esportes sem métodos e objetivos definidos, a fim de aproveitar seus benefícios e vantagens corporais.<sup>106</sup>

Proclamarmos a necessidade de uma educação physica, mais ou menos perfeita, em um meio onde ella nunca existiu, a não ser sob a forma ridicula de um passatempo selvagem e malquisto por aquelles que deviam ter a comprehensão do seu alto valor, não é uma visão phantasiada, um ideal poetico; não; é um fito, um desejo puramente pratico que concorda perfeitamente com as actuaes tendencias utilitarias, porque a questão da educação physica da mocidade torna-se simplesmente uma questão de conservação vital.<sup>107</sup>

De modo geral, os doutores defendiam a realização de atividades físicas, pois proporcionariam o melhoramento da raça, ação necessária para o avanço e o progresso do país. Esses exercícios deveriam ser praticados com o auxílio de profissionais especializados, que seguiriam um rigoroso método científico. Como as escolas baianas não eram aparelhadas com as máquinas apropriadas para a realização da ginástica, que consistia na atividade física mais importante, os intelectuais enxergavam nos jogos (esportes) uma alternativa plausível para ajudar a mudar o quadro lastimável ao qual se encontrava a educação baiana. Entre os jogos

<sup>105</sup> REIS, Alvaro Borges dos. **Educação physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 4.

<sup>106</sup> REIS, Alvaro Borges dos. **Educação physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 15.

<sup>107</sup> REIS, Alvaro Borges dos. **Educação physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 26.

mais importantes, Reis cita o *foot-ball*, o *cricket* e o tênis, que seriam capazes de desenvolver o corpo e a mente dos jovens baianos.<sup>108</sup>

Segundo Reis, o *foot-ball* constituía uma boa alternativa para os baianos, desde que fosse observada e estudada a forma como seria praticado, pois nem esse nem os outros esportes deveriam ser praticados de qualquer forma. Falando especificamente sobre o futebol na Bahia, o autor afirma:

[...] na Bahia, ultimamente apareceu o *foot-ball* que na Inglaterra é um dos jogos praticados pela mocidade já preparada (*entrainé*) e endurecida por outros mais leves e menos rudes.

Aqui, é uma verdade, principiamos tudo pelo fim e quando muito pelo meio, mas nunca por onde devemos começar, pelo principio.

Para esse jogo de *foot-ball* é escolhido o Campo da Polvora, improprio principalmente pelo terreno, não de polvora mas de poeira, o qual em dias de sol forte, agitado pelas correrias e pelo vento torna o ambiente nocivo pela enorme quantidade de pó que desloca.

A cultura *physica* assim como é feita não pode chamar-se cultura da saúde do corpo, mas, sim, da ruína do corpo.<sup>109</sup>

Resulta evidente que o futebol, e qualquer outro esporte, seriam bem vindos ao cotidiano dos baianos, desde que fossem praticados da forma correta, para que, ao invés de benefícios, não trouxessem prejuízos para a sociedade. Para a prática de esportes no Brasil, dever-se-ia levar em conta também a condição atual da raça, pois corpos frágeis, como os dos brasileiros, não teriam capacidade de suportar o esforço e as exigências. Jogar futebol com um corpo degenerado seria um grande erro e não um acerto. De modo geral, médicos criticavam a transposição de costumes importados, sem uma prévia análise das condições aqui existentes. No caso dos esportes ingleses, o seu pleno funcionamento em terras brasileiras dependia da preparação prévia dos corpos. Em seguida, deveriam ser observadas as condições climáticas, as estações e a geografia do local. Só assim, o efeito esperado poderia ser alcançado.

A citação também nos permite pensar que o médico não criticava apenas as formas populares de se praticar o jogo da bola, pois ao tecer comentários sobre os *sportmen* que frequentavam o Campo da Pólvora, estava se referindo diretamente aos jovens da elite soteropolitana, frequentadores do espaço citado.

Reis não foi o único crítico da prática do *foot-ball* de forma desregrada na Bahia. João Baptista Marques Ferreira, em sua tese **Hygiene Escolar**, condenou a prática do esporte em dias quentes e em lugares não apropriados. Também buscou selecionar os corpos que estavam

<sup>108</sup> REIS, Álvaro Borges dos. **Educação physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 91.

<sup>109</sup> REIS, Álvaro Borges dos. **Educação physica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904, p. 91.

aptos a praticar o jogo da bola, afirmando, no que deveria ser um manual a ser aplicado nas escolas e internatos da Bahia e do Brasil, que o "[...] *foot-ball*, o *chricket*, jógos ingleses violentos, só serão permittidos aos rapazes bastante robustos e que já tiveram feito uso da *gymnastica suecca*".<sup>110</sup> Segundo o médico, o esporte deve ter um sentido pedagógico. Sendo assim, para os que desejassem jogar bola, além da ginástica, poderiam praticar excursões e viagens a campos, arrabaldes e ao mar, como também passeios no mar e até mesmo andar em trem de ferro. Todas essas práticas iriam tornar não apenas os corpos robustos, mas também o caráter e o espírito.<sup>111</sup>

Defendendo ideias semelhantes às de Ferreira, em sua tese **Cultura Physica da Infancia**, o médico Luis de França Loureiro realiza críticas aos jogos violentos e a sua prática irregular por pessoas despreparadas. Admirador confesso da *gymnastica suecca*, faz uma análise dos benefícios e malefícios de cada esporte conhecido na Bahia. A ênfase de sua crítica não se concentrava no esporte em si, mas sobre as condições às quais eram praticados em nossas terras. Sobre o futebol, ele afirma ser um

Jogo muito apreciado na Inglaterra e que vae se introduzindo no Brazil em alguns Estados. É um bom exercicio physico para um clima frio em que se tenha necessidade de uma agitação demasiada para o desenvolvimento de grande somma de calor. Tem seus inconvenientes não só pelo clima, entre nós como tambem pelas violencias do exercicio de que não raro resultão desastres que notão nos grandes centros onde é usado.<sup>112</sup>

A maioria das considerações dos médicos sobre os benefícios ou males do futebol eram baseadas em estudos europeus, pois a introdução do esporte tinha sido muito recente, não tendo tempo suficiente para estudos detalhados da prática na Bahia. A própria preocupação em relação às condições climáticas ideais para a prática do esporte foi inspirada em trabalhos europeus que estudavam a relação existente entre o clima e o desenvolvimento da raça no Brasil.

Os médicos muitas vezes comentiam erros devido à falta de conhecimento sobre alguns esportes. Muitos confundiam o *foot-ball* inglês, também conhecido como *association*, com o *foot-ball* praticado nos Estados Unidos, conhecido entre como futebol americano. Sem fazer distinção das duas práticas esportivas, a edição de setembro de 1906 da **Gazeta Medica da Bahia** publica um estudo estadunidense intitulado *Accidentes do Foot-ball na America*, que acreditamos referir-se ao futebol americano, como se o estudo fosse sobre o *foot-ball* inglês, pois o futebol que há pouco tempo era praticado no Brasil não era conhecido nos EUA como *foot-ball*, mas como *association-foot-ball*.

<sup>110</sup> FERREIRA, João Baptista Marques. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia Almeida, 1905, p. 59.

<sup>111</sup> FERREIRA, João Baptista Marques. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia Almeida, 1905, p. 59.

<sup>112</sup> LOUREIRO, Luis de França. **Cultura Physica da Infancia**. Salvador: Typographia S. José, 1906, p. 36.

Esse jogo, brutal no último grau, determinou o ano passado, número considerável de acidentes nos Estados Unidos: 19 casos de morte e 137 traumatismos graves. Dos 19 mortes, 11 tinham 17 anos de idade ou menos, 3 eram estudantes, os outros pertenciam às sociedades não universitárias e eram mais idosos.

As causas de morte foram pancadas violentas em diferentes partes do corpo (abdômen e cabeça), fraturas da coluna vertebral ou septicemia consecutiva aos traumatismos.

Os traumatismos graves consistiram em fraturas da clavícula (19 casos), do omoplata ou do humero (12 casos), fraturas da perna (31 casos), fraturas do braço (2 casos), fraturas dos ossos do crânio (19 casos). Já um médico americano propôs que se procurasse remédio contra tais desastres, levando a questão do *football* perante das autoridades competentes.<sup>113</sup>

Ao analisarmos as informações trazidas pelo periódico, reforçamos nossa compreensão de que não se tratava de um estudo sobre o futebol inglês, mas sobre o norte-americano, que se constituiu em um esporte de muito contato, onde os choques são inevitáveis e bem mais violentos e frequentes. O número de fraturas apresentadas, com destaque para aquelas da clavícula e do crânio, são próprias do futebol americano.

Apesar das críticas que o esporte sofreu, cremos que a maioria dos médicos enxergavam a prática de futebol com bons olhos. Os próprios acabaram por fundar clubes e incentivar os campeonatos que ajudaram a garantir o sucesso do esporte. Neste sentido, cremos ser impossível entender os primeiros anos do futebol na Bahia sem analisar as teses da Faculdade de Medicina. Além de serem das poucas fontes que guardam informações sobre o esporte na época, ajudam na reconstrução do contexto em que este foi inserido. O estudo das teses nos ajudou a constatar que na cidade de Salvador existia um cenário promissor para o desenvolvimento do futebol. Sendo assim, podemos questionar a historiografia tradicional que sempre atribuiu o sucesso do esporte a alguns poucos jovens da elite soteropolitana, que lutaram contra tudo e contra todos, para que o esporte vingasse em terras baianas. Além disso, foi possível diagnosticar que o principal sentido da prática de um esporte como o futebol era sem dúvida o pedagógico, sendo alvo de críticas as práticas ditas impróprias e populares.

### **O início da "mania"**

Um cenário favorável ao desenvolvimento do futebol podia ser percebido também em jornais, revistas e almanaques publicados na cidade de Salvador. Entendido como uma ferramenta que auxiliaria o desenvolvimento da nação e representando modernidade, era comum presenciar nestas mídias alguns incentivos ao desenvolvimento do esporte.

---

<sup>113</sup> **Gazeta Médica da Bahia**, nº 3, ano 38, setembro de 1906, p. 47.

Não temos interesse em negar a importância que alguns jovens da elite tiveram para a formação do futebol de Salvador. Desempenharam um papel importante, principalmente para a criação de um futebol oficial, que acompanhava os valores elitistas e buscava um afastamento dos setores populares da sociedade. Trata-se, antes, de entender o futebol para além de esforços de alguns, analisando-o a partir de suas relações complexas na sociedade. Outro ponto importante é que não só as elites praticavam o esporte. As camadas populares se apropriaram desse esporte e atribuíram outros sentidos e significados à prática esportiva, contribuindo de forma relevante para o desenvolvimento do esporte em nosso Estado.

Analisamos a passagem seguinte da obra de Haroldo Maia:

Nas ruas, a garotada improvisando as célebres bolas de meia, formava partidas, as quaes (sic) terminavam sempre em discussões, tapas, e rara a vez em que as vidraças das casas vizinhas não eram vítimas, fechando-se, então, o tempo.  
Quantos castigos e surras não foram aplicados aos jovens cracks?  
E quanta gente a arrenegar a tal invenção do seu ZUZA FERREIRA!<sup>114</sup>

Segundo o relato apresentado acima, o futebol provocava discussões, brigas e confusões entre os adeptos, que por isso eram reprimidos com castigos e coerção física. Como não cumpria o objetivo de disciplinar os jovens e perturbava a ordem, o esporte era renegado por muitos. Essa situação apresentada pelo autor poderia colocar em dúvida a ideia de que o futebol era apoiado por vários setores da sociedade baiana, tendo em vista o sentido pedagógico que deveria desempenhar. A questão é que não existe nas fontes pesquisadas referência de insatisfação ou repressão da sociedade em relação à prática do futebol, quando esse era realizado no meio das elites. Como não deixa claro em sua obra quem seria essa "garotada", podemos supor que Haroldo Maia não está se referindo aos jovens da elite, mas a indivíduos das camadas subalternas que não seguiam as regras do futebol pedagógico. Dessa forma, a preocupação das pessoas não se dirigia ao futebol elitista, e sim a um outro futebol, reinventado, que não seguia as mesmas regras daquele esporte consagrado pelos britânicos, aí tomados como referência de desenvolvimento e civilização, e desta maneira não serviria como ferramenta educativa.

Em um momento posterior, quando esporte começou a se popularizar na cidade, verificou-se uma insatisfação das autoridades em relação ao futebol, mas não em relação à prática esportiva das elites, sempre exaltada pela imprensa. A preocupação das autoridades se direciona primeiro a um tipo específico de futebol praticado nas ruas por moleques e vadios, e logo depois para alguns clubes de bairros periféricos

---

<sup>114</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, pp. 4-5.

que não compartilhavam os mesmos ideais de civilização desejados pelas elites.

É pertinente supor que havia jovens que desafiavam a ordem pública e a moral estabelecida na cidade Salvador através de suas atividades de lazer, mas de maneira alguma faziam parte do círculo social de Zuza Ferreira. Tampouco é sobre eles que Haroldo Maia se refere como *cracks* do esporte, atribuindo a esses alguma importância para história do futebol na Bahia. Bem poderiam ser moleques que faziam das ruas seus espaços de sociabilidade. Suas atividades de lazer tinham significados próprios e na maioria das vezes desafiavam o mundo adulto através de insultos e injúrias.<sup>115</sup> No Natal de 1902, os editores do **Diário da Bahia** afirmam que tiveram

[...] o desprazer de presenciar, quasi (sic) em frente ao Gymnasio S. Salvador, uma malta de menores vagabundos, que se entretinham num pernicioso divertimento de pedradas reciprocas. É caso da polícia estender as suas vistas para aquelle ponto<sup>116</sup>.

Em **Notas sobre a popularização do esporte na Bahia, 1901-1912**, Henrique Sena dos Santos afirma que a partir de 1903 já era possível perceber a prática do futebol entre as camadas populares, e para elas estavam direcionadas as atenções das autoridades. A partir de uma possível nota de um jornal que Haroldo Maia coloca em seu livro, Santos aponta que

Em 1903, uma determinação da Intendência Municipal limitando a prática do futebol a alguns espaços em Salvador parece revelar a dimensão que este esporte começava a adquirir entre outros grupos sociais diferentes das elites.<sup>117</sup>

Santos incorreu no equívoco de acreditar nas citações de Maia e não conferir nas fontes a veracidade das informações. No ano de 1903, não se registra uma nota sequer da Intendência em relação à delimitação do espaço da prática do futebol, seja para as elites, seja para as camadas populares. A nota que Maia cita em seu texto, sem colocar as referências, aparece com algumas divergências em julho de 1904, publicada em um jornal da cidade.<sup>118</sup> Apesar do pequeno lapso cometido por Santos, vale salientar sua sensibilidade em perceber que as camadas populares também praticavam o futebol e que isso incomodava as elites de Salvador, que procuravam dificultar e barrar as ações dos populares. Analisando o processo de popularização e o desenvolvimento do esporte em Salvador, o autor entende que "[...] o futebol além de se constituir enquanto um projeto moderno de civilização da sociedade soteropolitana,

<sup>115</sup> Ver melhor em FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo/Salvador: Editora HUCITEC, EDUFBA, 1996.

<sup>116</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 25 de dezembro de 1902, p. 1.

<sup>117</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **Notas sobre a popularização do futebol em salvador, 1901 – 1912**. Rio de Janeiro: Revista Esporte e Sociedade, ano 6, n.16, 2010/2011, pp. 2.

<sup>118</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de julho de 1904, p. 1.

também esteve a serviço de uma cultura popular inventiva reexistente".<sup>119</sup> Versão original da nota, que se encontra no Arquivo Municipal de Salvador, trazia o seguinte texto:

Pela Secretaria da Intendencia e de Ordem superior, far-se publico para conhecimento de quem interessar passa que attendendo-se a frequentes reclamações contra pessoas que em pequenos largos e praças desta capital, praticam o jogo denominado o foot-ball, ficam designados os seguintes logares para aquele divertimento: No districto de Nazareth, o Campo dos Martyres (antigo da Polvora); no da Victoria, a Quintas da Barra; no de Brotas, a Fonte do Boi, ao Rio-Vermelho; no da Penha, o Largo do Papagaio. Manda portanto, que a presente se publique pela imprensa para conhecimento do todos. Bahia e Secretaria da Intendencia Municipal da Capital do Estado da Bahia, 30 de julho de 1904. (assignado) O secretario, Dr. Francisco Luis da Costa Drummond.<sup>120</sup>

Analisando a nota, fica claro que a atenção das autoridades não estava voltada para o futebol oficial, mas para um possível futebol praticado por populares nas ruas de Salvador. Na verdade, ao proibir a prática do esporte em qualquer local diferente dos citados na nota estavam protegendo e garantido a execução do futebol de elite, pois os espaços liberados para a prática do jogo eram justamente os espaços compartilhados pelos membros da alta sociedade baiana.

Não apenas o futebol popular era perseguido pelas autoridades. Outras práticas ditas degeneradas, que geralmente faziam parte da cultura dos populares, eram consideradas impróprias pela alta sociedade da capital baiana. Durante as duas primeiras décadas do século XX, vimos várias notas em diversos jornais condenando as casas de candomblé, as casas de prostituição, os capoeiras, mas principalmente as casas de apostas e o jogo do bicho. Em 27 de setembro de 1901, o jornal **A Bahia** trouxe uma nota que visava alertar as autoridades públicas da presença de "jogos públicos" no distrito do Rio Vermelho. O redator do jornal deixava claro que era necessário um combate a esse tipo de prática, pois se configurava um fato tão escandaloso e deponente da nossa civilização. No fim da nota, ele afirma ter conhecimento que se iniciará em Salvador uma campanha de perseguição aos "jogos públicos", também conhecidos como "dos Bichos".<sup>121</sup>

### **O jogo jogado: a imprensa e os primeiros anos do futebol em Salvador**

São raras, porém importantes, as informações sobre o futebol em seus primeiros anos na Bahia, e praticamente todas as notícias ou referências que aparecem nos periódicos exaltam

<sup>119</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **Notas sobre a popularização do futebol em Salvador**, *op. cit.*, p. 6.

<sup>120</sup> AMS, **Livro de Mensagens da Intendência**, p. 44.

<sup>121</sup> BPEBa, **A Bahia**, 27 de setembro de 1901, p. 1.

o futebol de elite e seus praticantes. Com isso, podemos afirmar que não se observou na sociedade baiana um ambiente hostil ou algum tipo de resistência das autoridades públicas em relação à prática esportiva elitista. Os jovens abastados dificilmente disputariam partidas nas ruas causando algum tipo de constrangimento à ordem pública, até porque as ruas não eram um ambiente em que costumavam realizar suas atividades de lazer ou criar laços de sociabilidade.

Geralmente, reuniam-se em clubes esportivos e praticavam o esporte em locais apropriados e delimitados, se não para a prática do futebol, para outras atividades, como o cricket, as touradas e as corridas de cavalo. As escolas também eram um dos espaços utilizados para a realização do futebol, juntamente com uma série de outros esportes que deveriam ajudar a disciplinar e moralizar os futuros condutores da nação.

Não podemos acreditar que as maltas de vagabundos a que se referem os jornais sejam compostas por Zuza Ferreira e alguns de seus amigos como Luís Tarquínio Filho, Álvaro Tarquínio e Juvenal Tarquínio, filhos de um grande industrial baiano. Estas referências geralmente eram dirigidas aos membros das camadas populares. Os jovens ricos frequentavam espaços específicos para a prática esportiva e suas partidas eram destacadas nos jornais pela disciplina e pela ordem.

A primeira referência que encontramos nos jornais, sobre uma partida de *foot-ball*, data do dia 8 de junho de 1903, quando o **Diário de Notícias** afirma que "com grande concorrência (*sic*) principiou hontem, no Campo dos Martyres, às 4 horas e 1/4 da tarde, o encontro entre brasileiros e ingleses numa amigavel partida de football".<sup>122</sup> Após destacar que o capitão da equipe formada pelos brasileiros era um jovem da elite baiana, tratado pelo jornal como Sr. Álvaro Tarquínio, a nota continua com uma minuciosa narração do jogo. Destacando sempre que ali estava representada uma batalha entre brasileiros e ingleses, o redator parece narrar uma batalha épica, detalhando os momentos mais importantes do *math* que terminou empatado. Como a batalha terminou sem vencedores, o redator afirma que no próximo domingo haveria uma revanche nas Quintas da Barra, a fim de se encontrar um vencedor. No final da nota, o redator afirma:

De ambos os lados houve prova de aptidão e zelo, salientado-se entre os brasileiros os srs. Moraes, Tarquínio, Monteiro e Ferreira e do lados dos ingleses os srs. Benn, Gleig, Smith e Morrell. Findo o jogo os brasileiros levantaram vivas aos seus contendores, que corresponderam à gentileza<sup>123</sup>.

<sup>122</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 8 de junho de 1903, p. 1.

<sup>123</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 8 de junho de 1903, p. 1.



Esta que foi a primeira notícia de que se tem conhecimento sobre a realização de uma partida de futebol em terras baianas, revela o nível de cavalheirismo esperado para a prática esportiva, como também o apoio da população em relação ao futebol pedagógico realizado pelas elites. Mas não só a cordialidade e os bons modos entre brasileiros e ingleses chamava atenção. Para o jornal, era importante ressaltar que um time formado por brasileiros enfrentou com dignidade um time formado por ingleses, não saindo derrotados. Talvez, ao enfatizar essa questão, a intenção do jornal era mostrar que fomos tão fortes ou competentes como os ingleses. O que já por si seria uma distinção...

Poucos dias depois, em 22 de junho de 1903, o **Diário de Notícias** afirmou ter recebido a visita de um *sportman* inglês chamado Terry Morrel, comunicando que a revanche seria realizada no fim de semana, sendo aguardado o comparecimento de uma seleta sociedade. Comunica ainda que

Haverá cadeiras reservadas para as exmas. familias que queiram comparecer, assim como para a imprensa. Abrilhantarã o acto umas das bandas de polícia, sendo possível que o honre com sua presença o exmo. sr. dr. intendente municipal.<sup>124</sup>

Creemos que, quando o futebol começou a ser noticiado pela imprensa, cada partida não era apenas um simples jogo, mas um evento que envolvia várias pessoas, principalmente indivíduos da alta sociedade. Animados com o empate no jogo contra os ingleses dias antes, o evento se tornou tão importante que seus idealizadores contavam até com a presença do Intendente da cidade. Na edição de 30 de junho, para alegria dos baianos, o jornal **Diário de Notícias** informa, de forma efusiva, que a "magnífica" partida foi vencida pela equipe brasileira por três a zero e que, ao término da partida, todos aplaudiram demasiadamente as equipes. O redator informou que o evento contou com a presença de assistentes das mais distintas famílias, que a cada "triumpho" brasileiro, acontecia uma verdadeira explosão de palmas.<sup>125</sup>

O futebol era algo novo na Bahia e chamava a atenção das elites soteropolitanas. Ainda na mesma edição de 30 de junho, o redator informou que poucas pessoas na cidade de Salvador conheciam verdadeiramente o esporte inglês. Tentando ajudar as pessoas a se informarem sobre o *game*, o jornal trouxe uma nota explicando a origem do mesmo, a grafia da palavra, as modalidades existentes e as principais regras do *association*.

O *association* é jogado n'um terreno rectangular, cujas dimensões devem ser: de 90 a 180 metros, para largura, entre o minimo e o maximo.  
As grandes linhas denominam-se *touch lines*, as pequenas *goals lines*. Ao centro traça-se uma circumferencia de 10 metros de raio, de onde começa a partida.

<sup>124</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de junho de 1903, p. 1.

<sup>125</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de junho de 1903, p. 1.

O fim unico dos jogadores é fazer que o balão vá ter ao *goal*. O GOAL consiste em dois postes collocados verticalmente no centro da *goal-line* na distancia de 7m,30 um do outro e ligados a 2m,40 do sólo por uma travessa. Para que se obtenha o goal, é preciso que o balão passe por baixo dessa travessa.

Isto posto, imagine-se o campo traçado, como acima o dissemos, e, em cada extremo um *goal*, defendido cada qual pelo seu grupo, para que o balão, sempre atirado com os pés não passe por baixo da travessa, e ahí temos o interessante *football association*. Dois são os grupos a degladiar-se, os quaes se compõem, de lado a lado, de onze jogadores, que assim se discriminam: um *full back*, dois *fowards*, dois *half-backs* e cinco *fowards*, dirigidos por um *capitão*.<sup>126</sup>

A nota segue com mais informações sobre o *association* e o *rugby*. Percebemos que o prestígio dos futebolistas era grande e crescia a cada dia perante a sociedade. Em 11 de agosto de 1903, o **Diário de Notícias** informa que o Intendente municipal dirigiu uma carta ao Sr. Álvaro Tarquínio com interesse de tratar sobre o nivelamento do Campo dos Martyres, local reservado para a prática do esporte<sup>127</sup>. No mesmo dia o **Diário da Bahia** publica uma nota informando sobre uma partida acontecida dois dias antes, que contou "[...] com a presença das mais distintas famílias de nossa sociedade de escol, ostentando a linha chic da toilettes de finíssimos gosto [...]".<sup>128</sup> Vale salientar o destaque do jornal para o selecionado público que ajudava a compor o evento. Com isso, podemos crer que estava assim se formando um espaço de diferenciação social, um espaço privilegiado, ocupado apenas por membros da alta sociedade baiana. Para participar do futebol, era preciso ter um sobrenome forte, ser de família abastada. O grau de civilidade que se apresentava no local das partidas era tão grande que o cronista afirma que o "[...] Campos dos Martyres tornou-se, à tarde, o rendez-vous dos elegantes do nosso meio, apresentando o aspecto festivo e alacre de um campo de festa parisiense<sup>129</sup>". Com isso, temos consciência de que o futebol praticado pelas elites, além de ser uma ferramenta pedagógica, servia também como uma forma de distinção social, ao separar as altas camadas sociais das menores.

Apesar de a equipe brasileira ter saído derrotada desta vez, o cronista se mostra muito grato aos *sportmen*, que proporcionaram diversão ao espírito baiano, "[...] quasi sempre mergulhado no remanso da nossa vida provinciana". Não restam dúvidas, o futebol representava o novo, a modernidade, a mudança, a transformação dos costumes atrasados. Deixando de lado a rivalidade, a gana, ou qualquer outro sentimento não nobre, o jornal prefere exaltar a calma existente no ambiente e o brilhantismo proporcionado pela partida.<sup>130</sup>

<sup>126</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de agosto de 1903, p. 1.

<sup>127</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de agosto de 1903, p. 1.

<sup>128</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 11 de agosto de 1903, p. 1.

<sup>129</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 11 de agosto de 1903, p. 1.

<sup>130</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 11 de agosto de 1903, p. 1.

No último domingo do mês de agosto do 1903, o **Diário da Bahia** trouxe uma nota informando que pela tarde iria acontecer um importante e interessante jogo de futebol entre um time formado por membros de uma esquadra da marinha americana aportada na cidade de Salvador, contra um combinado entre jovens ingleses e brasileiros, havendo um local reservado com 300 cadeiras para as excelentíssimas famílias que estiverem no local.<sup>131</sup> No dia seguinte, o **Diário de Notícias** destacou a bravura empenhada pelos jogadores das duas equipes e a vitória do combinado baiano. O evento contou com a participação de uma banda da brigada policial e no final "[...] foram erguidos muitos vivas que foram correspondidos pela enorme multidão que assistia ao certame".<sup>132</sup>

As notícias acima correspondem a informações novas sobre o fenômeno futebolístico que acontecia na cidade de Salvador. E estas informações não são referentes ao fato do jogo ter sido uma partida internacional, contra oficiais americanos. Vejamos que, na notícia que tratava do pré-jogo, a informação era que havia 300 cadeiras para um público selecionado, ou seja, membros da elite de Salvador. E até então, todas as notícias relacionadas ao futebol sempre apontavam para um público seletivo e distinto. A notícia do pós-jogo nos mostra algo diferente. Segundo o cronista, uma "multidão" assistiu ao jogo. A referência não era mais a um grupo específico, mas uma enorme quantidade de gente. Cabe a nós fazermos uma reflexão: será que a multidão citada pelo cronista era formada apenas por pessoas da elite?

Responder esta questão não é algo tão fácil como possa parecer. Talvez, nestas últimas duas notícias, esteja resumida a dinâmica do futebol na cidade de Salvador em suas primeiras décadas, principalmente quando falamos do futebol oficial ou de elite. A notícia que trata do pré-jogo aponta um evento futebolístico organizado com o intuito de reunir pessoas distintas, da alta sociedade soteropolitana, ou seja, o esporte era entendido por seus organizadores como um espaço de distinção social. Em nenhuma das notícias que faziam referência aos jogos de *foot-ball*, eram convidados ou mencionados membros das camadas populares.

A questão é que o futebol logo chamou atenção dos populares, que se apropriaram da prática esportiva e passaram a praticá-lo em locais considerados inapropriados. Entretanto, esses populares não ficaram satisfeitos em apenas praticar o futebol em seus espaços, adentrando também os espaços elitistas como nos revela esta referência e tal como o farão várias outras futuras. Cremos que a "multidão" citada pelo cronista era composta principalmente por populares que se sentiram atraídos pelo esporte. Esse público não esperado e não desejado

---

<sup>131</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 30 de agosto de 1903, p. 1

<sup>132</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de agosto de 1903, p. 1.

começou a se fazer presente cada vez mais nos jogos, criando algumas vezes constrangimentos aos membros das elites.

E a dinâmica do futebol oficial de Salvador pode ser entendida numa lógica de ação e resistência entre os diversos grupos abrangidos. As elites envolvidas com o esporte não contavam que, em um futuro tão próximo, um espaço planejado e pensado para ser distinto seria reclamado por populares, que colocariam seus planos por água abaixo. Em outras palavras, queremos dizer que o futebol oficial foi pensado pelas elites para usufruto das elites. Porém, populares passaram a fazer parte da festa, trazendo outros significados e outras vivências para o esporte, culminando, com o passar do tempo, no fracasso do projeto pedagógico elitista. Enquanto os populares não representavam uma ameaça evidente para os planos da elite, ignorava-se a presença dos mesmos, colocando-os sempre como uma "multidão". Dessa maneira, o processo elitista seguiu em frente, na tentativa de fazer do futebol uma ferramenta de transformação e mudança para a sociedade, um espaço pedagógico e distinto, reservado para as mais excelentíssimas famílias soteropolitanas.

No ano de 1903, podemos perceber que o futebol e outros esportes estavam virando moda entre os jovens da capital. Através dos jornais é possível se informar sobre a fundação ou inauguração de um novo clube destinado a prática do *foot-ball*, *cricket* ou dos dois, como foi o caso do Sport Club Bahiano. A edição de 29 de setembro do **Diário da Bahia** afirma que, com "[...] o louvável intuito de proporcionar diversões nesta capital, foi, em 30 do mês passado, reorganizado o 'Sport Club Rio Vermelho', tomando o título de 'Sport Club Bahiano', para os jogos de Cricket and Football".<sup>133</sup> A reorganização do clube, também foi comentada pelo **Diário de Notícias**, que ainda afirmava fazer o necessário para o sucesso do clube, encerrando a nota revelando estarem gratos "[...] pela delicadeza do comunicado, fazemos votos pela prosperidade dos *sympathicos sportmen*".<sup>134</sup> Alguns meses depois, o clube organizaria um evento grandioso para celebrar a prática do *foot-ball*, no qual tocariam várias bandas de música da cidade.<sup>135</sup>

No mesmo período da febre futebolística, o cricket foi outro esporte que passou a chamar a atenção dos jovens da elite. Geralmente, os mesmos jovens brasileiros e ingleses que costumavam jogar o futebol eram os responsáveis pela partida de cricket. **O Diário de Notícias** de 15 de setembro de 1903 afirma que com "[...] grande animação affectuou-se ante-hontem a partida de *cricket* que havíamos anunciado se realisaria, no Campo da Polvora. Ambos os

<sup>133</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 29 de setembro de 1903, p. 1.

<sup>134</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 29 de setembro de 1903, p. 1.

<sup>135</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 7 de novembro de 1903, p. 1.

clubs disputaram com ardor a victoria, cabendo esta ao *Sport Club Victoria*".<sup>136</sup> Esta notícia é a primeira que trata o antigo Campo dos Martyres pela nova nomenclatura. Segundo a tradição popular, o nome do campo foi mudado para da Pólvora, devido a poeira que se fazia quando os *sportmen* praticavam o *foot-ball*. A prática do esporte no lugar passou a ser tão intensa que resultou na mudança do nome do espaço.

O interesse do futebol enquanto uma ferramenta pedagógica era tão presente entre as elites baianas que, nas edições de 30 de outubro e 2 de novembro de 1903, o **Diário de Notícias** trouxe, em uma coluna intitulada *Jogos Escolares*, várias informações relacionadas ao futebol, inclusive as regras do esporte, uma breve descrição histórica, um esquema tático indicando o espaço que deve ser ocupado pelos jogadores e uma recomendação lembrando ser o futebol o mais indicado entre todos os jogos escolares: "[...] De todos os jogos escolares para meninos, aquelle que mais se reconmenda por não precisar de apparatuso material, pelo entusiasmo que desperta – é, incontestavelmente, o de foot-ball: lê-se fut-bol".<sup>137</sup>

Ao defender a prática do futebol, o jornal trouxe visão diferente daquelas defendidas pelos médicos da FAMEB. Enquanto para os médicos o esporte mais recomendado para os meninos era a ginástica, o jornal afirma ser sem dúvida o futebol. O interessante é que todos os médicos faziam alertas sobre a prática do jogo da bola entre as crianças, por ser violento e exigir muito fisicamente. Outra diferença entre os pontos de vista é que, para os médicos, o que valia era o preparo do corpo para a execução de uma determinada prática. Para o jornal, o futebol era o mais indicado por ser mais simples e não precisar de muitos gastos. Talvez o fato de o futebol não exigir tantos gastos e condições técnicas, como no caso de esportes como o remo, seja a razão para que tenha feito tanto sucesso entre as camadas populares.

O jornal ainda chama a atenção dos professores baianos para a publicação do artigo reproduzido de uma revista de professores públicos de São Paulo, no sentido de os nossos professores seguirem o exemplo paulista e organizarem cada vez mais o futebol nos horários de recreação e nos feriados, aproveitando assim os seus benefícios para a mocidade.

Na edição do dia 2 de novembro, o **Diário de Notícias** trouxe, além de regras e normas, algumas observações que deveriam nortear o espírito do jogo. Estas observações visavam valorizar a nobreza e a elegância do esporte, não tolerando o descontrole e a quebra das regras. A cordialidade deveria ser o mote da prática esportiva.

- 1) - Os jogadores devem guardar completo silencio no correr do match.
- 2) - Não levarão o entusiasmo ao ponto extremo das represalias violentas.

<sup>136</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 15 de setembro de 1903, p. 1.

<sup>137</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de outubro de 1903, p. 1.

- 3) - Deverão evitar sempre as infrações das leis do jogo, pois as faltas cometidas denotam imperícia e ignorância.
- 4) - O jogo é mais apreciado, quando ó feito com extrema delicadeza; as marretadas ou as *charges* - lê-se - txardjes - devem ser condemnadas [...].<sup>138</sup>

As recomendações seguiram e foram muitas. Eram necessárias para uma sociedade que almejava mudanças e transformações. Um jogo como o futebol teria que ser diferente dos demais. Não poderia inspirar a disputa, a ganância, a competição, a violência, o vício, como outros jogos e práticas populares. Como o artigo foi endereçado aos professores e seus alunos, deveria existir ainda um maior cuidado, já que esses pequenos jovens iriam garantir o progresso da nação.

O futebol era um evento que continuava a ganhar proporções maiores. O ativo *Sport Club Bahiano* realizava jogos todos os fins de semana, sempre convidando a finíssima sociedade baiana para apreciar seus *sportmen*. No dia 14 de novembro, uma nota do **Diário de Notícias** pedia desculpas aos apreciadores do esporte, pois o jogo do dia seguinte não contaria com a presença de bandas, já que todas estariam comprometidas com os festejos da data cívica.<sup>139</sup>

O ano de 1904 começou com a disputa de várias partidas, não apenas no Campo da Pólvora, como também nas Quintas da Barra e no distrito do Rio Vermelho. Em alguns dias, os jogos aconteciam de forma simultânea nos três espaços. Os jornais tratavam esses eventos como grandes festas, que contavam com bom número de público. Uma diferença que notamos para o ano anterior é que, nas Quintas da Barra, os jogos de futebol aconteciam não apenas nos dias de domingo, mas nos "dias de trabalho", e mesmo assim conseguiam reunir um bom número de pessoas. E como sempre, o destaque era para os jogos realizados entre times formados por brasileiros e times formados por ingleses.

Clubes dedicados à prática de regatas e natação começaram a tornar comum entre seus membros o jogo da bola, que fazia crescer em Salvador o número de jogos. Distritos mais distantes, como o de Itapagipe, começaram a formar e organizar clubes destinados ao futebol, aumentando o número de times e locais que praticavam o esporte. O aniversário de 5º ano de fundação do Sport Club Victoria, comemorado no dia 13 de maio de 1904, teve como ponto máximo uma partida de futebol disputada por seus membros.<sup>140</sup> Isso nos chama bastante a atenção pelo fato de, o Vitória ter sido fundado como um clube de remo, para a prática de esportes náuticos. Pouco tempo depois da fundação, devido à febre do futebol, o remo já

<sup>138</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 2 de novembro de 1903, p. 1.

<sup>139</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 14 de novembro de 1903, p. 1.

<sup>140</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 12 de maio de 1904, p. 1.

começava a perder espaço, ficando em segundo ou terceiro lugar no coração dos baianos. No dia 15, o jornal afirmou não ter faltado atrativos na festa, principalmente devido à presença de excelentíssimas senhoras da mais alta sociedade.<sup>141</sup>

O futebol ganhou tanta importância nesse período na cidade de Salvador que ganhou a atenção das autoridades da cidade. No ano de 1903, o Intendente já tinha se reunido com os *sportmen* a fim de nivelar o terreno para a prática do futebol. A última providência havia sido realizada no local em 1901, quando o Conselho Municipal sancionou a Lei nº 494, que versava sobre cuidados na região do Campo dos Martyres. O texto da lei revela que o Intendente tinha autorizado a arborização do local e o calçamento de uma rua de acesso.<sup>142</sup> Após o sucesso repentino do esporte, depois do nivelamento do local, a resolução de número 117, do dia 11 de maio de 1904, autorizava a instalação de sete combustores de iluminação pública.<sup>143</sup> Em dezembro de 1904, o Intendente publicou uma resolução que tratava da urbanização do local. Tentando entrar em acordo com as pessoas que tinham terrenos naquele lugar, a preocupação das autoridades se orientava para o controle das construções que começavam a eclodir no espaço. O objetivo era fazer com que os proprietários obedecessem a uma linha traçada pela Prefeitura, a fim de não comprometer o espaço destinado, entre outras finalidades, à prática do futebol.<sup>144</sup>

No dia 4 de julho de 1904, o **Diário de Notícias** trazia uma nota afirmando que foi realizado no dia anterior, na Praça da Liberdade, antigo largo da Soledade, um torneio entre os times "Pax" e "Liberdade". O *macth* visava homenagear os festejos do 2 de Julho, por isso os times tiveram nomes tão sugestivos.<sup>145</sup> Mas o principal jogo do mês seria realizado no dia 10, entre o Sport Club Victoria e o Club Internacional, considerados os mais distintos da cidade. O primeiro era formado por jovens da elite soteropolitana, entre eles os irmãos Tarquínio. O segundo, apenas por jovens ingleses que residiam na cidade de Salvador. O cronista ressaltou a importância do jogo, afirmando ser a primeira vez que se enfrentariam em Salvador, dois clubes de tão largas e merecidas simpatias.<sup>146</sup>

Não era só de alegrias, respeito e cordialidade, contudo, que era feito o futebol baiano. No dia 10 de julho, além do jogo entre o Victoria e o Internacional, ocorreu uma revanche entre

<sup>141</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**. 15 de maio de 1904, p. 1.

<sup>142</sup> Lei de 16 de abril de 1901. in: **Leis e resoluções do Conselho Municipal da Capital do Estado da Bahia do ano de 1901**. Salvador: A BAHIA, 1901, pp. 61.

<sup>143</sup> Resolução de 11 de Maio de 1904. in: **Leis e resoluções do Conselho Municipal da Capital do Estado da Bahia do ano de 1904**. Salvador: A BAHIA, 1904, p. 27.

<sup>144</sup> Resolução de 28 de Dezembro de 1904. in: **Leis e resoluções do Conselho Municipal da Capital do Estado da Bahia do ano de 1904**. Salvador: A BAHIA, 1904, p. 80.

<sup>145</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 4 de julho de 1904, p. 1.

<sup>146</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 de julho de 1904, p. 1.

o Pax e o Liberdade, sendo que o último saiu vencedor. Fugindo à louvada cordialidade presente no meio futebolístico, o Pax não aceitou a derrota, contestando o resultado da partida. Pela primeira vez, aparece nos jornais uma desavença ou discordância entre as equipes. Para os jovens do Pax, não bastou apenas a beleza e o brilhantismo do jogo, pois o que eles queriam era a vitória, e lutaram por ela mesmo depois do jogo.<sup>147</sup> Este fato nos dá mais uma pista de que seria árdua a tarefa das elites de controlar o futebol, mantendo-o como um esporte nobre e cordial.

Os problemas aumentaram principalmente depois da nota do Intendente, que restringiu a prática do futebol a locais tradicionalmente ocupados pela elite. Ora, o Intendente apenas sancionou a vontade do Chefe de Segurança Pública, que havia recebido algumas queixas sobre a prática desregrada do esporte. Revoltados com a decisão, clubes de pouca expressão, como os da Cidade Baixa, passaram a entrar em conflito com as autoridades. Alguns clubes tentaram resolver as diferenças através da diplomacia, como foi o caso do Sport Club Liberdade, sediado na Calçada do Bomfim, que solicitou ao intendente a permissão "[...] para fazer seus exercícios de football no largo do Tanque do Engenho da Conceição, onde tem feito desde seu início".<sup>148</sup> Chamou a nossa atenção a forma que o Liberdade usou para pressionar o Intendente. Os *sportmen* do Liberdade não trataram o futebol como uma simples diversão, mas como coisa séria, como exercícios físicos. O interessante é que no mesmo dia o **Diário da Bahia** publicou na íntegra um projeto de reforma para o ensino público na Bahia, em que a atenção maior estava sem dúvida sobre a educação física.<sup>149</sup>

A resposta do Intendente não veio rápida como esperavam os membros do Liberdade, que tentaram marcar seus jogos para os lugares permitidos, mas não conseguiam devido a concorrência com os clubes elitistas. Outro ponto que atrapalhava o Liberdade era a grande distância entre a sede do clube e os locais permitidos pela prefeitura. Depois de algum tempo, o clube conseguiu a permissão para realizar seus jogos no largo do Engenho da Conceição, mas seria responsabilidade do clube organizar e cuidar do espaço. O **Diário de Notícias** de 8 de outubro de 1904 informou que no dia seguinte se realizará

[...] definitivamente, no largo do Engenho da Conceição, conforme noticiamos, a partida de *foot-ball*, que os socios do Sport Club Liberdade, pretendiam realizar no ultimo domingo.  
O largo do Engenho da Conceição se achará lindamente ornamentado de galhardetes, etc.

<sup>147</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 12 de julho de 1904, p. 1.

<sup>148</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1904, p. 1.

<sup>149</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 6 de agosto de 1904, p. 1.



A presidência do S. C. Liberdade, agradece a todos os que assistirem àquella diversão, especialmente às exmas. famílias.<sup>150</sup>

Depois de tanta luta, quando os *sportmen* do Liberdade imaginavam que enfim poderiam realizar o tão esperado jogo de futebol, foram surpreendidos com fortes aguaceiros que destruíram a ornamentação no campo do Engenho da Conceição, o que resultou no adiamento do jogo mais uma vez.<sup>151</sup> O jogo só veio a acontecer no dia 16 de outubro, contando com a presença da filarmônica do Colégio dos *Orphans de São Joaquim*, que animou a festa executando várias peças. Diferentemente dos clubes da elite, que atraíam gente da mais distinta sociedade, o público do Liberdade foi formado em sua maioria pelos órfãos do colégio de São Joaquim.<sup>152</sup>

O ano de 1904 foi marcado pelo crescimento do número de clubes e praticantes do futebol na cidade de Salvador. Vieram à tona clubes de elite como o Sport Club Internacional, o São Paulo Club, o Sport Club Bahia e o Sport Club Bahiano. Também apareceram clubes de menos expressão, de origem popular, como o Sport Club Tamandaré, Club Football de Itapagipe, Sport Club Brasil e o Sport Club 7 de Setembro, que mais tarde, reorganizado com um novo nome – Ypiranga – seria, entre os clubes populares, aquele que mais força fez perante os clubes de elite.

A partir de 1905 o futebol passa a ganhar a outra conotação em Salvador, pois, à medida que vão surgindo clubes populares, os clubes de elite começam a se organizar no sentido de tornar ainda mais restrita a prática do esporte na cidade. Nesse sentido, os principais clubes da elite de Salvador vão se reunir e fundar a primeira liga responsável por controlar o esporte na cidade. O objetivo dessa liga era o de motivar a prática de esportes entre as elites e tornar o espaço cada vez mais distinto, dificultando a vida de clubes menores e afastando os clubes populares. Essa nova fase do futebol baiano será analisada e discutida no próximo capítulo.

O objetivo maior deste 1º capítulo era mostrar como se iniciou o cenário futebolístico na cidade de Salvador, dando atenção principalmente ao sentido que este tinha para as elites soteropolitanas, responsáveis pela introdução do esporte no Estado. De modo geral, foi possível identificar vários sentidos para a prática do futebol na cidade, mesmo se levarmos em consideração somente as elites. Entretanto, imperou entre elas o sentido pedagógico: médicos, professores, jornalistas, estudantes e praticantes do esporte acreditavam no futebol enquanto ferramenta de transformação, símbolo da modernidade.

---

<sup>150</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*. 8 de outubro de 1904, p. 1.

<sup>151</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*. 10 de outubro de 1904, p. 1.

<sup>152</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*. 17 de outubro de 1904, p. 1.

Com isso, foi possível colocar em xeque alguns mitos criados pelos memorialistas sobre a história do futebol baiano, que sempre atribuíram o sucesso do esporte na cidade a alguns poucos esforçados jovens da elite baiana; estes, por sua vez, se esforçaram ao ponto de lutar contra a própria sociedade em favor do esporte. Neste capítulo, foi possível reconstruir um contexto que permitiu questionar esse ponto de vista, pois revelamos que o futebol era algo tolerado e incentivado pela sociedade baiana, existindo um cenário favorável ao desenvolvimento do mesmo, principalmente entre as elites.

Nos próximos capítulos, veremos como se estabeleceu uma relação conflituosa entre populares e elites em torno do futebol, principalmente no espaço oficial e elitista. Veremos como o projeto pedagógico e elitista foi se arruinando devido à pressão exercida pelos populares, que transformaram a cara do futebol baiano, escrevendo novas páginas em sua história.

### 3 - IMUNDOS E VICIOSOS NO CAMPOS DOS MARTYRES

As elites, o povo e a popularização do futebol na capital baiana

#### A fundação de um espaço oficial

No dia 14 de dezembro de 1901, alguns jornais da capital paulista anunciaram que naquela noite ocorreria uma reunião na sede do Sport Club Internacional, localizado na rua São Bento, que seria a primeira com o fim de tratar sobre a fundação de uma liga de futebol.<sup>153</sup> Segundo Antonio Figueiredo, um dos primeiros memorialistas do futebol no Estado de São Paulo, participaram dessa reunião clubes ricos e pomposos, que cinco dias depois fundaram a Liga e organizaram o primeiro campeonato, tendo como principais objetivos a propagação do futebol no Estado e o incentivo à educação física.<sup>154</sup>

A Liga fundada na cidade de São Paulo foi a primeira de futebol fundada no Brasil. Participaram desse processo clubes que agrupavam jovens da elite paulistana e estrangeiros que viviam na capital. Na primeira reunião, foi acordado que a manutenção da Liga dependia da organização dos clubes e da venda de ingressos nos dias de jogo, sendo que 50% da renda iria para os clubes e os outros 50%, para a organização. Os jovens utilizaram como modelo estatutos de ligas existentes na Europa, que também serviram de inspiração na hora da criação das regras e das normas que guiariam a entidade.<sup>155</sup>

Segundo Thomaz Mazzoni, a Liga Paulista de Football, que tinha como objetivo divulgar o esporte, sendo seus membros verdadeiros "bandeirantes", organizou um campeonato que logo em seu primeiro ano foi um grande sucesso. O jogo final do certame contou com um grande número de pessoas, com destaque para as jovens que ostentavam riquíssimas *toilettes*, dando certo brilho especial à festa.<sup>156</sup>

Salvador foi a segunda cidade do Brasil a organizar uma liga de futebol, sendo o campeonato baiano considerado o segundo mais antigo do país. Segundo Haroldo Maia, a fundação da Liga na Bahia aconteceu devido ao entusiasmo reinante pelo esporte bretão na cidade. A ideia de fundar a agremiação partiu dos jovens paulistas associados ao São Paulo

---

<sup>153</sup> FIGUEIREDO, Antonio. **História do foot-ball em São Paulo**. São Paulo: Seção de obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 31.

<sup>154</sup> *Idem*, p. 32.

<sup>155</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil**. *op. cit.*, p. 28.

<sup>156</sup> *Idem*, p. 31.

Clube.<sup>157</sup> Esses jovens paulistas, em sua grande maioria, migraram de São Paulo para cursar a Faculdade de Medicina da Bahia. Como já tinham contato com o esporte em seu estado de origem, é provável que os jovens tenham se inspirado na Liga Paulista de Football, para sugerir a fundação de uma liga na cidade de Salvador.

No dia 17 de novembro de 1904, o **Jornal de Notícias** trouxe a notícia: "[...] reunidos alguns socios dos Clubes Victoria, Internacional, Bahiano e S. Paulo, na sede deste, instalaram a Liga Baiana de Sports Terrestres, que tem por fim dar maior desenvolvimento aos sports terrestre da Bahia".<sup>158</sup> Com o objetivo de desenvolver não só o futebol mas também outros esportes terrestres, os quatro principais clubes da elite soteropolitana se reuniram fundando um espaço de distinção para os *sportmen* da capital baiana. Coube a honra de ser o primeiro presidente da instituição ao *player* F. Gleg May, provavelmente escolhido pelo fato de ser inglês, o que facilitaria o entendimento das regras do esporte e o acesso a manuais importados.

Segundo Hilário Franco Júnior, o futebol era um esporte de bacharéis em um país caracterizado por uma acentuada desigualdade social. Era também um esporte de branco em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo.<sup>159</sup> Apesar de não fazer referência à Liga fundada na Bahia, mas sim às de São Paulo e Rio de Janeiro, Franco Júnior afirma que a criação destas instituições que agregavam os clubes de elite "[...] obedecia à lógica daqueles que se identificavam como legítimos herdeiros do futebol inglês quanto à lógica da excludente estrutura política nacional".<sup>160</sup> Este pensamento mantém validade se formos analisar o caso baiano, pois, na época da fundação da Liga Baiana de Sports Terrestres, existiam em Salvador no mínimo 15 clubes que se dedicavam à prática do esporte, mas apenas quatro desses foram escolhidos para fazer parte do grupo. Para além de desenvolver o esporte na cidade, os fundadores da Liga almejavam a distinção. Queriam estar em um patamar diferente dos outros clubes populares da cidade, criando um espaço próprio onde pudessem estabelecer laços e dar sentidos e significados característicos ao esporte.

Segundo Ricardo Pinto dos Santos, no Rio de Janeiro os clubes de futebol no início do século XX tinham um papel de extrema importância, como o de estabelecer o distanciamento entre as elites e as camadas mais pobres da sociedade.

[...] Isso se dava principalmente a partir da criação de entidades, ligas ou associações, que visavam representar a sua elite fundadora, sobretudo, em seus valores pessoais de

<sup>157</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 9.

<sup>158</sup> BPEBa, **Jornal de Notícias**, 17 de dezembro de 1904, p. 1.

<sup>159</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**, *op. cit.*, p. 61.

<sup>160</sup> *Idem*, p. 63.

distanciamento social, bem como destacar a superioridade de uma localidade sobre a outra, de um grupo sobre o outro e até mesmo de uma raça sobre a outra.<sup>161</sup>

Concordando com a ideia apresentada acima, acreditamos que, na Bahia, a fundação da Liga Baiana de Sports Terrestres (LBST) partiu da necessidade de uma elite esportiva que queria se distanciar dos clubes populares. Organizar uma liga naquele momento significava, entre outros itens, manter o padrão europeu em torno da cultura esportiva, monopolizar os sentidos e os significados em torno da prática, afastar-se das camadas entendidas como não civilizadas e viciosas e prejudicar os rivais populares no acesso às poucas praças esportivas que existiam na cidade, tendo em vista que, meses antes, a Intendência tinha limitado a prática do futebol a locais tradicionalmente usados pela elite, o que criou uma reação imediata de alguns clubes populares.

Encontramos razões para afirmar que a fundação da LBST foi uma resposta dos clubes da elite a uma crescente popularização do esporte na cidade de Salvador, que incomodava os distintos moços que faziam parte dos nobres clubes da cidade. Como vimos no capítulo anterior, em pouco mais de um ano, o público que frequentava os eventos futebolísticos tinha passado de excelentíssimas e distintas famílias para uma grande "multidão" indeterminada. É claro que esta multidão não era formada apenas por ricos, mas em grande parte por populares que se sentiam atraídos pelo esporte, formando não uma camada de expectadores, mas de vibrantes torcedores, que de uma forma ou de outra queriam interferir na dinâmica e no resultado do jogo.

Sobre a prática de futebol por populares em locais não permitidos pela Intendência, poucos dias antes da fundação da LBST, o **Diário de Notícias** de 31 de outubro de 1904 demonstrou sua insatisfação em relação aos populares, descritos pelo jornal como "amadores" que praticavam o futebol de forma desqualificada e desregrada em vários cantos da cidade. Segundo o jornal, que trazia na mesma edição uma série de elogios aos jovens da elite que estavam se dedicando à prática do *cricket*, era recorrente a prática de futebol por amadores em locais inapropriados, sendo que isso não estava agradando a população.<sup>162</sup>

De novo voltam a pedir-nos providencias contra o modo por que é feito o jogo do *foot-ball* no largo do Barbalho, justamente na pequena area que ainda está por se nivelar e que fica contigua às casas alli existentes.

Acolhendo mais uma vez tão justa queixa, esperamos uma providencia, em nome das familias residentes no citado largo, as quares, a continuar a pertinacia dos amadores, que em nada serão prejudicados se procurarem a parte nivelada do mesmo, terão de

<sup>161</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Uma Breve História Social do Esporte no Rio de Janeiro*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006, pp. 36-37.

<sup>162</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de outubro de 1904, p. 1.

sujeitar-se à reclusão, para não serem vítimas de algum projectil do jogo, contra todas as normas, realizado à beira das casas.<sup>163</sup>

Além dos quatro clubes fundadores, apenas o São Salvador disputou o primeiro campeonato da LBST. O São Salvador era um clube de regatas da elite soteropolitana, que tinha criado sua seção de futebol fazia pouco tempo. Segundo Haroldo Maia, o responsável pela criação da seção de futebol no clube foi Carlos Costa Pinto, membro de uma tradicional família da elite soteropolitana. Este sujeito, um *sportman* do Vitória, tinha discutido com um ex-companheiro durante um jogo de futebol. A discussão forte não ficou apenas no campo de jogo, entrando pelas portas da sede do clube, dando início a uma forte crise que culminou na saída de Carlos e de alguns dos seus amigos mais fieis.<sup>164</sup> A equipe do São Salvador liderada pelo *sportmen* punido, solicitou então o ingresso na LBST e em menos de um mês teve seu pedido aceito. O Vitória teve que aceitar a entrada do São Salvador na instituição, clube que se tornaria seu grande rival durante vários anos. Coube ao rubro negro convocar reuniões para resolver os problemas criados pela saída de seus membros, como cargos vagos que precisavam ser ocupados.<sup>165</sup>

Pode-se presumir que a aceitação do pedido de ingresso do São Salvador de forma tão rápida só foi possível devido a este ser formado por uma distinta elite soteropolitana. Não foi possível identificar nos jornais se outros clubes menores ou populares também entraram com pedido de ingresso na Liga no seu primeiro ano de vida, mas é provável que isso tenha acontecido e o pedido tenha sido negado.

Um fato curioso em relação ao primeiro campeonato é que a Liga abriu inscrições para o mesmo, e mesmo existindo em Salvador um bom número de equipes de futebol, apenas cinco clubes da elite participaram do campeonato. Não foi possível identificar quais eram os critérios utilizados pela instituição para que os clubes pudessem participar do campeonato.

Como também não foi possível encontrar os estatutos de fundação da LBST, só podemos trabalhar em cima de comparações, utilizando informações de outras ligas ou estatutos de anos posteriores como parâmetro. É provável que o fator de impedimento para o ingresso de clubes populares no campeonato tenha sido algumas regras e normas que eram comuns nos estatutos de outras ligas esportivas do país. As mais excludentes eram aquelas que exigiam pesadas jóias aos clubes que desejassem fazer parte do grupo distinto, que proibiam que os

---

<sup>163</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 31 de outubro de 1904, p. 1.

<sup>164</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 9.

<sup>165</sup> *Idem*.

membros dos clubes fossem analfabetos ou realizassem trabalhos braçais, e por fim, aquelas que proibiam o ingresso de negros e mulatos pobres.

Segundo Haroldo Maia, quem tomou a frente da organização do primeiro campeonato de futebol foi o riquíssimo Álvaro Tarquínio<sup>166</sup>, filho do industrial Luís Tarquínio, falecido há pouco mais de um ano. Com livre acesso aos mais nobres espaços da cidade, Álvaro matinha um frutífero diálogo com a imprensa e com a Intendência, que tentavam ajudar os *sportmen* baianos a conseguirem alcançar seus objetivos. Os principais problemas que o jovem encontrava naquele momento diziam respeito à condição em que se achava o Campo dos Martyres. Devido ao péssimo estado do campo, para que se desse início ao certame de futebol, seria necessário realizar algumas reformas, começando por novo nivelamento e a construção de um cercado, que deveria servir para afastar as pessoas indesejadas.

Com os preparos necessários já realizados, o jornal **Diário de Notícia** trouxe no dia 3 de abril de 1905 a primeira informação sobre o campeonato que seria realizado na cidade de Salvador. Destacado o título de CAMPEONATO DE FOOT-BALL, a notícia relatava que:

A sociedade denominada *Liga Bahiana de Sport Terrestre* resolveu fazer effectuar, entre nós, um interessante campeonato de *foot-ball* que se comporá de 20 partidas, a realizarem-se na seguinte ordem, entre o corrente mez e o de setembro [...] <sup>167</sup>

Após tornar pública a tabela do campeonato, o jornal informa que todos os jogos serão realizados exclusivamente no Campo dos Martyres, sendo que, ao final do certame, o clube vencedor ganhará uma riquíssima taça de prata oferecida pela própria instituição. O jornal ainda colocou a escalação do Vitória e a do Internacional, que seriam os clubes responsáveis pelo jogo inicial que seria realizado no dia seguinte. Era esperada uma grande, brilhante e concorrida festa, que contaria com a presença de uma banda militar e um grande número de cadeiras para excelentíssimas senhoras da alta sociedade baiana.<sup>168</sup> Por algum motivo não explicado, o primeiro jogo só foi acontecer no dia 10 de abril<sup>169</sup>, tendo como vencedor o time do Internacional, formado exclusivamente por ingleses.<sup>170</sup>

No dia 16 de abril, o **Diário da Bahia**, ao noticiar que naquela data se realizaria o segundo jogo do campeonato, além das informações costumeiras como a escalação das equipes e o destaque para presença de cadeiras para as excelentíssimas senhoras, trouxe um pedido ao público presente: o jornal solicitava aos expectadores não "[...] invadir o campo de jogo durante

<sup>166</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 9.

<sup>167</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de abril de 1905, p. 2.

<sup>168</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de abril de 1905, p. 2.

<sup>169</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 9 de abril de 1905, p. 1.

<sup>170</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 11 de abril de 1905, p. 1.

o match, pois tanto atrapalha os jogadores quanto impossibilita as famílias de ver".<sup>171</sup> O pedido feito pelo no jornal revela que, além do público desejado, estava presente nos jogos do campeonato um público indesejado, que não se comportava da forma que os *sportmen* esperavam. No dia seguinte, o **Diário de Notícias** informou que, apesar do tempo chuvoso, o público compareceu em grande número, com uma boa concorrência de populares e excelentíssimas famílias.<sup>172</sup> O **Diário da Bahia** destacou a presença do público que aplaudiu de forma animada as duas equipes.<sup>173</sup>

Um público formado por populares crescia a cada jogo, trazendo alguns problemas inesperados para os organizadores do evento, que tentavam a todo custo moralizar e disciplinar a população, buscando transformar os torcedores em espectadores. Um dos motivos do temor das elites envolvidas com os esportes era o fato de os populares usarem as disputas entre as equipes para fazer apostas, incentivando assim a jogatina e a ganância. Como mostramos no primeiro capítulo, um dos grandes problemas da capital baiana para as elites soteropolitanas era o costume da jogatina, que deveria ser combatido com repressão militar.

Interessante notar que os jornais nunca convidavam os populares para os jogos. Mesmo sendo crescente o número de populares nas partidas, nas notas que traziam informações sobre a realização dos jogos, o convite se restringia às senhoras ou às excelentíssimas famílias.<sup>174</sup> cremos que, apesar de tolerarem a presença desses indivíduos, as elites não estavam contentes e não apoiavam a presença dos mesmos. O que importa para nós é que, mesmo sem serem convidados, populares se interessaram pelo jogo da bola e começaram a criar seus espaços no interior de um ambiente criado pela elite que buscava a distinção. É dessa relação que vão surgir os conflitos que se tornarão a tônica do futebol baiano.

Poucos dias depois de o campeonato começar, ao fazerem uma visita ao local utilizado para a realização das partidas, os jovens baianos tiveram uma surpresa ao ver o local ocupado por um circo de origem portuguesa que estava sendo armado.<sup>175</sup> Hábil no diálogo, Álvaro Tarquínio mostra aos responsáveis pelo circo um documento emitido pela Intendência que autorizava o uso do campo aos *sportmen*, conseguindo entrar em acordo com os artistas, que transferiram o circo para as margens do campo, no sentido de não atrapalhar a realização dos jogos. Como o dono do circo era um grande admirador dos esportes, Álvaro Tarquínio ainda pediu emprestadas algumas cadeiras para que servissem de camarote a um público seletivo que

<sup>171</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 16 de abril de 1905, p. 2.

<sup>172</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de abril de 1905, p. 1.

<sup>173</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 18 de abril de 1905, p. 1.

<sup>174</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 30 de abril de 1905, p. 1.

<sup>175</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 1 de maio de 1905, p. 2.



deveria estar presente durante os jogos, formado principalmente por distintas senhoras e autoridades.<sup>176</sup>

A primeira importante baixa do campeonato foi a desistência do clube São Paulo, que acabou sendo dissolvido, uma vez que vários jogadores do seu time se filiaram a outros clubes da cidade.<sup>177</sup> Como o time dos jovens paulistas teve reduzido o número de jogadores, foi acordado que este não participaria mais do campeonato. Entretanto, a Liga não alterou a tabela dos jogos, sendo que, nos dias em que São Paulo estivesse escalado para jogar, a partida não aconteceria.

Esta informação nos revela que, mesmo entre as elites, as coisas às vezes ocorriam de forma não planejada. Em um espaço de menos de um ano, foi possível observar um racha em uma equipe da elite soteropolitana e a dissolução de outra. Porém, sempre que acontecia algum problema entre eles, verifica-se um rápido movimento em busca da concordância para que os problemas não se avolumassem.

Apesar dos pequenos problemas que surgiram, ao passo que o campeonato seguia, outros clubes – de elite ou não – surgiam ou criavam seções dedicadas à prática de futebol. Chama nossa atenção que, após a fundação da Liga, todos os clubes, além dos tradicionais cargos de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, traziam em sua diretoria o cargo de diretor de *sports* terrestres. É razoável supor que uma das funções dessa diretoria fosse tratar do ingresso do determinado clube na famigerada e concorrida LBST.

Entre os clubes fundados durante a execução do campeonato, chamou a nossa atenção um denominado Club dos Athletas. O **Diário da Bahia** de 28 de junho 1905 informou que alguns dias atrás foi fundado na capital baiana

[...] uma associação de sport sob o titulo de *Club dos Athletas*, tendo por fim fortalecer a mocidade por meio de exercicios phisicos.

Não precisamos encarecer a necessidade da criação de clubs semelhantes, porque vemos, felizmente, que a mocidade bahiana vae comprehendendo o papel que exerce a educação phisica na formação das raças fortes.

Do programma do *Club dos Athletas*, consta o ensino da esgrima do florete e da espada, da gymnastica e dos exercicios de força, havendo aulas diarias e nocturnas leccionadas pelo sargento da armada Poreino Izidro da Silva, sob a direção do professor Antonio Bussone.

A directoria provisoria do Club é composta dos srs. capitão Francisco de Paula Gonçalves (presidente) Terentillo de Brito (secretario) e Herothildes Adalberto das Chagas. (thesoureiro).

A séde provisoria é na rua do Arsenal da Marinha, n. 28, sendo as aullas já muito concorridas.

Que o *Club dos Athletas* progrida são os votos do *Diário da Bahia*.<sup>178</sup>

<sup>176</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 9.

<sup>177</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de maio de 1905, p. 1.

<sup>178</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 28 de junho de 1905, p. 1.

O jornal baiano trouxe em suas páginas uma ideia já defendida por professores da Faculdade de Medicina. Entretanto, a informação nova que o periódico trazia era o fato de a mocidade baiana estar compreendendo o papel da educação física na formação das raças fortes, sendo que as aulas no clube recém-fundado já contavam com grande concorrência. Isso reforça nossa ideia de que o futebol não era praticado apenas por ser entendido como uma prática de lazer ou passatempo. Para além disso, o futebol era um exercício físico que traria benefícios para os jovens e para a nação. Antes de ser um jogo, o futebol era um esporte, e sendo um esporte, era um exercício físico, com um papel a realizar naquela sociedade.

Parece que os jovens esportistas estavam desenvolvendo este papel, pelo menos na visão da imprensa baiana. Os jornais funcionavam como uma espécie de porta-voz dos clubes e defensores do esporte. Em nenhum momento foi visto nessa mídia uma crítica sequer em relação ao modo como os jovens da elite praticavam o esporte. Em suas notícias, sempre se deixava claro que era uma grande felicidade e prazer falar sobre uma festa esportiva. Muitas vezes, diziam que a sociedade baiana tinha uma grande dívida para com os *sportmen*, tendo muito o que agradecer aos bons atos dos jovens que a cada dia se transformavam em baluartes do esporte na Bahia.

É sempre com grande satisfação que descrevemos as sportivas que entre nós se realizam, satisfação que sóbe de ponto, quando assistimos a alguma entusiastica e animada como a effectuada domingo passado no Campo dos Martyres pela Liga Bahiana de Sports Terrestres no qual disputavam a palma do triumpho os dois sympathizados clubs, Natação e Regatas S. Salvador e Sport Victoria, a quem deve muito nossa sociedade pelo impulso que tem dado ao Sport.

Às quatro horas da tarde, estava repleto do que ha de mais selecto no nosso meio social o campo onde iam se medir forças os dous valorosos clubs, e ao ser dado pelo juiz sr. Gleig o signal de começar a partida um fremito de anciedade percorreu a multidão immensa que vinha applaudir os bravos foot-ballers que iam disputar a victoria estimulados pelos applausos gentis que partiam das senhoritas assistentes do soberbo match e que traziam em suas toilettes as cores do club de suas sympathias.

Não se pode descrever o entusiasmo que se apossou da multidão logo que os valentes *forward* do S. Salvador deram uma prova de seu valor marcando um goal para seu club.

Depois deste goal, apezar dos esforços empregados pelos luctadores nenhum mais conseguiu fazer [...]

[...] Os teams dos valentes clubs jogaram denodadamente sendo justiça salientar do Victoria o *goal-kepper* sr. Edmundo de Carvalho e os srs. A. Tarquínio, O. Alves e Catharino, e do S. Salvador o *goal-kepper* Nova Moteiro Junter, os bachs srs. W. Campos e a A. Moraes que são sempre irreprehensiveis na maneira de jogar, os half-bachs que se portaram admiravelmente e o sr. Harriss kirby distincto sportman actualmente entre nós.

Nossos parabéns aos vencedores do esplendido match.<sup>179</sup>

Nem todos os jovens soteropolitanos, contudo, contavam com o apoio dos jornais. No mesmo momento em que os clubes da elite viviam tempos de glória, clubes populares

<sup>179</sup> BPEBa, *Diário da Bahia*, 19 de julho de 1905, p. 1.

encontravam muitas dificuldades para praticar o esporte, principalmente devido à falta de praças esportivas destinadas para essa camada. Sofriam a perseguição da polícia, da imprensa, da Intendência e das famílias que se sentiam incomodadas com o modo popular de se jogar futebol. Naquele momento, entre os clubes populares, destacava-se o Liberdade, sempre lutando pelo direito de exercer a prática esportiva. No dia 27 de julho de 1905, o **Diário de Notícias** publicou um pedido do Liberdade, informando à revoltosa população que não eram eles que praticavam o esporte na rua Imperador e que não eram seus sócios que naquele local ofendiam a moral pública.<sup>180</sup>

O modo elitista de praticar e jogar o futebol, que obedecia os princípios e valores nobres de uma nação civilizada, com um sentido claro em uma sociedade que almejava modernização, era diverso do modo popular, que não seguia as regras e normas à risca, não estavam preocupados com aquilo a que a imprensa se referia como a moral e os bons costumes, e pareciam praticar o esporte apenas por diversão e vício. Desta maneira, o futebol popular era condenado pelas autoridades e pela elite local, pois poderia representar um perigo para toda a sociedade. Nesse sentido, o papel qualificador exercido pela imprensa era fundamental para diferenciar as maneiras ou modos de se praticar o esporte.

Apesar de tudo, os populares não pareciam desistir diante das dificuldades. Ainda durante o ano de 1905, foi possível ver que pelo menos quatro clubes populares foram fundados na cidade de Salvador, todos eles dedicados à prática do futebol. No campeonato da Liga, que teve como vencedor o Internacional, apesar das críticas que sofriam devido à forma como se comportavam, o número de populares foi crescente, exigindo ainda mais atenção dos organizadores do evento.

Uma reunião na sede da Liga Euterpe no dia 15 novembro de 1905 marcou o encerramento da temporada futebolística naquele ano.<sup>181</sup> Foi entregue ao Internacional uma belíssima taça de prata que havia sido prometida ao campeão. Devido ao sucesso do certame, os distintos jovens já começaram ali mesmo a planejar o campeonato do ano seguinte. Como tinham criado a Liga e o campeonato para ser um espaço de distinção social, um ambiente oficial onde pudessem se diferenciar dos demais, e como estavam tendo dificuldade para alcançar tal objetivo, os jovens sabiam que precisariam de mais atenção e mais organização para frear o ímpeto popular, almejando a distinção que tanto desejavam.

---

<sup>180</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de julho de 1905, p. 2.

<sup>181</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 15 de novembro de 1905, p. 1.

## **Imundos e viciosos invadem o Campo dos Martyres**

A expectativa dos jovens abastados que faziam parte da LBST era de que o campeonato de futebol do ano de 1906 fosse muito mais animado e atraente que o primeiro realizado no ano anterior. Buscaram organizar a competição de forma antecipada, realizando também uma série de amistosos durante o verão, quando as atenções da imprensa e da sociedade estavam mais voltadas para os esportes náuticos e a natação. Respeitando o calendário esportivo e festivo da cidade, os jogos e os campeonatos de futebol sempre começavam depois do carnaval e terminavam antes do fim da primavera, quando o calor apertava e, na visão dos médicos, poderia trazer prejuízos à prática de um esporte como o futebol. O tempo quente era mais apropriado para a prática de esportes aquáticos.

Sendo assim, no dia 18 de abril de 1906 o **Diário da Bahia** trouxe a informação de que a LBST realizaria mais um campeonato na cidade, com seu início previsto para o dia 6 de maio, com o jogo inicial a ser disputado entre o São Salvador e o Vitória. Para este campeonato, ocorreu apenas a substituição do São Paulo, que tinha sido dissolvido, por uma equipe da elite fundada no final do ano anterior, denominada Santos Dummont.<sup>182</sup> Mais uma vez, a Liga deixou de fora inúmeros clubes populares que existiam na cidade, pois o sucesso do futebol, para eles, estava diretamente associado à distinção e à diferenciação.

Após o fim de um curto campeonato de *lawn-tennis* vencido pelo São Salvador, teve início o campeonato de futebol. O jogo da bola sem dúvida alguma era aquele que mais atraía público e chamava atenção dos baianos. O primeiro *match* do torneio aconteceu, como de costume, no Campo dos Martyres, devidamente preparado para receber o evento. Segundo o **Diário da Bahia**, um público de mais de 5 mil pessoas apreciou a brilhante partida.<sup>183</sup> O jornal ainda afirmou que o grande público era merecido não apenas por ser a estréia do campeonato, mas pelo valor e o grau dos clubes que estavam envolvidos. Sendo clubes distintos da sociedade soteropolitana, era quase obrigatória a presença dos baianos para louvarem e aplaudirem os *sportmen*. O **Diário de Notícias** exaltou a extraordinária pompa e a enorme concorrência existente no jogo, no qual "[...] distinguiam-se ostentando elegantes toilettes das cores simbolicas dos clubs contendores as gentis senhoritas do escol de nossa sociedade, adeptas e entusiasta do *foot-ball*.<sup>184</sup>

<sup>182</sup> BPEBa, **Diário de Bahia**, 18 de abril de 1906, p. 1.

<sup>183</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 8 de maio de 1906, p. 1.

<sup>184</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 7 de maio de 1906, p. 2.

O **Diário da Bahia** se esmerou em detalhar vários momentos do jogo, sempre elogiando os jogadores das equipes e parabenizando o São Salvador, que saiu vitorioso. Empolgado com o primeiro jogo, no seguimento da notícia o cronista informou vários dados referentes ao campeonato, preocupando-se principalmente em informar sobre a próxima partida a ser realizada pelos times Sport Club Bahiano e Internacional. Não esqueceu de dizer que eram clubes distintos e simpáticos que mereciam toda a atenção da população baiana. Lembrou que o Internacional tinha sido o vencedor do último campeonato, mas que vários de seus jogadores ingleses já tinham deixado a capital, não sendo isso um motivo a preocupar, já que outros ingleses tinham chegado e assumido as vagas ociosas.<sup>185</sup>

As partidas seguiram e cada vez mais atraíam os olhares da sociedade. Os jornais estampavam propagandas de lojas que vendiam materiais importados da Europa para a prática de futebol.<sup>186</sup> Até mesmo uma ambulância e serviços médicos foram oferecidos à Liga.<sup>187</sup> A edição de 21 de maio da **Revista do Brasil** afirmou que, graças aos jovens e incansáveis *sportmen* da elite soteropolitana, os esportes já se achavam bem desenvolvidos na capital. Informou ainda que, além dos clubes filiados à Liga, existia uma série de pequenos clubes que cultivavam não só o futebol, mas também outros esportes. Só não informavam o motivo destes não estarem filiados à Liga ou participando do campeonato. A concorrência nas arquibancadas dos jogos era sinônimo de prosperidade, mostrando que a população da cidade estava de fato se interessando pelos esportes.<sup>188</sup>

As empresas começaram a perceber que os esportes poderiam ser meios interessantes para a divulgação de suas marcas, e não demoraram a utilizá-los para propaganda nos jornais. Entre várias dessas propagandas, nos chamou a atenção a de uma linha de cigarros dedicada aos esportistas, que dizia: "Em pleno outono, tudo é desenvolvimento physico. Salvé a educação, Salvé. Para não enfraquecerdes os pulmões, use os CIGARRILHOS JAPONEZES. Fabricamos com esmero e fumo escolhido".<sup>189</sup>

O futebol estava pegando fogo na cidade. O quarto jogo do campeonato reuniu cerca de cinco mil pessoas das mais diversas camadas sociais. Destacavam-se distintas famílias, cavalheiros de posição social e jogadores de sociedades congêneres.<sup>190</sup> As pessoas presentes mostravam um grande interesse pela partida, fazendo conjecturas sobre o placar do *match* e

<sup>185</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 8 de maio de 1906, p. 1.

<sup>186</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 4 de abril de 1906, p. 3.

<sup>187</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de maio de 1906, p. 3.

<sup>188</sup> BPEBa, **Revista do Brasil**, 21 de maio de 1906, p. 33.

<sup>189</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de maio de 1906, p. 3.

<sup>190</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 28 de maio de 1906, p. 3.

analisando os jogadores. Segundo o cronista, não era possível ver de um lado ao outro um espaço vazio, pois de *ground a ground*, o campo estava tomado de todo o povo. No fim da partida, o povo que delirava de entusiasmado envolveu os campeões e, junto com uma banda da polícia, fez uma grande procissão para saldar os jogadores, promovendo uma festa pelas ruas da cidade.

O **Diário da Bahia** de 2 de junho de 1906 informou que os representantes da Liga tiveram que fazer uma reunião na sede da Liga Euterpe com o objetivo principal de reformar os estatutos e tratar de outros assuntos de interesse da Liga. Das novas medidas que foram tiradas da reunião, o jornal destacou uma colocada em prática de forma imediata, tratando do ingresso e dos registros dos sócios nos clubes e na Liga.<sup>191</sup> É possível que essa medida urgente, que visava o controle dos sócios na entidade, fosse uma resposta a uma crescente popularização do futebol na cidade. Vendo que as coisas poderiam sair do controle, os clubes da elite trataram de criar novas regras e normas para barrar o avanço de populares no espaço oficial.

O campeonato seguiu. A partida que estava criando maior ansiedade na população baiana era a da sexta rodada que seria realizada entre Vitória e Internacional. O *match* prometia ser uma grande festa, contando com a presença de distinto e seletor público, pois seria um duelo entre os atuais campeões e o Vitória, clube de maior número de adeptos na cidade, que prometia ser muito forte naquele certame, sendo o principal favorito ao título.

O jogo aconteceu e, como era esperado, atraiu um bom número de público. O **Diário da Bahia** do dia 14 de junho noticiou o resultado e fez alguns comentários sobre a partida, como já era um costume do jornal. Nenhum contratempo acontecido no jogo foi relatado; apenas se evidenciou que o time do Internacional era fraco, não lembrando a equipe do ano anterior, sendo esse o motivo de a equipe ter perdido mais um jogo na competição.<sup>192</sup> Porém, a edição de 11 de maio do **Diário de Notícias** afirmou que neste jogo foi de lamentar

[...] que uma malta de desocupados pertubem as bellas partidas, a que o publico concorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar offensas quando perdem *shoot* e dando triste idéa dos nossos fóros de civilizados.

Convem notar que o *Internacional* é composto por inglezes, que devem ter de nossa parte, como hospedes que são, todas as distincções.

Achamos que a policia bem podia fazer sanar esta inconveniencia que vae se tornando um pessimo costume.<sup>193</sup>

<sup>191</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 2 de junho de 1906, p. 1.

<sup>192</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 14 de junho de 1906, p. 1.

<sup>193</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de junho de 1906, p. 1.

Apesar de o **Diário da Bahia** não ter noticiado problema, algo de anormal e surpreendente tinha acontecido durante aquela partida. E a coisa foi tão séria que o Internacional encaminhou para a LBST um ofício que foi publicado pelos jornais:

Bahia 12 de junho de 1906 - Illms. senhores - De ordem do sr. presidente, comunico-vos que, em assembléa geral extraordinaria, hontem realizada, ficou resolvida a retirada do nosso club da Liga Bahiana de Sports Terrestres, sendo a unica razão a maneira, pouco delicada e cortez, da parte de grande parte número de espectadores, para com o nosso *team*, na partida de *foot-ball*, realizada no domingo ultimo. Aproveitamos esta oportunidade para declarar que nenhum ressentimento temos dos clubs colligados, os quaes continuarão gosando da nossa inteira confiança e sympathy. Sou com estima e consideração - J. Carvalho, secretario. Aos illms. srs. presidente e membros da Liga Bahiana de Sports Terrestres.<sup>194</sup>

O ofício enviado pelo Internacional à LBST era claro, direto e objetivo: comunicava aos outros clubes sua saída imediata da entidade devido à forma como foram tratados pelo público no jogo contra o Vitória, considerada pouco delicada e nada cortês. No mesmo ofício, fazia questão de ressaltar que não havia ressentimento em relação aos clubes, que continuavam ser alvo da admiração e da confiança dos ingleses.

O problema do Internacional, na verdade, estava na relação conflituosa estabelecida entre as elites e as camadas populares. Diferente do público que era esperado e desejado, como já vínhamos mostrando anteriormente, populares estavam invadindo o espaço oficial, quebrando as regras e os códigos de conduta. O comportamento e as ações dos populares que atribuíam significados próprios ao futebol foi o motivo que levou os ingleses a se retirarem da Liga e do campeonato.

A situação constrangedora em que os populares colocaram um clube formado por ingleses que residiam na capital baiana, exigia ações e medidas rápidas tanto da Liga como da imprensa baiana. Jornais e revista criticaram em peso o comportamento dos populares, tentando colocar o acontecido como um ato de barbárie, de pessoas contrárias à civilização, que queriam viver no atraso e na imbecilidade. A imprensa trabalhou para deixar claro que a sociedade de Salvador era dividida entre civilizados e incivilizados, sendo que ações grotescas e repugnantes não faziam parte do cotidiano da elite, que criticava e condenava qualquer tipo de comportamento não nobre e hostil.

De modo geral, a imprensa tomou as dores do clube Internacional e publicou inúmeros pedidos de desculpas e ataques ao povo, afirmando que aqueles que maltrataram os jovens ingleses eram pessoas "[...] de quem não se pode exigir o mais elementar acto de civilidade e cortezia".<sup>195</sup> Era inaceitável a forma grosseira com que os populares trataram os ingleses. Era

<sup>194</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 17 de junho de 1906, p. 1.

<sup>195</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 17 de junho de 1906, p. 1.

louvável, contudo, a solidariedade dos clubes da elite, que entenderam a situação de constrangimento passada pelos ingleses, e já estavam tomando medidas para resolver a situação.

Resultou desse abuso, o qual, entretanto, podemos garantir, não se repetirá, julga-se molestado o Club Internacional e tomar a lamentavel resolução de se desmembrar da Liga Bahiana de Sports Terrestres, negando-se, portanto, a tomar parte em quaesquer divertimentos sportivos que sejam organizados entre nós.

Relatando o que se passou na ultima sessão da Liga Bahiana dos Sports terrestres, temos o prazer de registrar a nobre solidariedade dessa digna instituição e por nossa vez tambem appellarmos para os sentimentos dos briosos membros do Club Internacional, certos de que será reconsiderado o acto que os levou ao alvitre extremo de desligarem por completo dos seus distinctos companheiros.<sup>196</sup>

Os meios de comunicação queriam deixar claro que a prática realizada pelos populares nada tinha a ver com os costumes das elites. A seção esportiva da **Revista do Brasil** de 26 de junho de 1906 trouxe uma crônica interessantíssima sobre o caso, que merece ser citada na íntegra.

Um grupo de ingleses domiciliados nesta capital, não esquecendo o habito de sua terra, dedicou-se ao cultivo dos diversos generos de *sports*, meios de diversão que tanto agrada e que traz grande beneficio ás raças de phisico depauperado como, por exemplo a bretã.

Tão grande e poderosa foi a corrente de sympathias alcançada no nosso meio que não tardou muito a ser introduzido entre nós, creando-se diversas sociedades cujo fim era unicamente dedicar-se ao *sport*.

E foi crescendo de tal modo o entusiasmo da nossa mocidade, que pelo ano de 1903, os clubs sportivos surgiam como cogumelos em tempo chuvoso.

Logo tratou-se da fundação de duas sociedades superiores, que receberam os nomes de "Liga Bahiana dos Sportes Terrestres" e "Federação dos Clubs de Regatas da Bahia".

Dahi em diante é o que se tem visto até hoje; o crescente desenvolvimento do *sport*.

Mas, quando tudo em bom caminho; quando já as sociedades contam no seio para mais de mil jovens que se dedicam ao *sport*, contando sempre com o valioso concurso daquelles que são e devem ser considerados o PAES DO "SPORT" na Bahia, surge de um centro vicioso e immundo, a querer contestar os nossos foros de civilizados, uma sucia de individuos da mais baixa estirpe, para vaiar o brioso team do "Club Internacional" dando assim um attestado irristissimo de que esses individuos não conhecem os mais rudimentares principios de civilidades.

Foi isto que se viu na partida "Foot-ball" do dia 10 do corrente, o que deu motivo a que o "Club Internacional" declarasse á Liga que se considerava desligado.

Felismente a Liga soube cumprir o seu dever, não se conformando com a decisão do "Club Internacional" e tomando a si as mesmas ofensas.

De alguma fôrma, porém, o procedimento condemnavel daquelles individuos trouxe algum embaraço ao actual campeonato de "Foot-ball," porque os distinctos socios do "Sport Club Bahiano," num rasgo eloquente de solidariedade que diz altamente dos seus brios de moços de fina educação, recusaram continuar a jogar no campeonato actual, caso deixasse de tomar parte o "Club Internacional".

Esta resolução altamente louvavel, encontrou guarida nos socios do "Club São Salvador" transferindo de commum accordo a partida do dia 17 que iam disputar, até que aquelle club resolva sobre o assumpto de que trata o officio que lhe dirigiu a Liga, que pede a reconsideração do mesmo acto.

A partida de *foot-ball* do dia 10 do corrente, entre os clubs "Internacional" e "Victoria" levou ao Campo dos Martyres para mais de 6 mil pessoas, dentre as quaes se destacavam num conjuncto admiravel de graça e belleza, grande número de exmas

<sup>196</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 17 de junho de 1906, p. 1.



senhoras e gentilissimas senhoritas, trajando vestes proprias para aquelle genero de festa e trazendo, cada qual distinctivos em fitas com as cores dos clubs predilectos.

Ao signal do *referee* sr. A. Petersen, teve começo a disputa, marcando o Internacional um *goal* contra o seu contendor.

Ainda assim não desanimaram os jogadores do Victoria, que alguns minutos depois contavam tambem um *goal* resultado de um passe de A. Tarquinio, bem aproveitado por J. Tarquinio.

Após o descanso de 15 minutos começou o 2º *halftime*, com mais vigor que o 1º dando logar aos assistentes apreciarem um jogo lindissimo e de admiravel combinação.

Atordoados com as vaias dos garotos e imbecis, os jogadores do Internacional viram o seu *goal* varado novamente pelos do Victoria, terminando a partida com o seguinte resultado: Victoria 2 goals; Internacional 1 goal.<sup>197</sup>

Na crônica, foi possível perceber todo o respeito que as elites soteropolitanas tinham para com o Internacional, principalmente por este ser formado por ingleses residentes na cidade. Segundo a mesma, os bretões foram os principais incentivadores dos esportes na capital baiana, figurando entre os pais do esporte na Bahia. E quando os esportes já eram sucesso em Salvador, surgiam, de um centro imundo e vicioso, pessoas da mais baixa estirpe dispostas a contestar os foros de civilidade das elites. Indivíduos que, segundo o cronista, não tinham os rudimentares princípios de civilidade. Elementos que acabavam por envergonhar a elite soteropolitana, expondo ao constrangimento a mais seleta sociedade da capital.

Os outros clubes elitistas de Salvador logo se mostraram solidários ao Internacional, sendo que alguns anunciaram sua retirada da Liga. Todos estes atos eram louvados pela imprensa, pois assim os jovens da elite estavam mostrando serem diferentes dos imbecis que atacaram os ingleses. Os estrangeiros tinham que saber que os jovens da elite situavam-se em outro patamar de educação e civilidade. Sendo assim, a Liga preparou um ofício e encaminhou aos bretões.

A falta de comprehensão precisa dos mais simples deveres da educação nesses desherdados da sorte e da sociedade; a carencia de um policiamento efficaz do Campo dos Martyres em dias de partida, inconveniente este, que vae ser sanado em vista das ordens terminantes dadas a este respeito pelo sr. dr. chefe de policia; a ignorancia do nosso povo, pouco habituado ainda a esses jogos que elle applaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção e suas irrefreaveis sympathias foram as causas determinantes do lamentavel factio que nos levaram a tomar o extremo alvitre de nos desligardes do meio sportivo bahiano, no qual, entretanto, tendes encontrado sempre a mais delicada e sollicita amizade, o mais correcto e leal colleguismo.

Refreadas ou corrigidas essas faltas terá desaparecido o motivo, todo involutario para esta Liga, da vossa retirada.

Appellando, pois, para os vossos sentimentos de justiça e colleguismo esta *Liga* espera que não lhe quèrereis dar tão dura prova de desconsideração, a elle que se declara solidario comvosco e que, mais do que vós mesmos, irá soffrer as tristes e desairosas consequencias do vosso desmembramento.<sup>198</sup>

<sup>197</sup> BPEBa, *Revista do Brazil*, 26 de junho de 1906, p. 9.

<sup>198</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 15 de junho de 1906, p. 1.

A LBST tentou convencer de várias formas a permanência do Internacional no campeonato. A instituição soltava notas nos quais seus membros afirmavam estarem sentidos com toda situação, mas solicitavam a permanência dos ingleses, pois consideravam a saída da Liga uma perda irreparável. Enviaram um ofício informando que o chefe de política já tinha tomado medidas enérgicas a fim de identificar e conter os moleques que promoveram a baderna. Como manifestação de apoio, o São Salvador avisou que não participaria dos seus jogos enquanto a situação não fosse resolvida.<sup>199</sup>

Recebido o pedido de desculpas e as promessas de que os problemas não mais se repetiriam, o Internacional convocou uma reunião para acertar seu retorno ao campeonato mas nada ficou acordado.<sup>200</sup> A Liga resolveu esperar uma decisão final do Clube Internacional, adiando seus jogos e colocando no lugar alguns amistosos que já contavam com uma comissão destinada a fiscalizar o campo antes e durante a partida.

A partir deste episódio, podemos perceber conflitos envolvendo questões raciais, sociais e também de nacionalidade em torno do futebol na capital baiana. Sidney Chalhoub, em **Trabalho, Lar e Botequim**, aponta que, para além de conflitos sociais e raciais no fim do século XIX e início do XX no Rio de Janeiro, havia também os conflitos de nacionalidade, envolvendo brasileiros e estrangeiros, e até mesmo estrangeiros e estrangeiros de nacionalidades diferentes. cremos que a manifestação da população no jogo realizado entre os ingleses e os brasileiros não foi motivada por questões sociais ou raciais, já que todos os jogadores do Vitória pertenciam às elites de Salvador. Apesar de contar com a presença de mestiços como os irmãos Tarquínio, o Vitória era um clube formado por brancos, sendo este mais próximo em seus costumes dos ingleses do que dos populares. Então, podemos supor que os populares se manifestaram contra o Internacional especialmente por que era um time formado por jogadores ingleses. E a visão de que os ingleses foram hostilizados simplesmente porque eram estrangeiros foi muito compartilhada pelos jornais e revistas da época.

---

<sup>199</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 17 de junho de 1906, p. 1.

<sup>200</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 21 de junho de 1906, p. 2.



**FIGURA 2** - Time do Vitória em 1908, Revista do Brasil, 30/12/1908.

Uma forte crise caiu sobre a LBST, que esperava que o Internacional voltasse ao campeonato. Notícias circulavam nos jornais afirmando o descontentamento da Liga em relação à postura dos ingleses. Dias depois, eram desmentidas por um outro jornal, que afirmava serem falsas.<sup>201</sup> Ao que parece, contudo, muitos membros da instituição reprovavam a postura irredutível dos ingleses de não voltarem a disputar o campeonato, já que providências estavam sendo tomadas no sentido de evitar novos problemas.

Em reunião realizada no dia 25 de junho, o Internacional tomou uma decisão comunicada à Liga e à imprensa: os ingleses resolveram continuar na instituição, voltando a disputar os jogos do campeonato, desde que as partidas fossem realizadas em local privado e fechado.<sup>202</sup> Na reunião da LBST realizada no dia 27 junho, pediram desculpas aos outros clubes, mas enfatizaram que só jogariam em campo particular.

A crise que acometia a LBST parecia não atrapalhar a popularização do esporte na cidade; um mês após o acontecido, foi identificada a fundação de seis clubes de futebol na capital. Não sabemos se o surgimento desses clubes teve algo a ver com o problema na Liga. Aos efeitos desta pesquisa, importa perceber que a crise que atravessava o futebol soteropolitano não atingia a todos, e sim apenas os clubes da elite. Os populares que se

<sup>201</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de junho de 1906, p. 3.

<sup>202</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de junho de 1906, p. 3.

envolviam com esporte pareciam não se importar ou não eram atingidos pelos problemas que minavam o seletivo grupo oficial.

Na reunião do dia 4 de julho, o presidente da LBST informou ter recebido um convite para uma conferência com o Dr. E. Hayn, diretor da Carris Electricos, na qual o distinto empresário tinha oferecido seu *hyppodromo* para que fossem realizados os próximos jogos do campeonato. Uma comissão foi formada para visitar as instalações do Prado, trazendo uma proposta que foi discutida pela Liga no dia 10.<sup>203</sup>

No dia 19 de julho, a Liga voltou a se reunir a fim de tratar do futuro do campeonato. Modificações na tabela tiveram que ser feitas, considerando que o Internacional não aceitou os pedidos de reintegração. Várias partidas tinham sido adiadas e era preciso retomar a normalidade. Porém, nada mais seria como antes. A preocupação maior da reunião foi tratar da aquisição de um campo particular e fechado com o fim de afastar os populares dos próximos jogos. Na reunião, foi informado que vários locais tinham sido oferecidos e diversas propostas tinham sido analisadas pela instituição, mas todas foram rejeitadas por serem muito dispendiosas. A solução encontrada foi entrar de vez em negociação com o Dr. E. Hayn a fim de firmar um contrato com o engenheiro dono do Prado da Boa Viagem. Foi acordado que até que a Liga recebesse uma resposta do Dr. Hayn, nenhum outro lugar seria consultado.<sup>204</sup>

A necessidade de procurar um espaço particular para realizar seus jogos pode ter surgido da impossibilidade de restringir o ingresso de pessoas no Campo dos Martyres, um local público, usado tradicionalmente na cidade de Salvador para as mais diversas práticas de lazer. Ao buscar um local fechado, fica evidente que as elites não toleravam mais dividir um mesmo espaço com populares. Se o objetivo da criação da Liga era a distinção, até agora não tinha sido alcançado devido à ação dos populares. Ao analisar este acontecimento, cremos que, neste caso, a posição de resistência foi tomada pela elite, que buscou resistir à investida popular, a fim de preservar um espaço nobre e cuja localização correspondesse à distinção social de seus membros.

Entre as ações de resistência visando a distinção, foi decidido em uma seção da Liga que todos os clubes deveriam levar uma lista atualizada em que constassem os nomes de todos os sócios, para que fosse possível controlar de forma mais eficaz a entrada das pessoas nos dias de jogo. Os primeiros clubes a entregarem suas listas com os nomes dos sócios registrados

---

<sup>203</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 12 de junho de 1906, p. 1.

<sup>204</sup> BPEBa, **Diário de Bahia**, 21 de junho de 1906, p. 1.

foram Vitória e Bahiano, sendo que o primeiro apresentou à Liga um documento no qual constava serem filiadas 257 pessoas.<sup>205</sup>

Após a crise provocada pela saída do Internacional, a situação em que se encontrava a Liga era delicada, aparecendo várias discordâncias entre os clubes. Estas discordâncias começaram no momento em que o Internacional não aceitou um pedido de reintegração. Apesar de entenderem a situação constrangedora passada pelos ingleses, os outros clubes não ficaram satisfeitos pela não revisão da decisão do abandono da Liga.

Outras discordâncias começaram a surgir, sendo que até os resultados de algumas partidas tiveram de ser resolvidos no "tapetão", em reuniões realizadas pela entidade. O presidente da entidade bem que tentou cancelar discussões como essas, alegando estar claro no Estatuto que o resultado final cabia à declaração do árbitro e que esta não podia ser mudada. Entretanto, o clima era tão tenso que os discordantes passaram a discutir as possíveis interpretações que os artigos e capítulos do Estatuto poderiam ocasionar, solicitando sempre a revisão do caso.<sup>206</sup>

Longa e animada foi a discussão desse assumpto, falando quasi todos os membros da Liga, d'entre estes o sr. Raul Oliveira declarando estar junto aos postes de *goal* do lado em que jogava o club S. Salvador e afirmando não ter havido o *goal* que reclama o *Victoria*; por sua vez, o sr. E. Tapioca, um dos *linesmen* escolhido pelo sr. May, declarando ter sido feito o *goal*, e por fim o sr. F. G. May confirmando que não consultou nenhum dos seus auxiliares porquanto em sua consciencia não pairou menor duvida àquelle respeito.<sup>207</sup>

A declaração do juiz foi fundamental para que se chegasse a uma decisão, que não agradou aos representantes do Vitória. O presidente da Liga, baseando-se nos Estatutos afirmou não ser possível modificar o resultado de um jogo. Colocou a proposta de manutenção do resultado na mesa para votação, sendo aprovada pela maioria presente. Nesta reunião ainda trataram de discutir uma questão de suma importância: após a confusão realizada pelos populares, as belas e excelentíssimas senhoras tinham se afastado das arquibancadas. Era um problema a ser resolvido pela Liga, que tirou uma comissão a fim de observar os lugares que seriam reservados às senhoras que desejassem honrar a partida com suas presenças.<sup>208</sup> As moças precisavam torcer em locais seguros, longe daqueles que ofendiam os princípios da civilidade e da moral pública.

<sup>205</sup> BPEBa, *Diário de Bahia*, 29 de junho de 1906, p. 1.

<sup>206</sup> BPEBa, *Diário de Bahia*, 29 de junho de 1906, p. 1.

<sup>207</sup> BPEBa, *Diário de Bahia*, 29 de junho de 1906, p. 1.

<sup>208</sup> BPEBa, *Diário de Bahia*, 29 de junho de 1906, p. 1.

Haroldo Maia, que lamentou as ações populares no jogo entre o Vitória e o Internacional, pois teriam trazido problemas para o desenvolvimento do esporte na capital baiana, informou que o público dos jogos caiu cerca de 50% após as confusões na Liga. Só os jogos realizados entre o São Salvador e o Vitória eram capazes de atrair grande público.<sup>209</sup>

É possível que o público tenha diminuído, mas os jornais sempre relatavam que continuavam concorridos.<sup>210</sup> Talvez só tenha diminuído o número de espectadores das elites, principalmente o de senhoras e senhoritas. Isso seria um problema para a Liga, que não se preocupava com a queda no público, desde que essa queda fosse relacionada ao número de populares. Para seus diretores, interessava muito mais a qualidade que a quantidade. A preocupação se orientava no sentido de afastar os imundos e viciosos, para assim atrair as seletas e excelentíssimas famílias, passando uma boa impressão do esporte.

Se era necessário tomar providências para o retorno dos nobres aos jogos de futebol, essas foram tomadas. A comissão escolhida pela LBST trabalhou para preparar um lugar especial em que camadas mais distintas da sociedade pudessem desfrutar da partida sem manter contato com as camadas populares. Na partida realizada no dia 29 de julho, a presença da seleta sociedade pode ser conferida em lugares especiais. O público contou com cerca de 3 mil pessoas, sendo que se destacavam gentis, alegres e graciosas, “[...] as nossas jovens patricias, cada qual trajando lindas vestes com as côres dos clubs que são adeptas”.<sup>211</sup> O cronista continua sua adoração das belas damas afirmando que

Fazia gosto vel-as, quasi na sua totalidade sentadas nas cadeiras que a *Liga*, por muita gentileza, a ellas destina, para que mais commodamente possam deleitar as vistas na contemplação dos bellissimos *shoots* do sr. A. Moraes e seus valorosos rivais.<sup>212</sup>

Parece que os problemas que afetavam a Liga acabaram por criar uma má impressão do futebol em algumas pessoas da alta sociedade baiana; apenas dois meses depois do início dos problemas, aparece pela primeira vez uma crônica criticando a prática do esporte na cidade. A **Revista do Brasil**, a mesma que dias antes tinha defendido os ingleses e a prática do futebol, trouxe no dia 14 de agosto uma crônica escrita por certo Ariosto, tendo como principal objetivo criticar a onda futebolística que tomava a capital baiana. Ao seu ver, o *foot-ball* só era praticado com tanto entusiasmo na Bahia por ser um esporte de origem inglesa. Segundo Ariosto, os baianos não analisavam e criticavam algo que viesse de fora, principalmente se fosse

<sup>209</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, pp. 12-13.

<sup>210</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 2 de agosto de 1906, p. 1.

<sup>211</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de julho de 1906, p. 3.

<sup>212</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de julho de 1906, p. 3.

proveniente de "gente boa", de raças apuradas como a inglesa. E era assim que pensavam sobre o futebol. Sua crítica caía sobre a máxima de que o que é bom é o que vem da Europa.<sup>213</sup>

No entender de Ariosto, por ser um esporte inglês, o futebol obrigatoriamente era entendido como uma agradável diversão e um exercício físico de grande vantagem. O cronista afirma não contestar os benefícios que o esporte poderia ter para os países europeus, onde o clima e a cultura são favoráveis ao desenvolvimento do esporte. Entre os baianos, o esporte bretão não traria benefício algum, sendo um grande problema nosso imitar "[...] tudo que vimos ou recebemos do estrangeiro, sem reflectirmos na inconveniencia dos seus resultados".<sup>214</sup> Ariosto não acreditava que, entregando os jovens a exercícios violentos, a um calor excessivo, correndo em um campo cheio de poeira, entre quedas e tropeços, recebendo pancadas fortíssimas, se pudesse crer que dali sairiam corpos perfeitos:

[...] será possível, repito, que os vasos sanguíneos não venham a sofrer as consequências de uma circulação aceleradamente violenta e os órgãos respiratórios e secretores não se irrite por essas imprudências?  
 Não será grandemente prejudicial o pó levantado pelos pés, quicá carregado de microbios geradores de molestias perigosas?  
 Certamente; mas, dirão os admiradores, si tal diversão é praticada por gente *limpa*, como não se deve tolerar, animar e applaudir?  
 É o caso: a sociedade apresenta-se sempre risonha, se entusiasma e applaude as maiores loucuras da gente *bôa*; ao passo que se manifestaria indignada, profundamente infezada e carrancuda, dispondo-se logo a dar combate a bem todos os interesses presentes e futuros, reais ou fictícios, si partissem de um pessoal a quem a natureza negou sua prodigalidade alvenitente.<sup>215</sup>

O crítico do *foot-ball* afirma que o futebol poderia preparar um futuro repleto de aneurismáticos, tuberculosos, hepáticos e outros doentes que pudessem surgir. No final de sua crônica, Ariosto pede desculpas aos médicos, *hygienistas* e profissionais do esporte, caso estivesse falando alguma heresia científica. Afirma ser necessário uma reflexão maior sobre a prática do futebol, para que assim se preservasse a boa higiene e a boa educação física entre os moços da capital.<sup>216</sup>

É curioso que só após a crise que atingiu o futebol baiano, uma opinião tão forte a respeito do esporte tenha surgido na imprensa. Mais curioso ainda é que, meses antes, a revista havia se posicionado em defesa do esporte, elogiando os ingleses e seus esportes. Se não podemos afirmar que a crítica teve algo a ver com a crise, podemos pensar que o momento que

<sup>213</sup> BPEBa, *Revista do Brasil*, 14 de agosto de 1906, p. 29.

<sup>214</sup> BPEBa, *Revista do Brasil*, 14 de agosto de 1906, p. 29.

<sup>215</sup> BPEBa, *Revista do Brasil*, 14 de agosto de 1906, pp. 29 e 30.

<sup>216</sup> BPEBa, *Revista do Brasil*, 14 de agosto de 1906, p. 30.

vivia o futebol de elite na capital era bastante crítico, que poderia levá-lo ao descrédito por parte da população.

Outro fato interessante que ocorreu envolvendo o futebol na cidade foi a publicação de um jornal sobre a fundação de um falso clube de futebol na cidade, com o nome de Tomaz Nabuco. Dois dias após a publicação da informação, o jornal recebeu uma carta de um leitor, afirmando que seu nome constava como um dos diretores do clube, sendo que ele não fazia parte de clube algum. Ao que parece, nenhum time tinha sido fundado, mas algumas pessoas resolveram pregar uma peça no jornal, utilizando o *foot-ball* como pano de fundo. Ao veículo da imprensa, coube um pedido de desculpas e a publicação da carta do leitor.

Venho protestar pela presente contra o manifesto abuso de confiança, uma especie de conto do vigario de que foi victima esta illustre redacção, pois que, além de não ter dirigido communicação alguma, ignoro absolutamente a creção de tal *club*. Sirva-se v. ex. acautelar-se contra futuros contos não dando ingresso em sua folha à publicações de pessimo espirito e que podem acarretar consequencias prejudiciaes. Se a publicação de hoje envolve um gracejo infeliz, contra mim e amigos meus, a de amanha, talvez revista de graves responsabilidades.<sup>217</sup>

Se parte da sociedade poderia estar descontente com o esporte, a grande maioria continuava a admira-lo. Os jogos que seguiram sendo realizados no Campos dos Martyres sempre contavam com um bom número de pessoas, tanto populares como abastados. A diferença é que agora os grupos estavam mais afastados. A empresa de charutos Dannemann lançou uma linha fina chamada Charutos FOOT-BALL, a fim de conquistar um mercado formado por nobres esportistas e simpatizantes do jogo da bola.<sup>218</sup>

Os problemas e dificuldades que a LBST encontrariam para controlar o futebol na capital baiana estavam apenas começando. Além da presença de clubes populares que tentavam enveredar pelo espaço social, foi fundada outra instituição com o fim de rivalizar no controle pelo *foot-ball* na cidade. A Liga Brasileira dos Sports Terrestres foi fundada com o objetivo de organizar um campeonato e conseguir espaços para que os clubes excluídos da LBST pudessem realizar seus jogos. Enviaram aos jornais ofícios informando as pessoas que faziam parte de sua diretoria, um programa para a realização das partidas e uma declaração com as datas das próximas reuniões.<sup>219</sup> Emfim, o futebol era um verdadeiro fenômeno que crescia tanto entre as elites como também entre as camadas populares.

Dentre aquella multidão de apreciadores do bello genero de *sport*, certamente o que mais tem agradado em todas as partes do mundo civilisado, primorasamente bellas, se

<sup>217</sup> BPEBa, **Diário da Bahia**, 24 de julho de 1906, p. 1.

<sup>218</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1906, p. 3.

<sup>219</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de junho de 1906, p. 1.



destacavam, dando verdadeira idéia de um roseiral em flor, as nossas formosas patricias que tanto animam com as suas presenças, as festas a que comparecem.<sup>220</sup>

A oportunidade de conquistar mais uma vez o coração dos baianos seria em uma partida realizada entre a seleção da LBST e o clube africano South-African. O **Diário de Notícias** anunciou que o jogo era o grande evento do ano. Colocou a escalação da seleção baiana e pediu a presença de um maciço público, mesmo sendo a partida em um horário impróprio. O jogo seria realizado às 6 horas da manhã, pois o navio que deveria partir em viagem com os sul-africanos sairia naquele mesmo dia. Apesar do horário ingrato, mais de 1000 pessoas se deslocaram para o local do jogo, chegando a contar com a presença de uma banda da polícia militar. O problema é que o jogo não aconteceu. Nada tinha sido acordado entre a LBST e o suposto time estrangeiro. Coube ao jornal pedir desculpas às pessoas iludidas por uma brincadeira.<sup>221</sup>



**FIGURA 3** - Caricatura com E. Malta e J. J. Seabra jogando futebol, Revista do Brasil, 30/08/1906.

O principal problema que encontrava a imprensa e as elites que desejavam controlar o esporte na capital baiana, contudo, não eram as peças pregadas por brincalhões, mas os populares que continuavam a tomar gosto pelo esporte. Pobres, moleques, garotos de rua, imbecis, vadios, imundos, todo este tipo de gente estava tomando gosto pelo jogo da bola, sendo

<sup>220</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1906, p. 3.

<sup>221</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de agosto d 1906, p. 1.

um grande desaforo para os pomposos elitistas. Em uma nota intitulada *Foot-ball* dos garotos, o **Diário de Notícias** de 31 de agosto trouxe reclamações contra a maneira popular de se jogar futebol. O alvo do veículo das elites eram garotos pobres que jogavam futebol de noite e de dia, incomodando as seletas famílias.

[...] esta reclamação, de que nos fazemos éco, contra meninos vadios que vivem noite e dia a jogar toda especie de jogos prohibidos, sem que a policia, nem ninguem, lhe ponha cobro.

O foot-ball então vae se alastrando por toda parte, nelle tomando parte meninos de escola, moleques desocupados, vendedores de queimados etc.

A Praça 15 de Novembro (Terreiro) vê-se disso todos os dias; na Praça Castro Alves (Largo do Theatro) no Pelourinho, em S. Miguel o foot-ball dos garotos campeia impune, com todo o seu cortejo de palavras, pedradas, atracações.

Agora, quem se queixa são os moradores da rua Senador Nabuco de Araújo (antiga de S. Pedro) onde a vadiagem se exhibe em plena liberdade o dia inteiro, entrando pela noite até 10 e 11 horas.

Parece uma abandonada a capital da Bahia, onde nem soldados se vêem nas ruas, ha cerca de um mez!<sup>222</sup>

O modo popular de pensar e praticar o futebol incomodava as elites que usavam o esporte como mecanismo de modernização. Para as elites, o futebol deveria promover a paz, a honra e a moral. Não era admitido no esporte de elite nenhum comportamento que não fosse nobre. Atribuindo outros sentidos e significados ao esporte, surgiam os populares que disputavam os jogos debaixo de xingamentos, pedradas, brigas e apostas. Para o jornal, este comportamento era repugnante, devendo ser combatido pela polícia.

Não eram apenas os garotos que se dedicavam à prática do futebol. Observando os jornais da época, pudemos ver que cerca de meia dezena de clubes eram fundados por mês na capital baiana, sendo a maioria deles sediados em bairros populares. Cremos que estes clubes realizavam seus jogos em locais não permitidos pela Intendência e criavam ligas e campeonatos que eram disputados sem serem noticiados pela imprensa, que apenas se preocupava com o futebol da elite. Mesmo restringindo-se a acompanhar de perto a LBST e os clubes filiados a ela, os jornais sempre anunciavam a realização de jogos de futebol de amadores em vários locais da cidade, todavia sem fazer muito alarde ou dar muita atenção.

O campeonato de 1906 da LBST chegou ao fim tendo como campeão o São Salvador. Após um ano turbulento, o último jogo do campeonato aconteceu com a pompa esperada. Ao fim do jogo, uma verdadeira procissão se formou em torno dos campeões que desfilaram pelas ruas da cidade com a banda da polícia, perfazendo um trajeto que foi do Campo dos Martyres ao Politeama. A taça de prata foi entregue ao clube campeão em seção realizada pela LBST no

<sup>222</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de agosto de 1906, p. 3.

dia 26 de setembro de 1906.<sup>223</sup> Dessa forma, deu-se por encerrado o problemático campeonato daquele ano, mas não as reuniões da Liga, que tinha ainda muitos assuntos a tratar, principalmente relacionados ao campeonato do próximo ano, tentando evitar que os mesmos problemas se verificassem novamente. A moda tinha pegado. Agora era necessário controlá-la.

### **Medidas de distinção: o fermento do futebol popular**

Em 1907, o futebol já era uma mania entre os soteropolitanos. Ricos e pobres praticavam o esporte, cada um conferindo sentidos e significados diferentes ao mesmo. As mídias não cansavam de falar que o esporte tinha virado uma verdadeira moda na cidade. Para alguns setores da imprensa, na capital baiana não havia um uso, mas um abuso do *foot-ball* por parte dos soteropolitanos.<sup>224</sup>

A primeira nota que o **Diário de Notícias** trouxe naquele ano sobre o esporte relatava justamente o nível da popularização que tinha alcançado. Sobre o título de “Mania de ‘foot-ball’”, o jornal relatou que um aprendiz de alfaiate chamado João Meirelles, quando “[...] se entregava a *mania* de *foot-ball* no largo da Preguiça, sucedeu cair fracturando os ossos do ante-braço direito”.<sup>225</sup> A nota continuou afirmando que o jovem procurou um hospital da capital, onde foi realizada uma cirurgia para reduzir a fratura, sendo liberado para voltar à sua casa.

Chama a atenção o fato de o jornal utilizar palavras como “abuso” e “mania” sempre que se referiam ao futebol praticado por membros das camadas populares. Enquanto os jogos dos clubes das elites eram realizados por bravos *sportmen*, os jogos dos clubes menores eram praticados por amadores e viciosos. Parece que o fato de pessoas de origem popular praticarem o esporte trazia um grande desconforto para a elite que queria controlar o destino do futebol na capital, atribuindo-lhe apenas significados pedagógicos e elitistas. Sempre criticavam os modos de se jogar futebol que não obedecessem aos princípios elitistas. Fica evidente que, além de criar um espaço distinto, a elite queria também monopolizar a prática do jogo na cidade.

Entre os representantes dessas elites, os esportes faziam tanto sucesso que, em fevereiro de 1907, foi fundada uma distinta agremiação de carnaval chamada Club Carnavalesco dos Sports. O objetivo da entidade era apresentar-se no carnaval de 1908, homenageando os esportes e os esportistas da cidade. Na sessão de posse da diretoria, foi possível ver distintas e

---

<sup>223</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 26 de setembro de 1906, p. 2.

<sup>224</sup> BPEBa, **Revista de Brasil**, 13 de dezembro de 1907.

<sup>225</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de fevereiro de 1907, p. 2.

excelentíssimas senhoras que, trajando roupas finíssimas, pronunciaram uma série de discursos durante a festa que se desenvolveu com dança até a madrugada.<sup>226</sup>

O futebol já estava virando atração até mesmo em outras cidades. Após a fundação do Sport Club Liberdade na cidade de Itaparica, foi fundado em São Félix o Sport Club Foot-Ball Salvador Pinto, formado por distintos jovens daquela cidade, que pretendiam em breve criar uma sociedade de regatas para movimentar as águas do Rio Paraguaçu.<sup>227</sup> Oito dias depois, o jornal recebeu a informação de que outro clube de futebol tinha sido fundado na cidade presépio sob o nome de Club Paraguassú.<sup>228</sup>

Em Salvador, clubes menores como o União, Grupo Brasil e o Vera Cruz, realizavam jogos de forma periódica, utilizando como campo o Largo do Papagaio, na Cidade Baixa, ou o Largo das Pintangueiras, no distrito de Brotas. Esses jogos não eram muito destacados pela imprensa que geralmente se limitava a divulgar os resultados da partida.<sup>229</sup> Aos efeitos do desenvolvimento dessa reflexão, essas informações são de muita valia, pois revelam que, além do espaço dito oficial, existiam outros locais onde o futebol estava sendo praticado de forma organizada por pessoas que não tinham acesso aos ambientes elitistas. Podemos perceber que os populares não jogavam futebol apenas nas ruas e de forma desregrada, pois foram capazes de organizar clubes e fundar ligas para praticarem o esporte de forma organizada.

Sabendo do crescimento do gosto dos populares pelos esportes, a LBST, que a tempo já estava organizando o seu terceiro campeonato de futebol, resolveu tomar novas medidas de distinção. Em reunião realizada no dia 17 de abril de 1907 finalizou as discussões a respeito do certame que seria disputado pelas mesmas equipes que tinham disputado o anterior, com a exceção da equipe do Internacional, que tinha desistido de disputar os eventos da Liga em decorrência dos problemas ocorridos com os populares. A grande novidade do campeonato nesse ano seria a transferência dos jogos do Campo dos Martyres para o antigo Derby localizado no Rio Vermelho, que estava sendo adaptado e preparado para receber os jogos de futebol e seu público.<sup>230</sup> A Casa Clark anunciava aos *sportmen* que os novos artigos de futebol já tinham chegado a tempo de serem usados no campeonato.<sup>231</sup>

A mudança no local onde seriam realizados os jogos não foi a principal entre aquelas promovidas pela LBST. A grande surpresa do ano foi aprovada junto com outras convenções

<sup>226</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de Fevereiro de 1907, p. 2.

<sup>227</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 19 de Março de 1907, p. 3.

<sup>228</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de Março de 1907, p. 3.

<sup>229</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de abril de 1907, p. 2.

<sup>230</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 18 de abril de 1907, p. 3.

<sup>231</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de abril de 1907, p. 3.

publicadas no **Diário de Notícias** de 6 de maio. A partir de então, para entrar nos jogos da Liga que seriam realizados em campo particular, seria preciso coçar os bolsos para a aquisição de ingressos. Esta medida visava excluir as camadas populares do evento, já que dificilmente teriam condições de se deslocar para o Rio Vermelho e ainda ter que custear os ingressos para assistirem os jogos.<sup>232</sup>

A LBST buscou inspirações na Liga Paulista de Foot-ball, da qual afirmava copiar todas as regras do jogo, já que os paulistas utilizavam como base o manual das regras inglesas. As ações da Liga Bahiana visavam afastar as camadas populares do espaço oficial, restringindo e limitando o acesso a poucas pessoas que pudessem se enquadrar nos parâmetros elitistas. Não bastava então criticar o modo pelo qual os populares praticavam o futebol; era necessário também excluí-los dos locais onde ele seria praticado da maneira correta.

Para as entradas no ground ficou convencionado o seguinte:

Os socios dos clubs que tenham de jogar as partidas terão entrada, mediante a apresentação do recibo do mez; em dias, porém, de jogarem outros clubs, pagarão como qualquer dos espectadores;

Os jogadores e membros da Liga terão ingresso gratuito;

Entrada geral para o publico, 500 rs., cadeiras, 1\$000.<sup>233</sup>

Outro aspecto a ser registrado é que, entre os anos de 1905 e 1907, já existiam na cidade de Salvador dezenas de clubes que se dedicavam à prática do futebol, sendo que muitos realizavam jogos com certa regularidade. Porém, o campeonato da LBST continuava a restringir e limitar a entrada de novos clubes. Ao invés de acontecer um esperado crescimento no número de participantes do campeonato, o que se observou foi um decréscimo, pois, apesar da saída do Internacional, nenhum clube conseguiu se filiar à instituição.

Ao que parece, a estratégia dos clubes elitistas no sentido de afastar as camadas populares através da cobrança de ingressos para assistir aos jogos do certame deu certo. Sobre a primeira partida do campeonato ainda realizada no Campo dos Martyres devido às obras no Derby do Rio Vermelho, o **Diário de Notícias** apenas se limitou a dizer que houve uma assistência regular. A ausência de um público gigante e eufórico parece não ter agradado o cronista, que deu pouca atenção à partida, relatando apenas o seu resultado.<sup>234</sup> Dias depois, aconteceu um amistoso que parece ter sido o último jogo realizado no Campo dos Martyres por um clube da LBST, contando também com um número pequeno de pessoas nas arquibancadas.<sup>235</sup>

<sup>232</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 maio de 1907, p. 3.

<sup>233</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 14 de maio de 1907, p. 3.

<sup>234</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de maio de 1907, p. 3.

<sup>235</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de maio de 1907, p. 3.

Excluídos do espaço oficial, é provável que os populares tenham voltado suas atenções para os jogos realizados por clubes menores e ligas populares, que não se preocupavam com a qualidade do público presente. Dessa maneira, ao excluir a maioria da população de seus eventos, a LBST, em contrapartida, contribuía para o desenvolvimento do futebol na cidade. Não aquele praticado com pompa e louvor. Indiretamente, a Liga impulsionou o desenvolvimento de um futebol alternativo e popular, que seria o grande responsável pela popularização do esporte por toda a cidade.

No mesmo dia em que o **Diário de Notícias** publicou a notícia do primeiro jogo da LBST que seria realizado no Derby do Rio Vermelho, havia uma nota informando a realização de uma partida no Campo dos Martyres, envolvendo as equipes do Democrata e do Fluminense. Isto evidencia o desenvolvimento de dois tipos de futebol na cidade: um elitista, que se dava em locais privados; e um popular, que tomava alento em locais públicos e, por esta razão, atraía um número maior de adeptos e participantes.<sup>236</sup>

O primeiro jogo realizado no Derby do Rio Vermelho foi travado entre os clubes Santos Dummont e São Salvador. Mesmo o início da partida estando marcado para o final da tarde, desde às 14 horas, as duas linhas de bonde já levavam um bom número de espectadores. O afluxo de público para a inauguração do local foi tanto que surpreendeu os organizadores, que tinham disponibilizado poucas cadeiras na arquibancada. Os cavalheiros e senhoritas que chegaram por último tiveram que assistir à partida em pé... A confusão acabou chegando dentro do campo, ocorrendo um desentendimento entre os clubes, devido a dois gols do São Salvador contestados pelo Santos Dummont, que prometeu se retirar do campeonato caso a LBST não aceitasse sua reivindicação.<sup>237</sup>

Como era de esperar, com a exclusão promovida pela LBST, acelerou-se a organização dos clubes menores, que fundaram ligas e campeonatos que atraíam o público que tinha ficado órfão. Entre as ligas populares fundadas, alcançou certo destaque a Liga Sportiva Nacional, que utilizava um largo localizado no Barbalho para realizar seus jogos.<sup>238</sup> A primeira partida foi realizada no dia 9 de junho de 1907, contando com a presença de uma banda militar.

Esse futebol popular tinha sentidos e significados consideravelmente diversos daqueles do futebol praticado pelas elites. Por isso, era constantemente vítima dos ataques da imprensa. Como o Campo dos Martyres tinha sido abandonado pelas elites, o espaço passou a ser usado

---

<sup>236</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 1 de junho de 1907, p. 3.

<sup>237</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de junho de 1907, p. 3.

<sup>238</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 7 de junho de 1907, p. 3.

por populares que se comportavam bem de outra forma... No dia 14 de junho, o **Diário de Notícias** informou as autoridades que

[...] o Campo dos Martyres é diariamente ponto de jogo desde o de *foot-ball* até o de cartas, a dinheiro, tomando parte nelles vagabundos declarados e menores que gazeiam as escolas.

Quem por ali transitar poderá certificar-se da verdade do allegado.

Não poderá a policia pôr termo a tal abuso?<sup>239</sup>

Os populares acabaram misturando a prática do futebol a outras práticas e costumes repudiados pelas elites, sendo a principal dela as apostas. O próprio jogo de futebol era uma prato cheio para os jogadores que poderiam apostar os placares das partidas. As elites eram inimigas declaradas dos jogos de azar, principalmente quando eles praticados em lugares públicos. Acreditavam que o vício pelo jogo era um mal que assolava a capital baiana, a ser combatido com rigor pela força policial. Para as elites, a jogatina não seduzia apenas os vadios e os vagabundos, como também crianças e jovens, condenando o futuro dos mesmos ao fracasso. As elites tinham medo de perder seus filhos para a jogatina, por isso não cansavam de perseguir os jogadores.

Se as autoridades deveriam se posicionar contra as formas populares de jogar futebol, no caso das elites, o posicionamento deveria ser o contrário. Assim que os jogos da LBST foram transferidos para a Derby do Rio Vermelho, muitas queixas sobre a péssima iluminação do bairro começaram a surgir nos jornais. O Sr. Virgílio Coelho, encarregado pela Intendência de cuidar da iluminação do local, procurou o **Diário de Notícias** para dar explicações. Reconheceu o problema da má iluminação e afirmou que as providências já estavam sendo tomadas. Pediu paciência aos insatisfeitos, informando que estava esperando a chegada do novo sistema de iluminação para que as melhorias fossem realizadas.

O campeonato da LBST seguiu com públicos que diminuía a cada jogo. Apesar da Liga ter criado um campeonato juvenil como uma atração a mais para os dias de *match*, os jornais já não anunciavam ou comentavam as partidas com tanto entusiasmo. Isso não significa dizer que o gosto pelos esportes estivesse em declínio na cidade, pois as lojas localizadas no Comércio e na rua Chile não cessavam de fazer exposições com artigos utilizados nos jogos de *foot-ball*. Entre os populares, os Largos do Papagaio, das Pintangueiras, da Preguiça, do Barbalho e de Nazaré eram apenas alguns dos lugares escolhidos para a prática do jogo da bola. Nas ruas os garotos continuavam a praticar o jogo ao seu modo, sendo que vez ou outra aconteciam acidentes de jogo tendo que parar os combatentes no hospital.<sup>240</sup>

<sup>239</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 14 de junho de 1907, p. 3.

<sup>240</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de outubro de 1907, p. 3.

O campeonato da LBST terminou o ano tendo o São Salvador como campeão. Apesar de memorialistas como Haroldo Maia acreditarem que o ano de 1907 foi um verdadeiro fracasso para futebol da capital, devido à infeliz ideia de se transferir os jogos para o Derby do Rio Vermelho<sup>241</sup>, reunimos elementos para afirmar que aquele ano pode ser considerado muito fecundo, tendo ficado evidente o fortalecimento de um futebol popular organizado, totalmente desprezado por Maia. Nosso destaque vai para a Liga Sportiva Nacional e a Liga Itapagipana dos Sports Terrestres<sup>242</sup>, que, com jogadores conhecidos como amadores, movimentavam o cenário futebolístico da cidade. Clubes que realizavam seus jogos em lugares impróprios, que eram perseguidos pelas autoridades, passaram a organizar belas partidas repletas de povo, conseguindo até mesmo a atenção da imprensa elitista.<sup>243</sup>

### **Crise de uns, sucesso de outros!**

O ano de 1908 começou da mesma forma como terminou o anterior. Os clubes médios e pequenos continuavam a disputar partidas em diversos lugares da cidade. Alguns, como o Team Rio Vermelho, solicitavam à Intendência licença para a organização de praças esportivas em seus bairros de origem, no que a Prefeitura não teria dispêndio algum.<sup>244</sup> Ligas desconhecidas realizavam campeonatos concorridos, como o que estava sendo realizado no Largo dos Paranhos, em Matatu, contando com a presença de vários clubes e atraindo um público numeroso.<sup>245</sup> O largo da Soledade também servia de palco para *players* que desejavam combater partidas do jogo de bola, revelando-nos que o esporte não era apenas do domínio das elites, sendo uma verdadeira "mania" entre os populares.<sup>246</sup>

A LBST só tornaria a se reunir apenas no dia 2 de abril, quando começou a tratar do campeonato a ser realizado naquele ano de 1908. As inscrições foram abertas, mas só podiam participar do campeonato os clubes filiados à instituição. Naquela reunião, foi tirada uma comissão para avaliar um pedido feito pelo Club Santa Cruz, que pretendia ingressar na Liga.<sup>247</sup> No dia 11 de abril, o **Diário de Notícias** informou que apenas três clubes tinham realizado a inscrição no campeonato, pois o Bahiano não tinha enviado representantes à reunião. Como o pedido do Santa Cruz foi negado pela LBST, era certa apenas a presença do Vitória, do São

<sup>241</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 14.

<sup>242</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de outubro de 1907, p. 3.

<sup>243</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 28 de junho de 1907, p. 3.

<sup>244</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de janeiro de 1908, p. 1.

<sup>245</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de fevereiro de 1908, p. 3.

<sup>246</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 15 de fevereiro de 1908, p. 3.

<sup>247</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 2 abril de 1908, p. 3.



Salvador e do Santos Dummont no campeonato daquele ano. Enquanto o futebol da elite não engrenava, os demais obtiam destaque na cidade. Clubes como o Soledade, Riachuelo, Chile, Athenas, Natal e Brazil faziam vibrantes festas no Largo da Soledade. Os garotos continuavam a incendiar o Campo dos Martyres com suas disputadas partidas, que muitas vezes terminavam com uma boa confusão.

Pedem-nos ainda uma vez, para chamarmos a atenção da policia para o restabelecimento, no Campo dos Martyres, do pernicioso jogo *foot-ball*, estabelecido ali, altas horas do dia, por uma porção de garotos e desocupados, que não respeitam a quem por ali transita ou ali reside.

Esses também costumam reunir-se para o mesmo fim nas imediações do Gymnasio da Bahia.<sup>248</sup>

A verdade é que o 4º campeonato de futebol da LBST foi uma bagunça. Apenas três clubes disputaram o certame, que não obteve a mesma atenção da imprensa. Segundo Haroldo Maia, o principal motivo da crise que tomou conta da instituição foi a saída do Sport Club Bahiano do campeonato, por não conseguir mais arcar com as despesas geradas pelo uso do Derby.<sup>249</sup> As elites não tinham se dado conta de que o preço da distinção era tão elevado. O Bahiano foi o primeiro clube a pagar o ônus da ostentação, criando a revolta de alguns dos membros da Liga, que queriam puni-lo de forma severa, eliminando-o da instituição. Outros achavam por melhor não eliminar o clube, considerando a punição muito pesada. Após discussões ásperas, ficou acordado que o clube seria desfilado da instituição e o campeonato seguiria apenas com os outros três.

O campeonato começou de forma tortuosa, com mais pontos baixos do que altos. Os jornais limitavam-se a informar os dias das partidas e os resultados dos jogos, sendo que alguns deles foram parar no tapetão, sendo decididos em reuniões na sede da Liga. Outros não foram realizados em virtude de que apenas um dos times compareceu ao *ground*.<sup>250</sup> Várias partidas tiveram que ser adiadas e remarcadas pelos mais diversos motivos, principalmente pela falta de acordo entre os combatentes.<sup>251</sup> Apesar de toda dificuldade que estava passando a Liga, algumas fotos dos jogos realizados entre o Vitória e o São Salvador foram publicadas pela **Revista do Brasil** de 30 de julho de 1908.<sup>252</sup>

<sup>248</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de junho de 1908, p. 1.

<sup>249</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 15.

<sup>250</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de junho de 1908, p. 3.

<sup>251</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de junho de 1908, p. 1.

<sup>252</sup> BPEBa, **Revista do Brasil**, 30 de julho de 1908.



**FIGURA 4** - Vitória x São Salvador, Revista do Brasil, 30/08/1908.

A partida entre o Vitória e o São Salvador, realizada no dia 12 de julho, foi a única daquele ano, que obteve uma boa atenção da imprensa e do público. Ao que parece, a LBST preparou uma grande festa para tentar amenizar os problemas que assolavam a instituição. Segundo os jornais, a partida foi uma grande festa, contando com a graça da Filarmônica 7 de setembro, que alegrou as senhoras da mais seleta sociedade baiana. Apesar dos muitos aplausos concedidos aos jogadores, o que chamou a atenção não foi a satisfação em relação ao jogo, mas o descontentamento com o sistema de transporte, que tinha sido bastante elogiado no ano anterior.

Seja-nos aqui permitido verberar a forma por que foi feito o serviço dos bonds da Companhia Linha Circular, o qual, apesar de fastidioso e demorado, foi insignificante o número de bonds para a condução dos passageiros, resultando conflictos que teriam consequencias graves, si não fosse a prompta intervenção do dr. Silvestre de Farias, delegado de policia.

Em alguns pontos o povo chegou a damnificar os respectivos bondes rasgando as cortinas.

O serviço da Companhia Trilhos Centras satisfez.<sup>253</sup>

Difícilmente alguém poderia imaginar que aquela multidão que chamava a atenção nos primeiros jogos realizados pela LBST criaria, num futuro próximo, tantos problemas. Após a manifestação popular que causou a primeira crise na instituição, com a saída do Internacional, forçando a procura de um espaço particular para a realização dos jogos, a Liga nunca mais conseguiu a paz e o destaque dos primeiros anos. Os imbecis e incivilizados que xingaram e ofenderam os ingleses acabaram interferindo de forma definitiva no futuro do futebol na cidade,

<sup>253</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 13 de julho de 1908, p. 5.

pois, devido aos seus atos, a elite buscou mais distinção, excluindo os populares que desenvolveram seus próprios espaços para a prática do jogo.

Vários problemas experimentados no interior da LBST ameaçaram seriamente o futuro do campeonato, sendo que um deles merece atenção especial. Foi motivo de desacordos e desavenças a solicitação do São Salvador no sentido de que fosse criada uma lista para classificar e regulamentar os jogadores a serem utilizados pelos clubes nos jogos do campeonato.<sup>254</sup> Ao que parece, alguns clubes estavam escalando jogadores de última hora, observando-se que alguns deles não eram sócios das instituições. Em várias reuniões da Liga, esta questão foi ponto de pauta que gerou muita discussão. Um rumor virou notícia em alguns jornais: o São Salvador estava descontente com algumas questões que se verificavam na Liga, disposto a abandoná-la, não disputando mais os jogos daquele ano. A notícia foi desmentida pelo **Diário de Notícias**, que afirmou serem falsos os rumores sobre a desfiliação do São Salvador.<sup>255</sup>

O São Salvador desejava que a Liga obrigasse os clubes a comunicarem de forma prévia o nome dos jogadores a serem utilizados no campeonato. Esta medida seria tomada para evitar que fossem escalados nas partidas jogadores que não fossem sócios das instituições. Após algumas reuniões sem acordo, a Liga resolveu aprovar a solicitação, exigindo que a classificação dos jogadores fosse realizada. No dia 24 de julho foi publicada no **Diário de Notícias** a lista dos jogadores que cada clube poderia utilizar em seus jogos, todos eles sócios que pagavam mensalidade na instituição.

Não podemos afirmar ao certo qual foi o motivo que levou o São Salvador a exigir tal rigor no controle dos jogadores que estavam disputando os jogos da Liga. Acreditamos que algo muito grave estava acontecendo para levar o clube a tomar tal postura. É possível que alguns clubes de elite estivessem selecionando jogadores que se destacavam nos clubes populares da capital, para serem utilizados em suas partidas, medida que fugia aos princípios elitistas que fundamentavam o esporte na época. Considerando-se essa hipótese, podemos crer que, além de criar espaços próprios para a prática do futebol, os jogadores oriundos das camadas populares alcançaram tanto sucesso em sua empreitada que passaram a adentrar um espaço criado para ser elitista e distinto, trazendo uma série de problemas para as elites.

Depois de um ano turbulento, o campeonato da LBST chegou ao fim. Na decisão do certame, ocorrida no dia 26 de julho de 1908, pelejaram o Vitória e o São Salvador, diante de um público composto principalmente por excelentíssimas famílias e sócios dos clubes

---

<sup>254</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de Julho de 1908, p. 5.

<sup>255</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de Julho de 1908, p. 5.

coligados. O Vitória saiu vencedor da partida e do campeonato, ganhando, além da taça de prata e um diploma oferecidos pela Liga, mais três taças de prata oferecidos por comerciantes da cidade.<sup>256</sup> Como podemos ver, o futebol, logo em seus primeiros anos foi alvo dos comerciantes e empresários, que viam o esporte como um parceiro privilegiado na propaganda de seus produtos. Isso nos leva a considerar também que o futebol não era mais um esporte inglês praticado por alguns jovens da elite soteropolitana, mas um fenômeno que se alastrava e ganhava força nos bairros periféricos.

Como o *ground* onde estavam sendo realizados os jogos ficava distante do centro da cidade, não houve as festas e procissões que aconteceram nos anos anteriores para saudar os campeões. O cronista se preocupou mais uma vez com os serviços de bondes, comentando que, nessa ocasião, tinham funcionado satisfatoriamente. As medidas de distinção tomadas pela Liga em resposta às ações e investidas de populares parecem ter tirado um pouco da alegria e do entusiasmo que envolvia aqueles jogos. Se antes os eventos da LBST eram festas vibrantes que chamavam a atenção da imprensa e da população, com as mudanças, acabaram se transformando em um simples jogo com espectadores que não torciam, apenas aplaudiam, obedecendo o decoro correspondente aos “bons costumes” cultivados pelas elites.

Enquanto o futebol das elites passava por diversas dificuldades, o popular crescia e aparecia na cidade. Clubes que surgiam a todo momento formavam ligas que utilizavam diversos largos espalhados pela cidade para mandarem seus jogos. Era comum aparecer nos jornais notícias que informavam que alguns “[...] clubs de sports desta capital pretendem fundar uma nova Liga, cujo campo de jogo será no largo do Barbalho”.<sup>257</sup> Mesmo sem estarem filiados às ligas, vários clubes disputavam amistosos que atraíam bom público, movimentando o cenário esportivo da cidade, contribuindo significativamente para o sucesso e a popularização do jogo da bola.<sup>258</sup> Nos *gymnasios* da cidade, jogos eram realizados a fim de alegrar as crianças e promover a educação física e os esportes.<sup>259</sup>

Enquanto a bola corria solta na cidade, os clubes das elites se preocupavam em organizar festas, bailes, chás, *pic-nics* e homenagens aos *sportmen* vivos e falecidos. As gentis senhoras da alta sociedade entregavam, entre outros mimos, medalhas de ouro cunhadas com o rosto dos valentes baluartes que seriam homenageados.<sup>260</sup> Também cuidavam de organizar o campeonato

<sup>256</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 27 de julho de 1908, p. 5.

<sup>257</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 30 de julho de 1908, p. 1.

<sup>258</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 3 de agosto de 1908, p. 1.

<sup>259</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 12 de agosto de 1908, p. 3.

<sup>260</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 6 de agosto de 1908, p. 1.

de juniores que tinha começado logo após o término do principal, mas que não recebia o mesmo apelo e prestígio da imprensa e do público.

Mesmo não recebendo a mesma atenção da sociedade da época, o campeonato de 2º *teams* merece a nossa, principalmente por fornecer importantes informações sobre os bastidores da LBST. No dia 5 de agosto de 1908, em reunião da Liga, os representantes do Santos Dummont solicitaram o cancelamento de um jogo realizado contra o São Salvador, alegando ter o adversário incluído em sua equipe um jogador que não integrava o quadro de sócios do clube. Como a solicitação geraria muita polêmica, o presidente da Liga convocou uma seção extraordinária para debater a questão.<sup>261</sup> Chama nossa atenção o fato de o São Salvador ser acusado de escalar, em uma de suas partidas, um jogador que não era sócio do clube, pois semanas antes tinha sido ele o responsável por levantar tal discussão na instituição, exigindo a aprovação de uma regra que proibisse a escalção de jogadores não associados. Uma reunião foi realizada no dia 8 de agosto, mas a discussão foi tensa, não chegando a nenhum acordo, obrigando o presidente a convocar mais uma reunião para resolver o assunto.<sup>262</sup> A situação ficou constrangedora e, em retaliação à acusação dirigida pelo Santos Dumont, o São Salvador não compareceu a um dos jogos do campeonato, terminando o Vitória sendo campeão.<sup>263</sup>

O ano seguiu movimentado entre os populares, realizando a Liga Brasileira um movimentado e concorrido campeonato disputado no Largo do Barbalho.<sup>264</sup> No Largo do Garcia, outros clubes promoviam partidas, fazendo a festa da população.<sup>265</sup> O Grêmio Esportivo Baiano atraiu quase mil pessoas na primeira partida de seu campeonato, que contou também com a presença de uma banda do 2º corpo da polícia. Diferentemente dos jogos da LBST, o público dessas partidas era composto por populares, sendo muito raro os jornais noticiarem a presença de cavalheiros e distintas senhoras aí.<sup>266</sup>

Enquanto vários jogos eram realizados na capital baiana por clubes pequenos e medianos, a LBST tinha dificuldade de organizar um só que fosse para a festa de comemoração do seu 5º aniversário.<sup>267</sup> A imprensa, contudo, insistia em deixar claro que a Liga era a principal e mais importante instituição esportiva da cidade. No dia 14 de novembro, o **Diário de Notícias** trouxe um histórico dessa instituição, abordando todos os seus feitos e enfatizando que era ou havia sido integrada pelos mais distintos clubes de Salvador. Talvez toda essa propaganda da

<sup>261</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 7 de agosto de 1908, p. 3.

<sup>262</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de agosto de 1908, p. 2.

<sup>263</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 19 de agosto de 1908, p. 3.

<sup>264</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de setembro de 1908, p. 3.

<sup>265</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 28 de setembro de 1908, p. 5.

<sup>266</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 2 de novembro de 1908, p. 3.

<sup>267</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 12 de novembro de 1908, p. 3.

instituição, justamente quando passava por momentos difíceis, contando apenas com três clubes filiados, fosse uma resposta direta ao surgimento e ao crescimento de outras congêneres, que atraíam a população comum, passando a chamar a atenção inclusive da própria imprensa.<sup>268</sup> Era preciso deixar claro que a grande instituição esportiva da cidade era a LBST, sendo as outras apenas instituições amadoras.

Se levarmos em consideração o público e o nível da organização do campeonato, o grande certame da cidade no ano de 1908 foi o organizado pelo Grêmio Sportivo Baiano. Disputado por sete clubes pequenos, iniciado no dia primeiro de novembro no Largo dos Paranhos, distrito de Brotas, o certame foi um verdadeiro sucesso de público, contando com quase mil pessoas em todos os seus jogos, regidos por muita música. Surpresos com o tamanho do evento, os cronistas relatavam que era possível mesmo encontrar algumas excelentíssimas famílias nas arquibancadas, mas deixavam evidente que o grande público era composto por populares.<sup>269</sup> Apesar de não terem ainda uma diretoria definida e de que seus estatutos ainda estarem sendo discutidos, o campeonato do Grêmio conseguiu ser muito mais organizado do que o da LBST.

O Grêmio Sportivo Bahiano fez tanto sucesso que começou a chamar a atenção das autoridades, principalmente da Intendência, que anos antes havia proibido a prática do esporte em locais não regulamentados. Para atender as exigências da cidade, os moradores da freguesia de Brotas, junto com os organizadores do campeonato, resolveram arrendar um terreno localizado na Boa Vista, visando a construção de um *ground* "[...] para o jogo do *foot-ball*, entre 07 clubs do districto de Brotas, organisando-se tambem alli um theatrinho que proporcionará ás familias alli existentes agradaveis noites de diversão".<sup>270</sup> Com o objetivo de conseguir o terreno, os diretos do Grêmio abriram entre "[...] os moradores do referido districto uma subscrição".<sup>271</sup>

Os esportistas da LBST também ficaram surpresos com o surgimento do Grêmio Esportivo da Bahia e seu bem organizado campeonato. O andamento do certame e os resultados dos jogos interessavam aos distintos esportistas "[...] em virtude de se acharem empenhados na lucta os clubs mais sympathizados naquella freguezia".<sup>272</sup> Talvez o que chamasse a atenção das elites fosse a capacidade de organização e a união de todos que faziam parte do Grêmio, que, juntos com os moradores do distrito se esforçavam para colocar o campeonato para frente.

<sup>268</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de novembro de 1908, p. 3.

<sup>269</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de novembro de 1908, p. 3.

<sup>270</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 5 de dezembro de 1908, p. 3.

<sup>271</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 5 de dezembro de 1908, p. 3.

<sup>272</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 5 de dezembro de 1908, p. 3.

BRASIL e UNIÃO - Foi um match cheio de entusiasmo, o que hontem se realizou no largo do Paranhos, districto de Brotas, sob os auspícios do Gremio Sportivo Baiano, alli ultimamente organizado.

Pena é que o campo destinado à essas lutas esportivas, seja defeituoso e mau, não podendo, portanto, as valentes equipes contendoras desenvolverem o jogo necessario, apesar de bem trenadas.

Achavam-se empenhados na luta os teams dos clubs União e Brasil, que naquelle districto gosam da mesma sympathia de que gosam os clubs S. Salvador e Victoria, na Liga Bahiana, despertando por isso geral interesse.<sup>273</sup>

Na notícia transcrita acima, o cronista elogiou a partida, mas fez questão de relatar as condições do campo em que estava sendo realizado os jogos. Não sabemos se realmente ele estava preocupado com as equipes que não desenvolviam um bom futebol devido ao estado do terreno, ou se na verdade ele desejava fazer comparações com o campo utilizado pela Liga, que era de qualidade muito superior. A condição do terreno utilizado nos jogos e a solução encontrada para arrendar outro a ser utilizado no futuro evidenciam que os clubes eram compostos por populares e não tinham a mesma pompa dos clubes da elite. Apesar disso, contavam com a simpatia da população de Salvador em geral, que parecia não manter relação alguma com os clubes e o futebol organizado pela LBST.

A vida esportiva do Grêmio era tão promissora que, no dia 8 de dezembro de 1908, resolveu organizar um amistoso envolvendo os melhores jogadores dos sete clubes que faziam parte da instituição. Procuraram uma banda para alegrar a partida e lograram contar com a presença do banda de música do 5º batalhão de artilharia. A concorrência foi grande, tornando a festa ainda mais bonita, terminando com a entrega de um ramallete de flores aos diretores da instituição.<sup>274</sup> Paralelo ao campeonato principal, trataram logo de organizar um campeonato de 2º teams a fim de aumentar a diversão na população.

O mês de dezembro encerrou o ano de 1908 com jogos em vários locais da cidade: Barbalho, Fonte das Pedras, Itapagipe, Fazenda Garcia e Brotas foram, entre outros, locais utilizados para a realização das partidas. Se o ano foi um fracasso para a LBST, para os populares foi um sucesso. Várias ligas realizaram campeonatos, sendo que uma delas conseguiu a atenção e o respeito das próprias elites.

No último dia de 1908, a LBST enviou ao **Diário de Notícias** um ofício informando os nomes que comporiam a diretoria nos próximos dois anos. No mesmo documento, a Liga informava esperar que o periódico continuasse "[...] a dispensar a esta directoria as mesmas atenções com que até hoje tendes distinguido a Liga Bahiana dos Sports Terrestres, em seu

<sup>273</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 7 de dezembro de 1908, p. 3.

<sup>274</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 de dezembro de 1908, p. 3.

nome, apresentando-vos os meus protestos de subida consideração aos illmos. srs, redactores do Diario de Noticias".<sup>275</sup> Talvez a atenção dispensada ao Grêmio Sportivo nos últimos meses de 1908 tenha criado um pouco de ciúmes ou até mesmo medo nos jovens da turbulenta LBST. Ameaçados pela existência de outras instituições esportivas na cidade, os jovens elitistas buscavam, através de pedidos como esses, reforçar os votos de amizade e parceria com a imprensa a local.

Entretanto, não era a atenção da imprensa o item principal no drama do declínio da LBST. O ano de 1909 começou da mesma forma que terminou o anterior, com pouca vida esportiva na mais importante liga da cidade e muita movimentação nos subúrbios e distritos da capital. O dinamismo aí observado era tanto que, no Grêmio Sportivo, clubes entravam e saíam devido à desavenças em relação aos resultados de alguns jogos e à atuação de alguns juízes. Numa reunião para decidir o futuro de uma partida, mais de 200 pessoas estavam do lado de fora da sede, ansiosas pelo resultado do debate.<sup>276</sup> Pelo número de pessoas que estavam esperando o resultado de uma reunião, pode-se imaginar a importância e a força do futebol naquele distrito.

O principal campeonato do Grêmio Sportivo durou cinco meses, sendo que apenas uma partida não foi realizada, por causa da desfiliação do clube União. Se compararmos o nível de organização e o sucesso do certame, podemos deduzir que o do Grêmio foi muito superior ao da LBST. Sem contar com a presença de autoridades e o escol da mais alta sociedade soteropolitana, os "amadores" realizaram grandes festas que contavam principalmente com a presença dos populares, excluídos anos antes pela LBST. É de se notar o fato de os memorialistas e historiadores do esporte não fazerem referência à existência dessas instituições. Por omissão ou por interesse, as ligas populares sempre foram esquecidas, sendo que todos esforços foram voltados para evidenciar os feitos da liga elitista. Isto já foi dito no contexto do capítulo

Devido aos feitos do Grêmio Sportivo na capital, a LBST resolveu marcar uma partida com os melhores jogadores das duas instituições, a ser disputada no *ground* do Rio Vermelho, com parte da renda destinada às obras das instalações do *scout Bahia*.<sup>277</sup> Em caso de vitória da LBST, a partida poderia servir para mostrar a superioridade de seus jogadores. Em caso de uma vergonhosa derrota, a partida serviria de estímulo para o início do seu certame, que contaria com apenas seis jogos, devido ao número reduzido de clubes filiados à instituição.<sup>278</sup> Ao que

<sup>275</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 13 de janeiro de 1909, p. 1.

<sup>276</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1909, p. 5.

<sup>277</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 15 de março de 1909, p. 2.

<sup>278</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 30 de abril de 1909, p. 1.



parece, por algum motivo desconhecido, o jogo não chegou a acontecer. Vale salientar, contudo, que menos de três meses depois do fim do seu primeiro campeonato, o Grêmio Sportivo já dava início ao seu segundo.<sup>279</sup> Já a LBST tinha dificuldade para impulsionar o seu.

Talvez a realização de jogos amistosos tivesse como principal objetivo a arrecadação para ajudar a custear o aluguel do Derby do Rio Vermelho. Partidas envolvendo times formados por comerciantes, advogados, médicos e principalmente estudantes eram realizados no *ground* sob a administração da LBST, que certamente deveria cobrar pelo uso do espaço. Alguns desses jogos alcançavam um público razoável, sempre composto por senhoras e distintos cavalheiros.<sup>280</sup> Ao que parece, esses jogos amistosos tiveram mais sucesso do que o próprio campeonato organizado pela LBST, que passou despercebido pela imprensa; esta se resumia a divulgar os placares dos jogos. As festas que anos antes se viam nos jogos da Liga agora eram coisa do passado, cabendo a clubes pequenos e medianos alegrar a população.

Apesar da pouca produção futebolística, a LBST ainda tinha o respeito da sociedade e das autoridades da capital. Não sabemos ao certo, mas ao que parece, as críticas e as reclamações dirigidas contra os vagabundos e moleques que viviam promovendo a jogatina e a desordem pública no Campo dos Martyres fizeram com que a Intendência proibisse os jogos no local, concedendo licença exclusiva do uso do mesmo à LBST, para que os clubes filiados pudessem realizar seus treinos. O que nos leva a supor que isso tenha acontecido é uma notícia que o **Diário de Notícias** publicou no dia 9 de julho, informando aos leitores que o "[...] Sport Club União começará a jogar suas partidas, no próximo domingo, no Campo da Polvora, cedido pela Liga Bahiana dos Sports Terrestres, nos dias em que não houver partida no *Ground*".<sup>281</sup>

Apesar de todo o prestígio de que desfrutava a LBST na cidade de Salvador, acreditamos que, para a imprensa esportiva, não restava dúvida de que o campeonato do Grêmio Sportivo era mais forte e atraente. Os jogos desta instituição continuaram a ser destacados pelos jornais como verdadeiras festas, contando com grande concorrência de público.<sup>282</sup> Com isso, percebemos que na cidade de Salvador surgiu um futebol popular com características, sentidos e significados diferentes daquele criado e introduzido pelas elites. À medida que foram se apropriando do esporte, os populares passaram a minar as pretensões da elite no sentido de monopolizar o esporte. O futebol que tinha sido introduzido na sociedade soteropolitana para ser uma ferramenta de modernização e civilização dos costumes tornava-se um espaço próprio para se reforçar comportamentos, ações e costumes populares.

<sup>279</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 21 de maio de 1909, p. 3.

<sup>280</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de maio de 1909, p. 5.

<sup>281</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 de julho de 1909, p. 5.

<sup>282</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 13 de setembro de 1909, p. 5.

Acreditamos que o fator decisivo para a popularização do futebol na capital baiana tenha sido os problemas acontecidos em junho de 1906, quando populares resolveram tratar um time de ingleses de forma verbalmente agressiva. Percebemos que aquele atrito desencadeou uma crise no seio das elites. O local dos jogos foi transferido para o *ground* do Rio Vermelho, onde passaram a cobrar ingressos, restringindo o acesso a uma pequena parte dos torcedores. A medida estimulou o crescimento do futebol popular na cidade; excluídos do cenário elitista, os populares passaram a fundar clubes e criar ligas que atraíam o grosso dos torcedores comuns, sendo os verdadeiros responsáveis pela disseminação do esporte em todos os cantos da cidade.

A LBST tinha consciência do momento difícil que estava passando, levando-a a ver diminuído o prestígio que tinha construído junto à sociedade elitista. As dificuldades por que passava a instituição eram tão grandes que o frágil campeonato de 1909 atraiu pouco público, terminando em agosto, porém as taças só foram entregues aos times campeões no final de janeiro de 1910.<sup>283</sup> Os membros da instituição sabiam que era necessário arranjar uma forma de fortalecer o campeonato, tendo em vista a concorrência das outras ligas que faziam sucesso na cidade. Mudanças tinham que ser feitas e novas medidas deveriam ser implantadas para que a Liga não caísse em ruínas. Porém, a grande preocupação da instituição era não perder a distinção, o que acabava limitando as reformas que seriam encaminhadas no futuro.

Para agravar a situação da LBST, uma nova liga passou a realizar jogos todos os domingos no Campo dos Martyres, fazendo com que os times da elite caíssem quase no esquecimento.<sup>284</sup> Sem alternativa, a instituição elitista resolveu abrir inscrições para ingresso de novos clubes; porém, não era qualquer clube que podia se filiar. O clube que desejasse fazer parte do seletivo grupo deveria passar por um rigoroso processo de seleção, sendo que poucos clubes conseguiam se encaixar nos pré-requisitos da instituição. É bem provável também que muitos clubes populares não mostrassem interesse em ingressar na LBST, já que se tratava de algo bastante dispendioso, principalmente por causa do aluguel do Derby do Rio Vermelho.

O primeiro clube que se candidatou a entrar na Liga foi o Rio Vermelho, composto de jovens do comércio patrocinados por donos de algumas lojas. Várias foram as reuniões com o objetivo de julgar a capacidade do clube para fazer parte do seletivo grupo.<sup>285</sup> A favor do Rio Vermelho, estava a necessidade que a instituição tinha de se fortalecer e o fato de serem patrocinados por empresários que já mantinham contato com o esporte há muito tempo. Enquanto não tinha seu ingresso aprovado, o Rio Vermelho realizava partidas com clubes

---

<sup>283</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 28 de janeiro de 1910, p. 3.

<sup>284</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 12 de fevereiro de 1910, p. 3.

<sup>285</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1910, p. 1.

pequenos e medianos no Campo dos Martyres.<sup>286</sup> O clube parecia ter um futuro promissor, sendo que em umas de suas reuniões foi acordado que seus diretores iriam trabalhar em prol da construção de *ground* particular para a realização dos treinos e das partidas.<sup>287</sup>

A LBST parecia não dispor de alternativas. Entre os clubes que resolveram ingressar, o Rio Vermelho era aquele que parecia mais simpático aos seus olhos. A Liga, contudo, precisava de mais clubes para o certame. Seus representantes resolveram se reunir com alguns acadêmicos paulistas, solicitando a eles que reorganizassem o São Paulo Club, dissolvido alguns anos antes. Se o clube fosse reorganizado, poderia fazer parte da Liga sem pagar a dispendiosa jóia de ingresso, ou seja, a taxa de filiação, por ter sido um sócio-fundador da instituição.<sup>288</sup> Na verdade, a Liga não estava cobrando a taxa ao clube dos acadêmicos, pois desejava que estes ingressassem na instituição. Com esses distintos moços diplomados, poderia fortalecer seu campeonato, vivendo dias melhores no cenário futebolístico da capital. Os jovens aceitaram a proposta, reorganizam o clube e foram aceitos sem problemas pela instituição no dia 22 de abril de 1910, em reunião realizada na sede da empresa Linha Circular.<sup>289</sup>

Agora com cinco clubes, a LBST dava início ao seu campeonato sem alarde nos jornais. Como nos outros anos, o certame já começou mal, pois no primeiro jogo, que seria realizado no dia 15 de maio, o São Salvador não compareceu ao *ground*. Para decepção do pouco público presente, a partida teve que ser cancelada e os pontos foram revertidos ao Vitória.<sup>290</sup> Os jogos que se seguiram tampouco obtiveram destaque na imprensa, sendo que poucos foram noticiados; quando o eram, as notas traziam apenas o resultado. Se alguns eventos da Liga no passado rendiam até duas colunas inteiras nos periódicos, agora seis, sete ou oito linhas bastavam para os jornais.<sup>291</sup> Para tentar levantar os ânimos, alguns membros da LBST tiveram a ideia de convidar um time inglês da cidade de Liverpool, que excursionava pelo Brasil realizando jogos no Rio de Janeiro e em São Paulo, para realizar algumas partidas no *ground* do Rio Vermelho contra uma seleção da entidade.<sup>292</sup> Apesar de certo esforço da parte da Liga, isso não se viabilizou.

Segundo Haroldo Maia, o não comparecimento do São Salvador ao primeiro jogo do certame, além de criar problemas para Liga, desencadeou no clube uma grande crise interna, que culminou na saída de vários membros que buscaram outros clubes para filiarem-se. Devido

<sup>286</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 28 de março de 1910, p. 1.

<sup>287</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 23 de agosto de 1910, p. 2.

<sup>288</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 16.

<sup>289</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 23 de abril de 1910, p. 3.

<sup>290</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 18 de maio de 1910, p. 1.

<sup>291</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 31 de maio de 1910, p. 1.

<sup>292</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 18 de agosto de 1910, p. 1.

a isto, a diretoria do São Salvador resolveu comunicar à Liga que deixaria o campeonato, o que representou um grande choque para as pretensões da instituição esportiva, que continuou seu campeonato com muitos altos e baixos.<sup>293</sup>

Enquanto a Liga continuava convivendo com problemas, o futebol popular seguia crescendo forte e de forma diversa. Após a Intendência ter enfraquecido a fiscalização sobre o Campo dos Martyres, o local voltou a ser ponto de encontro dos *footballers* populares, que colocavam em prática ali outros costumes e manifestações próprias das populações mais pobres. Em nota intitulada “*Sport de vagabundos*”, o cronista do **Diário de Notícias** informava que:

Quem passar á tarde ou mesmo em plena luz meridiana pelo Campo dos Martyres observará uma horda de desocupados que entregam ao pernicioso e abusivo divertimento do joguinho da batedora.

É uma vergonha o bando de menores que se preocupa com tão reprehensível divertimento e para o qual faz-se mistér do sr. subdelegado de Sant’Anna uma providencia energica.

Continua no largo do Tororó o *foot-ball* dos vadios e malandros, divertimento tambem pernicioso e que traz varios prejuizos não só aos moradores do local como ainda aos transeuntes, que muitas vezes, têm recebido bolas no rosto.<sup>294</sup>

Dias depois, notícias como estas voltavam a se repetir. Os vagabundos e moleques não cansavam de atormentar a população e ofender a moral pública, com suas formas próprias de praticar alguns esportes. Os vadios sempre misturavam o futebol com jogatinas, fazendo apostas, provocando brigas que de uma forma ou de outra desagradava parte da população. Importa para nós saber que o futebol era jogado e praticado por todos, cada uma à sua maneira. Sentidos e significados múltiplos eram atribuídos ao esporte que já se constituía, então, como o mais popular da cidade, devido principalmente à ação dos grupos que se formavam e se mantinham nos próprios bairros.

Apesar do entusiasmo, no início do campeonato, com a filiação de dois novos clubes, o ano da LBST não foi nada bom. Após o São Salvador ter se retirado da competição, o time de acadêmicos do São Paulo Club decidiu seguir o mesmo caminho. Inconformados com o cancelamento de uma partida que lhe daria o título, o time abandonou o certame e a instituição, instalando uma nova crise entre os *sportmen* da elite. O campeonato, que deveria terminar no início do mês de setembro, se arrastou pelas discussões e reuniões da Liga, tendo seu fim decretado apenas em meados de dezembro. As decepções no âmbito da LBST foram tão acentuadas que, segundo Haroldo Maia, imaginou-se que no ano de 1911 não seria realizado o campeonato.<sup>295</sup> O desinteresse tomou conta da Liga, que praticamente não tratava mais do

<sup>293</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 16.

<sup>294</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de setembro de 1910.

<sup>295</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 19.

futebol em suas pouquíssimas reuniões. Com um número muito reduzido de equipes, era praticamente impossível reerguer a instituição.

Se o futebol da LBST vivia tempos difíceis, o mesmo não se pode afirmar sobre as outras formas de jogar futebol na cidade. Além dos jogos realizados por clubes pequenos e mediados, do futebol praticado nas ruas por moleques e vadios, dos amistosos entre times formados por comerciantes, advogados, médicos e estudantes, aparece de maneira forte um novo espaço destinado à prática do esporte. Os colégios e *gymnasios* da cidade passaram a disputar com frequência regular várias partidas de futebol, juntando-se ao grupo daqueles que faziam a bola correr solta na cidade. Além de jogos intercolegiais<sup>296</sup>, existiam também as disputas internas, que colocavam para pelear uma série contra a outra. O *Gymnasio* São Salvador, um dos mais ativos, costumava utilizar o Campo das Quintas da Barra para mandar seus animados jogos.<sup>297</sup>

Quando tudo parecia chegado ao fim para os *sportmen* da elite soteropolitana, eis que a reorganização de um clube chamado Sport Club Bahia vem trazer uma gota de esperança. O clube fora organizado por jovens da elite da Salvador, sendo que muitos deles já tinham sido sócios de outros clubes, e sabiam das dificuldades que a LBST estava enfrentando. Com o fim de renovar o ânimo e o interesse pelo futebol nos abastados clubes da cidade, dando uma nova vida à Liga, o Bahia se filia à instituição e decide liderar a organização do campeonato. Com o objetivo de montar uma boa equipe, o clube recém-organizado institui um campeonato interno com quatro equipes, de forma que aqueles que alcançassem destaque seriam escolhidos para fazer parte do time que disputaria o certame.<sup>298</sup>

O campeonato começou, mas a imprensa desconfiada dava mais atenção a uma série de amistosos que eram realizados no Campo dos Martyres, principalmente entre os clubes São Bento e o Sport Club Nazareth.<sup>299</sup> Só na 11ª partida o campeonato da Liga ganhou algum destaque, quando o cronista noticiou que a animada partida ocorreu para a felicidade de uma seleta concorrência. Chamou nossa atenção a crítica realizada ao campo do *ground*, desgastado, em péssimas condições, necessitando de urgentes providências. O estado deteriorado do gramado é uma evidência de que o futebol, entre os jovens da LBST, já não despertava o mesmo entusiasmo dos primeiros anos.

Além do entusiasmo, alguns princípios que regiam o esporte no início da Liga eram coisas do passado. Se no início o *foot-ball* servia para exaltar valores como a honra, o respeito

<sup>296</sup> BPEBa, *Diário da Tarde*, 9 de setembro de 1910, p. 3.

<sup>297</sup> BPEBa, *Diário da Tarde*, 15 de setembro de 1910, p. 3.

<sup>298</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 15 de abril de 1911, p. 2.

<sup>299</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 6 de maio de 1911, p. 2.

e a cordialidade, sendo recriminado e não tolerado qualquer valor ou comportamento que não fosse reconhecido como portando ares de nobreza, nos momentos de crise, as reuniões da Liga promoviam um show de ofensas e desacordos. No dia 22 de julho, o **Diário de Notícias** publicou uma extensa nota dando conta de uma série de confusões e problemas que estavam provocando demissões e dispensas na instituição. Buscando conceder respostas à população, a Liga enviou um ofício no qual explicava parte desses problemas. Segundo a instituição, não eram tão graves, e as agitações das últimas reuniões tinham sido em função da "[...] exaltação de um director da Liga, que, por mais de uma vez, se referiu em termos asperos, aos membros della, que discordaram do seu modo de pensar [...]".<sup>300</sup>

Se, no ano de 1906, a Liga resolveu procurar um *ground* particular com o fim de afastar populares que estavam tratando os jogadores de forma pouco cordial, agora, os próprios filhos da civilização, os nascidos em berços de ouro, respeitadores da moral e dos bons costumes, estavam trocando farpas e ofensas em um espaço criado para ser distinto, para ser o escol da sociedade soteropolitana, para organizar uma ferramenta de modernização da sociedade. A configuração era bem outra, contudo; segundo Haroldo Maia, nove jogadores do Rio Vermelho foram suspensos de uma única vez, por usarem de violência e indisciplina contra os jogadores do Vitória.<sup>301</sup>

Os problemas internos da Liga se refletiam na incapacidade de organizar eventos atraentes como aqueles realizados por alguns clubes menores. Se em seu ápice a instituição chegou a atrair 5.000 pessoas para seus jogos, principalmente a mais seleta sociedade soteropolitana, agora, a maioria das partidas contava com concorrência diminuta, estando presente "[...] apenas adeptos calorosos e socios dos clubs colligados. Poucas senhoras viam-se nas arquibancadas".<sup>302</sup> Sem entusiasmo, sem público, sem um bom gramado, já que o "[...] estado do campo era máo, principalmente no angulo da parte do portão de entrada",<sup>303</sup> o certame da Liga sobrevivia com duras penas.

---

<sup>300</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de julho de 1911, p. 2.

<sup>301</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 19.

<sup>302</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de julho de 1911, p. 2.

<sup>303</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de julho de 1911, p. 2.

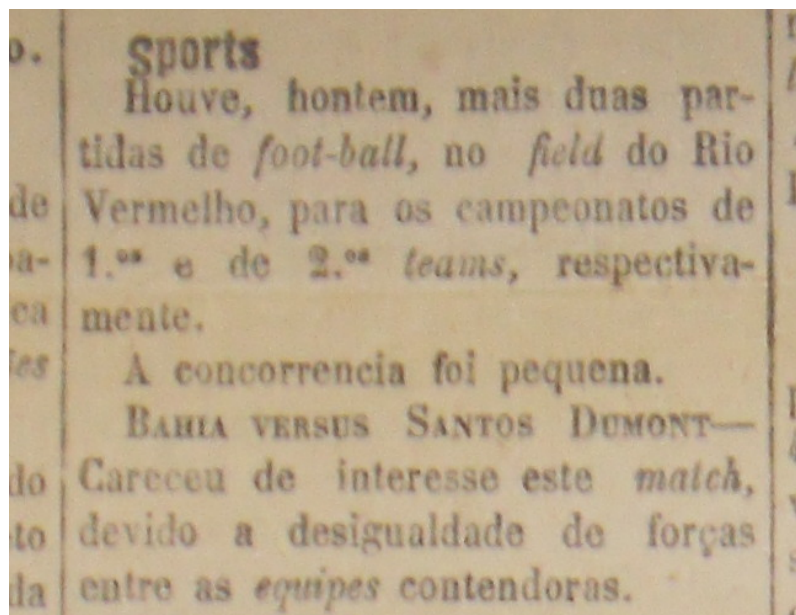


FIGURA 5 - Recorte Jornal, Diário de Notícias, 07/08/1911.

Percebemos um acentuado contraste na cidade de Salvador em relação ao futebol naquele momento. Se, por um lado, os responsáveis pela introdução do esporte não conseguiam sair de uma profunda crise que se arrastava há anos, entre os populares que se apropriaram e deram outros significados ao esporte, o *foot-ball* já era uma verdadeira mania.

Carece de seria providencia, por parte do sr. coronel subdelegado de policia do 1º districto da Victoria, o jogo de bolas da menina peralta, que, em companhia de desocupados marmanjos, vive na rua do Polytheama, diariamente, a sobresaltar a tranquillidade das pessoas ali residentes com o tal jogo, que tem produzido prejuizos materiais.

São incalculaveis as queixas que recebemos, constantemente, contra essa malta de vadios e que cumpre a policia reprimir o abuso.

Rara é a casa que ali não tem as vidraças arreventadas.<sup>304</sup>

Como relatou o jornal, incontáveis eram as reclamações sobre essa modalidade esportiva, taxada pela elite como esportes de vagabundo. Os *footballers* vadios estavam espalhados por várias partes da cidade, realizando suas desordens em locais como a Calçada do Bonfim, o Campo dos Martyres, o Largo do Barbalho, as Quintas das Barras e o Politheama. Jogando futebol praticamente todos os dias, este grupo acabou contribuindo de forma significativa para a popularização do esporte, tornando-se um berço de craques que mais tarde abasteceriam os clubes modestos que alcançaram destaque no futebol oficial da cidade.

Ao que parece, no campeonato da LBST, o único clube que encarava as partidas com seriedade era o Sport Club Bahia, campeão do certame com antecedência e ampla vantagem.

<sup>304</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 10 agosto de 1911, p. 1.

Os outros clubes pareciam desgastados com os problemas que vinham se arrastando por sucessivos anos. O ânimo inicial tinha desaparecido. A pretensão de usar o futebol como ferramenta de modernização parecia não fazer mais sentido em uma cidade onde os populares já tinham tomado conta do esporte. O desinteresse para com os jogos era visível, chegando ao ponto de, na penúltima partida do campeonato, diante de um público pequeno, o Santos Dummont entrar em campo com apenas a metade do número de jogadores exigidos no esporte.<sup>305</sup> A Liga só não abria mão da distinção, pois, à beira do colapso, resistia a filiar clubes que não tivessem "sangue azul".<sup>306</sup>

### O último suspiro...

Informam-nos que o Sport Club Santos Dummont que até bem pouco se dizia não continuará na Liga Bahiana dos Sports Terrestres, devido a esforços do sr. cirurgião dentista Carlos Moreira Spinola, que, segundo consta, será aclamado seu presidente na próxima sessão desse club, prosegue na luta pelo sport bretão em que ha annos vem se empenhando, com galhardia.<sup>307</sup>

Os clubes sabiam que a situação da LBST era dramática, sendo que a qualquer momento ela poderia ser dissolvida. Em nome do futebol, alguns dos esportistas mais antigos, que tinham participado da fundação da instituição, tentavam os membros mais novos a insistirem na empreitada. Para evitar que última pá de cal fosse jogada, o Vitória preparou sua sede e convidou todos os outros clubes para uma reunião que deveria tratar de problemas urgentes.<sup>308</sup> Nesta reunião, ficou acordado entre os clubes que não haveriam desfiliações, para que a Liga continuasse a pulsar.

Após a reunião realizada no fim de 1911, na qual foram traçadas algumas balizas a serem alcançadas no futuro, o ano de 1912 começou com a Liga buscando organização. Em meados de janeiro, na casa do Sr. Costa Leal, aconteceu uma reunião em que foi escolhida a nova diretoria.<sup>309</sup> A cerimônia de posse foi marcada para o dia 8 de março, na sede do Grêmio Republicano Português.<sup>310</sup> Após a posse, a instituição tratou de marcar uma reunião para discutir as convenções dos campeonatos que seriam realizados em breve.<sup>311</sup>

A organização era necessária pois, se algo desse errado dessa vez, a Liga poderia chegar a ter seu fim decretado. No dia 9 de abril, foi realizada uma reunião em que foi entregue ao

<sup>305</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 12 de setembro de 1911, p. 2.

<sup>306</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 11 de setembro de 1911, p. 2.

<sup>307</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 18 de outubro de 1911, p. 2.

<sup>308</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 24 de novembro de 1911, p. 2.

<sup>309</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 22 de Janeiro de 1912, p. 2.

<sup>310</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 7 de março de 1912, p. 2.

<sup>311</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 26 de março de 1912, p. 2.



Bahia a taça de campeão do campeonato anterior. O discurso do presidente da instituição teve um tom de incentivo aos clubes filiados, no sentido de os mesmos trabalharem com mais dedicação pelo desenvolvimento dos esportes.<sup>312</sup> No dia 20 de abril, foram inscritos os clubes e realizadas as convenções do campeonato, mas a principal preocupação foi com o estado do gramado e a construção de uma arquibancada com a ajuda de empresas locais.<sup>313</sup>

Alguns jovens que faziam parte do Santos Dummont, clube que já tinha se desfilado da Liga, resolveram fundar um novo clube chamado Atlético F. C., uma menção evidente à educação física e aos esportes atléticos. Como o novo clube era formado por jovens finos que já tinham contato com a Liga, a instituição não criou problemas para seu ingresso; seria muito bom contar com mais uma equipe participando do certame.

O campeonato começou no dia 19 de maio com uma partida realizada entre Bahia e São Salvador. Mas ao que parece, o futebol já tinha ganhado outros sentidos e significados até mesmo para alguns jovens da elite. Em outras palavras, se no início os jovens praticavam futebol por ser um nobre esporte inglês e um exercício físico que ajudaria na educação e na formação de um corpo sadio, agora outros valores motivavam os jogos, em que não se podia ver mais aquela fineza e cordialidade que guiavam os primeiros certames.

Os populares que jogavam futebol nas ruas e nos largos da cidade sempre tiveram sua forma de jogar criticada pelas elites. Era comum, nas partidas dos clubes populares serem escutados palavrões, ofensas e agressões verbais que ofendiam a moral pública. Brigas, pedradas e desentendimentos eram outros ingredientes que ajudavam a fazer a festa dos *footballers* do submundo. Tudo isso era muito criticado pelas elites que faziam reclamações nos jornais a fim de chamarem a atenção da brigada policial, que deveria agir com força enérgica para disciplinar a garotada e a turba de vadios.

Como numa grande ironia histórica, os costumes populares, tão condenados por essas elites, passaram a fazer parte do cotidiano da LBST. Logo na estréia do campeonato, a violência e a indisciplina imperaram entre os *sportmen*.<sup>314</sup> Após cometer um ato covarde de indisciplina no jogo contra o Bahia, o goleiro do São Salvador foi suspenso pelo seu próprio clube. Porém, na reunião do dia 22 de maio, a Liga decidiu excluir o jogador dos seus quadros, para a insatisfação do São Salvador, que resolve deixar a instituição afirmando que já tinha administrado as punições cabíveis ao seu *player*.<sup>315</sup>

---

<sup>312</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 10 de abril de 1912, p. 2.

<sup>313</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 22 de abril de 1912, p. 2.

<sup>314</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 20 de maio de 1912, p. 2.

<sup>315</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 23 de maio de 1912, p. 2.

Um caloroso debate tomou conta da Liga, acarretando o pedido de demissão do presidente. Este foi automaticamente substituído, ferindo os estatutos da instituição. Outros clubes intervieram para que uma profunda crise não tomasse conta do campeonato. No dia primeiro de junho, o São Salvador volta atrás e resolve não deixar o certame, afirmando não existir mais motivos para a sua desfiliação.<sup>316</sup>

Apesar das punições realizadas pela Liga, a cordialidade era coisa do passado. Numa tarde de domingo com o sol intenso, um jogador do Bahia dava belíssimas escapadas em direção ao gol, sofrendo marcação desleal de seus adversários que "[...] não raras vezes, lhe deram *hippings*, e *kicks* deshumanos afim de inutiliza-lo".<sup>317</sup> Além de criticar os jogadores do Rio Vermelho pelos atos de violência cometidos na partida, o cronista também advertiu os jogadores que preferiam jogar de forma individual, esquecendo que o princípio do futebol era o jogo coletivo.

Deve o resultado desta partida advertir os jogadores, da linha de frente do Rio Vermelho, que o jogo pessoal atraza e não vale o sacrificio que outros fazem. Referimo-nos aos srs. Lourival e Angelo que muito fizeram é bem verdade, mas podiam ter feito melhor se dessem passes aos seus companheiros que precisavam correr em todas as posições para alcançar a bola.<sup>318</sup>

Apesar das dificuldades, alguns membros da Liga se esforçavam para que as coisas dessem certo. Na seção do dia 4 de julho algumas pessoas formaram uma comissão para se reunir com os diretores da empresa Linha Circular com interesse de conseguir patrocínios para a construção de uma boa arquibancada no *ground*.<sup>319</sup> No dia da reunião, os jornais traziam notas informando que os representantes dos clubes não deveriam faltar, pois seriam abordados assuntos de suma importância para o destino da instituição.<sup>320</sup>

Mesmo a diretoria se esforçando para garantir o futuro da Liga, o grande problema eram os desacordos e as brigas dentro de campo. Na partida do dia 14 de julho entre o Bahia e o Athletico, um jogador do Bahia que fazia parte da diretoria da LBST, abandonou o jogo por considerar que seu time tinha sido prejudicado pelo árbitro.<sup>321</sup> Isso gerou discussões e brigas que chegaram até as arquibancadas. O resultado de toda confusão foi que o time inteiro do Bahia resolveu sair de campo, fazendo com que a partida terminasse mais cedo.<sup>322</sup> Diante da situação, a Liga resolve convocar uma reunião com urgência, solicitando a participação de todos

<sup>316</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 21.

<sup>317</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 3 de julho de 1912, p. 2.

<sup>318</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 3 de julho de 1912, p. 2.

<sup>319</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 5 de julho de 1912, p. 2.

<sup>320</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 8 de julho de 1912, p. 1.

<sup>321</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 15 de julho de 1912, p. 2.

<sup>322</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 21.

os clubes filiados.<sup>323</sup> O Bahia se recusou a fazer parte da reunião e nada pôde ser resolvido, elevando ainda mais a tensão entre os *sportmen*, que resolveram manter o resultado da partida. Insatisfeito, o Bahia informa à imprensa sua desfiliação da Liga, que iniciou conversas com São Bento para ocupar a vaga ociosa.<sup>324</sup>

Tendo em vista os problemas acontecidos no último jogo, a Liga optou por pedir ao chefe de polícia um reforço "[...] de patrulha que ronde o *ground* durante os *matches*, afim de evitar alteração da ordem e vaias nos jogadores".<sup>325</sup> Esta informação soa especialmente reveladora; antes, as elites chamavam a atenção da polícia para repreender e moralizar as maltas de garotos e as turbas de vagabundos declarados que criavam desordem e ofendiam a ordem pública, sendo que agora pediam reforço policial para controlar os moços finos do escol da sociedade soteropolitana. Segundo Haroldo Maia, ninguém mais se entendia na Liga: "[...] A política canalha campeou e a indisciplina deu cabo da primeira entidade que se fundou na Bahia e que tão auspiciosamente se iniciou no Campo da Pólvora. Note-se, entretanto, que dessa entidade só fazia parte rapases finos e educados, na sua maioria estudantes e empregados do alto comércio".<sup>326</sup>

A LBST não esperava mais que o Bahia retornasse ao campeonato e começou a buscar alternativas para ocupar o horário do jogo contra o Rio Vermelho, que estaria vago. Porém no dia 31 de julho a instituição recebe um ofício do clube que informava que "[...] não podendo mandar seus representantes na sessão de hoje, declara concordar com os juízes que o Club Rio Vermelho queira escolher para a partida de domingo. Sem mais - A. Costa Pinto, secretario interino".<sup>327</sup> Como o Bahia era o campeão e tinha um time competitivo, todos ficaram felizes com o ofício que confirma a volta do clube ao campeonato. Porém, o **Diário de Notícias** suspeitava de que o clube não viesse a comparecer ao campo, baseando-se na falta de respeito que ele tinha com a instituição.<sup>328</sup>

Com efeito, o Bahia não apareceu no dia do jogo, para grande decepção de todos os presentes. Os jornais, indignados com a peça que o clube pregou na população, criticava sem o menor ressentimento. Mais uma vez, a Liga convocou uma urgente reunião, que deveria ser uma das mais fervorosas e concorridas, "[...] por se tratar de um facto inedito nos annaes dos *sports* - desrespeito à Liga por um dos clubs filiados - S. C. Bahia, que mandou escolher juizes

<sup>323</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 16 de julho de 1912, p. 2.

<sup>324</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de julho de 1912, p. 2.

<sup>325</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de julho de 1912, p. 2.

<sup>326</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 20.

<sup>327</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 1 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>328</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de agosto de 1912, p. 2.

para as partidas de domingo e não mandou os seus *teams* ao campo".<sup>329</sup> O **Diário de Notícias** deixou evidente o desejo de que o esporte da Bahia tomasse outro caminho, pois era lamentável aquele que estava seguindo.

Devido aos problemas que se acumulavam, a Liga descobria que de fato o fundo do poço ainda tinha porão. Sem que estivesse definido o futuro do Bahia, mais um "sururu" tomou conta de um partida do certame. Em um jogo realizado entre o Vitória e o São Salvador, as cenas de violência chamaram mais atenção do que o futebol. Alguns jogadores que discutiam durante o jogo resolveram se engalfinhar, provocando reações e tumultos nas arquibancadas. Este tipo de comportamento era lamentado pelos jornais, saudosos dos tempos em que o futebol era sinônimo de modernidade e civilidade.

Sem que passe desta feita o nosso protesto aqui o trazemos - pois não haverá mais sports na Bahia se tal estado de cousas continuar.  
Foram retirados do Campo dous jogadores por se engalfinharem enquanto espectadores exaltados quiseram invadir o campo para represalias.  
Mais um pouco de calma e não exageremos as coisas.<sup>330</sup>

Apesar de várias ligas coexistirem na cidade, para o cronista, a única que representava o esporte na Bahia era a LBST. Neste sentido, se a Liga viesse a sucumbir, cairia com ela todo o futebol soteropolitano. Sabemos que isto não procedia, pois clubes menores tinham vida ativa na cidade, movimentando campeonatos que atraíam público bem maior do que o visto nos jogos dos grandes. Além do Grêmio Sportivo, já uma tradicional instituição do distrito de Brotas, tinha sido fundada recentemente a Liga Brasileira de Sports Terrestres, com a pretensão de realizar seu campeonato após o termino do organizado no *ground*, já ganhando mais atenção nos jornais que a LBST.<sup>331</sup> Somando-se a ligas populares, vinha o já conhecido futebol de vagabundos, que apesar das represálias crescia em toda cidade.

No Campo dos Martyres, diariamente, desde as 7 horas da manhã, uma sucia de vagabundos joga a bola, com prejuizo para os moradores locais e até dos transeuntes. Ante-ontem uma creança voltava do collegio quando foi atingida pela bola, cahindo por terra.  
Pessoas extranhas conduziram-na para casa, enquanto os vagabundos continuaram a jogar, descompostos, attentando contra o decoro publico.<sup>332</sup>

Os problemas de disciplina pareciam ser a tônica do campeonato da Liga. A imprensa e o público tradicional perderam o interesse pelo mesmo, fazendo com que a credibilidade da instituição caísse por terra. O último jogo do certame aconteceu no dia 6 de outubro de 1912

<sup>329</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>330</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 12 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>331</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>332</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de agosto de 1912, p. 2.

entre as equipes do Rio Vermelho e do Athletico, sagrando-se campeão o último. Ao que parece, contudo, ninguém dava mais importância aos eventos organizados pela Liga, que terminou o ano lavando a roupa suja publicamente, ao divulgar que o Bahia tinha sido expulso da instituição por causa de sua enorme dívida.<sup>333</sup>

O ano de 1913 começou com uma nova diretoria tentando arrumar a casa. No dia 18 de janeiro, esta convocou uma reunião contando com a indispensável presença dos representantes e diretores dos clubes filiados para numa ação "[...] conjunta, serem resolvidos factos que têm trazido o maior descontentamento para os *sportmen* e para os próprios clubs".<sup>334</sup> A promessa era de que fosse discutido um programa de trabalho que visasse levantar a instituição. O cronista apelou para que os clubes trabalhassem com esforço em favor do levantamento dos esportes, "[...] tão mal compreendidos entre nós".<sup>335</sup>

Algumas metas foram tiradas nesta reunião, que teve como ponto principal uma discussão em torno da reforma dos Estatutos da Liga, que, para o bem do esporte, deveria ter alguns artigos modificados. Foi acordada também a realização de periódicas reuniões com a presença de três representantes de cada clube, a fim de tratar do futuro da instituição e do campeonato que deveria começar em abril. A LBST sabia que esta seria sua última chance de se reerguer, pois outras ligas já tinham tomado seu espaço na cidade, a exemplo da Liga Itapagipana dos Sports Terrestres e da Sociedade Modelo, que realizavam atrativos campeonatos na cidade.<sup>336</sup>

Tudo, porém, não passou de uma grande ilusão. A Liga nunca mais voltou a se reunir e acabou entrando em extinção. No dia 20 de maio, veio a público a notícia de que dois de seus antigos filiados realizariam uma partida amistosa na qual deveria constar até um serviço de buffet. **O Diário de Notícias** afirmava que esta "[...] partida muito vem influir no animo dos 'sportmans', que verão não ter desaparecido o gosto pelo bello jogo bretão".<sup>337</sup> Não se sabe se o jogo chegou a acontecer, pois nada foi noticiado sobre ele. E assim, de forma melancólica, chegou ao fim a mais elitista de todas as instituições esportivas de Salvador. Formada pelas elites que introduziram o esporte na cidade, na busca pela distinção, a Liga acabou cavando a sua própria sepultura, ao criar uma série de problemas e dificuldades que não soube solucionar.

Creemos que os jovens do meio popular da cidade de Salvador, que se divertiam assistindo a um jogo realizado por moços finos da cidade em pleno inverno de 1906, foram os

---

<sup>333</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 20.

<sup>334</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 18 de janeiro de 1913, p. 2.

<sup>335</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 18 de janeiro de 1913, p. 2.

<sup>336</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 18 de fevereiro de 1913, p. 2.

<sup>337</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de maio de 1913, p. 2.

responsáveis diretos pela popularização do esporte na cidade. Devido às ofensas que a horda direcionou para o time formado por ingleses, a LBST decidiu transferir seus jogos do Campo dos Martyres, um local público, para um local privado, sendo escolhido o *ground* do Rio Vermelho, com o interesse de excluir as camadas populares de seus eventos, tornado um espaço distinto e seletivo.

A transferência das partidas de um local público para um privado acabou motivando as camadas populares a jogarem e viverem o seu próprio futebol. Fundando clubes, criando ligas, jogando em praças, largos e nas ruas, os populares acabaram levando o futebol para todos os cantos da cidade, chegando a organizar campeonatos muito mais atrativos do que os realizados pela liga elitista, que pagava caro pelo ideal de manter a qualquer custo a distinção de seus membros.

Tentamos mostrar, neste capítulo, que a Liga elitista acabou sofrendo com a interferência dos populares e que esta instituição não foi a principal via de popularização do esporte. Até mesmo os sentidos e princípios que regiam a instituição foram abandonados devido às crises que se avolumaram no decorrer dos anos. Ao passo que os eventos da organização foram perdendo atenção e credibilidade, os jogos e campeonatos organizados por clubes pequenos e médios faziam a festa da maioria da população. Os problemas que a Liga enfrentou após a mudança dos jogos para o *ground* foram tão graves e frequentes que a instituição acabou caindo em ruínas. O mesmo não podemos dizer do futebol na cidade, que continuava a crescer pelos mãos do povo comum, que não tirava de jeito algum a bola dos pés.

## 4 - O APITO DO RICO É SURDO

Populares tomam as rédeas do futebol na capital da Bahia (1912 - 1917)

### O futebol morreu?

Veio, depois de tão prosperos dias, uma crise inevitavel do *foot-ball*, crise essa que só póde ser attribuida aos meios defficientes de conducção para o Rio Vermelho, que motivaram aos poucos, o empalidecimento da estrella do *foot-ball*. Passou o *sport* bretão a ser cultivado a esmo, voltando a ser disputado no então Campo dos Martyres, e não se deve deixar sem relevo especial, em tal emergencia, o nome do veterano *footballer* Anisio Silva, que tanto fez para que o lindo jogo não desaparecesse, de todo, na Bahia.<sup>338</sup>

A passagem acima foi retirada de um texto escrito por Mario Gama, publicado em uma edição especial do **Diário oficial do Estado da Bahia** em comemoração ao centenário da Independência. Desconsiderando todas as formas populares de se praticar o futebol e o sucesso que o esporte tinha nos meios populares, o autor afirma que, após dias de glórias, o *foot-ball* baiano acabou caindo numa crise que quase custou a sua existência. Para o autor, futebol na Bahia era a elitista Liga Baiana de Sports Terrestres (LBST). Ao seu ver, o sucesso do esporte dependia do sucesso da instituição. Atribuindo as causas da crise que sentenciou o fim da Liga apenas aos meios de transporte para o Rio Vermelho, o autor destaca que o esporte só não chegou ao fim na Bahia por causa das ações de *sportmen* como Anísio Silva.

Como vimos no capítulo anterior, o futebol soteropolitano como um todo não passou por crise alguma. Quem viveu uma grande crise que resultou em sua ruína foi a LBST, que era a instituição mais antiga e elitista a organizar campeonatos de futebol na capital baiana. Deste colapso, a Liga saiu perdendo e o futebol popular saiu ganhando. Clubes e ligas populares surgiam e apareciam a cada dia, sendo estes os responsáveis por fazerem a festa e a alegria futebolística na cidade. Para Mário Gama, as maneiras populares de se jogar o futebol eram ou deveriam ser totalmente desconsideradas. *Foot-ball* de verdade era aquele praticado com organização, com regras, com distinção, aquele que contava com a presença das elites que lutavam por absoluta exclusividade e muita grandeza.

A visão de Mário Gama era compartilhada por alguns dos "especialistas" no esporte. Para muitos jornalistas e memorialistas que se preocuparam em fazer um retrospecto do *foot-ball* na Bahia, o ano de 1913 representou quase o fim do esporte no estado. Esta crise geralmente

---

<sup>338</sup> GAMA, M. "Como os 'sports' se iniciaram e progrediram na Bahia". In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: S. E., 1923, p. 320.

era associada às dificuldades no transporte para o *ground* elitista construído no hipódromo de um antigo Derby no Rio Vermelho. "[...] Passava, então, o nosso *foot-ball* por uma das suas phases mais brilhantes. Durou pouco, no entretanto, o seu apogeu. Em virtude da dificuldade de transporte para o Rio Vermelho, foi elle decahindo gradativamente, até quasi o esquecimento".<sup>339</sup> Tentamos mostrar, anteriormente, que a crise que culminou na extinção da LBST não foi causada apenas pela falta de transporte, sendo até surpreendente para nós que esta seja encarada como a principal, pois durante muito tempo o serviço de bondes foi muito elogiado pela própria imprensa. Vimos que a crise no *foot-ball* elitista começa quando foram implantadas medidas de distinção que visavam afastar as camadas populares do espaço considerado oficial. A falta de povo, de público e de alegria, somando-se às despesas que os clubes adquiriam com o aluguel do Derby e uma série de outros problemas que não paravam de surgir, foram os grandes responsáveis pelo fim da Liga, mas de forma alguma, isso significou uma crise no esporte no Estado da Bahia.

Apesar de o futebol popular continuar forte na cidade, é comum a ideia de que, após o fim da LBST, o esporte só voltou a ser praticado com força e sucesso a partir de 1920, com a construção do Campo da Graça. A construção do *stadium* marcou uma nova era no futebol da Bahia, atraindo antigos e novos clubes oriundos das elites para o cenário futebolístico soteropolitano. Para nós, o *foot-ball* nunca morreu ou esteve perto de desaparecer no estado. O que se verificou é que as dificuldades encontradas pela Liga Bahiana após a transferência dos jogos para o *ground* do Rio Vermelho fizeram com que seus clubes elitistas resolvessem desistir de praticar o futebol na cidade.

Além disso, os clubes pomposos não queriam participar de ligas populares, que, apesar de atraírem grande número de público e movimentarem bem mais pessoas em torno do esporte, eram consideradas por eles "menores". Não queriam fazer parte de ambiente futebolístico popular, e por isso resolveram se afastar das competições. Esta é a principal justificativa do argumento pelo qual, entre os anos de 1912 e 1920, o futebol na Bahia não desapareceu por pouco. Não podemos confundir uma crise ou "queda" no futebol das elites com uma decadência do esporte como um todo, pois, durante este período, o futebol popular continuou ascender de várias formas na capital, fazendo a alegria da grande população comum.

Assim como nos anos anteriores, ligas populares compostas por clubes pequenos e médios da cidade continuaram a promover grandes festas esportivas, que contavam com a participação de bons públicos, passando a ganhar atenção e respeito da imprensa. Eram

---

<sup>339</sup> BPEBa, *Jornal o ETC*, 4 de março de 1929, pp. 12-13.



considerados pequenos e médios, os clubes de eram provenientes do povo, e não tinham a mesma pompa e tradição dos clubes oriundos das altas camadas da sociedade. Assim como os clubes de origem popular, o *foot-ball* praticado pelas camadas populares não tinha o mesmo prestígio do praticado pelas camadas abastadas, mas contava com o apoio e a aprovação de grande parte da população, o que o tornava de certa forma atraente para alguns setores da imprensa.

É justamente nesse período que presenciamos o crescimento de clubes extremamente populares na cidade, como o Ypiranga e o Botafogo, que durante muitos anos arrastaram verdadeiras multidões para seus jogos. Também foi no espaço popular que enxergamos o surgimento dos primeiros craques negros, pessoas como Popó, primeiro grande ídolo baiano, conhecido como "o craque do povo", e Manteiga, que chegou a jogar em clubes importantes do Rio de Janeiro e atuar pela seleção brasileira.<sup>340</sup>

Os clubes populares eram bem diferentes dos clubes elitistas, desde a composição dos seus sócios à forma como entendiam, compreendiam e praticavam o esporte. As agremiações populares não compartilhavam das mesmas práticas de distinção que existiam entre as elites, permitindo uma transição muito maior de jogadores de diferentes grupos sociais em seus quadros. Enquanto os populares permitiam a presença de negros e pobres em seus quadros esportivos, os conjuntos de elite, segundo Dr. Wilobaldo Campos, um antigo *ex-sportman* da cidade, todos...

[...] eram formados de amadores. Havia na organização deles, a mais rigorosa e escrupulosa seleção, por isso mesmo que não eram admitidos em absoluto o "profissionalismo" (mesmo disfarçado) nem a inclusão nas equipes e mesmo nas sociedades de pessoas que não fossem qualificadas e de reconhecida situação social. As comissões de sindicancias trabalhavam de verdade! Eram rapases empregados no Comércio, academicos de humanidades e dos cursos superiores que faziam o esporte com amor ao esporte para vitoria das cores que defendiam valentemente e com galhardia, convencidos de que não eram eles somente um signal, emblema ou distintivo, mas a propria honra da agremiação a que pertenciam. Vem de molde lembrar extranheza que cáusou e attingiu até á proporção de um verdadeiro escandalo, quando o S. Salvador escalou no seu elenco, em segundo ou terceiro ano de campeonato, um foguista onglez do 'ORITA' desembarcado temporariamente neste porto e mais tarde a admissão para socio, de um moço de cor parda, digno embora, com boas qualidades de carater e otimo comportamento! Raramente se registrava a transferência de um jogador!<sup>341</sup>

A citação acima é reveladora, convidando a discutir alguns pontos. O primeiro é a diferença entre os clubes de elite e os clubes populares na admissão de seus sócios e jogadores que iriam formar seus *teams*. Enquanto as entidades pertencentes ao escol da sociedade

<sup>340</sup> MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil*. *op. cit.*.

<sup>341</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, pp. 22-23.

soteropolitana valorizavam o amadorismo, os clubes populares realizavam o chamado profissionalismo. Durante muito tempo, a palavra "amador" foi usada pela imprensa de Salvador para (des)qualificar os populares que jogavam futebol de forma inadequada. A partir da década de 20, esta palavra ganha uma outra conotação ou um outro significado no meio esportivo.

Perdendo seu caráter pejorativo, **amador** ou **amadorismo** passaram a ser entendidos como os modos puros e honrados de se praticar esporte, no qual os jogadores defendiam seus clubes apenas por honra e identidade, sem vantagem alguma. No outro extremo, estava o profissionalismo, prática adotada por clubes populares, muito criticada pelas elites, pois permitia um tráfego maior de jogadores entre os clubes.

No profissionalismo, *player* defendia as cores do clube que lhe oferecesse alguma vantagem, que poderia ser em dinheiro, como também através de um emprego que permitisse mudança em seu status social. Diferente dos *sportmen* abastados, alguns jogadores de origem subalterna entendiam o futebol como uma real possibilidade de ascensão social, sendo assim, procuravam atuar nas instituições que oferecessem maiores vantagens. A prática do profissionalismo era extremamente condenada pelas elites que atribuíam outros sentidos e significados à prática esportiva. Na síntese dos relatórios da diretoria da Liga Bahiana de Desportos Terrestres de 1934, a entidade afirmava continuar a lutar pela permanência do amadorismo defendido pela Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, criticando toda e qualquer prática "profissional" no esporte futebol baiano.<sup>342</sup>

Outro ponto trazido pela citação é algo já apontado no capítulo anterior: a suposta presença de jogadores populares nos quadros dos clubes de elite, o que causava muita discussão na elitista Liga Bahiana. Tentando manter a distinção, a instituição acabou criando uma série de barreiras para limitar e organizar os jogadores que os clubes levavam à campo. Se havia interesse de alguns clubes de elite em escalar jogadores negros ou pardos em suas equipes, é porque exista um cenário futebolístico popular forte, que propiciava o surgimento de craques que chamavam a atenção das próprias elites.

É sobre este cenário que vai recair nossa atenção. Tentaremos mostrar, nas próximas linhas, como se desenvolveu um vistoso *foot-ball* popular e não elitista na cidade de Salvador entre os anos de 1912 e 1917. Nossa atenção se volta principalmente para a atuação da Liga Brasileira de Sports Terrestres (LBRST), fundada antes mesmo de a antiga Liga Bahia ruir,

---

<sup>342</sup> Liga Bahiana de Depostos Terrestres. **Synthese dos Relatorios de 1931, 1932, 1933 e Relatorio de 1934**. Salvador: Officinas Graphicas d'A Luva, 1935.

conseguindo se constituir como a principal instituição esportiva da cidade, fazendo frente a outras ligas distintas que surgiram na cidade.

### **Os novos mandantes do *foot-ball***

A Liga Bahiana dos Sports Terrestres passava por vários problemas e se deparava com muitas dificuldades para organizar suas competições. Em contrapartida, o futebol praticado por clubes oriundos do povo, caminhava com muita força na capital baiana. Eram poucos os domingos que não aconteciam grandes festas esportivas que contavam com a presença de muitos populares. É evidente que existiam diferenças entre os atores sociais que faziam parte do futebol popular de Salvador. Clubes minúsculos eram fundados e nunca mais noticiados pelos jornais, como também clubes medianos que contavam com a presença até de alguns "doutores" em seus quadros administrativos. Apesar das diferenças, os clubes pequenos e medianos da cidade tinham em comum o público que frequentava e acompanhava suas partidas. Além disso, não se preocupavam em criar medidas de distinção social que afastassem as camadas populares de fazerem parte do quadro de sócios ou do *scrath* que disputaria os jogos em nome da instituição.

A força do futebol popular na cidade de Salvador pode começar a ser notada quando a imprensa elitista baiana começa a se render à uma dura realidade: percebendo que a LBST caminhava para a destruição, a imprensa baiana começou a voltar seus olhos para alguns clubes de menos tradição que realizavam jogos no Campo dos Martyres. Entre aqueles que recebiam mais atenção da imprensa, destaca-se o Fluminense Foot-Ball Club, que em 1911, junto com o Sul América e o Vera Cruz, organizou uma instituição denominada da Liga Nacional Sportiva (LNS), chamada por Haroldo Maia de Liga Nacional de Esportes.<sup>343</sup>

Além de ser sócio fundador, o Fluminense foi o primeiro campeão da LNS, chamando a atenção da imprensa pelo seu forte time. Em virtude da forma vigorosa como irrompeu no cenário futebolístico, criou-se um boato na cidade de que a moribunda Liga Bahiana faria um convite de filiação ao clube, a fim de que participasse do campeonato do ano 1912. Os convites foram enviados aos sócios do Fluminense e uma assembleia foi marcada na LBST para tratar do assunto.<sup>344</sup> Apesar de lutar para ser distinta, a instituição elitista não conseguia encontrar uma solução mais adequada para levantar seu campeonato que estava em frangalhos. Sem alternativas, a saída foi convidar para seus quadros um bom time popular da cidade.

<sup>343</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 23.

<sup>344</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de maio de 1912, p. 2.

Apesar do interesse da LBST de contar com o Fluminense entre os clubes coligados, parecia que fazer parte da "principal" liga da cidade não fazia parte dos planos do clube. O fato de a instituição disputar suas partidas no *ground* do Rio Vermelho não agradava a diretoria do Fluminense, pois, além de gerar uma série de despesas, faria com que o clube acabasse perdendo seu público de torcedores, formados principalmente por populares. Além disso, a Liga Bahiana mantinha um forte controle sobre o ingresso de membros nos clubes, não aceitando que seus filiados contratassem jogadores especificamente para disputar os campeonatos, principalmente se estes fossem oriundos de agremiações menores. Só podiam participar dos jogos *players* que integrassem no quadro de associados e pagassem suas mensalidades em dia. Essa regra de distinção não era comum entre os clubes populares, que permitiam transações e permutas de jogadores independente de sua classe social. Sendo assim, o interesse maior do Fluminense não era fazer parte da LBST, mas sim fortalecer a liga de que fazia parte ou organizar uma ainda mais forte, que servisse de alternativa os clubes que eram excluídos pela liga principal.

Após ser informado sobre o desejo da criação de uma nova "grande" liga na cidade, o White Club resolveu se reunir com seus sócios para discutir as possibilidades.<sup>345</sup> Outros clubes convocaram assembleias para discutir as propostas que lhes foram enviadas pela diretoria do Fluminense, até que no dia 29 de julho de 1912 o **Diário de Notícias** informava que "[...] devem se reunir até domingo os representantes dos clubs que desejam fazer parte na nova liga. Já estão prontos para isto os clubs Germania, White, Fluminense e o Phebo".<sup>346</sup> O jornal ainda parabenizou a iniciativa dos clubes que deveriam organizar um campeonato a ser disputado no Campo dos Martyres, fazendo a alegria da população da cidade que andava muito carente de divertimentos.

A realização de um campeonato no Campo dos Martyres era tudo que o povo desejava, pois esse era um espaço público, onde os jogos tradicionalmente aconteciam e eram assistidos sem cobrança de ingressos. Como vimos no capítulo anterior, nesse momento, o Campo dos Martyres era utilizado também por indivíduos denominados pela imprensa como vadios, vagabundos e moleques que atormentavam a ordem pública. Para a imprensa, um campeonato no Campo dos Martyres além de significar boas matérias, poderia ajudar a combater as desordens que aconteciam no local.

Quando era forte o boato sobre a criação de uma nova liga na cidade, um fato incomum chamou a atenção da imprensa baiana. Às vésperas de um jogo realizado no Campo dos Martyres entre o White Club e o Fluminense, o **Diário de Notícias** publicou a seguinte nota:

---

<sup>345</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 12 de junho de 1912, p. 2.

<sup>346</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 29 de julho de 1912, p. 2.

Realiza-se, amanhã, pelas 4 horas da tarde, no Campo dos Martyres, uma bem disputada partida de *foot-ball*, entre os sympathizados clubs White e Fluminense Football Club. Esta partida vae ser realizada em vista da insistencia de adeptos do White, que ha dias noticiam está enfraquecido o *team* do Fluminense, por ter de haver o 11º encontro do campeonato da Liga Bahiana, ao Rio Vermelho, que é disputada entre os clubs Bahia e Rio Vermelho, pois assim perdia o *team* Fluminense, bons elementos, pelo que, era bem possível não se realizar o *macht*.<sup>347</sup>

O que chamou a atenção da imprensa e de todo cenário esportivo baiano foi o fato de o Fluminense não poder ir ao campo com o White, pelo fato de vários dos seus jogadores terem sido chamados ou contratados para jogarem pelo Bahia, um clube elitista que fazia parte da principal liga da cidade. Como a LBST não tinha conseguido convencer o Fluminense a ser um de seus membros, alguns clubes filiados à instituição decidiram fazer convites aos seus melhores jogadores, fazendo com que a equipe não tivesse condições de realizar suas partidas.

A questão é que, segundo as medidas de distinção da LBST mencionadas no capítulo anterior, um clube não poderia escalar jogadores que não integrassem seu quadro de sócios. Ao retirar os melhores jogadores da equipe do Fluminense, o Bahia estava infringindo uma regra estabelecida anos antes pela instituição. Essa informação nos revela que, ao passo que a LBST ruía, também abria mão de alguns de seus princípios, sendo que até jogadores de clubes populares chegaram a disputar partidas em seu campeonato. O fato de o Bahia contar com a presença de jogadores do Fluminense em um de seus jogos é uma evidente prova de que os populares tinham transformado o sentido elitista empregado no esporte. Além disso, é possível perceber a força do futebol popular na cidade de Salvador, já que uma equipe mediana e popular foi desfalcada por seus jogadores terem sido contratados por um clube da elite.

O Fluminense tinha uma equipe tão forte que, mesmo desfalcada dos seus melhores *playes*, conseguiu vencer a partida contra o White diante dos olhares de muitos amantes do esporte.<sup>348</sup> A presença de um grande público para assistir a um jogo em que uma das equipes iria combater com seu *team* reserva, reforça nossa ideia sobre o futebol popular em Salvador. Independente do clube, das equipes ou dos jogadores, o esporte já tinha se tornado um fenômeno entre os populares, que nas tardes de domingo sabiam que suas diversões e suas festas estavam localizadas nos largos transformados em campo por toda a cidade.

Apesar da concorrência elitista e das dificuldades encontradas pelos clubes menores, o Fluminense e os outros clubes não desistiram de criar sua própria liga. Em acordo com o senhor Antonio Valverde Velloso, conseguiram o salão nobre do Lyceu de Artes e Offícios para que

<sup>347</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 3 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>348</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 5 de agosto de 1912, p. 2.

fosse realizada a primeira reunião preparatória da nova instituição. Esta, que contaria com a presença de seis clubes, recebeu vivas e incentivos da imprensa, que desejava que "[...] os destinos desta Liga tenham outro rumo que o inverso do seguido pela sua co-irmã".<sup>349</sup> Ao que parece, existia no cenário esportivo de Salvador um forte desejo para que a liga tivesse sucesso, pois todos sabiam que a Liga Bahiana, com toda sua distinção, estava chegando ao fim, sucumbindo aos poucos. Além disso, a nova instituição iria realizar seus jogos no Campo dos Martyres, local que atraía grande número de público, principalmente de populares, que transformavam os jogos em festas.

A primeira reunião da nova instituição aconteceu no dia 8 de agosto de 1912, contando com a participação de todos os representantes dos clubes. Primeiramente, buscaram discutir as bases necessárias para a fundação da instituição, apresentadas pelo Fluminense. Entre as dez cláusulas presentes nas convenções da nova instituição, destacamos a escolha do Campo dos Martyres para realização dos jogos.<sup>350</sup> Este fato era bastante significativo, pois, sendo escolhido um local público, estava garantida a presença de populares que tradicionalmente eram os frequentadores do local. Nessa reunião, foi ainda escolhido o nome da futura instituição: Liga Brasileira dos Sports Terrestres (LBRST).

No dia 19 de agosto, a LBRST encaminhou um ofício à Intendência solicitando a licença para realizar, no Campo dos Martyres, um campeonato de *foot-ball* que começaria em princípios de setembro. Em troca da licença, a instituição se responsabilizaria por realizar limpezas ao entorno, aplanar e zelar pelo aludido campo, assim como fizera anos antes a LBST. Ainda no ofício, a Liga Brasileira informava que, se o intendente concedesse a licença, estaria dando um grande impulso ao *foot-ball*, esporte tão amado e praticado pelos baianos, que passava por tempos de declínio, devido, entre outros itens, à falta de apoio por parte do poder público.<sup>351</sup>

Dias depois, a LBRST resolveu fazer uma última reunião para definir o futuro do campeonato. Segundo Haroldo Maia, a instituição já tinha recebido uma autorização da Intendência que liberava de forma provisória o Campo dos Martyres para a realização de suas partidas.<sup>352</sup> Entre agosto e dezembro de 1912, vários jogos amistosos entre os clubes da nova liga foram realizados, tudo indicando que a instituição seguiria em frente; entretanto, ao que

<sup>349</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>350</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 de agosto de 1912, p. 2.

<sup>351</sup> AMS, **Ofício da Liga Brasileira dos Sports terrestres de 19 de agosto de 1912**. Ofícios e Cartas enviadas a Intendência, Arquivo Municipal de Salvador.

<sup>352</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 24.

parece, alguns problemas e dificuldades de última hora apareceram e impediram o desenvolvimento do seu certame.

Supomos que, entre as causas do cancelamento do campeonato, estavam a falta de uma autorização permanente da Intendência para o uso do campo e o fato de os clubes filiados à moribunda LBST reclamarem jogadores que pertenciam aos seus clubes, deixando-os extremamente desfalcados, forçando-os a realizar seus amistosos principalmente com jogadores do segundo *team*.

Segundo Haroldo Maia, após o cancelamento do certame, a LBRST acabou entrando em colapso.<sup>353</sup> Os clubes continuaram a realizar seus jogos, mas a instituição não se reunia mais. No ano 1913, a LBST teve o seu fim decretado, surgindo a necessidade da criação de uma outra entidade para assumir o posto de mais importante da cidade. A partir de maio, os clubes menores, que no ano anterior tinham fundado a LBRST, começaram a se movimentar. Realizavam várias reuniões e amistosos que atraíam grande público. Essa movimentação fez surgir novamente a ideia da criação de uma liga e um campeonato, sendo que agora não seria uma opção alternativa, mas a principal instituição de *foot-ball* da capital baiana.

Como no ano anterior, o primeiro clube a se preocupar com a reorganização da liga foi o Fluminense.<sup>354</sup> Dias depois, o White Club se reuniu a fim de tratar de vários assuntos, entre eles a reorganização da instituição.<sup>355</sup> Com as esperanças fortalecidas, o Fluminense realizou uma grande festa para a posse de sua nova diretoria, convidando todas as associações esportivas da cidade.<sup>356</sup> Na festa, os representantes dos clubes começaram a discutir as bases para a reorganização da Liga Brasileira e a criação de seu campeonato. Alguns dias depois, em 6 de agosto, o **Diário de Notícias** informava que devem se

[...] reunir no proximo domingo, 10 do corrente, ás 10 horas do dia, na "Sociedade Monte Pio dos Artifices", a convite do "Fluminense", os clubs "White", "Sul America", "Bello Horizonte" e "Internacional", para tratarem da reorganização da Liga Brasileira dos Sports Terrestres, a qual dará começo ao seu campeonato em principio de setembro.<sup>357</sup>

A reunião, que aconteceu no dia 10 de agosto, contou com a presença dos representantes de quase todos os clubes, sendo que o único que não enviou os seus foi o Belo Horizonte. Os presentes discutiram as bases para a reorganização da LBRST, sendo mantida boa parte das que já tinham sido acordadas no ano anterior. A maior preocupação era a organização de um

<sup>353</sup> *Idem*, p. 24.

<sup>354</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de julho de 1913, p. 2.

<sup>355</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 30 de julho de 1913, p. 2.

<sup>356</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 1 de agosto de 1913, p. 2.

<sup>357</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de agosto de 1913, p. 2.

certame, já que o ano já se encaminhava para o fim. Ficou acertado que as inscrições ficariam abertas até o dia 31 de agosto, sendo que, até lá, outras reuniões seriam necessárias para que tudo ocorresse com muita organização.<sup>358</sup>

A segunda reunião da popular Liga Brasileira aconteceu no dia 18 de agosto, contando com a presença de todos os representantes dos clubes coligados, inclusive os do Ideal, novo nome dado ao antigo Club Belo Horizonte. Foram lidos e aprovados os estatutos preparados por uma comissão. Também foram convocadas as eleições para os cargos administrativos, assim como foi frisada a necessidade de realizar mais reuniões para tratar do futuro da associação e do campeonato.<sup>359</sup>

Dois dias depois, foi enviado um ofício à Intendência informando que estava se "[...] organizando a Liga acima deferida, constituída de 5 clubs e necessitando do Campo dos Martyres para alli serem realizadas as suas partidas, venho por meio deste pedir a V. Excelência que se digne em ceder permissões para esse fim".<sup>360</sup> O **Diário de Notícias** publicou no dia 4 de setembro uma nota informando que o intendente tinha concedido à LBRST o uso do Campo dos Martyres, sendo favorável ao desenvolvimento de um campeonato de futebol no local.<sup>361</sup>

Paralelo às reuniões, vários amistosos eram realizados pelos clubes da LBRST no antigo Campo da Pólvora. Chamou a nossa atenção, contudo, um desses jogos realizado no *ground* da LBST a convite do clube São Salvador. Os jornais anunciavam a realização como uma festa, talvez pelo motivo de se realizar no Derby do Rio Vermelho. O grande jogo entre o "sympathico" Fluminense e o "novel esperançoso" Internacional aconteceu diante de numerosa assistência, "[...] que em parte circulava o campo e nas archibancadas que se achavam repletos de muitos cavalheiros do Club de N. e R. S. Salvador".<sup>362</sup> O jornal deixa evidente que quem ocupou as arquibancadas foram os finos moços e cavalheiros do São Salvador, enquanto os adeptos dos clubes populares que conseguiram comparecer assistiam de pé, em volta do campo. Informações como essas nos permitem diferenciar o nível social dos membros dos clubes e do público que faziam parte da elitista LBST e da popular LBRST. Enquanto a falida liga elitista era acompanhada por seletas moças e cavalheiros finos da alta sociedade baiana, os clubes da nova liga atraíam um público em sua grande maioria formado por populares.

<sup>358</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de agosto de 1913, p. 2.

<sup>359</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 19 de agosto de 1913, p. 2.

<sup>360</sup> AMS, **Ofício da Liga Brasileira dos Sports terrestres de 20 de agosto de 1913**. Ofícios e Cartas enviadas a Intendência, Arquivo Municipal de Salvador.

<sup>361</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 4 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>362</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 2 de setembro de 1913, p. 2.



Antes mesmo de acontecer o evento de fundação da LBRST, verificou-se o primeiro desentendimento entre os clubes coligados. O problema surgiu ao ser escolhido para presidente da liga o senhor Antonio Valverde Veloso, antigo presidente do White Club. Como Veloso tinha deixado o White e as mágoas ainda eram vivas, o clube se negou a aceitá-lo como presidente da instituição. A questão é que todos os clubes eram favoráveis à permanência de Veloso como presidente da Liga, afirmando que se desfilariam automaticamente caso não fosse empossado presidente. Após algumas reuniões, Veloso foi mantido como presidente da LBRST e o White Club, eliminado.<sup>363</sup>

A solenidade de fundação da LBRST aconteceu no dia 14 de setembro no Grêmio Literário, então localizado na rua Chile.<sup>364</sup> Foram convidadas todas as outras instituições esportivas da cidade, inclusive aquelas que organizavam as competições náuticas e vários clubes não coligados. Após várias apresentações e muitos discursos, uma festa tomou conta do local ao som de uma banda militar. Ainda no mesmo dia, foi anunciado que o primeiro campeonato da instituição começaria no dia 21, tendo na partida de estreia um combate entre o Fluminense e o Ideal.<sup>365</sup> Porém, o jogo de abertura só foi realizado no dia 28 de setembro devido as obras e as melhorias que estavam sendo realizadas no Campo dos Martyres.<sup>366</sup>

Sobre a organização do primeiro jogo do campeonato, chamou a nossa atenção um concernimento que não existia antes entre os clubes da LBRST. Preocupados com o grande número de público e o comportamento que este poderia ter no Campo dos Martyres, a instituição enviou um ofício ao chefe de polícia da cidade, "[...] explicitando providencias no sentido de ser postada alli uma patrulha de policia, durante o funcionamento daquelle campeonato, afim de garantir a ordem publica e fazer desaparecer certos abusos".<sup>367</sup> É importante frisar que vários amistosos eram realizados no mesmo local e nunca foi solicitado por algum clube da LBRST uma patrulha policial para conter os ânimos do público. Talvez por formarem agora a principal liga esportiva da cidade, os clubes populares começaram a implantar algumas medidas de controle, principalmente para agradar alguns membros da elite adeptos do esporte que deveriam, com o fim da LBST, passar a acompanhar o novo campeonato.

Vários eram os esforços para que a estreia do campeonato fosse um evento brilhante. De coadjuvantes, os clubes populares tinham se tornado agora o centro das atenções. Apesar de terem ciência que o jogo seria um grande evento, a LBRST não se poupava no sentido de "[...]

---

<sup>363</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 26.

<sup>364</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 13 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>365</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>366</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 18 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>367</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 20 de setembro de 1913, p. 2.

ter grande brilhantismo, o *macht*".<sup>368</sup> O campo foi devidamente ornamentado e preparado para o dia da estreia. Uma banda de música foi convidada para alegrar a festa que, segundo a imprensa, prometia uma grande concorrência.<sup>369</sup>

Depois de vários anos, o principal campeonato esportivo da cidade voltava ao Campos dos Martyres. No dia 29 setembro de 1913, o **Diário de Notícias** informou que "[...] teve começo ontem, no Campo dos Martyres, perante uma assistencia de centenas de pessoas, a la partida do campeonato de *foot-ball* da Liga Brasileira".<sup>370</sup> Destacavam-se, no meio do entusiasmado público que apreciou a vitória do Fluminense sobre o Ideal, "senhoras" e "senhoritas" que aplaudiam as valentes equipes saudadas por foguetes quando entravam em campo. Como podemos ver, o público dos jogos da LBRST era diverso daquele que frequentava os jogos da antiga liga elitista, tanto na "quantidade", quanto na "qualidade". Enquanto o pequeno público visto na maioria dos jogos realizados no *ground* do Rio Vermelho era formado por finas moças da seleta sociedade soteropolitana e distintos cavalheiros educados, o grande público dos jogos realizados no Campo dos Martyres era formado por populares e por "senhoras" e "senhoritas" comuns.

Os jogos do campeonato seguiram com relevante sucesso, sendo que em alguns eram até reservadas cadeiras para que as excelentíssimas famílias pudessem desfrutar do *macht*.<sup>371</sup> Porém, era de povo que fervia o cadeirão, sendo a população comum que garantia a existência de grandes festas nas partidas e o sucesso absoluto do campeonato, que em alguns jogos contou com a presença de mais de dois mil torcedores entusiasmados.<sup>372</sup>

Todas as partidas do campeonato eram noticiadas e comentadas pela imprensa com muito apreço. Porém, os dirigentes da LBRST desejavam muito mais, pois queriam de fato exercer o papel de principal liga da cidade, recebendo todo o prestígio e honrarias conferidas à antiga LBST. Chamando a atenção de todos, a liga popular realizou um dos jogos do certame em benefício da falecida liga elitista. Neste jogo, os *teams* entrariam em campo não com os nomes dos clubes, mas sob a alcunha de Júlio Brandão e J. J. Seabra, sendo que ambos foram convidados para receber tal homenagem.<sup>373</sup> Ao nosso ver, esta atitude foi uma grande jogada da liga popular, que pretendia chamar a atenção das elites da cidade, voltadas agora para a prática de outros esportes, principalmente os náuticos. O interessante é que este jogo aconteceu

<sup>368</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>369</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 25 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>370</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 29 de setembro de 1913, p. 2.

<sup>371</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 4 de outubro de 1913, p. 2.

<sup>372</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 27 de outubro de 1913, p. 2.

<sup>373</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 13 de novembro de 1913, p. 2.

como um amistoso contando com a presença do governador do Estado. Porém, a partida não foi realizada no Campo dos Martyres como esperava boa parte da população, e sim no *ground* do Rio Vermelho, onde ingressos foram cobrados ao público presente, tendo a renda sido revertida para a LBST.<sup>374</sup>

Apesar de todas as alegrias, não só de festa viveu a LBRST. Antes do fim do campeonato, que teve o Fluminense como campeão, dois clubes exigiram desfiliação imediata, por causa de divergências no resultado dos jogos. Chamou nossa atenção que estes clubes alegavam não defender os interesses da liga ou do futebol, mas seus próprios interesses. É interessante observar que a cordialidade que, independente de qualquer outro fator, deveria ser uma regra a ser seguida na antiga liga elitista, só era respeitada na liga popular depois que fossem vistos interesses particulares dos clubes.<sup>375</sup>

A verdade é que a desfiliação desses clubes não trouxe prejuízos ao certame, já que nenhum deles tinha mais jogos para realizar. Apesar do desconforto causado pelo racha, os clubes que permaneceram comemoraram o sucesso do torneio da instituição na cidade. Com isso, ficou evidente que, apesar da decadência do futebol elitista, o futebol popular continuou firme e forte. A liga formada por clubes pequenos e medianos organizou eventos que atraíram grande público e atenção da imprensa. Dessa forma, não podemos crer que o fim da LBST significou um tenebroso período para o futebol soteropolitano; na verdade, significou a ascensão de um novo grupo social ao posto de baluartes do *foot-ball* soteropolitano, grupo este, segundo Haroldo Maia, composto em sua maioria por "gente modesta" e pessoas "de cor".<sup>376</sup>

### **O *foot-ball* não morreu: surgem "os mais queridos"**

Se nossa preocupação está em mostrar que o declínio das elites do cenário futebolístico soteropolitano não significou a queda do esporte na capital, e que de fato aconteceu o contrário, vale a pena informar que, além dos jogos realizados pela nova liga, outros continuaram a acontecer de forma periódica na cidade. De janeiro a dezembro, o Largo dos Paranhos, o campo do Engenho da Conceição, e vários outros locais como o próprio *ground* do Rio Vermelho, serviram de palco para a realização de *matches* que contavam com a presença de grandes públicos, sempre aplaudindo os cobatentes de forma calorosa.<sup>377</sup> Apesar da força do futebol dos clubes não filiados, talvez o grande acontecimento do ano para o futuro do esporte na Bahia

<sup>374</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 17 de novembro de 1913, p. 2.

<sup>375</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 27.

<sup>376</sup> *Idem*, p. 30.

<sup>377</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 4 de fevereiro de 1914, p. 2.

tenha sido a reorganização do Sport Club Ypiranga, um tradicional clube popular da cidade de Salvador, que estava há um bom tempo sem mostrar sua força.

A reorganização do Ypiranga foi noticiada com destaque pelo **Diário de Notícias** no dia 17 de fevereiro de 1914. O clube, que tradicionalmente contava com membros das camadas populares em seus quadros de sócios, trazia em sua diretoria alguns doutores que de certa forma faziam parte das elites soteropolitanas.<sup>378</sup> Reestruturado, o clube solicitou seu ingresso na LBRST, sendo aceito pela instituição no dia 14 de março. Era sempre reportado nos jornais como o "mais popular". Dava início em 1914 a uma trajetória singular, pois, de um clube pequeno que aglomerava gente humilde e de cor, o "mais querido" conseguiu se tornar o clube com maior número de fãs e de títulos na Bahia, sendo o principal clube baiano até o surgimento do atual Sport Clube Bahia na década de 1930.

Após a filiação do Ypiranga, a LBRST resolveu iniciar as reuniões que tratariam do campeonato daquele ano. Em reunião acontecida em meados de março, a previsão era de que o campeonato fosse iniciado já no mês de abril.<sup>379</sup> Como a liga tinha sofrido com a saída de alguns clubes no final do ano anterior, contudo, era preciso solucionar algumas questões burocráticas para que o certame fosse iniciado. Entre as principais, a reforma dos estatutos da instituição e a abertura das inscrições para a admissão de novos clubes.<sup>380</sup> Além do recém filiado Ypiranga, as novidades no certame da liga seriam o retorno do Internacional e a filiação do S. C. Brasileiro.

O campeonato do ano de 1914 teve início no mês de junho, com uma partida entre o Fluminense e o Brasileiro, sendo o primeiro o vencedor. Como todos os jogos realizados no Campo dos Martyres, este contou com grande presença de público. Em sessão realizada na Liga, os laudos da partida foram entregues pelos juízes, que afirmaram não ter ocorrido problema algum durante o jogo.<sup>381</sup> O certame seguiu com os jornais dando destaque e trazendo comentários sobre todos os jogos. Também buscavam anunciar as reuniões que a popular LBRST realizava. Dessa maneira, a liga popular conquistava seu espaço entre a imprensa elitista, mostrando que em nenhum momento o futebol correu perigo na cidade.

Seria desnecessário narrar todos os jogos que aconteceram no campeonato da LBRST no de 1914, visto que nada notamos de especial ou extraordinário. Dessa forma, direcionaremos nosso olhar para alguns acontecimentos que parecem apontar no sentido de uma descontinuidade, que serviram para incrementar o ano esportivo na cidade. O primeiro foi uma

---

<sup>378</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 17 de fevereiro de 1914, p. 2.

<sup>379</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 23 de março de 1914, p. 2.

<sup>380</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 24 de março de 1914, p. 2.

<sup>381</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 13 de junho de 1914, p. 2.

série de jogos realizados entre alguns clubes baianos, como o Ypiranga, contra o time de um navio da Marinha brasileira chamado Benjamin Constant.

Quem iniciou as conversas para a realização do primeiro jogo foram alguns representantes do Ypiranga, que desejavam enfrentar a equipe da marinha no Campo dos Martyres, diante de centenas de pessoas.<sup>382</sup> Aceito o convite por parte do time da marinha, o Ypiranga anunciou nos jornais que o primeiro combate seria realizado no dia 28 de setembro. Como o clube baiano era um dos mais populares da cidade e o jogo seria realizado contra uma equipe de fora do Estado, uma multidão se deslocou para o Campo dos Martyres a fim de incentivar os *sportmen*. Um público jamais visto em qualquer outra partida de futebol já realizada na capital baiana presenciou a sensacional vitória do clube baiano sobre a equipe militar. "[...] Havia gente até sobre os telhados das casas e sobre as árvores, cahindo uma dessas sob o peso dos espectadores".<sup>383</sup>

O segundo jogo entre o Ypiranga e os marinheiros foi marcado para o dia 2 de outubro. Apesar de o jogo ter acontecido em um dia de trabalho, o **Diário de Notícias** informou que "[...] mais uma enchente apanhou ontem o campo dos Martyres com o *macth* de *return* entre os dois teams [...]".<sup>384</sup> O segundo jogo, que terminou empatado, foi marcado por uma série de homenagens entre os clubes. Porém, o fato que nos chamou mais atenção foi que o Vitória, antigo clube da elite soteropolitana, sócio fundador da arruinada LBST, reuniu sua equipe de futebol e convidou os marinheiros para disputarem algumas partidas no *ground* do Rio Vermelho.<sup>385</sup>

Fazia quase dois anos que o Vitória não reunia sua equipe de futebol visando a realização de um jogo. Cremos que o sucesso e repercussão do público presente nos jogos entre os marinheiros e o Ypiranga tenha chamado a atenção dos moços finos da alta sociedade, que, não sabemos por qual motivo, resolveram montar uma equipe de última hora e disputar uma partida no *ground* do Rio Vermelho. O interessante é que os membros do Vitória não faziam questão de se filiar à nova liga popular, mas não perderam a oportunidade de mostrar aos marinheiros forasteiros o ambiente elitista que sobrevivia na cidade de Salvador.

Tratado como "velho campeão", o Vitória realizou seu jogo diante de numerosa concorrência, sendo necessária a locação de cinco bondes extras para atender a demanda de passageiros que se deslocaram para o Rio Vermelho. Duas bandas estiveram presentes no

---

<sup>382</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944, pp. 29.

<sup>383</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 29 de setembro de 1914, p. 2.

<sup>384</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de outubro de 1914, p. 2.

<sup>385</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 3 de outubro de 1914, p. 2.

evento e os jornais afirmavam que a partida, que terminou empatada, tinha sido a melhor realizada naquele ano, mesmo o Vitória tendo arrumado um time às pressas.<sup>386</sup>

O clube de elite homenageou a equipe da marinha com honras e uma linda taça de bronze, demonstrando toda a fineza da alta sociedade baiana. Talvez pelo fato de o Vitória ter homenageado o time militar, no dia da partida do navio Benjamin Constant, uma comissão escolhida "[...] foi a bordo e offecereu ao seu commandante, em nome do Club Ypiranga, uma *corbeille* de flores naturaes, em agradecimento as muitas finezas que recebera do 'team' e guarnição do bello navio".<sup>387</sup> Se por um lado o Vitória quis mostrar aos militares o cenário elitista da Bahia, os populares do Ypiranga mostraram que também tinha condições de realizar homenagens. Entre outras palavras, podemos supor que existia entre os populares o anseio de se parecerem com os ricos; o povo também queria parecer elitista.

Outro acontecimento curioso foi a fundação de um clube de *foot-ball* chamado **Team da Morte**. Segundo o **Diário de Notícias**, o clube que viria a enfileirar com diversos outros da cidade, trajava um uniforme com um "[...] calção preto e uma caveira symbolica adaptada sobre escudo negro á frente da camsia branca".<sup>388</sup> Além do Time da Morte, foi fundado outro clube de nome macabro, o Sport Club dos Suicidas. A fundação desses clubes chamaram a atenção dos cronistas, que passaram a criticar os obscuros *sportmen*.<sup>389</sup>

A mania de *sport*, por demasiada, levará até as aberrações o espirito muitos de seus adeptos. Senão, o que significa semelhante esdruxula denominação?  
Levantemos a moral social e não se venha desnaturando da sua virtual essencia o espirito dessa ou daquela instituição, aviltando-a, ridicularizando-a.<sup>390</sup>

Ao que parece, o sucesso do campeonato da LBRST e jogos realizados contra o time da marinha alavancaram o surgimento de diversos clubes dedicados à prática do futebol na cidade de Salvador. Segundo Haroldo Maia, após os jogos contra o Benjamin Constant, a animação futebolística retorna à capital baiana, sendo fundada uma série de clubes esportivos em razão do acontecimento.<sup>391</sup> Discordamos do ponto de vista de Maia, pois defendemos que em nenhum momento faltou animação ao futebol da Bahia. O número de jogos realizados por clubes populares e a presença maciça de público nos combates comprovavam que o esporte sempre esteve vivo e crescendo na cidade, pelo menos entre o povo.

<sup>386</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 5 de outubro de 1914, p. 2.

<sup>387</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de outubro de 1914, p. 2.

<sup>388</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de outubro de 1914, p. 2.

<sup>389</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de novembro de 1914, p. 2.

<sup>390</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de novembro de 1914, p. 2.

<sup>391</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 29.

De forma alguma "voltou" a animação pelo esporte na Bahia, já que ela jamais havia acabado ou desaparecido. O que pode ter acontecido é que o sucesso da LBRST e os jogos realizados no *ground* entre o time da marinha e equipes elitistas da cidade tenha trazido de volta a esperança, no âmbito das elites, de organizar uma liga ou uma instituição esportiva com o fim de montar um campeonato. O fato de as elites estarem afastadas das competições não pode ser traduzido automaticamente como um período de decadência, pois a única coisa que estava em declínio era o *foot-ball* praticado pelos jovens pomposos, haja vista que o praticado pelos populares crescia e aparecia a cada dia na cidade.

Encontramos, no Arquivo Municipal de Salvador, um ofício enviado pela LBRST ao Intendente da cidade de Salvador. O documento é muito revelador, nos ajudando a construir o cenário esportivo da cidade e o papel desempenhado pela liga popular da época:

A "Liga Brasileira dos Sports Terrestres" tem a subida honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, com a partida jogada no domingo ultimo entre os clubs "Fluminense" e "Internacional" encerrou-se o campeonato de *foot-ball* de 1914, 2° por ella organizados, cabendo a victoria dos 1° *teams* ao "Sport-Club Internacional" e a dos 2° *teams* ao "Sport-Club Ypiranga". Vinte partida foram jogadas no Campo dos Martyres, gentilmente cedido por V. Exa., effectuando-se o jogo sem incidentes, em meio a grande concorrência e animação popular. Além dellas foram jogadas duas partidas entre o "Sport-Club Ypiranga" e o *team* do navio escola "Benjamin Constant", com a victoria do 1° uma e empatando a outra [...].

[...] Dando-vos conta dos resultados deste campeonato, segundo que, vencendo serias difficuldades, conseguiu realizar, mantendo assim o gosto pelo sport na Bahia, tão necessario à nossa educação physica, a "Liga Brasileira" solicita de V. Ex. que lhe mantenha a posse do campo dos Martyres, para exercicios dos *teams* dos clubs colligados, cujo numero tende a augmentar, por propostas recebidas, como para melhorias para o campeonato de 1915, para o que espera do vosso patriotismo o generoso auxilio [...].<sup>392</sup>

O objetivo da LBRST, ao enviar o ofício à Intendência, era garantir a licença para o uso do Campo dos Martyres no próximo campeonato. Para convencer o Intendente, a instituição afirma ter organizado um certame no qual não ocorreram problemas, e que contava com grande presença de público e animação "popular". Diferente da antiga LBST, que fazia questão de levar aos seus jogos o escol da alta sociedade soteropolitana, a nova liga fazia questão de dizer que seu público era formado por populares. Apesar de populares, seus torcedores não causavam problema algum durante os jogos, diferentemente daqueles dos refinados clubes elitistas que frequentaram as últimas partidas do campeonato realizado no *ground* do Rio Vermelho. Além disso, a instituição deixa evidente que o apoio ao *foot-ball* é em primeiro lugar um incentivo à educação física e à prática de exercícios que são tão necessários ao povo baiano. Dessa forma,

<sup>392</sup> AMS, **Ofício da Liga Brasileira dos Sports terrestres de 3 de novembro de 1914**. Ofícios e Cartas enviadas a Intendência, Arquivo Municipal de Salvador.

percebemos que a LBRST utiliza o mesmo argumento da LBST para conseguir o apoio das autoridades.

Ainda sobre o ofício enviando à Intendência pela LBRST, é de notar a preocupação que a instituição tinha em manter o direito de uso sobre o Campo dos Martyres, que já lhe tinha sido garantido pelo Intendente desde o ano anterior. Talvez o sucesso crescente da Liga, realizando seus jogos no espaço público, chamasse a atenção de outras instituições esportivas, que em um futuro próximo rivalizasse no acesso ao campo. A suposta ameaça do surgimento de uma rival corrente levou a LBRST a solicitar, ainda no mês de novembro, a posse do campo para um campeonato que provavelmente só viria a acontecer na segunda metade do ano vindouro. A Liga sabia que o sucesso do certame dependia do público, que tradicionalmente frequentava o Campo dos Martyres.

### **De volta ao jogo?**

Com a fundação da Liga Brasileira, idealizada como já dissemos por clubes de projeção menor no cenário esportivo da época, e constituídos na sua maioria de gente modesta e de cor, os grafinos pertencentes aos ex-clubes da Liga Bahiana afastaram-se das lides esportivas sendo raro aquele que despido dessa vaidade, aparecia envergando a camisa dos clubes da Brasileira.<sup>393</sup>

Segundo Haroldo Maia, com o fim da elitista LBST, os jovens das elites responsáveis pela introdução do esporte na capital baiana estavam afastados dos campeonatos e das competições futebolísticas realizadas na cidade. A maior e principal liga existente era a LBRST, composta por populares, pessoas de baixa renda e de cor, com quem os jovens do escol da sociedade soteropolitana não queriam se misturar, rebaixando-se ao ponto de solicitar a filiação de seus clubes em uma liga de origem popular. Não podendo participar dos campeonatos, os jovens da elite continuavam a praticar o *foot-ball* das garagens de seus clubes, e de vez em quando anunciavam um ou outro amistoso no *ground* do Rio Vermelho. Porém, os acontecimentos futebolísticos da segunda metade do ano de 1914 chamaram a atenção dos jovens finos, reacendendo neles a esperança de fundar uma nova liga elitista com o objetivo de tomar o posto de principal e mais importante da LBRST.

Os três últimos meses do ano de 1914 foram de muito fervor entre os jovens da elite soteropolitana. Muitos clubes foram fundados, e alguns reorganizados a fim de enveredar pelos caminhos do jogo da bola.<sup>394</sup> Após algumas reuniões realizadas por algumas instituições

<sup>393</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 30.

<sup>394</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 31.



elitistas, o **Diário de Notícias** publicou, no dia 22 de dezembro, a fundação de uma nova liga na cidade: "acaba de fundar-se nesta capital a 'Liga Sportiva da Bahia', à qual estão colligados dos clubs: 'Caixerai Sport Club', 'Associação Athletica da Bahia', 'Sport Club São Bento', 'Yankee Foot-Ball' e 'Neo-Greco Club'".<sup>395</sup>

Os jogos dessa nova instituição elitista seriam disputados no "Parque Sportivo do Rio Vermelho", conhecido antigamente como *ground* ou Derby do Rio Vermelho. A nova liga tinha pressa em colocar seus clubes em ação, pois constava em contrato que, desde o primeiro domingo de 1915, jogos amistosos teriam que ser realizados e os campeonatos da liga deveriam iniciar assim que alguns problemas burocráticos fossem resolvidos. Cuidaram também de promover reformas e melhorias no antigo *ground*, sendo este transformando em um parque de esportes. "[...] O 'Parque Sportivo do Rio Vermelho' acha-se muito melhorado, está dotado de novas archibancadas para cerca de duas mil pessoas; a pista de bicycleta, já inaugurada, e o picadeiro para cavallos, muito concorrerão para attrahiros apreciadores do sport".<sup>396</sup>

Com a criação da Liga Sportiva da Bahia (LSB), os finos moços soteropolitanos estavam de volta ao jogo. Nunca se tinha visto na cidade uma passagem de ano com tantos jogos e amistosos. No alto verão, por tradição, os esportes praticados em Salvador eram os náuticos. Agora, o *foot-ball* tomava conta da cidade, sendo que os espaços de lazer da cidade passaram a congregar mais e mais pessoas em busca do jogo da bola. Um novo *ground* foi inaugurado no Cabula,<sup>397</sup> que, somando-se a locais já tradicionais, como o campo do Engenho da Conceição, o Campo dos Martyres, o Campo da Boa Viagem, o Largo do Barbalho e o reformado Derby do Rio Vermelho, eram os responsáveis por garantir a festa do povo e, agora, também das elites.

Tendo em vista o aparecimento de uma forte concorrente, a LBRST buscou tratar dos preparativos dos seus torneios de forma antecipada. A primeira reunião aconteceu no início de fevereiro, mostrando que a instituição queria largar na frente de sua rival.<sup>398</sup> E a popular Liga Brasileira precisava realmente correr contra o tempo, pois o futebol estava sendo praticado de forma tão intensa, que mais clubes e ligas esportivas surgiam na cidade.

#### LIGA RIO BRANCO DE SPORTS

Com o titulo acima foi fundada nesta capital no dia 24 de Fevereiro esta sociedade sportiva da qual já fazem parte os clubs, 'Esperanto', 'Rio Cricchet' e 'Bahiano Athletico' estando abertas as inscrições para os clubs que desejarem tomar parte no proximo capeonato.<sup>399</sup>

<sup>395</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de dezembro de 1914, p. 2.

<sup>396</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 22 de dezembro de 1914, p. 2.

<sup>397</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 26 de janeiro de 1915, p. 2.

<sup>398</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 fevereiro de 1915, p. 2.

<sup>399</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 4 de março de 1915, p. 2.

A Liga Sportiva da Bahia chamava a atenção da imprensa pelos esforços empregados na organização de seu campeonato, que teria início no dia 14 de março. Para a partida inaugural do certame e do parque esportivo, esperava-se uma grande festa com a presença de excelentíssimas famílias.<sup>400</sup> Além dos jogos de futebol, os eventos da nova instituição esportiva contava também com corridas de cavalo e passeio de bicicletas, recheando a tarde esportiva de seus espectadores.<sup>401</sup> Esses eventos, contudo, não eram acessíveis a todos. Mais uma vez, os populares foram excluídos dos eventos elitistas devido ao alto preço dos ingressos e aos custos com o deslocamento até o Rio Vermelho. Deve-se frisar, entretanto, que a nova liga elitista não tinha interesse em contar com a presença ou com o apoio popular. O que seus membros desejavam era muito glamour e distinção, sendo que o parque esportivo se configurava como um espaço de diferenciação social.

Já o campeonato popular da LBRST, que não contava com recursos da nova liga elitista, começou um pouco depois daquele iniciado pelos moços abastados. O certame teve início no dia 21 de abril, sendo que uma reunião extraordinária foi realizada a fim de tirar algumas deliberações e convenções que serviriam para nortear o torneio. Chamou nossa atenção uma das deliberações tomadas pela Liga, que agora passava a "[...] não permitir a entrada de pessoas estranhas, quer socios de clubs ou directores da 'Liga' quer outras quaesquer, no recinto destinado ao jogo, na ocasião do *match*".<sup>402</sup> Nossa primeira impressão foi a de que a Liga popular estivesse restringindo e delimitando o público que teria acesso aos seus jogos. Examinando cuidadosamente os documentos, percebemos que a deliberação limitava apenas o acesso ao "campo" de jogo, local que deveria ser apenas utilizado pelos *sportmen*. cremos que a instituição desejava colocar ordem e organizar um campeonato "decente", tentando evitar problemas para não cair na malha fina da imprensa e não perder o direito de uso do Campo dos Martyres. Com a fundação da nova liga elitista, seria preciso todo cuidado para permanecer com prestígio na cidade.

O futebol popular havia se desenvolvido e divulgado tanto que partidas em lugares jamais noticiados passaram a acontecer. Eram realizados jogos no Alto da Favella, na Mata Escura, no largo da rua do Oiro, sendo que todos contavam com a presença de grande público, que em quase sua totalidade era composta de populares. Para as elites era reservado o Parque Sportivo do Rio Vermelho, que apesar de ser usado pela LSB, estava sob administração do

---

<sup>400</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 13 de março de 1915, p. 2.

<sup>401</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 13 de abril de 1915, p. 2.

<sup>402</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 20 de abril de 1915, p. 2.

Caixeiral Sport Club, que preparava acomodação especial para as excelentíssimas famílias que participassem dos seus eventos.<sup>403</sup>

Nenhum outro ano tinha sido tão agitado como o de 1915. Em alguns domingos, os jornais chegavam a noticiar seis ou sete jogos em diversos locais da cidade. Tanto a popular LBRST como a elitista LSB tinham suas partidas noticiadas e comentadas pelos jornais. Os jogos realizados no Campo dos Martyres sempre fervia de povo, enquanto os jogos realizados no *ground* contavam com a presença de educadas senhoras, finos cavalheiros e excelentíssimas famílias, que desfrutavam também de corridas de cavalo, passeios, atletismo e luta romana.<sup>404</sup>

Ao que parece, o campeonato da nova liga elitista seguiu sem muitos problemas, tendo seus eventos alcançado grande sucesso entre as altas camadas da cidade. Ao inovar realizando uma "tarde esportiva" na qual o futebol era a principal atração, a LSB conseguiu atrair o público que esperava e durante o seu primeiro ano não enfrentou problema algum que a colocasse em risco.

Segundo Haroldo Maia, um dos poucos problemas que aconteceram com a LSB foi a desfiliação do Yankee logo no seu segundo jogo, porque alguns times estavam utilizando jogadores de cor.<sup>405</sup> Não foi possível confirmar a veracidade da informação nos jornais, mas, como o próprio Maia fazia parte do Yankee, é bem possível que esta informação seja verdadeira. E se algum clube da elite estava tentando escalar um jogador de cor em sua equipe, é porque já estavam aparecendo os primeiros craques dos subúrbios da capital, filhos de um aprazível e valoroso futebol popular.

Já a LBRST teve que lidar com problemas maiores em seu certame. Problemas que em nada tinham a ver com o público ou com um suposto desinteresse da população pelo seu campeonato. As crises surgiam sempre relacionadas aos resultados das partidas e a algumas deliberações tomadas pela entidade. Como já foi dito, os clubes populares não se mostram tão adeptos a valores como honra e etiqueta, sempre procurando lutar por seus interesses. Nesse sentido, o primeiro clube a se desfiliar da instituição foi o Guarany, abandonando seus compromissos antes mesmo do fim do torneio.<sup>406</sup> Porém a principal crise na liga popular, foi causada pela desfiliação do Ypiranga. Devido a problemas que não conseguimos identificar, "o mais querido" resolveu se retirar da instituição e montar uma outra associação esportiva. O problema é que o clube pretendia usar em seus jogos o Campo dos Martyres, que estava sob a

---

<sup>403</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 28 de abril de 1915, p. 2.

<sup>404</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 28 de julho de 1915, p. 2.

<sup>405</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 30.

<sup>406</sup> *Idem*, p. 31.

posse da LBRST. Revoltada com a atitude do clube, a instituição enviou um ofício à Intendência que merece ser reproduzido em parte:

Cordiaes saudações

Verdadeiramente estribado na razão e confiado na justiça que caracteriza o espirito de V. Exa., venho em nome da Liga Brasileira dos Sports Terrestres, scientificar-vos do quanto existe de vil despeito e mesquinha vingança, nas entrelinhas de um pedido a vós dirigido, e, firmado pelo Dr. Augusto Maia, presidente do Sport Club Ypiranga, solicitando a concessão do Campo dos Martyres para a realização de campeonatos de football de uma liga ainda por se formar e com promessas phantasioas, como seja a do ajardinamento do campo, etc.

Ora, Exmo. Senhor, só quem não conhece o nosso meio esportivo, não descubra que o fito de taes promessas, é apenas, para maior facilmente apoderar-se do Campo.

Os melhores elementos sportivos da Bahia pertencem à Liga Brasileira e à Liga Sportiva, e, só com o desmantellamento da nossa liga, que é o que deseja o Sr. Augusto Maia, poderá este senhor, formar uma liga nova.

Quanto dos phantasticos melhoramentos do Campo, este senhor nada mais poderá fazer do que nós, pois que realisados os melhoramentos por parte do Municipio, nós mandaremos grammar a area occupada pela Liga.

O nosso meio sportivo é ainda muito acanhado para taes commettimentos sem o auxilio dos poderes publicos. Isto é que é sincero.

A propria Liga Bahiana, da qual faziam parte os clubs S. Salvador, Victoria e outros, nunca poderam cumprir à risca os seus estatutos no tocante aos premios que deveriam ser conferido aos vencedores.

À Liga Brasileira deve-se o resurgimento dos sports entre nós.

Desde 1913, que ella obteve do respectivo Intendente a concessão do Campo dos Martyres, a qual nos tem sido mantida até o presente [...].<sup>407</sup>

A LBRST sabia que a garantia do sucesso do seu campeonato estava no direito do uso do Campo dos Martyres. Para poder utilizar o local, a liga deveria apenas se responsabilizar pela manutenção do mesmo, promovendo periodicamente algumas melhorias do local. Sem despesas, não existia a necessidade de cobrar ingressos, o que atraía os populares da cidade. Dessa forma, o objetivo do ofício era garantir à instituição o privilégio do uso exclusivo do espaço. Para isso, era necessário desmerecer a proposta e os interesses do Ypiranga, rival na disputa pelo uso do local.

Era preciso também engrandecer a importância da Liga na cidade, colocando-a como a responsável direta pelo não desaparecimento do esporte soteropolitano. Tratando como fantasiosas as propostas do Ypiranga, a instituição fez questão de lembrar que até mesmo os jovens da elite tiveram sérias dificuldades em organizar um campeonato na cidade. Então, não era confiável conceder o direito do uso do campo a um clube de uma liga que ainda iria se formar. Sendo assim, seria melhor e mais confiável que uma instituição já consolidada tivesse o controle da principal praça popular esportiva da cidade de Salvador.

<sup>407</sup> AMS, **Ofício da Liga Brasileira dos Sports terrestres de 6 de novembro de 1915**. Ofícios e Cartas enviadas a Intendência, Arquivo Municipal de Salvador.

Porém, não seria através de um ofício que a LBRST convenceria as autoridades públicas. Só através de atuações poderia manter sob sua administração o famigerado Campo dos Martyres. Após a desfiliação do Ypiranga, que pretendia criar uma outra instituição, a Liga procurou aumentar seu quadro de membros, abrindo as portas para o Botafogo S. C. e S. C. República.<sup>408</sup> Como já havia terminado o campeonato de 1º e 2º *teams* daquele ano, a saída para a instituição foi criar de forma instantânea um 3º campeonato iniciado no dia 7 de dezembro de 1915.<sup>409</sup>

O objetivo da Liga era manter o espaço ativo, o que dificultaria a transferência do uso para uma outra instituição. Além do campeonato, a Liga organizou pela primeira vez uma competição esportiva relacionada a outro esporte, com a criação de uma competição de atletismo chamada *raid* da resistência.<sup>410</sup> Esse evento, que contava com a realização de várias provas de atletismo, alcançou grande sucesso na Liga, sendo realizado durante vários meses. Talvez essa medida tenha sido inspirada nos eventos da LSB realizados no Parque Sportivo do Rio Vermelho. Se movimentar a vida esportiva do campo era o objetivo, toda e qualquer sugestão ou ideia era bem-vinda. Além de ocupar o Campo do Martyres com eventos esportivos, a LBRST também respondia aos eventos da nova liga elitista, mostrando-se capaz de organizar mais do que jogos de futebol.

Interessante que a crise que acometeu a LBRST, ao invés de prejudicar a vida esportiva da cidade, fez com que a temporada de jogos fosse estendida para o ano seguinte. Nos primeiros meses de 1916, além dos jogos no Campo do Martyres, uma série de amistosos e competições foi disputada pela cidade, que parecia ter sido tomada pela mania de futebol.

No match de hontem entre os clubs Flamengo e Periperi, na Boa Viagem, sahiu victorioso o primeiro marcando 3 goals contra 1, do adversario. Vasaram os 3 goals Alvaro, 1, e Bendo, dois.  
O juiz manteve-se sempre na linha.  
O policiamento foi feito por guarda-civis, sendo grande a affluencia de espectadores.  
- No "ground", do Alto da Favella, realizou-se hontem uma partida entre os clubs Napoleão e Republicano, sahindo vencedor, no primeiro team o Napoleão, verificando-se empate no segundo, por 0 a 0.<sup>411</sup>

Da mesma forma que a prática do futebol crescia entre as camadas populares, os eventos no âmbito das elites continuavam a acontecer com muita força. Organizavam-se programas esportivos que muitas vezes levavam um dia inteiro. O ponto alto do evento sempre eram as partidas de futebol, que fechavam com chave de ouro as grandes festas das famílias mais finas da cidade.

<sup>408</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 31.

<sup>409</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 10 de dezembro de 1915, p. 2.

<sup>410</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de janeiro de 1916, p. 2.

<sup>411</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 31 de janeiro de 1916, p. 2.

Independencia F. C. Club - Esse club sportivo realizará no dia 6 de Fevereiro, no "ground" do Rio Vermelho, um bello festival em seu beneficio.

O programa consta de 14 pareos, com corridas de bicycletas, corridas de muares, corridas a pé, à cavallo, animaes equipados, etc.

No 14º pareo, ás 16 horas e 1/4 effectuar-se-á o desempate dos valentes "teams" dos clubs *Piratininga e Independencia*.

Os premios constarão de medalhas de ouro e de prata.

As inscripções estão abertas até o dia 3 de fevereiro, ás 17 horas, ás grade de Ferro nº 100.<sup>412</sup>

### Vítimas da civilização

Apesar das várias partidas que aconteciam na cidade, o cenário futebolístico soteropolitano veio a sofrer um grande baque. Na verdade, quem sofreu uma grave crise foi a LBRST, responsável pelo maior campeonato da cidade. O ano de 1916 era muito promissor para a liga popular e os esportes de modo geral. Além de ter ampliado seu quadro de sócios, a instituição tinha passado a organizar várias competições de outros esportes, principalmente o atletismo. Como nos outros anos, a Liga se reuniu para uma solenidade e começou a discutir as convenções que serviriam de base para iniciar mais um certame, que com toda a certeza seria sinônimo de público e festa.<sup>413</sup>

O certame teve início no mês de maio e, assim como nos anos anteriores, contava com grande concorrência e animação popular. Porém, no mês de julho, o Conselho Municipal proíbe a realização dos eventos esportivos no Campo do Martyres, afirmando que seriam iniciadas no local obras que transformariam a principal praça esportiva popular da cidade em um belo jardim.<sup>414</sup> O Campo dos Martyres estava sendo vítima do projeto civilizatório e das reformas urbanísticas propostas por J. J. Seabra.<sup>415</sup> A notícia pegou a LBRST de surpresa, pois não esperava que as autoridades públicas fossem proibir as partidas no meio do campeonato.

Como não existia na capital baiana outro lugar público capaz de receber os eventos da LBRST, a instituição tentou entrar em negociação com o Club Caixerai, que administrava o parque esportivo do Rio Vermelho. As reuniões aconteciam semanalmente e os esforços eram significativos na busca de soluções para o problema. Como a Liga não poderia esperar por muito tempo e não havendo alternativas, acabou fechando um contrato para uso do Parque Sportivo, reiniciando seu campeonato no dia 27 de agosto, com uma partida entre o Botafogo e

<sup>412</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 1 de fevereiro de 1916, p. 2.

<sup>413</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 14 de maio de 1916, p. 2.

<sup>414</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 32.

<sup>415</sup> Ver melhor em: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912- 1916**. Salvador: Dissertação Mestrado em História, UFBA, 1996.

o Sul América, diante uma boa concorrência. Apesar de todos os problemas que ocorreram com a paralisação do certame e a importância daquele jogo, o jornal preferiu destacar na partida "[...] a agilidade do sr. Moysés que pezando 122 kilos, conseguiu a victoria assignalada".<sup>416</sup>

A transferência dos jogos da LBRST não significava apenas uma mudança de local ou ambiente, mas transformações que passavam por costumes e comportamentos. No Campo dos Martyres, não se cobravam ingressos e não eram necessários os gastos com transporte público, não sendo necessário um deslocamento. Dessa forma, o antigo Campo da Pólvora acabava atraindo muitos populares, que grosso modo representavam quase que a totalidade do público presente nas partidas. Como o Parque Sportivo era um espaço privado, o acesso só era permitido via aquisição de ingressos e esse fator acabava afastando e excluindo as camadas mais baixas do evento.

Apesar de o público nos jogos do antigo *ground* ser considerado bom pelos cronistas da época, Haroldo Maia afirmou que este era cerca de 90% menor do que o habitual presenciado anteriormente no Campo dos Martyres, atribuindo como principais fatores para a queda o local longínquo sem transporte fácil e o pagamento de altos preços nos ingressos do parque.<sup>417</sup> Não é difícil inferir que muitas pessoas que antes tinham acesso à prática esportiva agora estavam excluídas por questões sociais e econômicas. Os pobres que tinham acesso ao futebol praticado no Campo dos Martyres estavam sendo vítimas do processo de modernização e urbanização implantado na cidade.

Apesar de o campeonato da Liga ter chegado ao fim sem apresentar mais problemas, não se observava mais o charme e o apelo popular comum aos seus jogos. Como não podiam mais frequentar o Campo do Martyres, os populares procuraram outros locais públicos para continuar a fazer parte do cenário futebolístico da cidade. Os antigos largos voltaram a ser requisitados cada vez mais, principalmente por clubes pequenos que conseguiam atrair bons públicos em suas partidas. Um novo *ground* surgiu no bairro de Brotas, acolhendo boa parte das pessoas que ficaram órfãs com a proibição da Intendência. Enquanto isso, vários jogos aconteciam no parque esportivo do Rio Vermelho, sendo que a maioria deles contavam com concorrência regular.<sup>418</sup>

De modo geral, não podemos negar que a proibição da realização dos jogos de futebol no Campo dos Martyres significou uma grande perda para o cenário futebolístico soteropolitano, pois era naquele local que se podiam ver os maiores públicos e as maiores festas

---

<sup>416</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 29 de agosto de 1916, p. 2.

<sup>417</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 32.

<sup>418</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 6 de março de 1917, p. 2.

esportivas na cidade. Em contrapartida, os clubes que aí jogavam transferiram seus mandos de campos para outros locais, dando sequência à vida esportiva na cidade, e os torcedores populares que não podiam frequentar o Parque Sportivo do Rio Vermelho passavam a procurar outros locais onde pudessem participar da festa futebolística.

Mesmo sem o apoio maciço dos torcedores e com despesas a pagar pelo uso de um local particular, os clubes filiados à LBRST continuaram a realizar seus jogos normalmente, sendo que um deles foi convidado a fazer uma excursão esportiva interestadual. O convite a um clube baiano para jogar com a seleção de outro Estado alcançou grande repercussão no meio esportivo, sendo bastante explorado pela imprensa. Ao jogar em Sergipe com a seleção daquele Estado, o Sport Club República não representava apenas suas cores e os seus sócios, mas defendendo também a honra e o nome da Bahia. Uma verdadeira comitiva contendo dirigentes dos clubes, militares e autoridades públicas foi montada para acompanhar o República em grande jornada.

"Spor Club Republica" versus "Scratch Sergipano"

No dia 17, partirá, desta capital o "Club Republica", afim de jogar alli, no dia 18, na Praça Pinheiro Machado, com o "Scratch Sergipano", numa partida de *foot-ball*.

O sr. Antonio Valverde Velloso, presidente do "Republica", acompanhará a excursão ao Estado vizinho, levando comsigo, além dos presidentes dos clubs colligados, os senhores, coronel Francisco Cabral a capitão Antonio Olympio de Santa Anna, socios benemeritos da "Republica", e o coronel João Francisco Saldanha, indo em classe especial a *Philarmonica Lyra de Apollo* e um sacerdote, afim de celebrar missa na Cathedral de Sergipe, ás 11 horas do dia 18.

Ao sargento Antonio Velloso, o comandante da Região concedeu 8 dias de licença para ir a Sergipe.<sup>419</sup>

Aproveitando o convite feito ao República, o Vitória e o Santa Cruz, dois clubes da elite baiana, no momento envolvidos com a prática do remo, se prontificaram a incrementar a festa, realizando algumas regatas na capital sergipana, onde reinava "[...] grande animação pela chegada dos *sportmen* bahianos, sendo projectadas varias manifestações".<sup>420</sup>

Quem estava organizando toda a festa eram os sergipanos, que convidaram, além dos *sportmen* baianos, boa parte da imprensa da capital.<sup>421</sup> Como foi a primeira vez que um time do futebol baiano jogou em outro Estado, a imprensa fez questão de comparecer ao evento.

MATCH INTERESTADUAL - FESTAS EM ARACAJU

Conforme fôra anunciado, partiram, ás 14 horas de sabbado, com destino á Aracaju, em duas classes especiais, ligadas ao trem nocturno de Sergipe os *sportmans* bahianos, do *Sport Club Republica*, dos clubs *Santa Cruz e Victoria, Philarmonica Lyra de Apollo*, e representantes da imprensa.

Nas estações de Catu e Alagoinhas os excurcionistas foram muito obsequiados pelas *philarmonicas* locaes.

<sup>419</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 8 de março de 1917, p. 2.

<sup>420</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 15 de março de 1917, p. 2.

<sup>421</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 16 de março de 1917, p. 2.



Às 9 1/2 horas de domingo chegou o trem a Aracaju em cuja gare, foram os passeiantes recebidos pela banda do batalhão de policia e alguns *sportmen* sergipanos. Da estação, partiram os sportmen bahianos procedidos pela *Philharmonica "Lyra de Apollo"* para a Cathedral, onde foi celebrada missa mandada resar pelo presidente do *Sport Club Republica*, sr. Antonio V. Velloso, sendo officiante o illustrado padre Camillo Torrent do "Collegio Antonio Vieira", desta capital.

Finda a missa, os passeiantes foram cumprimentar ao illmo. rvm. sr. d. José Gomes da Silva, bispo de Aracajú, que a todos recebeu fidalgamente.

Os *sportmens* estiveram tambem em Palacio onde lhes foi servido um copo de cerveja.

Às 14 1/2 horas de 18 realisou-se animada regata entre os *rowers* Sergipanos e Bahianos [...]

[...] Ao terminarem as regatas, realizou-se, na Praça Pinheiro Machado, o *match* de "foot-ball" entre as equipes Bahiana e Sergipana [...].<sup>422</sup>

O jogo terminou com a vitória da equipe sergipana, que tirou de campo alguns jogadores do time baiano em virtude de sofrer faltas graves. O comportamento do time sergipano em campo não agradou aos jogadores e à imprensa baiana, sendo que a última criticou também o tratamento dado aos *sportmen* bahianos: "É de lamentar que os *sportmen* bahianos, não tivessem, em Aracajú, o conforto que era de esperar dos promotores da festa, que os haviam convidado".<sup>423</sup>

O que nos interessa discutir é que quem recebeu o convite para representar o *foot-ball* da Bahia foi um clube pertencente à liga popular, e não à liga elitista. Isso nos ajuda a pensar que, mesmo com a proibição dos jogos no Campo dos Martyres, não houve um retrocesso imediato ou uma brusca queda no futebol popular, que seguia em frente em meio às dificuldades.

A própria LBRST parece não ter se abatido imediatamente por causa da proibição do uso do Campo dos Martyres. Na verdade, o ano de 1917 correspondeu a um crescimento para a liga e para seu campeonato. O "popular" Ypiranga foi readmitido pela instituição, causando grande animação entre os amantes do esporte, sendo o clube que reunia o maior número de torcedores na capital baiana.<sup>424</sup>

Além de iniciar de forma prematura a preparação para o campeonato daquele ano, a LBRST se preocupou em convidar a equipe sergipana, que tinha jogado com um S. C. República, para participar de um evento esportivo no Parque Sportivo do Rio Vermelho. No convite, a Liga se comprometia a arcar com os custos da viagem e a oferecer estadia no Hotel Paris, para que todos os jogadores sergipanos pudessem desfrutar de um bom descanso. Talvez o interesse da LBRST fosse mostrar sua força no cenário esportivo da Bahia, oferecendo aos

<sup>422</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 21 de março de 1917, p. 2.

<sup>423</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 21 de março de 1917, p. 2.

<sup>424</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 20 de março de 1917, p. 2.

visitantes condições superiores às oferecidas por eles quando os baianos excursionaram em Aracaju.<sup>425</sup>

A LBRST escolheu os dias 21 e 22 de abril para que fossem realizadas as partidas contra a seleção sergipana. Durante a semana, os jornais publicavam extensas notas nas quais buscavam destacar o esforço dos baianos para receber os sergipanos com muita pompa. Tudo foi organizado para criar uma boa impressão nos "estrangeiros". Desde a chegada a Salvador, na estação de Periperi, o *team* sergipano sempre esteve acompanhado dos dirigentes da LBRST e de algumas autoridades públicas da cidade.<sup>426</sup> No dia do jogo, o Parque Sportivo do Rio Vermelho fervia de grande festa. Chamou a nossa atenção que, apesar do local tradicionalmente ocupado pelas elites, a festa estava repleta de populares.

BAHIA versus SERGIPE - Depois de muito bem recebidos, desde Peri-peri, ao som de musica e vivas aclamações, com as mesmas manifestações da cordial fidalga hospitalidade que a Bahia tem por habito dispensar a todos que a procuram, encontraram-se na liça do *ground* do Rio Vermelho, antehoten e hontem, os *foot ballers* do *scratch* sergipano, convidados para duas partidas de *foot ball*, pela Liga dos Sports Terrestres.

Repletas as archibancadas e todos os intervallos destinados aos espectadores, de grande massa popular, iniciaram-se as partidas, cabendo na de antehontem a palma victoria ao *Sport Club Republica*, sendo o resultado 7 a 0, devendo-se dizer que em todo *match* demonstraram os campeões sergipanos, muito denodo, agilidade e dextreza.

Ainda hontem, no segundo *match*, venceu o *team* bahiano, logrando fazer 6 *goals* contra 1 do seu valente antagonista aracajuano.

Os vencedores foram muito victoriados, estando o povo em communicativo entusiasmo.

Bandas de musica se fizeram ouvir durante os *matches*.

Hontem o dr. Lemos Brito falou, saudando os *foot baller* sergipanos, num formoso discurso, vibrante de patriotismo e repassado de distincta cordialidade.

Por toda a cidade eram muito commentados os encontros dos valentes "sportmen" que se enfrentaram, sendo sempre, em varios logares, muito ovacionados os dois valorosos campeões da grande justa interestadual.<sup>427</sup>

O ano futebolístico na cidade não se limitou apenas aos jogos interestaduais. Locais como o *ground* do Pau Miúdo, o Largo de Periperi, o Largo da Cruz do Cosme e o *ground* da Avenida Júlio Brandão são exemplos de novos lugares destinados à prática do esporte na capital baiana. Uma associação esportiva chamada Grêmio Esportivo do Comércio foi criada por trabalhadores do Comércio e da Calçada com o fim de incentivar a prática do *foot-ball*. Já na primeira reunião preparatória, foi possível realizar a inscrição de 117 sócios. A instituição, que ficou conhecida como "Grêmio do Comércio", atuou em parceria com a LBRST, sendo que suas reuniões sempre contavam com representantes da principal liga esportiva da cidade.<sup>428</sup>

<sup>425</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 23 de março de 1917, p. 2.

<sup>426</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 18 de abril de 1917, p. 2.

<sup>427</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 23 de abril de 1917, p. 2.

<sup>428</sup> BPEBa, *Diário de Notícias*, 11 de maio de 1917, p. 2.

O certame organizado pela LBRST no ano de 1917 aconteceu sem grandes problemas, sendo o mais longo realizado até então. Teve início em 15 de abril e só terminou a 18 de novembro. Não era mais possível ver a presença maciça de populares; porém, em alguns jogos, principalmente naqueles que contavam com a presença do Fluminense, do República e do Ypiranga, era possível enxergar grande afluência popular. Além do seu certame principal, a Liga popular organizou mais dois campeonatos, o que impossibilitou a Liga Sportiva Nacional de organizar seus torneios, levando-a à dissolução. Isso nos remete a uma primeira conclusão, que não deixa de ser curiosa: o Parque Esportivo tinha sido criado para uso dos moços finos da elite; porém, esse espaço acabou sendo reclamado por uma liga popular que logrou tomar para si a administração do local. Assim, podemos dizer que, na luta pelo posto de principal instituição esportiva da cidade, a liga formada por pessoas de cor e de origem popular acabou saindo vencedora.

## CONCLUSÃO DO JOGO

### Os primeiros passos para uma nova era...

1918 foi o último ano em que uma liga composta e liderada por populares tomou as rédeas do futebol na capital baiana. Apesar de a LBRST, nos dois primeiros anos que passou a disputar o seu campeonato no parque esportivo do Rio Vermelho, não ter sofrido grandes problemas, no terceiro ano, as dificuldades foram tão grandes que a instituição quase chegou ao fim. Tradicionalmente, a LBRST disputava seus jogos no Campo dos Martyres, um local público frequentado por populares que não pagavam ingressos pelo acesso aos jogos. Com a proibição das partidas no local público, a liga popular se viu obrigada a transferir seus jogos para um local privado. Porém, o público que os acompanhava no Campo dos Martyres não os seguiu quando foram transferidos para o Rio Vermelho. Seus jogos só podiam ser assistidos por um público que tivesse como se deslocar de bonde e arcar com o pagamento de ingressos.

Como os jogos da LBRST, conhecida entre as elites como "liga dos pretinhos"<sup>429</sup>, não conseguiam atrair as camadas abastadas para assistirem a seus jogos, tornou-se muito difícil arcar com as despesas do parque e promover as reformas e melhorias de que o mesmo necessitava. Os jogos do campeonato de 1918 tiveram público diminuto, pois os antigos torcedores dos clubes da instituição procuravam, então, outros locais para vivenciarem o futebol.

Com rendas diminutas não podia como devia a Liga tratar do ground onde se realizavam os seus jogos.

Assim, ia ele aos poucos se transformando em ruínas. Das arquibancadas pouco ou nada restava; os arames que cercavam o campo do jogo eclipsaram-se; a grama maltratada e para cumulo, a Garage que ficava ao fundo do campo ameaçava cair. A imprensa chama a atenção da Liga e um jornal registrou o seguinte: - 'Chamamos a atenção dos srs. Anísio e Bompert para o estado em que se encontra a Garage do ground da Liga. Se não tomarem já as devidas providencias, teremos o despraser de ver os players em pleno campo trocando os uniformes. Não queiram pois transformar o ground de futebol em CINEMA'.<sup>430</sup>

Os jornais perderam o interesse pelas partidas, pois já não era mais possível ver as grandes festas que outrora a Liga conseguia promover. O **Diário de Notícias**, periódico que mais dava atenção ao futebol em Salvador, praticamente abandonou os jogos da instituição, preferindo noticiar amistosos que aconteciam em vários locais da cidade. Isso revela que, apesar

<sup>429</sup> MAIA, Haroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. *op. cit.*, p. 38.

<sup>430</sup> *Idem*, p. 36.

de a Liga passar por uma grande crise, em outros locais da cidade, populares continuavam a praticar o esporte regularmente.<sup>431</sup>

A LBRST teve que lidar com várias crises internas. A falta de interesse da imprensa talvez não tenha se devido apenas ao público diminuto e à ausência de entusiasmo nas partidas, pois, segundo Haroldo Maia, o campeonato da Liga foi cheio de problemas com a arbitragem e a indisciplina dos jogadores. "O desenrolar dos jogos foi cheio de irregularidades, daí uma série de crises e injustiças que quase dão em resultado a dissolução da entidade".<sup>432</sup>

A situação da liga popular era tão complicada que vários jogadores dos clubes coligados foram jogar no estado de Sergipe, aceitando o convite da Liga Sergipana. Esta oferecia melhores condições aos jogadores, que àquela altura já deveriam utilizar o esporte como um meio de ascensão social.<sup>433</sup> Conhecendo os problemas que a liga popular estava atravessando, alguns esportistas da elite resolveram voltar suas atenções para o futebol, com o objetivo de fazer voltar ao meio nobre as rédeas do *foot-ball* na Bahia.

O campeonato da LBRST do ano de 1918 começou e terminou sem chamar a atenção. A grande notícia esportiva do ano foi noticiada pelos jornais no décimo primeiro dia de outubro. Após criticar a falta de apoio e interesse das autoridades públicas baianas pelo futebol e os esportes em geral, o cronista do **Diário de Notícias** informou que "[...] agora, um grupo de moços da nossa melhor sociedade quer fazer reviver o *foot-ball*, e iniciando já o seu trabalho, pretende comprar um terreno na Graça, que só presta admiravelmente para isto".<sup>434</sup>

O jornal só estava tornando público um debate que meses atrás já fazia parte do círculo esportivo das elites, que desejavam construir um campo na região central da cidade e montar uma nova liga para ser a mais importante da cidade. Para a imprensa da época, a iniciativa dos jovens da elite provocaria a "renascença" do futebol na Bahia. Na verdade, o esporte não renasceria pelo simples fato de nunca ter morrido. Porém, o passo dado por esses jovens significou certamente o início de uma nova era no cenário futebolístico baiano.

Temendo que os antigos clubes da elite fundassem uma nova instituição utilizando o nome da antiga LBST, a LBRST resolveu mudar seu nome para Liga Bahiana de Desportos Terrestres. Segundo Haroldo Maia, circulou um rumor de que a liga popular teria mudado seu nome apenas para aplicar um golpe estratégico sobre a futura rival.<sup>435</sup>

<sup>431</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 9 de setembro de 1918, p. 2.

<sup>432</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op cit.*, p. 36.

<sup>433</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op cit.*, p. 37.

<sup>434</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 11 de outubro de 1918, p. 2.

<sup>435</sup> MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. *op. cit.*, p. 40.

Experimentando uma situação financeira complicada, a liga popular temia que seu fim estivesse próximo. Sendo assim, resolveu abrir suas portas para que clubes da elite fizessem parte do seu quadro de sócios. O primeiro clube elitista a entrar na instituição foi a Associação Athletica da Bahia, que anos antes havia integrado a distinta Liga Sportiva da Bahia. O ingresso dos moços finos na Liga provocou de imediato mudanças na diretoria, devido a convocação de novas eleições. Novos diretores significavam novos princípios, pois mudar a direção àquela altura não significava apenas trocar nomes, mas mudar comportamentos, sentidos e significados.

Com o início das obras do Campo da Graça no ano de 1919, a liga popular temia perder espaço, credibilidade e o resto de prestígio que ainda detinha na cidade. O ingresso de um time de elite em seu campeonato renovou as esperanças e chamou a atenção da imprensa. Porém, clubes elitistas como o Vitória, o Yankee, o Santa Cruz, o Itapagipe e o Bahiano de Tênis passaram a se movimentar formando suas seções de futebol, dando a entender que em breve fundariam uma nova instituição futebolística na cidade.

No dia 27 de junho de 1919, acontece uma reunião no Club Euterpe que muda o destino da Liga e do futebol na Bahia. Na convenção proposta pelos organizadores do Campo da Graça, contando com a presença dos clubes coligados à LBRST e dos representantes dos clubes da elite da cidade, para aquele ano decide-se que a liga popular poderia transferir seus campeonatos para o "*stadium*", mas para isso deveria aceitar o ingresso de todos os clubes elitistas da cidade. Segundo Haroldo Maia, "[...] A Liga que julgava que os da VELHA GUARDA iriam deixá-la à margem, fundando um outra entidade, recebeu com um grande allivio as condições do Grupo, sem restrições".<sup>436</sup>

A união entre a liga popular e os clubes da elite foi bem recebida pela imprensa baiana. Para nós, interessa frisar que este fato representou o fim do domínio da hegemonia popular no futebol oficial da cidade. Com a entrada dos clubes da elite e a criação do Campo da Graça, novos sentidos e novos significados foram colocados em prática no cenário esportivo da cidade. Vale ressaltar que não se iniciou um período de domínio e imposição das elites sobre as camadas populares, pois, como nos anos passados, essa relação continuaria a ser bastante conflituosa.

Poucos dias depois de a liga popular ter perdido sua identidade, o **Diário de Notícias** inaugurou uma coluna chamada "Secção Desportiva", que trouxe em seu texto inaugural louvores e agradecimentos à união entre os populares e as elites, trazendo na primeira linha uma frase que resumia o cenário do futebol na cidade de Salvador naquele momento, e coloca

---

<sup>436</sup> *Idem*, p. 43.

um fim ao texto desta Dissertação: "Ainda bem que o *foot ball* na Bahia volta a ser o que era ha annos atraz".<sup>437</sup>

---

<sup>437</sup> BPEBa, **Diário de Notícias**, 28 de julho de 1919, p. 2.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLI, Inácio. **Memórias históricas e políticas da Bahia** (Anotadas por Brás do Amaral). Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1937.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro. MAUAD, 2002.

ALABARES, Pablo. "A pesquisa argentina: um mapa, uma agenda". In. RIBEIRO, Luiz. **Futebol e Globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. **A exaltação das diferenças: racialização, cultura e cidadania negra (Bahia, 1880-1923)**. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 2004.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O jogo da Dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARCELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BOTELHO, A. R. M. Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo. **A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894-1919)**. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1997.

CALDAS, Waldenir. **Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933**. São Paulo: IMBRASA, 1990.

CAPRARO, A. M. **Football, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado em História)-Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: Escritos de História e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CHALHOUB, Sidney e SILVA, Fernando Teixeira da. "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980", em **Cadernos AEL, Trabalhadores, leis e direitos**. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, V. 14, n. 26, 2009, pp. 45-54.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.



CHARTIER, Roger. *A beira da falésia, a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. "‘Cultura popular’: revisitando um conceito historiográfico". **Estudos Históricos**, vol. 8, n.º. 16, Rio de Janeiro, 1995, p. 179-192.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. "Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945)". In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

COUTO, E. de F. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Gestão das Cidades, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2002.

CUSTÓDIO, Adolfo Martins; GONÇALVES, Guillermo de Ávila. **A bola nos pés: um instrumento para a construção da identidade social e para a afirmação e inclusão do negro no Brasil**. Disponível em: <[http://profguillermo.50webs.com/Arquivos/artigos/cientificos/A\\_bola\\_nos\\_pes.pdf](http://profguillermo.50webs.com/Arquivos/artigos/cientificos/A_bola_nos_pes.pdf)>. Acesso em: 26/12/2008 às 11h14min.

DAMATTA, R. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, Cultura e Sociedade**. 1ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

DE JESUS, Gilmar Mascarenhas. "O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro". In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, pp. 127-142.

DEL PRIORE, MARY; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graaal, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, Norbert. "Ensaio sobre o desporto e a violência". In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Lda, 1992.

FERREIRA, João Baptista Marques. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia Almeida, 1905.

- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- FRANZINI, F. **Corações na ponta de chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**. História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Hucitec, SP, Edufba, Salvador-BA, 1996.
- FIGUEIREDO, Antonio. **História do foot-ball em São Paulo**. São Paulo: Seção de obras do Estado de São Paulo, 1918.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GAMA, M. "*Como os "sports" se iniciaram e progrediram na Bahia*". In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: s.e, 1923.
- GEERTZ, Clifford. "Uma Descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura" e "Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa", In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, pp. 03-21 e 185-213.
- GINZBURG, Carlo. "O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico". In **A Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- LEAL, Geraldo da Costa. **Perfis Urbanos da Bahia: os bondes a demolição da Sé, o futebol e os gallegos**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912- 1916**. Salvador: Dissertação Mestrado em História, UFBA, 1996.
- LOBO, Francisco. **Higiene Escolar**. Salvador: Imprensa Popular, 1895.
- LOUREIRO, Luis de França. **Cultura Physica da Infancia**. Salvador: Typographia S. José, 1906.

- MAIA, Haroldo. **Almanaque esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944.
- MÁXIMO, João. **Memórias do futebol Brasileiro**. Estudos Avançados 13 (37), 1999.
- MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil (1894 – 1950)**. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará - Faperj, 2001.
- MELO, Victor. Andrade de. (Org.) . **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX..** 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MURRAY, B. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NORMANDO, Tarcísio Serpa. **O Futebol como Objeto de Investigação Acadêmica**. Revista Digital - Buenos Aires – Ed. 8 - n° 58 - Março de 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=16&id=150>. Acesso em: 26/12/2008 às 11h12.
- PATURY, José Carlos. **Hygiene Escholar**. Salvador: Litho-Typographia e Encadernação V. Oliveira A. C., 1898.
- PEREIRA, Cristiana. "Os carnavais dos senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas, fins do século XIX", In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2002, pp. 311-339.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PITOMBO, Carlos Antonio. **Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importancia prophylactica**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1900.
- REIS, Álvaro Borges dos. **Educação física**. Salvador: Lytho-Typ. e Encadernação de Reis & C., 1904.
- REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- REIS, João José. "Tambores e temores; a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX". In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2002, pp. 101 a 155.
- ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva do Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, UFRJ, 2011.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Edusp, 1993.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro**. Disponível <http://www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/4-14.pdf> Acesso em 30/04/2010 – 11h27.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador, 1901-1920**. Recorde: Revista de História do Esporte, Volume 2, número 1, junho de 2009.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Futebol e Cultura popular em Salvador, 1905 – 1915**. In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Salvador. Anais do V Enecult. Salvador : Ritos produções, 2009. v. 1.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Notas sobre a popularização do futebol em salvador, 1901 – 1912**. Rio de Janeiro: Revista Esporte e Sociedade, ano 6, n.16, 2010/2011.

SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”**: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, UEFS, 2012.

SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão do jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desastinos” In: **Revista USP: Dossiê Futebol**. Número 22, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. “Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: (org) SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada do Brasil 3**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Schwarcz, 1998.

SILVA, F. C. T. (Org.) ; SANTOS, R. P. (Org.) . **Memória social dos esportes - Futebol e política**: a construção de uma identidade nacional. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Ed., FAPERJ, 2006.

SOARES, A. J. G.. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDC: UFES, c1994.

SOARES, A. J. G.. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. 296 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. "*História das mentalidades e história cultural*". In CARDOSO, C. Flamrion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

VIEIRA, José Jairo. **Paixão Nacional e Mito Social: A Participação do Negro no Futebol. Profissionalização e Ascensão Social**. Tese em Ciências Humanas: Sociologia, 2001.

WITTER, J. S. **O futebol do esporte de elite ao elitismo no esporte**. Cienc. Cult., Campinas, v. 34, n. 12, p. 1637-1639, dez. 1982.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.